

JOSÉ PEREIRA MACEDO

"Apóstolo da ciência, da cultura e do saber"

SÉRIE GALERIA MÉDICA DO PARANÁ

Universidade Federal do Paraná

Reitor

Carlos Alberto Faraco

Vice-Reitor

Mário Portugal Pederneiras

FICHA CATALOGRÁFICA

Catálogo na fonte: Biblioteca Central

José Pereira Macedo : Apóstolo da Ciência, da Cultura e do saber / organizado por Lauro Grein Filho.

— Curitiba : Fundação Santos Lima, 1993. 308 p. : il

— (Galeria médica do Paraná; v. 16)

Inclui índice

1. Macedo, José Pereira, 1883-1965 — Biografia
2. Medicina — Coletânea I. Filho, Lauro Grein

Normalização: Ligia Neves da Silva

Capa: José Roberto Meirelles

Revisão: Lauro Grein Filho

Galeria Médica do Paraná

Volume XVI

JOSÉ PEREIRA MACEDO

"Apóstolo da ciência, da cultura e do saber"

Organizado por

Lauro Grein Filho

Opera Omnia



Fundação
Santos Lima

CURITIBA

1993

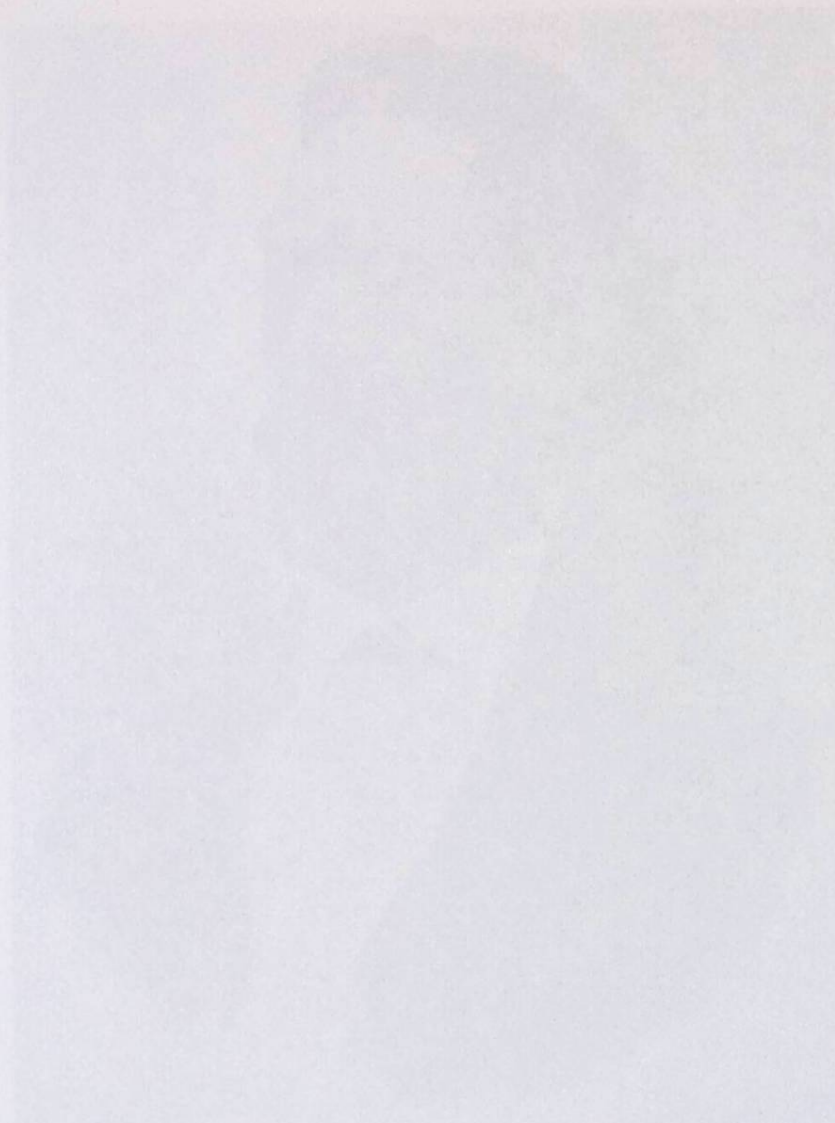
Copyright by Fundação Santos Lima

Impressão e Montagem
Imprensa Universitária da UFPR
Rua Bom Jesus, 650
Fone (041) 252-6712
80035-010 Curitiba — Paraná

Ref.: 078

FUNDAÇÃO SANTOS LIMA PRO-MEMÓRIA MÉDICA
DO PARANÁ

PATRÃO



A Fundação Santos Lima, dando seqüência às publicações de sua "Galeria Médica", muito honrada, presta homenagem, desta feita, ao Professor José Pereira de Macedo, em comemoração ao cinquentenário de formatura da turma Petit Carneiro.

FUNDAÇÃO SANTOS LIMA PRÓ-MEMÓRIA MÉDICA
DO PARANÁ

PATRONO



MANOEL PEDRO DOS SANTOS LIMA
1843-1898

MANOEL PEDRO DOS SANTOS LIMA

Discurso proferido pelo Prof. ARNALDO MOURA, por ocasião da Instalação Solene da Fundação Santos Lima, no Auditório da Associação Médica do Paraná, em 18-10-84.

O Prof. Arnaldo Moura ocupava, na Academia Paranaense de Medicina, a Cadeira nº 34, cujo Patrono é o Dr. Manoel Pedro dos Santos Lima.

MANOEL PEDRO DOS SANTOS LIMA

Foi num dia assim, frio, a geada enfeitando a natureza.
E faz tanto tempo!

Um século exato.

Sonhos, ilusões, fantasias, quase tudo o tempo foi levando.

Levando...

O tempo leva quase tudo...

Só a vida, o tempo não leva...

A vida, quando a vida se prolonga noutras vidas...

O passado e o presente sempre se encontram.

Um túmulo que se abre, um berço que se embala!

É a vida vivendo dentro de um sorriso...

É a vida vivendo dentro de uma lágrima...

Foi num dia assim, frio, a geada enfeitando a natureza.

A cidade acordou em festa.

Tão modesta era a cidade, com a sua centena de casas, a sua vida simples, a serenidade que tudo envolve na doçura de uma paz perfeita.

Plangia o sino da igreja, chamando os fiéis.

Era dia de São Pedro.

E pelas esquinas se erguiam, na geometria de um quadrilátero, as pihas de lenha...

Fogueiras em louvor do Santo!

A petizada, impaciente, ansiava pela chegada da noite, quando as fogueiras, numa bazarria de luz, iluminavam todas as esperanças...

Foguetes riscavam o céu.

A noite desceu.

Na Fazenda Santa Amélia tinha nascido, naquele instante, um menino.

Era a festa dentro de outra festa.

O pai olhava de longe, os foguetes que subiam, subiam...
E, subindo, iluminavam o caminho das preces.
O pensamento paterno seguia aquele rumo, murmurando mil coisas.

No enlevo de um supremo conforto.

Dia de São Pedro!

Sim, o menino teria no seu, o nome do Santo.

Seria MANOEL PEDRO!

Aconteceu isto na cidade da Lapa, na Fazenda Santa Amélia no dia 29 de junho de 1843.

Eram pais do menino o Dr. José Gaspar dos Santos Lima e Dona Ana Messias de Oliveira Lima, natural de Itú, onde casaram.

José Gaspar dos Santos Lima, magistrado ilustre, era uma espécie de caixeiro viajante da Justiça.

Serviu como juiz em Sabará, comarca do Rio das Velhas, em Minas Gerais, depois em Cruz Alta, no Rio Grande do Sul, e em seguida em São Paulo, na comarca de Taubaté.

Não tinha quase um pouso fixo.

Andava espalhando Justiça.

Cem anos depois do nascimento daquele que foi, na palavra do Dr. João Cândido Ferreira, seu contemporâneo, "o maior vulto da medicina paranaense", a Associação Médica do Paraná, promoveu sessão solene comemorativa da passagem do centenário natalício do Dr. Manoel Pedro dos Santos Lima.

Ali falou a alma paranaense, na palavra do poeta e médico também lapeano - Dr. Dirceu de Lacerda - nos versos do poema que transcrevi no início deste trabalho.

Manoel Pedro dos Santos Lima matriculou-se na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, em 1862, aos 19 anos de idade e recebeu o grau de doutor em Medicina, em 27 de novembro de 1868. Era Diretor da Faculdade o Conselheiro Dr. José Martins da Cruz Jobim, e Vice-

Diretor o Conselheiro Dr. Luiz da Cunha Feijó. O professor de Clínica Interna era o mais importante nome da medicina brasileira, Dr. João Vicente de Torres Homem.

Torres Homem organizou e dirigiu o Serviço de Clínica Médica da Santa Casa de Misericórdia do Rio de Janeiro. Ali impulsionou a pesquisa, o estudo e o ensino de medicina interna, estimulando os seus assistentes e internos nessas atividades docentes a par do atendimento humano dos doentes. Baseado nos princípios rigidamente científicos da ciência médica, formou escola que frutificou nos nomes mais ilustres dos professores de medicina que o sucederam.

Ali na Santa Casa de Misericórdia, qual Território de Epidauro encravado na cidade do Rio de Janeiro, novo templo de Esculápio, tal aquele da cidade sagrada da Grécia antiga, os novos sacerdotes dos templos de Esculápio e de Artemis estudavam, praticavam e ensinavam a medicina.

Foi neste Serviço, e com esses Mestres que estudou e praticou Manoel Pedro dos Santos Lima.

Levou para a sua vida profissional os ensinamentos ali adquiridos, e que o tornaram o maior vulto da medicina paranaense. Levou mais do que isto, os preceitos de moral e de ética, alicerces do código de virtudes que se impôs e cumpriu durante toda a sua vida. Exemplo de dignidade como homem e como médico, que fez da caridade, da honestidade e da modéstia os padrões maiores.

Estudante no Rio de Janeiro, Manoel Pedro dos Santos Lima conviveu com dois mineiros. Habitaram a mesma pensão. Outros dois predestinados a serem os maiores entre os seus : João Teixeira Soares, que se diplomou em engenharia e veio realizar no Paraná o milagre da técnica - a estrada de ferro Curitiba-Paranaguá. O outro, Antonio Gomes Carneiro, foi o General que resistiu ao cerco da Lapa, trinta anos depois, e que morreu pelo seu ideal republicano.

O Dr. Manoel Pedro dedicou-se à clínica na cidade

da Lapa até 1897 - 30 anos de medicina na prática diuturna que consome a vida nas suas canseiras e preocupações. Faleceu a 1º de setembro de 1898, aos 55 anos de idade, ferido no coração por infecção contraída no exercício da profissão.

A par da medicina, e com a mesma dedicação e maestria, o Professor Manoel Pedro dos Santos Lima lecionava história universal, botânica, inglês, francês, latim e música.

Nos 30 anos que dedicou à sua terra ainda fez construir o Teatro São João, criou a biblioteca municipal e fundou a Associação Literária Lapeana. Ao tempo que exerceu a presidência da Câmara Municipal inaugurou a escola municipal.

Por todos os serviços prestados à comunidade, foi nomeado por D. Pedro II, em 1884, Oficial da Ordem da Rosa.

Dentre todos os mistéres a que se dedicou, foi a medicina que mais o absorveu, e à qual dedicou a sua vida.

A modéstia caracterizava a sua personalidade. Refratário a toda espécie de exibição. Não falava em público e não escrevia para jornais.

Tinha predileção pelas doenças do coração e pelas doenças infecciosas, em especial a febre tifóide, endêmica na Lapa. Por duas vezes combateu, com sucesso surtos epidêmicos da doença. Reuniu experiência ímpar nesses campos da medicina. Manteve correspondência com Pasteur na permuta de informações. Nada publicou. Transmitia a sua erudição verbalmente. Exposição clara e segura, como atestam os seus contemporâneos, que tiveram o privilégio de ouvi-lo.

Por modéstia, ou por vocação, nos deixou poucos escritos e destes vários se perderam.

Só tivemos possibilidade de manusear as suas teses de doutoramento, publicadas em 1868 - Da eclampsia durante a prenhez e o parto. - Do ópio e sua preparações farmacêuticas. - Aconito considerado pharmacológica e therapêuticamente. - Da diphteria das feridas.

Se a modéstia foi traço característico da personalidade do Dr. Manoel Pedro dos Santos Lima, a honestidade e a honradez fizeram de sua figura exemplo para os pósteros.

Honestidade no convívio com os colegas de profissão. "Era leal e acolhedor, não tinha ciúmes do oficial do mesmo ofício". Estas foram as palavras do Dr. João Cândido Ferreira ao contar dos seus receios de recém formado, ao atender uma paciente em crise de eclâmpsia pós-parto, cliente do mestre, naquele dia em viagem. Exatamente o assunto da tese do Dr. Manoel Pedro. E a da surpresa e júbilo inefável que experimentou naquela noite, quando do regresso do médico da família.

Transcrevo a emoção do Dr. João Cândido nas suas próprias palavras :

- "Referi tudo quando havia feito.

Examinou, calmamente, a doente, confirmou o diagnóstico e acalmou a família angustiada.

Decorrida cerca de uma hora, o marido, trazendo o vidro de remédio por mim prescrito, e dirigindo-se ao recém-chegado, disse-lhe que tinha terminado a poção.

O Dr. Manoel Pedro, recebendo-o leu vagarosamente a prescrição, enquanto eu, aflito, esperava a sentença inapelável. Terminada a leitura, restituiu o vidro e apenas disse : - Mande repetir...

Nunca se apartou de minha memória esse gesto fidalgo e alviçareiro, por parte de quem, estando em situação privilegiada de aniquilar para sempre o modesto colega, que apenas iniciava seu tirocínio, eleva-o no conceito dos clientes dedicados, conquistando-lhe a estima e a consideração".

Assim era o Dr. Manoel Pedro na sua vida profissional, e como cidadão. Foi esta honradez e honestidade que não lhe permitiram aderir aos florianistas durante a revolução federalista de 1893, que culminou com o cerco da Lapa, em fevereiro de 1894.

Em 1892 a política do Estado do Rio Grande do

Sul havia se definido entre as duas correntes. De um lado os partidários de Julio de Castilhos, identificados com a sorte de Floriano Peixoto e da própria República nascente. Defensores de um presidencialismo exclusivo, pelo qual não havia, inclusive, limite para o mandato presidencial.

Do outro lado reuniram-se políticos oriundos das mais variadas origens e tendências, agrupados em torno da oposição a Julio de Castilhos, e sob a bandeira das teses liberais de Silveira Martins.

A tônica principal de Silveira Martins era o parlamentarismo, com Monarquia ou com República, tendendo para a Constituição baseada nos princípios de uma República Parlamentarista.

Ao se prolongar o mandato, ou mesmo perpetuar um governo ou chefe da Nação em regime presidencialista extremado, corre-se o risco de entregar o comando da Pátria à incompetência, por tempo indeterminado.

A Nação há de ser sustentada por quatro colunas : a cultura dos sábios, a justiça dos grandes, as preces dos virtuosos e o valor dos bravos. Mas tudo isso é nada sem um governo honesto, e que conheça a arte de governar. Façamos disto a ciência de nossa tradição.

Julio de Castilhos, sob a proteção do General Bernardo Vasques, assalta o poder no Estado do Rio Grande do Sul, e nele se faz empossar.

Silveira Martins e Joca Tavares, não desejando a guerra civil, desarmam a tropa, renunciam à liderança, e retiram-se, com grande número de companheiros, para o Uruguai.

Não cumprem, os castilhistas, os acordos com eles firmados e submetem os opositores políticos a toda sorte de violências, fazendo recrudescer a agitação revolucionária.

Não se pode confiar em governantes que traem a palavra empenhada.

Os federalistas, tendo como chefe espiritual

Silveira Martins, e como condutores militares Joca Tavares, Gumerindo Saraiva e Vasco Martins, invadem o Rio Grande do Sul, em 1893, vindos do Uruguai, onde se haviam concentrado.

Era a guerra aberta entre "maragatos" e "pica-paus".

Maragatos os federalistas de Silveira Martins, com suas fitas vermelhas onde inscreveram - Viva a Liberdade. Pica-paus com divisas brancas, cor do pássaro que picava a madeira para destruí-la.

A revolução ganha terreno com o apoio do almirante Waldenkolk e do General Salgado. Custódio de Melo, convencido da traição de Floriano, deixa o Ministério e revolta a Armada fortalecendo a revolução federalista.

Os federalistas, comandados por Gumerindo Saraiva ultrapassam Santa Catarina e entram no Paraná, em três frentes principais : Paranaguá, Tijucas e Lapa.

Custódio de Melo força a entrada da barra de Paranaguá, conquista a cidade e progride até Curitiba.

Em Tijucas, Gumerindo Saraiva derrota os legalistas do Coronel Adriano Pimentel.

A passagem estava livre para os chefes revolucionários. Entre eles e o norte do país se interpunha a Lapa, guarnecida pelo General Antonio Gomes Carneiro.

A 17 de janeiro de 1894, travou-se o primeiro combate entre as tropas federalistas de Gumerindo Saraiva e as tropas regulares do General Gomes Carneiro, apoiadas por voluntários arregimentados pelo Coronel Joaquim Lacerda.

Prolongam-se os combates até o dia 17 de fevereiro, particularmente sangrento, mortos Amintas de Barros e Dulcídio Pereira e gravemente ferido o próprio General Carneiro, que morre no dia 9. Proposta a capitulação a praça da Lapa rendeu-se com todas as honras da guerra. "Atendendo a forma heróica por que defenderam a praça".

Com a chegada de novas forças legalistas, que avançavam por Itararé, sufocada a revolta da Armada, e mercê de dissensões que enfraqueceram os revolucionários, os federalistas perdem o terreno conquistado, retiram-se para Palmas, e abandonam o Paraná.

Com a volta do legalismo, recrudesce os ardores das paixões políticas, com prisões e mortes, violências e injustiças. Nas palavras de Niepce da Silva - "O domínio da lei transmuda-se no domínio do terror, dos pesadelos, das inquietações das ruas e dos lares...O vento da insânia sopra, numa sucessão de rajadas sinistras".

No quilômetro 65 da estrada de ferro Curitiba-Paranaguá é fuzilado Ildefonso Pereira Correia - Barão do Cerro Azul, com mais cinco companheiros : Matos Guedes, Balbino Carneiro de Mendonça, Presciliano Correia, José Lourenço Schleder e Joaquim Ferreira de Moura; Francisco Braga é fuzilado em Curitiba, José Antonio Colona e Pedro Nolasco em Paranaguá.

Chora a Pátria na pena do Poeta que sentiu, vibrou, exaltou-se e entristeceu-se. Chora Luis Ferreira França ao compor "Finis Patria":

Pátria minha infeliz, pátria minha!
Ninguém hoje haverá que te aviste
Sem que a sorte te chore, mesquinha,
- De tão alto caíste...caíste...
Pátria minha infeliz, pátria minha!

Pátria minha infeliz, pátria minha:
Das espadas cruzando-se em riste
O teu corpo serviu de baina
E a sua alma de luto vestiste,
Pátria minha infeliz, pátria minha...

Pátria minha, infeliz, pátria minha:
Os teus filhos que mortos tu viste
Nessa luta cruenta e daninha
Te fizeram ser triste...tão triste!
Pátria minha infeliz - pátria minha!

No entrevero dessa guerra fraticida o Dr. Manoel Pedro dos Santos Lima formou com a oposição ao governo estadual, apoiando os ideais de Silveira Martins.

Chefe de grande prestígio, gozando de incontrastável influência entre seus correligionários, adversários dos sitiados na praça da Lapa, foi ele preso em fevereiro de 1894 e recolhido à Câmara Municipal.

Com a retomada do Paraná pelas forças florianistas, sobrevivendo os dias tristes da nossa história, foi obrigado a deixar a Lapa e ocultar-se fora do Município, enquanto rugia a tormenta dos fuzilamentos sem julgamento, nem processo.

Do meio desse torvelinho, exilado da sua terra natal, escreve ao Coronel Joaquim Lacerda, e nas cartas que ainda se encontram no Museu David Carneiro, traça o perfil da sua própria personalidade:

- "Fui para a Lapa moço ainda, dediquei-me com entusiasmo à minha profissão, não como meio de fazer fortuna, mas como um sacerdócio".

- "Nunca persegui ninguém, nunca fiz mal a pessoa alguma, sempre procurei fazer bem a todos".

Estas palavras brotando do fundo de uma alma apreensiva e atribulada sintetizam a personalidade do homem de bem, dentro da pureza de sua honestidade e honradez, que não pode entender que se persigam pessoas por diferirem de suas idéias. Não renega os seus ideais, maragato continua, persiste fiel aos ideais de Silveira Martins, com vontade férrea resiste ao infortúnio, com a mesma convicção de Dante Alighieri, no Canto IV do Paraíso:

"Não se abate a vontade, se persiste;
Sempre se ergue, qual flama cintilante:
A força a estorce, vezes mil resiste".

Retornou à sua terra digno e respeitado, tão logo cessada a noite triste da nossa história; na altivez da sua honra e da sua honestidade sustentadas.

O traço mais acentuado e característico da personalidade do Dr. Manoel Pedro dos Santos Lima, sem dúvida, foi a caridade. A caridade infinita. A caridade definida por Pascal : - "Se há infinita distância entre o corpo e a mente, maior é a distância entre a mente e a caridade, pois, esta é supernatural".

A caridade do amor ao próximo. A caridade perene, imorredora, eterna. Diferente do amor passional que é egoísta, a caridade é um amor de dilecção, só procura, só almeja, só se compraz do bem do próximo. Confunde-se com o amor. Reune-se à fé e à esperança nas três virtudes teológicas; e delas é a maior. Assim afirmou São Paulo aos cristãos de Corinto :

- "A caridade é paciente, a caridade é prestativa, não é invejosa, não se ostenta, não se incha de orgulho. Nada faz de inconveniente, não se irrita, não guarda rancor. Não se alegra com a injustiça, mas se regozija com a verdade. Tudo desculpa, tudo crê, tudo espera, tudo suporta".

- "A caridade jamais passará".

- "Agora permanecem estas três virtudes : fé, esperança e caridade. A maior delas, porém, é a caridade".

Jesus deixou-nos a mesma lição em uma frase :

- "Amarás o teu próximo como a ti mesmo. Faze isto e viverás".

Manoel Pedro dos Santos Lima morreu pobre dos

bens deste mundo, mas rico da bondade que semeou enquanto viveu.

- "Fiz da medicina um sacerdócio..." E neste sacerdócio que foi a sua vida, a caridade, o amor ao próximo, foi o mais nítido traço da sua personalidade completa.

A modéstia poderia tê-lo levado ao esquecimento das gerações. A honradez e a honestidade poderiam ter cerceado a sua vida, mas a caridade elevou-o à IMORTALIDADE.

O Dr. Manoel Pedro não é lembrado pela sua erudição, que era muita, tanto na medicina que amou, como na cultura humanística, pois nada deixou para os pósteros, em escritos que perpetuassem a sua memória.

Não é lembrado pela sua atuação política, pois limitou-se a conservar puros os ideais que sempre defendeu.

Talvez mesmo não lembrem os que passam diante de escolas, museus e teatros que construiu, que da sua vontade se constituem as pedras dos seus alicerces.

É lembrado, apenas, pelo bem que personificou, pelo médico perfeito que foi, pelo exemplo imorredouro para todos nós que exercemos o divino sacerdócio da medicina.

Em 1898 o povo da Lapa, por contribuição expontânea, erigiu no seu cemitério, um mausoléu de mármore branco, onde depositaram os restos mortais do Dr. Manoel Pedro dos Santos Lima. É um monumento sóbrio, como modesto foi o médico; de mármore branco, símbolo de sua honestidade impoluta. No alto do monumento, a quatro metros de altura, paira a estátua símbolo da caridade, o traço mais acentuado e característico do grande e humanitário médico.

A Academia Paranaense de Medicina instituiu, como Patrono da Cadeira que tenho a honra de ser o primeiro titular, a figura ímpar do Dr. Manoel Pedro dos Santos Lima.

Cumpriu-se o que disse o Apóstolo : - "A CARIDADE JAMAIS PASSARÁ".

Cumpriu-se o que disse Cristo : - "FAZE ISTO E VIVERÁS".

Inauguraram-se hoje as atividades da FUNDAÇÃO SANTOS LIMA PRÓ-MEMÓRIA MÉDICA DO PARANÁ.

No preâmbulo da sua escritura pública de constituição, consta, em seu item 3º :

"Imbuídos do melhor propósito humanístico e com o sentido de cultuar a memória do insigne médico que foi o Dr. Manoel Pedro dos Santos Lima, deliberaram instituir, nos termos dos artigos 24 e 30 do Código Civil Brasileiro, uma Fundação tomando-o como justificado orgulho como patrono, e in memoria dos doutores Eduardo dos Santos Lima, Manoel Pedro Corrêa Lima, Lysandro Santos Lima, Conradino dos Santos Lima e Paulo dos Santos Lima, filho, netos e bisneto do Dr. Manoel Pedro.

Assinam a escritura descendentes do Dr. Manoel Pedro dos Santos Lima, amigos da Família e admiradores do insigne Patrono.

A humanidade, desde as suas origens, organizou-se em sociedade, pois o homem é por natureza, e por necessidade, um animal gregário. De início em família, em vilas, em comunidades tribais, a sociedade civil progrediu para a formação de nações.

Do mesmo modo que a personalidade humana, as nações foram criadas à sua imagem e semelhança - têm corpo e alma. A sociedade é um organismo vivo dentro do seu corpo político.

O fundamento físico da Nação é o seu território, com suas características geográficas, com sua anatomia. Ele está diante de nós, palpável concreto, mas não é o principal. A Nação pode existir e sobreviver sem

território, sem o aspecto físico da sua personalidade, desde que preserve as demais características.

O povo constitui o substrato biológico da Nação. Organizado sob uma das formas políticas do Estado é indispensável à sua existência, pois não poderá haver sociedade sem a integração material dos membros que a constituem. Entretanto, povo e Nação são coisas diferentes.

Para que a Nação se constitua na plenitude da sua personalidade é necessário que se desenvolva neste corpo físico e biológico alguma coisa mais - a verdadeira alma nacional.

A Nação só existe quando reúne um acervo cultural de costumes, moral, religião, artes, ciências e sobretudo história, que a individualizam dentre os demais povos que constituem a humanidade.

A Nação só existe quando o seu corpo físico e biológico se completa pela consciência nacional, pelo amor à Pátria, pela dedicação ao seu povo, e pela memória que se expressa no culto aos seus heróis, não apenas pelo que fizeram, mas por que o fizeram, e como o fizeram. Esta a verdadeira HISTÓRIA da Nação.

A história em seu sentido amplo engloba toda a forma de conhecimento. O significado educacional da história e dos exemplos históricos, na educação do povo, é fundamental para o progresso da Nação. A história entendida como pesquisa permanente do passado, para aplicação dos métodos utilizados no presente, e previsão das conseqüências futuras, que representa a bússola segura que aponta a direção a ser seguida pelos condutores da Nação. Neste conteúdo o historiador é um filósofo que se torna um profeta.

A vida dos heróis e dos grandes homens do nosso passado histórico, parte importante da memória nacional, é fundamental para o culto da nacionalidade. Exemplo vivo aos pósteros de qualidades e virtudes a serem seguidas, e de vícios a serem desprezados.

Bem houveram os que instituíram em nosso meio a Fundação que tem por finalidade principal o culto à memória médica do Paraná.

Bem houveram os organizadores desta festa inaugural em associá-la à Academia de Medicina e à Associação Médica do Paraná, pois, em grande parte, os seus objetivos são comuns, e os seus caminhos diferentes, são paralelas que se encontram no infinito.

- Preservar a memória médica do Paraná.
- Prestar auxílio, colaboração e incentivo na área médico-social em nosso Estado.
- Apoiar a pesquisa científica, procurando preservar a memória médica do Paraná.
- Criar bolsas de estudo de pós-graduação na área médica.
- Incentivar o estudo e os trabalhos que visem a preservação do meio ambiente.
- Colaborar e auxiliar a pesquisa e a publicação de trabalhos versando sobre a história da medicina, e assuntos relacionados com a ciência médica.

"FAZE ISTO E VIVERÁS."





FACULDADE
DE
MEDICINA
DO
PARANÁ

TURMA "PROFESSOR PETIT CARNEIRO"

PROMETO QUE

ao exercer a medicina, mostrar-me-ei sempre fiel aos preceitos da honestidade, da
candade e da ciência

penetrando no interior dos lares, meus olhos serão cegos, minha língua calará os
segredos que me forem revelados, o que torei como preceito de honra;

nunca me servirei da minha profissão para corromper os costumes ou favorecer o crime.

SE EU CUMPRIR

este juramento com fidelidade, goze para sempre a minha vida e a minha arte de boa
reputação entre os homens

se o infringir ou dele me afastar, suceda-me o contrario.

HIPPOCRATES.

Médicos de 1943

Os Médicos da Turma "Prof. Petit Carneiro"
têm a honra de convidar V. Excia. e Exma. Família, para assistirem
às solenidades de sua formatura.

DIA 15 DE DEZEMBRO
Às 9 horas

Missa solene, celebrada na Catedral
Metropolitana, por S. Excia. Revma.
D. Atílio Euzebio da Rocha

DIA 16 DE DEZEMBRO
Às 20,30 horas

Cerimônia de Colação de Grau, na
Sede da Cruz Vermelha Brasileira,
Filial do Paraná

DIA 18 DE DEZEMBRO
Às 22,30 horas

Balle de Gala nos salões da Cruz
Vermelha (ex Clube Concórdia).
Traje: - Rigôr (casaca - smoking)

PARAHINFIOS:

Prof. Dr. José Pereira de Macedo — Prof.^ª Dr.^ª Maria Falce de Macedo

HOMENAGEM PÓSTUMA:

Prof. Dr. Coriolano Silveira da Mota

HOMENAGEADOS:

Prof. Dr. Alfredo de Assis Gonçalves

Prof. Dr. Alô Vicoulet Guimarães

Prof. Dr. Aluizio França

Prof. Dr. Carlos Cunha

Prof. Dr. Erasto Baertner

Prof. Dr. Euripedes Garcez do Nascimento

Prof. Dr. João Cândido Ferreira

Prof. Dr. Joaquim de Matos Barreto

Prof. Dr. Mário Braga de Abreu

Prof. Dr. Milton Erichsen Carneiro

Prof. Dr. Victor do Amaral Filho

MÉDICOS DE 1943

Agostinho Saldanha de Loyola
Alceu Santos de Almeida
Aldr Cornelsen
Antonio de Paula Eduardo Filho
Antonio Ramos Junior
Aysson Jamur
Bartolomeu F. Bartolomei
Davi Xavier da Silva
Eduardo Corrêa Lima
Egon Armando Krueger
Eleonora Odôdo Rocha

Elias Avals Netto
Eloy Pimentel
Farid Karam
Gilka O. D'Annunzio Ohignone
Heraldo de Oliveira Mello
Hilda Frischmann
Homero de Quadros Gaspareto
Isolda Winter
João Fleury Rocha Junior
José Mário Hauari
Jovino Lima Junior

Lauro Orein Filho
Loth Garcez do Nascimento
Luciano Botelho de Souza
Marcos Iankilevich
Mário Groeger
Milton E. Staudohar
Nalmir Moreira
Nelson Roseira Oomes
Orlando T. de Freitas
Reinaldo Virmond Lima
Wilde Pugliese

SUMÁRIO

1. Apresentação
2. Traços Biográficos
3. Memórias dos Contemporâneos
4. Discursos
5. Artigos
6. Palestras
7. Turma Petit Carneiro
8. Oração de Paraninfo
9. Bibliografia
10. Publicações Científicas
11. Cinquenta anos depois
12. Índice Remissivo

"O HOMEM"

Lauro Grein Filho

"Figura suave e amena, grangeou importantes encargos e posições os quais honrou e engrandeceu com dignidade e dedicação."

José Pereira de Macedo não foi um homem comum, um ser a mais, perdido e esquecido no seio da multidão.

Não era, tampouco, nem se incluiria jamais, no rol desses indivíduos feitos em série, sem metas e sem fins, a transitarem alheios e amorfos nos rumos da existência.

Pelas virtudes do seu temperamento, pelos primores de sua inteligência pelos dotes do seu caráter, pela sensibilidade de sua formação, generosamente afeita as mais nobres inspirações da alma humana, José Pereira de Macedo, sobressaía como uma entidade singular de méritos e valores, notoriamente elevados, acima dos padrões comuns.

Tal soma de atributos e merecimentos não se configurava entretanto, nas formas de uma individualidade artificial, arrogante e orgulhosa, a se preservar intocável na vaidade de uma superioridade imperativa e inacessível. Nada disso.

A sua figura era suave e amena, suas maneiras simples e educadas, seus gestos amáveis e delicados, sua voz branda e macia, envolvendo sua personalidade de uma aureola de simpatia e de bondade que de imediato, cativava, encantava e conquistava.

Havia sem dúvida algo de singular, de raro e de maravilhosamente humano no comportamento e nas atitudes daquele médico, de tão significativos prêmios morais e intelectuais, a se consentir modesto, atencioso e igual, em diálogos com colegas, alunos, amigos, etc quem quer que o procurasse e o solicitasse.

Havia, entremontes, um tom de verdade, uma mensagem de confiança, uma evidência de pureza e de sinceridade a impregnar os conceitos, as razões e as idéias oriundas de um cidadão de tal forma preparado, duto e honesto.

Havia também um componente de distinção e elegância, uma efusão permante de magnitudes e devotamentos, uma vocação irreprimível para o justo, o digno e o correto a moldar e culminar a imagem de um cidadão espontaneamente levado aos requintes da perfeição e da ética. Reconhecido por seus pares, admirado por seus discípulos, reverenciado pela sociedade que jamais deixou de o exaltar, José Pereira de Macedo grangeou importantes posições e encargos, os quais condignamente honrou e engrandeceu com a probidade de sua conduta, a têmpera de sua dedicação, a dignidade dos seus princípios e as luzes do seu saber.

Médico e catedrático da Faculdade de Medicina, escritor e conferencista, orador e político, autor e jornalista, com inumeros trabalhos literários, sociológicos e civicos publicados de 1920 a 1964, o professor ocupou, consolidou e perseverou amplos e ponderáveis espaços nos fastos da história e da cultura paranista.

José Pereira de Macedo, uma legenda de belezas e emoções de lhanezas e generosidades, de purezas e intenções a coroar os esplendores de uma vida iluminada de plenitudes e grandezas incomparáveis.

"O INTELLECTUAL"

Lauro Grein Filho

"Nas linhas e entrelinhas de suas lavras existe algo de distinto e notável, algo a mais de nobre e superior a elevá-lo, e alçá-lo a parâmetros só concedidos aos gênios, aos sábios e aos eleitos."

Quando o meu colega e presidente da Fundação Santos Lima, Prof. Eduardo Corrêa Lima, honrou-me com o convite para a organização do volume em homenagem ao Prof. José Pereira de Macedo, nosso paraninfo da turma de 1943, ao lado de sua esposa Prof^a Maria Falce de Macedo, a tarefa não me pareceu nem difícil, nem onerosa.

Um comentário, uma apreciação, uma análise, acerca das produções do insigne professor ao longo de uma carreira de múltiplos empenhos e atividades, não me assemou como missão de árduo e espinhoso cumprimento.

Ao evoluir entretanto do processo, ao longo de suas conferências, teses e idéias, passei desde logo a sentir, na grandeza de uma notável projeção intelectual e os fôros de uma extraordinária distinção cultural, a constrangedora sensação de um evidente despreparo para o compromisso que assumira.

Isto porque, veio a se revelar ao meu conhecimento e se impor a minha admiração, um senhor e primoroso escritor, dos melhores entre o que irmanam a medicina ao culto airoso e fascinante das letras.

Não se pode em verdade abranger ou definir Pereira de Macedo, tudo o que fez e produziu em seus caminhos, ao capricho de meras sentenças laudatórias, adjetivações comuns de todos os dias e todas as horas, leviana e indiscriminadamente usadas e endereçadas à qualquer pessoa, propósito ou pretexto.

Existe nas linhas e entrelinhas de suas lavras algo de distinto e notável, algo a mais de nobre e superior a elevá-lo e alça-lo a parâmetros só concedidos aos gênios, aos sábios e aos eleitos.

Em uma palestra do Rotary, ou numa solenidade universitária, num comentário cotidiano ou numa contestação política, numa conferência acadêmica, ou numa oração de paraninfo, José Pereira de Macedo imprime e ascende às suas idéias as marcas indeléveis de um talento e uma cultura inconfundíveis.

Conferindo a cada palavra sua justa e devida significação o escritor concisamente as emprega no sentido exato de sua interpretação jamais as enleando ou as perdendo em conotações dúbias, superfluas ou indefinidas.

Daí a seriedade dos seus textos, esmerados, elucidativos, pontuais, pleno de mensagens que os engrandecem, distinguem e valorizam. Textos cujos originais, a lápis e sem qualquer esboço de emenda ou correção dão conta de uma privilegiada vocação literária a se espriar fácil e fluentemente em páginas de meritória e inquestionável erudição.

A oração com que enalteceu a solenidade de formatura da turma Petit Carneiro, é uma peça que por sua beleza, requinte e sensibilidade credencia-se entre as mais brilhantes alocuções do gênero.

Inferno a lugares comuns, alheio e distante dos habituais apelos que uniformizam tais enredos, José Pereira de Macedo, estendeu-se e exceleu-se em conceitos de profundas reflexões social e filosófica, a se harmonizarem numa explanação de significativo conteúdo moral e humano.

Inspirado pela guerra que então conflagrava o mundo, o paraninfo buscou nas suas causas, consequências e desdobramentos todas as razões imanentes ao homem, suas paixões, egoísmos e ambições preponderantemente a orientarem e conduzirem os fastos da história.

Mas, desde o início, quando exercita a modesta e proverbial faceirice de se julgar quem da honraria recebida, passando pelas formas do discuro que almejava e as comoventes evocações de Petit Carneiro e Coriolano Silveira da Mota, antecedendo a imagem de Vieira a tornar o homem maior que o mundo, até a "Evolução do Direito" de Von Hering, e o arroubo final a nos advertir sobre as responsabilidades da projeção assumida no seio da sociedade, a oração de paraninfo de José Pereira de Macedo é uma obra prima de literatura digna de figurar ao lado das mais preciosas expressões da língua portuguesa.



PROF^o JOSÉ PEREIRA DE MACEDO
1883-1965



N.º 1

Universidade do Paraná

Coritiba, 11 de Novembro de 1918

Illmo. Sr. José Pereira de Macedo,

Tenho o prazer de vos communicar que, em virtude da deliberação da Congregação da Faculdade de Medicina do Paraná, fostes nomeado lente substituto da primeira secção do Curso de Pharmacia.

Felicitandô-vos por essa distincção, espero que prestareis com dedicação vossos serviços a esta instituição, propagando assim para seu engrandecimento.

Victor de Azevedo
Reitor



Faculdade de Medicina do Paraná

Coritiba, 30 de Novembro de 1904.

Nº.....

Illmº. Sr. Dr. José Pereira de Macedo.

Tenho a honra de levar ao vosso conhecimento que a Congregação da Faculdade de Medicina do Paraná, em sessão de 17 do corrente, resolveu admittir-vos como lente cathedratice da cadeira de Anatomia Descriptiva (primeira e segunda parte), do Curso de Medicina e Cirurgia.

Certo de que tudo fareis para elevar cada vez mais o nome deste Estabelecimento, apresento-vos os meus protestos de estima e consideração.

SAUDE E FRATERNIDADE.

Dr. Victor F. de Almeida

Director.

SOCIEDADE „SOCCORRO AOS NECESSITADOS“

SÉDE: RUA JOÃO NEGRÃO N. 35

N. 1677.

Curityba, 31 de dezembro de 1927.

Illmo. Snr. Dr. José Pereira de Macedo.

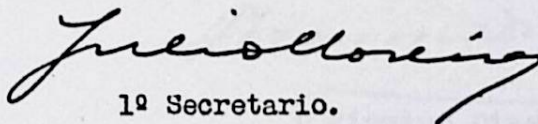
CAPITAL.

Prezado Snr.

Levo ao vosso conhecimento que, em sessão do Conselho Deliberativo, realizada a 27 ultimo, fostes eleito 1º Secretario desta Sociedade, para o anno de 1928.

Outrosim, communico-vos que a 6 de Janeiro proximo terá lugar, ás 15 horas, a sessão de posse da nova Directoria, sessão em que, espero, vos dignareis assumir as funções do referido cargo.

Congratulando-me com a Sociedade pela boa escolha do vosso nome, apresento-vos os protestos da minha alta estima e consideração.



1º Secretario.

SOCIEDADE «SOCCORRO AOS NECESSITADOS»

(Reconhecida de utilidade publica pela Lei estadual n. 4584 de 14 de Abril de 1928)
RUA JOÃO NEGRÃO, 571 - TELEFONE, 299

N.º 2.842.

Curitiba, 30 de Janeiro de 1933.

Ilmo. Sr. Dr. José Pereira de Macedo

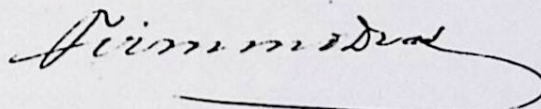
Capital.

Levo ao vosso conhecimento que, em sessão de Diretoria, realizada em 24 do corrente, ficou resolvido consignar em ata, um voto de profundo pesar pelo falecimento de vosso inesquecível irmão Sr. Floriano Pereira de Macedo.

Aproveito a oportunidade para vos comunicar que na mesma sessão acima citada, ficou resolvido dar-se a denominação "DR. PEREIRA DE MACEDO" a sala principal do Dispensário Médico desta Sociedade, em homenagem aos relevantes serviços prestados e a criação d'aquela Dispensário, por V.S.

Com os protestos de alta estima e distinta consideração

Saúde e fraternidade.



(Firmino Dias.)

1º Secretario.

JOSÉ PEREIRA DE MACEDO

(13-09-1883 - 01-09-1965)

TRAÇOS BIOGRÁFICOS

José Pereira de Macedo nasceu em Campo Largo no dia 13 de Setembro de 1883, filho de Joaquim Pereira de Macedo, ilustre varão paranaense e prefeito de Curitiba e Adelaide de Azevedo Muller, casados em 8 de julho de 1881.

Eram seus avós paternos Manoel Ribeiro de Macedo e Francisca de Paula Pereira de Macedo, e, maternos, José Mathias Muller e Adelaide de Azevedo Portugal.

Primogenito de uma prole de doze filhos: - Francisca, Joaquim, Adelaide (Porto de Cima), Manoel (Palmeira) e João, Floriano, Maria Cristina, Oswaldo, Alcina, Odete e Eurico (Curitiba), José Pereira de Macedo passou a maior parte de sua infância entre Campo Largo, Porto de Cima e Palmeira, residências de seus pais antes de se transferirem definitivamente para Curitiba.

Nesta Capital durante a mocidade e até a idade de 30 anos, J.P.M. dedicou-se a atividades comerciais, período em que contraiu nupcias com sua prima Silvia Macedo, esposa que viria precocemente a perder aos 10 meses de casado.

Em 1914, aos 31 anos e já viuvo, ingressou no curso de Medicina, compondo o primeiro grupo de alunos de nossa Faculdade.

Inclinando-se desde logo para os estudos de anatomia, Pereira de Macedo, ainda acadêmico (2º e 3º ano) foi preparador cadaverico durante os exercícios de 1915 e 1916, nomeado pela Portaria de nº 225 de 11 de Março de 1915 "para exercer as funções de Preparador da Cadeira de Anatomia Descritiva, do Curso de Medicina e Cirurgia" em substituição ao Dr. Eduardo Leite L. Ferreira.

Desse cargo foi dispensado em 21 de dezembro de 1917, em virtude de designação para "Assistente de Clínica da Universidade" junto a Santa Casa de Misericórdia.

Em 26 de outubro, a congregação da Faculdade de Medicina, resolveu nomeá-lo lente substituto da segunda sessão do Curso de Farmácia, consoante ofício de 11 de novembro assinado pelo Diretor, Prof. Victor Ferreira do Amaral.

No ano de 1919, na qualidade de professor substituto foi designado para reger a Cadeira de Toxicologia e Noções de Higiene do 3º ano do Curso de Farmácia.

Formou-se em dezembro de 1919, aos 37 anos de idade, integrando a primeira turma de médicos de nossa Faculdade, ao lado de Alexandre Ferreira Neto, Antonio Gonzaga, Antonio Lopes, Carlos Ribeiro de Macedo, Emilio Kemp Larbeck, Francisco Franco Moraes, Lourenço de Souza, Maria Falce, Miguel Bruno Ferreira, Pedro Alegetti Filho, Raphael Malzoni, Romulo Cardillo, ao todo treze doutorandos a receberem seus diplomas datados de 5 de janeiro de 1920.

Em 12 de janeiro desse ano, José Pereira de Macedo reconstituiu seu lar, elegendo sua colega Maria Falce, esposa e companheira com a qual formaria o primeiro e único casal de catedráticos da história Universitária do Brasil.

Em 17 de novembro foi designado para, em comissão, constituir a Banca Examinadora de Defesa de Teses. Nessa mesma data, em virtude da reorganização do Corpo Docente, foi eleito Professor Catedrático da Cadeira de Anatomia Descritiva do Curso de Medicina e Cirurgia, tendo tomado posse em 16 de dezembro de 1920.

Em 1925, pela Portaria nº 213 de 1º de junho foi nomeado para reger interinamente durante trinta dias, a cadeira de Fisiologia.

A 30 de abril, foi designado, para, em nome da Congregação, saudar o professor Carlos Estrella Moreira por ocasião de sua posse no cargo de catedrático da 2ª cadeira de Anatomia Humana. A 27 de agosto, foi orador oficial da Faculdade na sessão comemorativa do 1º centenário da Paz entre Brasileiros e Platinos. O professor José Pereira de Macedo permaneceu a frente da cadeira de Anatomia, até o ano 1953 quando se aposentou, ocasião em que se despediu com o seu famoso "O Canto do Cisne".

Além da sua extensa e brilhante carreira no magistério universitário, Pereira de Macedo exerceu intensa atividade social, cultural e política, assumindo uma série de atribuições e participando intensamente da vida curitibana.

Contam-se entre seus encargos os seguintes: -

Presidente da Associação Médica do Paraná 1934.

Presidente da Liga Paranaense de Combate ao Cancer,

Presidente do Diretório Estadual do Partido Libertador.

Fundador e Diretor da Sociedade de Socorro aos Necessitados.

Fundador e Diretor do Rotary Clube.

Fundador e Diretor do Jornal "O Libertador".

Membro do Conselho Penitenciário do Estado.

Diretor do Laboratório de Pesquisas e Análises da Saúde Pública do Paraná, (1921 a 1928).

Médico Legista do Gabinete Médico Legal do Paraná (1928 - 1944).

Titular da Academia Paranaense de Letras.

Titular do Centro de Letras do Paraná.

Titular do Instituto Histórico, Geográfico e Etnográfico Paranaense.

Membro de inúmeras Associações Culturais, Filantrópicas e de Benemerência.

Figura intensa e constantemente solicitada onde quer que se exigisse inteligência, bom senso, equilíbrio e dignidade.

José Pereira de Macedo faleceu em Curitiba, no dia 1º de setembro de 1965, pouco antes de completar 82 anos, lúcido e atuante até seus últimos dias.

"PRIMEIRA AULA DE ANATOMIA"

Ayrton Ricardo dos Santos

"Daqui por diante vocês irão aprender e conhecer muitas coisas capazes de abalar as convicções que trazem de casa. Não deixem que isso aconteça! Lembrem-se que as verdades científicas com que irão se defrontar, na realidade encerram tantos ou mais mistérios do que os existentes em suas próprias crenças."

Tenso, com o coração aos saltos, numa manhã dos primeiros dias de março de 1940, galguei as escadarias e transpus os umbrais do majestoso edifício da Universidade do Paraná.

Faltavam alguns minutos para as oito horas.

A frente do anfiteatro de anatomia se aglomerava o grupo de colegas com os quais iria privar nos seis anos seguintes: Arnaldo Araujo, Carlos Pereira, Valmir Maingue, Diogenes Funes, Joaquim Xavier de Castro, Ciro e Gastão Pereira da Cunha, Saul Brofmann, Acir Rachid, Rubem França, Colmar Chinasso, James Ross, Noberto Ferreira, Francisco de Assis Sporques, Fani Frischann, Henriqueta Kuhn, Mercedes Baeta de Faria, Clementina Kopruszynski, Clovis Hartenthal, Hercílio de Moura Arruda, Gastão Romanó, Cícero Tizzot Filho, Odair Hoffmann, Mucio Abreu Neto, Odilon Ordine, Laufran Vilanueva, Ladislau Buba, Jaci de Souza Reis, Hermes Paciornick, Amur Ferreira, Estanislau Bembem, Célio e Ciro Ciari, José Schetini, Chafic Curi, Leonardo de Bona, João Scheffer e outros mais que não de me desculpar a falha de memória.

Todos, como eu, ansiosos e emocionados na expectativa da primeira aula de anatomia, a nos defrontarmos com esqueletos, esfolados, e os temidos tanques com solução de formol, mergulhados nos quais estariam os cadáveres em que realizariamos nossos estudos.

As oito em ponto abriu-se a porta e pudemos divisar, num avental imaculado, a figura simpática e agradável do professor Dr. José Pereira de Macedo. Estatura mediana, magro, corpo ligeiramente encurvado para a frente, rosto alongado, cabelos escassos, olhos pequenos, móveis e meigos. Gestos suaves, voz mansa e acolhedora ao responder o cumprimento dos alunos, deixando-nos, logo, inteiramente a vontade.

Iniciou a aula com uma advertência: - "Daqui por diante vocês irão aprender e conhecer muitas coisas capazes de abalar as convicções que trazem de casa. Não deixem que isso aconteça! Lembrem que as verdades científicas com que se irão defrontar, na realidade encerram tantos ou mais mistérios do que os existentes em suas próprias crenças".

Conduziu-nos até o final do ano proferindo, com pontual assiduidade, aulas magistrais em que mostrava inalterável competência e, sobretudo, excepcional brandura e compreensão para os nossos problemas pessoais.

No ano seguinte, por ocasião de seu aniversário já sem necessidade de aprovação, de notas ou de qualquer interesse subalterno - prestamos-lhe significativa e espontânea homenagem na qual se cristalizou a admiração que lhe devotávamos.

Não houve, em todo o curso, outro professor que tivesse recebido igual demonstração de apreço.

No terceiro ano substituiu, por vários meses, o professor Alfredo de Assis Gonçalves, titular da cadeira de Microbiologia. Revelou, também aí, a mesma probidade, competência e assiduidade anteriormente demonstradas.

Numa de suas raras divagações em aula, confidenciou, certa vez, que se lhe fosse dado escolher entre a bondade e a inteligência, optaria, seguramente, pela primeira...

Acompanhamos, depois, o desenrolar de sua vida como professor, chefe de família, político, intelectual... Todos os seus atos revestidos, sistematicamente, de muita humildade e extrema bondade mas - sempre - inspirados pela inteligência lúcida, lógica e fulgurante que Deus lhe deu.

"O ESTIMADO PROFESSOR"

Ruy Noronha Miranda

"Ao aventuar-me nestas linhas, confesso não possuir os dotes necessários para focalizar, a contento, as qualidades de tão alta personalidade."

Quem teve a honra e o proveito de ser aluno desse eminente professor de Anatomia, da antiga Faculdade de Medicina do Paraná, durante as décadas de vinte, trinta e quarenta, guardará, certamente, a lembrança de um mestre que soube ser sábio, benevolente e amigo. Eu tive a ventura de ser um desses alunos. Foi durante todo o ano de 1933, quando frequentava o primeiro ano daquela tradicional Faculdade. Ao aventurar-me nestas linhas, confesso não possuir os dotes necessários para focalizar, a contento, as qualidades de tão alta personalidade.

A presença do professor Pereira de Macedo no anfiteatro de Anatomia, ante o inerte e humano cadáver que fora deitado sobre o mármore frio, tornava, em face dos dotes morais e eruditos do preceptor, um ambiente que poderia ser de tristeza ou desinteresse, num conclave de elevado saber e respeito. Não escapavam à erudição do mestre as relações, ora filosóficas ora culturais, que eram sugeridas pelos detalhes anatômicos do corpo humano. Um deles foi o da proeminência da sétima vértebra cervical e seu papel na beleza do colo feminino.

E estimado professor não costumava fazer interrogatórios junto aos discípulos. Sua extrema lhanza não permitia tal procedimento. Tinha ele o cuidado de não querer humilhar aqueles estudantes que eram menos expeditos.

Por ocasião das provas parciais, destinadas a promoverem médias de aprovação na matéria, e que sempre resultavam em notas satisfatórias, Pereira de Macedo não constrangia aqueles que se valiam das colas. Seu argumento era de que, no ato de colar, dentro da necessidade e da emoção de sua prática, o aluno aprendia tanto o assunto em pauta que nunca mais o esqueceria.

Um destino feliz fez com que esse prendado homem encontrasse para esposa outra criatura que, dentro da natural feminilidade, coadunasse maravilhosamente com sua personalidade. Foi a professora (também catedrática) de Química Médica, a doutora Falce de

Macedo. A identidade entre ambos era tão grande que aproximar-se de um era o mesmo que chegar-se ao outro.

Foi assim que esse abençoado casal representou os bons tempos em que os alunos pagavam o ensino, os professores ganhavam pouco, mas viviam todos um clima de respeito e amizade.

"O SONHADOR"

Alir Ratacheski

"Procurar transformar cada criatura em alguém que faça da vida um hino à dignidade humana, foi o grande empenho de sua vida."

Curitiba. Sede do Clube Atlético Paranaense.
Rua Presidente Carlos Cavalcanti, 815. 21 de outubro de 1945.

A multidão invade a rua para ver passar e aplaudir os convencionais da União Democrática Nacional que, naquela noite, escolheriam os candidatos à presidência da República, Conselho Federal (Senado) e à Câmara Federal.

O povo, desacostumado aos acontecimentos políticos, extasia-se ao contemplar os homens em cujas mãos estaria o destino do Brasil e a realização de todos os sonhos de pós-guerra.

Velhos, moços e senhoras ali permaneceram até a madrugada, aguardando a proclamação dos nomes escolhidos.

Por volta de uma hora eram anunciados os nomes de Eduardo Gomes para a presidência da República, dos - deputados federais e dos senadores.

Todos muito aplaudidos. Mas, quando proclamado o nome do prof. José Pereira de Macedo para o Conselho Federal (Senado), a multidão, na medida em que batia palmas, avançava em direção à grande porta de acesso do prédio do Clube Concórdia. Todos queriam apertar a mão do benfeitor, do homem que, desde 1920, consagrara sua vida ao ensino da medicina e às instituições filantrópicas da cidade, nestas alcançando, também, grande respeito, sua mulher e colega de cátedra na Faculdade de Medicina, professora Maria Falce de Macedo.

Na campanha política, deflagrada depois da convenção, por onde passava, o professor José Pereira de Macedo era acolhido com afeto.

Antes de sua passagem pelos lugares visitados, médicos, advogados, religiosos e pessoas anônimas que lhe conheciam o caráter e dignidade pessoal, mobilizavam-se para recebê-lo como a um irmão.

Políticos, mesmo de outros partidos, compareciam para ouvi-lo e apertar-lhe a mão.

A vitória lhe acenava. Era antecipada por todos quantos bem queriam o Paraná.

De súbito, entretanto, forças poderosas e perversas se desencadearam, truncando o destino do Brasil.

No dia 22 de novembro de 1945, dez dias antes do pleito, políticos adversários lançaram formidável campanha difamatória contra Eduardo Gomes, fulminando a União Democrática Nacional, do Norte ao Sul do País. Ficou conhecida como a "campanha dos marmiteiros". Tal sua força devastadora, que colocou, principalmente, as classes humildes, contra a UDN e todos os seus candidatos.

Por mais que o partido se empenhasse, nos dias que antecederam ao pleito de 02 de dezembro daquele ano, não conseguiu desfazer a conspiração psicológica que mudou os rumos da política brasileira e do próprio País.

Todavia, enquanto a UDN, no Paraná, como em todos os demais Estados, sofria fragorosa derrota, elegendo pouquíssimos deputados federais, o prof. José Pereira de Macedo alcançava mais de 40.000 votos. Contudo não se elegeu. Para o Senado eram duas as vagas, preenchidas pelo Partido Social Democrático.

Embora derrotado, não se aborreceu. Continuou - sendo o mesmo homem, o mesmo político, tratando a todos como se cada um nele tivesse votado.

Face à derrota, a UDN, que fora um grupo granítico no tocante ao cumprimento do seu ideário, começou a esfacelar-se.

Como figura maior, a iluminar os estreitos caminhos da política paranaense, o prof. José Pereira de Macedo restou como dos poucos que pregavam a unidade partidária, a necessidade de seus membros permanecerem obedientes ao programa partidário. Sem a subordinação dos homens aos princípios que abraçaram, dizia, o partido político é, apenas, tabuleta em torno da qual giram interesses subalternos.

Era presidente de honra da UDN, no Paraná, seu venerando pai, Joaquim Pereira de Macedo, que, a 02 de outubro de 1946, em brilhante discurso, abriu os trabalhos da convenção da UDN para a escolha do seu dire-

tório e da Comissão Executiva Estadual, órgão que passaram à direção dos chamados " novos valores da UDN ".

A partir desse evento, o partido, com vista às eleições de 19 de janeiro de 1947, passou aproximar-se de outras agremiações políticas. Essa eleição era para governador do Estado, Câmara Constituinte do Paraná e uma vaga ao Senado.

A composição efetivou-se com o Partido Social Democrático, liderado, no Paraná, pelo Sr. Moyses Lupion.

Nessa altura, sentindo que seu partido abandonara seus princípios, ao aliar-se ao adversário de ontem, tão somente em busca de posições políticas, o prof. José Pereira de Macedo, sem alarde, sem protesto, sem mágoa, silenciosamente afastou-se da UDN.

Pretendia prosseguir, agora se dedicando inteiramente as obras filantrópicas e à cátedra de anatomia humana da Faculdade de Medicina da Universidade Federal do Paraná.

Todavia, nutria profunda admiração pelo político gaúcho e professor de medicina, na cadeira de fisiologia da Faculdade de Medicina de Porto Alegre, Raul Pilla, grande figura humana, líder nacional do Partido Libertador, este síntese das aspirações liberais do Rio Grande do Sul.

Era colega do prof. José Pereira de Macedo, na Faculdade de Medicina da Universidade Federal do Paraná, o prof. Brasília Vicente de Castro.

A eles se uniram os médicos Homero Braga e David Augusto Ramos Filho, mais considerável número de estudantes e amigos, fundando, no Paraná, o Partido Libertador, cuja sede foi na rua Marechal Deodoro;, 98, local que se transformou, rapidamente, num centro de estudos e debates políticos.

A preocupação maior dos líderes libertadores era fazer de cada filiado não simples disputador de cargos públicos, mas prepará-lo para o exercício de magistratura política, capaz de restaurar a fé e a confiança nos homens públicos do Brasil.

No dia 04 de julho de 1949, nascia, sob o patrocínio do partido, o jornal "O Libertador".

Em sua edição de 01 de agosto daquele ano, o prof. José Pereira de Macedo publica artigo sob o título **Liberdade de Imprensa**, do qual se destaca o seguinte tópico, que bem traduz suas preocupações e anseios:

(...) "a imprensa deve ser a grande mestra do povo. Dela é que tem de vir os ensinamentos capazes de orientar o pensamento das massas e de congregar os espíritos para a defesa dos seus sagrados direitos de viver, como deve viver cada cidadão livre; em uma pátria livre. Dela, sobretudo, tem de emanar a educação que o povo precisa para a compreensão nítida dos seus deveres para com a pátria e para com seus semelhantes e de modo a poder preservar a sociedade dos seus exploradores, inclusive da imprensa mercenária e irresponsável."(...).

Escolhido paraninfo da Turma de Odontologia da Faculdade de Medicina da Universidade Federal do Paraná, de 1949, seu discurso foi uma convocação dos jovens para, ao lado do exercício profissional, empenharem-se na modificação dos costumes políticos do País.

Naquele mesmo ano, a convite do Município de Londrina, proferiu naquela cidade, importante conferência sobre assuntos médicos e políticos, recebendo da comunidade e de seu prefeito, Hugo Cabral, comovedora manifestação de respeito e afeto.

Pregando a reforma constitucional para a adoção do parlamentarismo clássico em nosso País; e procurando transformar cada criatura em alguém que faça da vida um hino à dignidade humana, foi o grande empenho de sua vida.

Deixou-nos, acreditando no gênero humano e, particularmente, no Brasil.

"UM EXEMPLO A SER SEGUIDO"

Manoel de Oliveira Franco Sobrinho

"Atento aos problemas brasileiros. Preocupado com o destino do país e seus rumos políticos. Sua existência bem vivida deixou rastros indeléveis."

Não é nada fácil memorizar fatos humanos quando esses fatos envolvem personalidades que parecem estar perdidas nos escaninhos de um passado quase apagado pelo tempo. Sobretudo quando se trata de lembrar figuras ímpares na inteireza moral e que se tornaram enquanto viviam padrões de uma sociedade já desaparecida.

É o que se dá com o prof. José Pereira de Macedo, esquecido para alguns e na lembrança de outros, embora na sua existência bem vivida tivesse merecido respeitabilidade humana. Numa Curitiba paroquial, de poucos recursos científicos, fechada num Estado ainda potencial, foi um raro pesquisador atento às realidades biológicas.

Lembro bem dele na minha mocidade estudantil. Amigo dos moços, fraterno com os jovens. Sempre com uma palavra de conforto espiritual. Falando manso e com segurança intelectual. Debatendo idéias e condenando equívocos nacionais. Atento aos problemas brasileiros. Preocupado com o destino do país e seus rumos políticos.

Passaram-se décadas e o que ele pensava tinha o rigor das conclusões objetivas. Influenciava as mentes juvenis como cidadão e não um profissional médico. Dedicado a uma missão sentia como poucos o peso das questões nacionais. Falamos muito àquela época hoje distante sobre obras e sobre autores como Gilberto Freyre e Josué de Castro.

Sobretudo a "Geografia da Fome" de Josué estava em moda revelando um nordeste sofrido pela miséria ambiente. Fora de São Paulo, o comodismo dos homens, impediam que a nação progredisse ou que a nação tomasse conhecimento dos seus problemas básicos. Daí uma pergunta que lhe fiz num encontro apressado acerca da hoje Universidade Federal:

- E o futuro, professor?

- Para mim, o futuro é hoje, respondeu.

No momento me surpreendi, não entendi bem a resposta do mestre. Para um moço o futuro estava sempre no amanhã. A esperança marcava o sentimento da juventude. Eramos alegres otimistas sem maior responsabilidade com a história. Já que não tínhamos problemas, a questão se resumia em simplesmente viver e estudar em nossas escolas.

Tudo parecia então tranquilo aos jovens da época. Eramos livres na nossa liberdade limitada. Sonhávamos bons sonhos. Pouco nos importavam os governos ou a má política. O estudo da história para nós tinha muito de épico e de poesia, muito de romantico nos episódios mais sofridos de traumas sociais permanentes. Por isso retruquei:

- Como o futuro é hoje, professor?

- Sim, é hoje, porque estamos na fase de construção social. Se falharmos quem perde é a nação.

Tomei a resposta como uma profecia que só agora entendo. Duas questões estavam em jogo para o mestre, a questão da democracia e a questão social. Me parece que, para Pereira de Macedo, a desordem institucional já tomara conta da nação. E que a palavra **ordem constitucional** era um programa de dúvidas angustiantes.

Adiante, me declarou com ênfase:

- É lamentável que as verdadeiras elites estejam afastadas do processo político, não participem das soluções nacionais. Os homens capazes não querem nada com a vida pública. Se escondem no seu trabalho ou na sua profissão. Fecham ouvidos aos reclames dos brasileiros. Guardam um triste silêncio. O carreirismo partidário domina o país.

Refleti um pouco e conclui a razão de sua afirmação tão categórica. Os homens de saber estavam afastados da vida pública, quem sabe condenados ao ostra-

cismo social. Os mediocres estavam tomando conta dos instrumentos políticos e administrativos, enquanto as lideranças naturais eram asfixiadas pelo interesse de grupos.

O tempo passa, o tempo se vai, mas os grandes exemplos ficam. Algumas figuras precisam reviver, ser tiradas do passado para conhecer o país de hoje, da década de 1990, no caminho de novo século. José Pereira de Macedo, é uma delas. Estou certo que terá, pelo talento de Lauro Grein Filho, o artífice do seu reviver.

JOSÉ PEREIRA DE MACEDO,

FATOS QUE FICARAM

Pio Taborda Veiga

"Um senhor professor, de fala
pausada, sério, que impunha
respeito aos alunos."

Em 1930 a Faculdade de Medicina do Paraná ocupava dois terços dos andares e das salas do prédio da Universidade, à Praça Santos Andrade, em Curitiba.

No anfiteatro de Anatomia, no andar térreo da Faculdade, onde o Trancoso tratava e conservava os cadáveres para dissecação, encontrei-me pela primeira vez com o Professor José Pereira de Macedo.

Um senhor professor, de fala pausada, sério, que impunha respeito aos alunos.

Magro e alto, testa ampla, em seu avental branco, com luvas de borracha, fez uma demonstração prática de como encontrar a radial, na altura do punho.

Manejava o bisturi com agilidade e destreza.

Em tempo relativamente curto dissecou a radial.

12 de fevereiro de 1921, casou com sua colega de turma, a doutora Maria Falce, a primeira mulher que exerceu as funções de professora universitária, no Brasil.

A doutora Maria era a "mãe dos estudantes", tal a bondade, o carinho e as atenções que dispensava a seus alunos.

Rosto redondo, corada, cabelos penteados junto à cabeça e presos, atrás, em pequeno coque.

De pequena estatura, gorducha, caminhava a passos miudos e rápidos.

Tinha o timbre de voz levemente metálico.

Em 1922, o professor Pereira de Macedo instalava, com sua mulher, o primeiro laboratório de análises clínicas, em Curitiba, que funcionou durante 30 anos.

Fui médico do Diogo, filho do casal.

Moravam, por volta de 1958, lá no bairro do Ahú, à rua Brasilino Moura, 253, nas vizinhanças do Cassino Divina Providência.

Muitas vezes visitei o casal; a última vez foi quando a doutora Maria recebeu uma condecoração.

O prof. Pereira de Macedo gostava muito de viajar; ele e a doutora Maria iam, com frequência, ao Rio de Janeiro.

Na volta de umas das minhas viagens de férias ao Rio, encontrei a bordo do Itagiba, da Costeira, o Professor e sua Maria.

Num momento de descanso, entre Santos e Antonina, na coberta, ficamos conversando e lembrando as belezas do Rio de Janeiro, suas praias, o Pão de Açúcar, o Corcovado, a ilha de Paquetá, a avenida Rio Branco, a Colombo, a Cavê e a Lallê e a rua do Ouvidor.

Nessa altura, a doutora Maria, sorrindo e olhando bem nos olhos do professor - como que pedindo sua aprovação - resolveu contar uma brincadeira do professor, em plena rua do Ouvidor.

O José - é como ela o tratava - com seu ar de homem sério é, em casa e com os familiares, um grande brincalhão.

Imagine que, em plena rua do Ouvidor, onde uma multidão caminhava apressada, ele parou em frente a um edifício, todo coberto de madeira, para restauração da fachada.

Parado no meio da rua, o José apontava para o prédio.

Em segundos, em sua volta, formou-se um grande círculo de pessoas, olhando para o alto, sem saber o que estava acontecendo.

Foi, então que José - contava a doutora - com seu jeito e fala simplória, em voz alta, falou:

Veja, Maria, em rua tão importante, com casas com fachadas tão bonitas, decoradas com tanto gosto, construir uma casa de tábuas.

Que absurdo!

A Prefeitura não deveria ter dado licença para a construção.

E, enquanto, ao redor, o povo ria do "matuto", José - por dentro - ria às gargalhadas do espetáculo por ele mesmo armado.

JOSÉ PEREIRA DE MACEDO, MEU AVÔ

Maria Estela de Macedo

"Homem ilustre, médico, político atuante, literato, seus artigos eram publicados em jornais e revistas de grande circulação na época".

Avô, todo mundo tem. Mas um avô como o Vô José, pouco gente teve. Era desses avôs de livro, de filme antigo, que sentava e lia fábulas.

La Fontaine primeiro! Então, via em nossas feições se tínhamos entendido. Aí, li Monteiro Lobato e tirávamos nossas conclusões.

Homem simples, mas sempre de terno e gravata, que ele mesmo fazia questão de escovar sobre a mesa da área, de preferência ao sol. Existe hoje avô como este?

Homem ilustre, médico, político atuante, literato, seus artigos eram publicados em jornais e revistas de grande circulação na época.

Seus ideais político-sociais estão em voga ainda hoje. Para mim, entretanto, era simplesmente o avô que estava sempre presente. Muitas vezes, fingia ler mas na realidade, prestava atenção às nossas conversas e brincadeiras que eram aproveitadas como tema de seus artigos.

Passeio quase diário, quando o tempo permitia, era ir ao Correio - ele ia até com chuva de canivete - Abriamos a caixa-postal 108 e lhe entregávamos a correspondência. Já na Praça Santos Andrade, em frente à Universidade, ele lia os jornais e cartas dos correligionários e amigos e nós, principalmente Ligia e eu, brincávamos pela praça da pacata Curitiba dos anos cinquenta. Eram dias de paz. Inesquecíveis. Muitas pessoas passavam para cumprimentá-lo ou trocar uma conversa.

A biblioteca repleta de livros; Machado, Eça de Queiros, Os Sermões de Vieira, Camões e um sem fim de outros ilustres escritores. Sobre a escrivaninha, os manuais de Anatomia e blocos com anotações.

A casa, sempre cheia. Dos "velhinhos" do Socorro aos alunos vindos de outras cidades, até que pudessem se estabelecer em outro lugar; os presidiários de bom comportamento que viravam jardineiros, os parentes -

em dificuldade, os amigos distantes, os ilustres políticos, todos recebidos de braços abertos, para um conselho, um abrigo, uma ajuda ou sómente o calor humano. Nós não sabíamos quem era quem. Eram todos amigos do Vô e tinham o nosso respeito.

Perdi meu avô aos quatorze anos. Perdi muito. Deixei de aprender muita coisa sobre anatomia, política, literatura, pois só então tomei consciência da grandiosidade deste Homem. Mas o que tenho dele é sem dúvida de valor incalculável; a simplicidade, a humildade, o respeito ao próximo e a grandeza de caráter. São coisas pelas quais não se recebem diplomas ou títulos, mas ninguém tira da gente. Coisas que ficam para sempre. A grandeza do espírito.

RESPEITO À DIGNIDADE HUMANA

Milton Carneiro

Ontem no Salão nobre da Universidade do Paraná houve uma homenagem.

Homenagem de alta significação de ordem moral porque foi prestada a um dos homens mais moralizados que eu conheço.

O nome do homem : José Pereira de Macedo.

Ontem, no Salão nobre da Universidade do Paraná, houve uma homenagem.

Homenagem bem diferente das costumeiras, das inumeráveis homenagens sem significação ou de significação duvidosa, que veem acontecendo, há milênios, por este mundo afora.

A de ontem, não, a de ontem tem mesmo significação, muita significação, alta significação de ordem moral, porque foi prestada a um dos homens mais moralizados que eu conheço.

O nome do homem : José Pereira de Macedo.

Que fez ele ? Lecionou, durante mais de trinta anos, Anatomia Descritiva na Faculdade de Medicina e lecionou, também durante meio século, aos seus inúmeros companheiros de rodada pela terra, o máximo respeito pela dignidade humana.

O que mais importa, para que o homem seja verdadeiramente homem, é - e Goethe já afirmava isto - a veneração respeitosa das pessoas entre si, o respeito que cada um de nós deve, não só aos que lhe estão em nível social superior, como também aos que lhe estão em nível inferior ou no mesmo nível.

Conheci Pereira de Macedo em 1920. Foi meu professor de Anatomia. Ensinou-me um negócio muito sério chamado Esplanologia.

Disso, dessa coisa fácil que tem nome difícil, agora, após 33 anos, eu me lembro muito pouco. Lembro-me bem, entretanto, não me esqueço nunca, deste episódio, ocorrido, também, há 33 anos.

Foi assim : uma semana antes de um exame de Anatomia o professor Macedo marcou os pontos e disse isto :

- Estes pontos, que acabo de marcar, vocês podem estudar todos no Testut pequeno.

Explicação : naquele tempo, o livro adotado pelos professores de Anatomia era o de autoria do professor francês Testut. Mas, havia o "testizão", em quatro volumosíssimos volumes e o "testizinho" um volume resumo perfeito do "testizão".

Veio o dia do exame. Ponto sorteado nº 8 : Estômago. O professor foi ao quadro negro escrever as questões, e quando acabou de escrever a segunda, eu, que, conforme sua recomendação expressa, só havia estudado o estômago "testipequenico", vi que ia "boiar", que a questão, a segunda, não podia ser resolvida só pelo Testut pequeno. Vendo que ia "sobrar", enchi-me de coragem e reclamei :

- Professor, o Testut pequeno não resolve, nem eu, essa questão que o sr. marcou.

- Resolve, sei que resolve, você está enganado. Vou verificar.

E foi verificar. Aconteceu, porém, que na sua mesa de professor só havia um exemplar do "testizinho" : era o meu.

Casualmente, porém, a esse livro faltavam, justamente, as páginas referentes ao ponto sorteado. Eu, assustado, vendo que o professor ia fazer a verificação justamente num Testut pequeno em que nada se podia verificar, porque dele se haviam ausentado, maliciosamente, as páginas de Anatomia Gástrica, não tive outro recurso, na ocasião, senão este :

- Olhe aqui, professor. Esse Testut que está na mesa e que é meu, "não tem estômago", não adianta o sr. procurar.

- Por que "não tem estômago"?

- Porque as páginas gástricas do livro estavam soltas e ficaram em minha mesa, no quarto de estudo.

- Será que elas não estão no seu bolso?

Eu, em pé : - Pode mexer nos meus bolsos, dou revista.

- Não é preciso. Acredito no que você está dizendo. Sei que o estômago não está no seu bolso. Vou marcar outra questão, que o "testizinho" possa resolver.

E marcou.

Vinte anos depois deste episódio, em conversa com o meu prezado professor de Anatomia e, mais do que de Anatomia, de respeito à dignidade do próximo, ele me disse :

- Não quis desmoralizar você. Não quis revistá-lo, porque sabia que você tinha arrancado e posto nos bolsos as páginas relacionadas com o ponto.

- Agradeço-lhe muito por não ter querido o sr. me desmoralizar completamente perante a minha turma, mas devo dizer-lhe mais uma vez : as folhas do livro não estavam em absoluto no meu bolso.

- Onde estavam, então?

- Estavam escondidas na minha carteira.

Este episódio, que tem trinta e três anos de idade, foi uma das numerosas e muito salutares lições de respeito à dignidade do homem, praticadas pelo ilustre varão que ontem a Universidade justíssimamente homenageou, no seu jubileu professoral.

JOSÉ PEREIRA DE MACEDO E A PESTE BUBONICA EM
PARANAGUÁ.

Iseu Affonso da Costa

"Suas atitudes eram sempre de uma bondade carismática, tendendo à tolerância, a defesa dos mais fracos e arrostando com tranquilidade a oposição, às posições que assumia.
Um verdadeiro varão de Plutarco."

O ano de 1926 foi marcado pela última epidemia de peste bubônica em Paranaguá.

A crônica deste surto morbido guarda alguns episódios insólitos.

As suspeitas de que a estranha doença, cujos primeiros casos passaram a surgir entre agosto e setembro de 1926, fosse a temível peste bubônica foram feitas pelo Dr. Arthur Jose Bastos.

Coincidentemente, as autoridades sanitárias da cidade tomavam medidas para proteger o porto contra um possível alastramento do surto de varíola, que ocorria no Rio de Janeiro e São Paulo.

O Dr. Roque Vernalha, Delegado de Higiene, Inspetor Sanitário e Chefe do Posto de Profilaxia, atento a sua missão preventiva, alertava a população e fazia distribuir cartazes de propaganda da vacina, como único meio efetivo de evitar o surto variolítico.

Com a ameaça de varíola pairando sobre a cidade, o Dr. Bastos atendeu paciente acometido de doença grave.

Seu diagnóstico de peste bubônica foi, de início, recebido com desconfiança.

Seria um falso alarme, capaz de prejudicar a população da cidade e tachar o porto com um estigma assustador.

Naquele ambiente carregado, o médico baiano chegou a ser desfeitoado, publicamente, por líderes políticos locais.

Infelizmente, nas semanas seguintes, o mal alastrou-se, vitimando, até, famílias inteiras.

As autoridades sanitárias do Estado enviaram comissão de médicos e guardas sanitários a Paranaguá, tendo à frente os Drs. Manuel Carrão, Raimundo Silva, Bernardo Leinig e Antenor Pamphilo, para caracterizar, in loco, a epidemia.

Foram levados a Curitiba elementos para investigação bacteriológica: um rato morto, materiais do fígado, baço e bubão de um menino morto da moléstia suspeita.

A própria capital paranaense passou a participar do clima de expectativa quanto a um possível alastramento da peste, cuja simples menção carregava um potencial de pânico.

Os fatos, como é natural, repercutiram na imprensa.

A "Gazeta do Povo", a 7 de outubro de 1926 estampava manchete na primeira página: "Morte aos ratos! A Gazeta do Povo pagará duzentos reis por semana ao maior matador".

De acordo com a Diretoria de Higiene e da Higiene Municipal, o matutino passava remunerar, semanalmente, quem apresentasse no pátio da repartição de Higiene, à Avenida Iguaçu, o maior número de murídeos mortos.

Repetia-se, aqui, a campanha de exterminação dos ratos, feita no Rio de Janeiro à época de Oswaldo Cruz.

Naqueles dias de incertezas quanto à natureza da doença que se alastrava ao litoral, ocorreu a contribuição dos Drs. José Pereira de Macedo e da Dra. Maria Falce de Macedo.

O Dr. Pereira de Macedo era docente da Faculdade de Medicina e diretor do Gabinete Médico.

Os dois, em anos anteriores, haviam estagiado em Manguinhos, familiarizando-se com as técnicas bacteriológicas modernas.

Notava a "Gazeta": "Como a Higiene do Estado, no seu desolador pauperismo não dispunha sinão de um simulacro de laboratório, com magérrimos vidros em hipotéticas prateleiras, a simular abundância de drogas e com um servente apenas, para, de quando em quando, dar-lhe uma olhada de esquelha, o Dr. Victor do Amaral pediu auxílio aos distintos profissionais Drs. Pereira de Macedo e Falce de Macedo, no sentido de, por especial favor à Higiene, fazerem em seu laboratório particular os exames necessários".

Os Drs. Pereira de Macedo conseguiram identificar o bacilo da peste, inclusive realizando inoculações em cobaias, que resultaram positivas.

Mesmo assim, a corrente dos que tentavam negar a ocorrência da peste (por motivação, talvez, política) também encontrava expressão na imprensa.

Seguindo a "Gazeta", "O Dia", na mesma data, lançava dúvidas sobre a incompetência dos médicos que realizaram os exames.

Na verdade, "O Dia", ao mesmo passo que reconhecia a constatação da existência real da epidemia pestosa em Paranaguá, deixava margem à dúvida, ao escrever "sábido ainda, o que é de domínio público, que as nossas autoridades sanitárias encontraram num rato o bacilo da peste, cuja autenticidade foi indiscutivelmente constatada, é sábido também que se inoculou esse bacilo numa cobaia que, entretanto, não adoeceu, o que se deduz de tudo isto é que elas não entendem nada do riscado, e por aí andam às tontas, às apalpadelas, sem saber que rumo devem tomar. Nesse caso, o governo que se procure cercar de outra gente para bem da salvação pública, do nosso sossego, do estado sanitário e da vida econômica de nossa terra".

A "Gazeta" contra-atacou: "Incompetente, no caso, foi a Higiene, que necessitou de recorrer a profissionais estranhos para realizar os exames dos materiais colhidos no local de infestação".

Um detalhe pitoresco, noticiado pela "Gazeta": "A última, maior e gravíssima incompetência revelada pela Higiene Estadual foi ter (ouçam bem que não é mentira!) atirado ao caixão do lixo, o cobaio infectado pela inoculação feita experimentalmente pelo Dr. Pereira de Macedo, na Profilaxia".

E, adiante: "Fomos informados que o Dr. Macedo não conteve seu assombro quando soube que o animalzinho totalmente bubônico fora ao lixo!".

No dia seguinte, 3 de outubro de 1926, "O Dia" reconhecia que "acha-se oficialmente constatada a existência da peste bubônica em Paranaguá", e publicava uma entrevista com o Dr. Pereira de Macedo, que

confirmava a morte das cobaias "por simples escarificação no ventre de uma gota de cultura", aduzindo uma explicação de que numa das inoculações "feita por um auxiliar da Repartição de Higiene perante acadêmicos de Medicina, sendo que esta não adoeceu".

Assim deu-se a participação dos Drs. José Pereira de Macedo e Maria Falce de Macedo no episódio da peste bubônica em Paranaguá, uma curiosidade histórica na vida destes grandes paranaenses, cuja memória é, sempre, caramente cultuada por seus antigos alunos.

José Pereira de Macedo há de ter recebido "arquição de incompetência" com a equanimidade que sempre demonstrou, em sua vida pública e universitária. Impressionava sua estatura moral, um homem sereno, mas de absoluta firmeza.

Suas atitudes eram sempre de uma bondade carismática, tendendo à tolerância, a defesa dos mais fracos e arrostando com tranquilidade a oposição, às posições que assumia.

Um verdadeiro varão de Plutarco.

DISCURSOS PROFERIDOS

DISCURSO DO PROF. PEREIRA DE MACEDO AO ASSUMIR

A PRESIDÊNCIA DA ASSOCIAÇÃO MÉDICA DO PARANÁ 1934.

O critério adotado no início da Associação Médica do Paraná, de eleger o seu presidente dentre os mais novos, deu com Milton Munhoz, os resultados surpreendentes que todos conhecemos, concretizados na organização da sua sede onde uma permanente convivência facilita, com maior solidariedade afetiva dos seus membros, o necessário intercâmbio de ideias e conhecimentos; na criação da sua biblioteca; na publicação regular da sua revista; na consolidação enfim, do nosso gremio, resultante da fusão feliz das várias sociedades médicas de Curitiba, num bloco homogêneo e indissolúvel, orientado no sentido do anelo comum de engrandecimento do conceito médico, da sua elevação moral e cultural. Esforço alias para melhor servir a coletividade porque é um traço característico da índole médica o relegar para plano secundário, quando não esquecer de todo, aquilo que diz respeito aos seus próprios interesses de bem estar - pessoal.

Não sei se os meus ilustres colegas andaram bem avisados na mudança do critério já experimentado com sucesso para o do menor merecimento, no posto máximo da nossa associação de classe. E dali quem sabe se o vosso ato de bondosa complacência, elegendo-me seu presidente, não obedeceu a ocultos designios protetores nesse nivelamento de postos para evitar melindres pessoais e a cobiça de mando que trariam fatalmente, no nosso meio, a dispersão de elementos necessários à obra de elevação e de cultura pela qual se empenha a Associação Médica do Paraná.

Habituação que sou a jamais negar a minha insignificante contribuição de boa vontade aos cometimentos que visam o bem geral, aceitei a incumbência honrosa que me destes, confiando nos meus companheiros de diretoria,

assim constituída: Presidente Prof. José Pereira de Macedo, Vice Presidente: Prof. Miguel Isaacson, Secretário Geral: Dr. Victor do Amaral Filho, 1º Secretário Dr. João Oscar Espindola, 2º Secretário: Dr. Armando Petrelli, 1º Tesoureiro: Dr. João Alfredo Silva, 2º Tesoureiro: Dr. Aureliano Matos Moura, Orador: Dr. Mário Braga de Abreu.

Todos pertencentes a ala moça que poz a nossa Associação no pé em que se acha confiando nos meus ilustres consócios cuja colaboração imprescindível, estou bem certo, não faltará à nossa administração que já traz em si o duro destino de fazer menos pela impossibilidade de acompanhar na mesma importância de cometimentos realizados, a Diretoria que acaba de encerrar com desusado brilho a sua fecunda gestão.

Hoje é o dia da Pátria. Não foi por simples, acaso que a classe médica do Paraná escolheu esta data de tão alta significação cívica para a sua festa de confraternização e de amizade. Os médicos do Paraná elegendo o dia da Pátria para nele inventariar o esforço de todo um ano de labor profícuo e nele iniciar uma nova etapa de trabalho pela sua valorização moral e técnica, demonstram compreensão nítida do verdadeiro patriotismo que no Brasil não pode ter melhor forma de manifestação, mais expressiva e conveniente à Nação do que esta do esforço de cada um pelo seu próprio engrandecimento moral e intelectual de modo a se por em harmonia com o sentimento coletivo e com a grandeza da Pátria em que teve a suprema ventura de nascer e cujo destino, na vida universal, não pode ser outro que o inspirado pelo sentimento da sua gente, o seu grande destino de humanidade, de confraternização e de paz.

MEU CANTO DO CISNE

Discurso pronunciado na sessão solene da Faculdade de Medicina da Universidade do Paraná, em 24 de setembro de 1953.

Constituiu fato de marcante expressão social e científica, que ficará gravada indelevelmente na história da Medicina brasileira, a solenidade da despedida do benquisto Prof. José Pereira de Macedo, ao completar o longo período de 30 anos de serviços prestados no desempenho da nobre missão educacional, através da qual seu nome avultou, surgindo como um expoente da cultura, um sacerdote do magistério, a par de suas sublimes virtudes de Médico que soube fazer da Medicina um sacerdócio, cultivando acima de tudo a solidariedade humana.

A sua oração de despedida bem comprova o que dissemos e expressa, em palavras candentes, repassadas de profunda saudade, uma vida posta a serviço da humanidade, vida que se engrandeceu pelo trabalho e pela dedicação ao dever, a par de seus sentimentos cívicos.

Caráter íntegro, despido de vaidades, ostentando aquela modéstia tão própria dos homens de valor, o Prof. Pereira de Macedo, legítima reserva moral do Paraná, conquistou, em muitos anos de atividades, apenas amigos, amigos devotados, que nele vem o cidadão útil, o educador brilhante, o brasileiro que sempre soube honrar seu país.

AS SOLENIDADES

Durante a solenidade usaram da palavra, saudando o estimado Professor José Pereira de Macedo, os ilustres Professores. Carlos Moreira, Ernani Simas Alves, acadêmico Jorge Garcia Arias e Dr. Dalio Zippin em nome da Sociedade Socorro aos Necessitados.

"Meu Canto do Cisne"

Ao ser avisado desta solenidade, promovida por amigos generosos da nossa querida Faculdade de Medicina, procurei por todos os meios impedi-la. Para isso usei, intencionalmente até de inocentes ardís psicológicos, recursos muito naturais e humanos da maravilha que é o nosso misterioso inconsciente. Mas diante do inevitável, entrei a pensar como deveria eu corresponder a tão alta distinção.

E se eu deixasse ao azar de um improviso? É sempre perigoso o improviso, principalmente tratando-se de mim, incapaz que sou de dominar as emoções do meu coração demasiado sensível. Melhor será um discurso escrito, cuidadosamente composto no meu gabinete estudado e refletido como devem ser as orações de estilo academico, no decorrer do qual com tempo e vagar dando livre curso às descargas emotivas dos meus afetos por ninguém assistidas, possa eu, satisfeita a minha emotividade, subordiná-la à esfera intelectual, tornando-me, pelo domínio da inteligencia e da vontade, senhor de mim mesmo, das minhas palavras e dos meus sentimentos assim reprimindo em público, as lágrimas que não ficariam bem nos olhos do morto numa cerimonia fúnebre e corpo presente.

Qual o sentido desta homenagem, a mim prestada pela Colenda Congregação da Faculdade de Medicina? Por ventura dei algum passo decisivo no progresso das ciências? Acaso transpús nas minhas atividades universitárias um marco expressivo de maior eficiência dadática com promessas de um maior rendimento de ensino?

Nada disto aconteceu, meus amigos. Apenas fui afastado do exercício da minha cátedra de Anatomia que eu sei, melhor do que ninguém, não haver exercido, durante mais de 30 anos com a necessária competencia e imprescindível sabedoria, mas que, em verdade, não deslustrei no ensino da pesada disciplina que eu nunca cheguei a aprender, tudo entretanto, tenho dado de mim, do meu esforço da minha boa vontade, da minha -

inteligência, do meu brio, da minha dignidade de homem livre, do meu quase insolente orgulho que todos os que convivem comigo, erradamente, confundem com modéstia, paixão negativa que nunca entrou no meu feitio moral honesto e rigorosamente justo para comigo mesmo. Dei de mim o que tinha de melhor na minha natureza moral: a minha alma, apresentando-me aos jovens estudantes, tal como, invariavelmente, sempre fui: "De pé e estendido, de frente e de costas, de flanco, à direita e à esquerda, em todas as atitudes naturais" à maneira de Montaigne.

Eu poderia resumir todo este auto elogio, dizendo que exerci as minhas árduas funções de professor com amor. Amor pela ciência anatômica - a mais antiga das ciências, a ciência fundamental do curso médico, a mais bela, a única ciência capaz de, por si só, satisfazer a curiosidade de um filósofo. Amor pela Faculdade de Medicina, da nossa modelar Universidade de 1912, criada pela iniciativa privada paranaense, nascida à luz de um clarão subitâneo da liberdade de ensino, numa dessas distrações fecundas da zelosa e sempre vigilante autoridade estatal, quando nela ingressei como aluno há 40 anos passados; da nossa ainda modelar e gloriosa Universidade do Paraná de 1953, quando dela o decreto da minha decrepitude afasta o meu corpo perecível, mas não a minha alma, que nenhuma força temporal existe para arredá-la da obra ingente que também ajudou a construir. Amor pelos meus alunos, que a todos quiz como filhos, com eles sofrendo as amarguras dos maus exames que, mais do que a eles, me reprovaram como professor que não soube evitar os seus fracassos, do que me penitencio nestas confissões da hora extrema, confissões que me obrigam, contra os meus hábitos, a falar em mim, e também falar de mim, aliás proceder justificável na minha idade, pois na velhice vive-se da saudade e da presunção, e falar em si é o consôlo dos velhos que se deliciam em recordar as proesas da mocidade e aparentar vantagens intencionalmente deturpadas pela fantasia e que só existem na imaginação.

Repito a interrogação que a mim me fiz: qual o sentido desta homenagem? O tom festivo dela não me está parecendo mágua pela perda de um professor sofri-vel, muito menos, uma reverencia pesarosa de parentes e amigos do morto prestes a ser afundado na escuridão de um túmulo. O discurso, o belo discurso do meu amigo prof. Carlos Moreira, que trai a suspeição de uma velha amizade, a afetividade de uma longa convivencia dos nossos espíritos afins, na harmonia dos mesmos propósitos de moralizar o ensino médico e de elevar os créditos da nossa Faculdade de Medicina, também não lhe responde. Não lhe respondem os brilhantes discursos laudatórios, acoimados de generosa parcialidade afetiva dos meus amigos professor Ernani Simas Alves e academico Jorge Garcia Arias.

Não me havia ocorrido, por absurda, a possibilidade de ser esta festa um agradecimento por supostos serviços prestados à Universidade ou ao ensino, pois se assim fosse, errados estaríamos todos nós, porque se alguém alguma coisa tem a agradecer, esta festa eu é que deveria a vós dedicar, a vós que, da minha gratidão, muito mais ainda mereceis. Devo à Universidade e a vós, tudo o que sou e tudo o que tenho de bom no meu espirito aqui forjado no vosso elevado e culto convívio. A Universidade devo a minha posição social, o bom conceito em que sou tido na sociedade curitibana, a segurança economica da minha velhice, e sobretudo, o que a mim mais importa - a minha felicidade doméstica. A vós mestres e alunos, eu devo a acolhedora simpatia da vossa amizade, a vossa complacencia, o vosso estímulo para o exercício de funções superiores aos meus méritos.

Melhor é ficar no ar a pergunta indiscreta, porque qualquer resposta seria fatal aos propósitos desta solenidade que, não exprimindo, como me apraz acreditar, satisfação pela ausencia forçada do amigo, do meio universitário; não sendo um movimento de protesto contra uma suposta arbitrariedade do Estado de traçar limites em fatos de ordem biológica, e limitados pela própria natureza; não traduzindo alegria, nem mágua

por um ato banal da rotina burocrática, o sentido desta generosa homenagem poderia ser de consolo a um amigo necessitado de piedade, mas isso não me o diríeis, almas sensíveis e delicadas, certos de que ofenderíeis a suscetibilidade de meu desmedido orgulho que às vezes confina com a vaidade. Não me o diríeis e eu vos fico imensamente grato não obstante me sentir preparado psicologicamente para receber a sua confirmação, porque, durante os longos anos de estudo da ciência anatomica, por ela inspirado, procurei conhecer a natureza moral do assombro prodigioso da mais completa e perfeita obra de Deus - o homem, observando a conduta dos meus semelhantes e identificando-a com a minha propria psicologia, aprendendo assim a serenidade para aceitar conformado, as mais duras verdades relativas a minha pessoa e aos meus atos.

Com o prof. Bertarelli, filósofo e poeta da medicina, que hoje com mais de 80 anos, em plena atividade científica e literária é um exemplo de velhice feliz e fecunda, também aprendi, no seu magnifico "Envelhecer Sorrindo", recém publicado, que "Os anciãos são aposentados para não constituir obstáculos no caminho dos moços que, algumas vezes valem menos do que eles. Ao velho professor jubila-se, mas não se permite que continue a ensinar. Distribuem-se recompensas, títulos, ordens honoríficas, medalhas aos velhos, são bugigangas com que os povos civilizados substituem as tatuagens dos primitivos. Mas tudo isso tem o mesmo valor das flores e dos discursos nos funerais. Percebe o velho sem dificuldade que com estas supostas homenagens procura-se fazer-lo compreender que a sua vida se acabou, pelo menos como existencia social; e ele, quando ainda tem tanta vontade de viver, sabe dar a tudo isso o próprio valor".

O meu caso não é bem esse: não valho mais do que aqueles aos quais estive obstruindo o caminho nem tenho, assim, tanta vontade de viver, porque não vejo uma razão para temer a morte que me parece ser um grande bem, pela impressão que sempre tive de ver no rosto impassível dos mortos, no anfiteatro de anatomia, a

serena tranquilidade de uma paz como nunca vi nas feições dos vivos.

Mas, não me diríeis que a piedade que vos move nesta festa de consôlo, porque eu vos poderia responder: piedade devem ter os velhos dos moços que enveredam por trilhos por ele já palmilhados, como indivíduo que, tendo atravessado, com dificuldade e mais ou menos sucesso, um tremedal, do outro lado visse alguém nas mesmas circunstâncias com probabilidade de não alcançar, a margem firme.

Não é preciso que alguém me o diga. Eu vos compreendo, meus amigos não apenas na significação literal do vocábulo compreender como simples ato inteligente de conhecimento ou entendimento de sensações recebidas do exterior. Compreendo-vos no sentido filosófico do termo que diz alguma coisa mais do que entendimento ou ciência, por isso que é uma complexa operação do espírito resultante das forças interiores, morais e sentimentais coordenadas e estimuladas pela própria alma capaz de perceber o que a inteligência ignora.

Compreendo o que vós não sabeis, nem eu também compreendo o sentido de amizade e carinho que vos levou a prestar ao velho professor proscrito esta homenagem, não importa o seu qualificativo: júbilo, pesar, consôlo ou piedade.

Eu vos compreendo, meus bons e queridos amigos, e vos agradeço do fundo da minha alma enternecida esta homenagem que não mereço e que, só por isso, eu não desejava; agradeço, sobretudo, este momento inefável e indefinível que me proporcionastes de derramar o torrente de lágrimas que me vem embaciando os vidros dos óculos em cada linha deste discurso e molhando o papel no qual eu o rascunho, na solidão das quatro paredes do meu gabinete de estudos, onde estou predispondo o espírito para o domínio de mim mesmo, afim de evitar em vossa presença a pieguice desta grata e inolvidável emoção que é minha, sómente minha, e que eu, avaramente, não desejo que outros dela participem, velho que sou, forçado a me agarrar em pontos de apôio, como o náufrago

que não permite mais ninguém na sua tábua de salvação.

Bendita emoção que veio reforçar no meu espírito o que a experiência de longos anos de vida me tem ensinado da infinita misericórdia de Deus, cuja justiça regulada por leis irrevogáveis, é um assombro de benignidade na punição merecida dos nossos destinos e de merecida magnanimidade na recompensa dos nossos acertos ou atos bons.

Bendita emoção da qual saio revigorado pela sensação da valia, como jamais igual a experimentei em toda a minha longa existência, rejuvenecido e animado para a vida, cheio de ambição de me não deixar vencer pela ociosidade da minha invalidez legal, e de empregar o meu tempo, ora vazio, em qualquer ocupação compatível com as minhas forças, procurando me educar para a senectude de forma a incomodar o próximo o mínimo possível.

Esta educação para a velhice eu já iniciei acerca de 20 anos, quando o meu filho, então com a idade de 5 a 6 anos, depois de uma altercação com o avô, me aconselhou: "Pai, você fique velho, mas não fique burro". Nessa ocasião o desgaste físico do meu organismo não havia ainda se iniciado. Ainda era moço, mas pus sentido naquela sensata recomendação e daí por diante, toda vez que estava na iminência de cometer uma burrice de velho eu me continha. Não digo que tenha adquirido completa imunização. Não obstante estar prevenido algumas terei feito e, sem dúvida, muitas outras farei daqui por diante.

Algum filósofo já disse: "Quem não tem o espírito da sua idade tem todos os defeitos" Eu também disse em 1942, no Ratary Clube, numa palestra "Feliz velhice, infeliz velhice" em defesa dos direitos do

homem de 60 anos que as leis trabalhistas impedem de trabalhar, que "ter o espírito da sua idade, não significa envelhecer com o corpo. O espírito não envelhece, mas evolue em certeza e claridade. O velho que se não conforma com a velhice é um insensato cujo espírito estacionou. A sua infelicidade consiste na persistência de paixões juvenis e na impossibilidade de satisfazê-las. Se a elas renuncia, e lastima as forças perdidas, é digno de piedade. Se nela insiste, cai no ridículo. A velhice nestas condições é mais do que um castigo. É uma desgraça. Schopenhauer disse que "todo o gozo não é mais que a satisfação de uma necessidade e o indivíduo não é desgraçado por perde-lo. É a mesma coisa que não poder comer depois de ter comido ou dever velar depois de toda uma noite de sono.

O velho que vive segundo a sua idade e faz uso da sua experiência e sabedoria, experimenta uma grande satisfação - o de poder, segundo o mesmo filósofo, "olhar sorrindo os prestígios fictícios do mundo". E realiza o seu destino no período de maturidade, percebendo com certa nitidez, no encadeamento dos fatos da vida os élos que os unem nublados pelas ilusões da mocidade".

No palco da vida o velho pelo seu poder de reflexão, pela experiência adquirida através dos anos, desempenha um papel intranferível porque só na velhice o homem se encontra em condições de bem distinguir o real do irreal. É ainda Schopenhauer quem afirma:

"Só o homem chegado a uma idade avançada terá uma idéia completa e exata da vida, porque sabe abrange-la com um golpe de vista em todo o seu conjunto e no seu curso natural, sobretudo, porque não vê, como os demais unicamente do lado de fóra, como também do lado de dentro".

Dai o meu propósito de me educar para a minha acomodação nesta fase, oficialmente iniciada, da velhice que, desde muito antes, andei procurando esconder no convívio ruidoso dos meus jovens alunos, mas que o Estado num dos seus raros acertos, denunciou, calculadamente, no prazo prefixado, afastando-me do convívio

juvenil, pois o destino da juventude é diametralmente oposto ao da velhice, bem como os seus interesses e meios de ação para cumpri-los. "Aos anciãos predica o extraordinário Montaigne, pertence sonhar e tontear; e aos jovens manterem-se em boa reputação e em melhor desígnio; eles marcham para o crédito, caminho do mundo, e nós outros voltamos. As próprias leis nos mandam para o nosso retiro".

Montaigne, suponho, refere-se às leis naturais; a mim, (lá vai uma bazófia de velho incorrigível) foi preciso a intervenção estatal para me por fora do animado convívio universitário, onde, é verdade, a minha situação excêntrica não poderia continuar sem graves consequências para o ensino, e principalmente para mim, exposto que estava, no mínimo, ao ridículo de ilusões impróprias para a minha idade.

É tempo de parar com este discurso, mesmo porque percebo, já tarde, que só falei em mim; e falar em si é a mais incomoda, para os outros, das inocentes manias dos velhos. Qual! De nada valeu o sensato conselho do meu filho: todo o meu plano de profilaxia espiritual para a velhice se foi, águas abaixo... É inútil teimar com o inelutável, Velho, é velho mesmo.

O pior é não encontrar, no meu caso, um pretexto para fechar esta oração, por motivo de ordem estética, com os lindos versos que Olavo Bilac dedicou ao eminente professor Ernesto Bertarelli e cujo harmonioso gorgoeio eu, havia premeditado enxertar neste meu canto do cisne, no momento em que se rompe o fio da minha vida universitária; primorosos versos que sómente a um moço poderia a musa da poesia inspirar:

Envelheçamos rindo. Envelheçamos! Como as árvores fortes envelhecem, na glória da alegria e da bondade.

Agazalhando os pássaros nos ramos. Dando sombra e consôlo aos que padecem.

1º - Que acha, Prof. Macedo, das influências que um catedrático possa exercer na formação do universitário, orientando-o não só na sua vida profissional, mas na sua formação espiritual?

2º - Os alunos deviam procurar viver em contacto com seus mestres, buscando soluções de ordem científica, profissional e cultural?

RESPOSTA: - Ao ingressar na Universidade o jovem estudante encontra-se em um meio inteiramente diferente daquele em que, até então, viveu. Da situação de tutelado, mais ou menos irresponsável, passa para uma outra de liberdade e responsabilidade.

Coincide essa brusca mudança de vida e de ambiente, com a fase biológica de transição entre a minoridade e a maioridade da sua pessoa física que sofre, neste momento, na esfera moral, uma transformação psicológica fundamental para a linha de conduta na formação do espírito do futuro profissional.

Nas diversas etapas do curso pré-universitário, menino e adolescente, viveu em meios estanques dos preceitos sociais familiares e doutrinários, submetido aos íntimos propósitos dos pais extremos ou mentores, numa atitude de luta, sem dúvida, legítima e necessária, mas de sentido essencialmente egoísta.

Este propósito o jovem estudante, ainda tutelado, o leva até o pórtico universitário onde trava a batalha decisiva dos exames vestibulares e usando, salvo honrosas exceções, os processos condizentes com a causa pessoal que defende. Até este ponto, em regra, o jovem estudante não teve uma oportunidade de perceber outros interesses que os seus próprios. Por eles lutou e venceu, vivendo uma fase da vida dentro da moral estabe-

recida em torno das conveniências individuais, no melhor dos intuitos, exageradas pelo amor dos pais que vêm no filho um prodígio.

Ao descerrar-se-lhe, amplo e arejado, o âmbito universitário, sofrendo o embate de estados psicológicos contraditórios do ser em transição física e moral, ao jovem estudante novos e dilatados horizontes se abrem no caminho a seguir para a conquista de uma profissão que ele já vai percebendo não dizer respeito apenas às suas conveniências egoístas e limitadas, mas, também, à comunhão social que exige, do profissional diplomado, ciência, ética e moralidade. Só isso? Não. A sociedade que, no curso universitário, lhe paga os estudos, espera ainda mais: o futuro mestre, o administrador público, o condutor de homens, certa de que o mundo de amanhã será o que os moços de hoje quizerem que o seja. Eis, porque, o jovem estudante pré-universitário, mimado pelos pais cheio de direitos de fazer ou não fazer o que bem entende, despoja-se, na Universidade, desses pretensos direitos, carregando-se de deveres, cada um maior e mais sério, decorrentes do privilégio conquistado na prova vestibular que barrou o ingresso universitário a uma multidão.

É natural que o jovem estudante, que apenas inicia a sua formação espiritual, tenha necessidade de alguém que o auxiliie a compreender a responsabilidade de uma situação social avantajada que o obriga a um máximo de esforço no cumprimento dos seus deveres escolares; que lhe indique o único caminho a percorrer para o êxito de um superior destino selado no ato de sua matrícula num curso superior; que o conforte com uma palavra afetuosa de estímulo, animando o jovem inexperiente, isolado no meio estranho, as mais das vezes, em terra estranha, ainda vacilante no desempenho de um papel no ato do qual é figura viva e principal.

A quem essa meritória missão? Por certo que ao professor. Se ao professor fosse atribuído somente o trabalho de prelecionar a matéria de sua cátedra, sem

dúvida que a algum espírito prático já haveria ocorrido a substituição do corpo docente de uma escola por uma discoteca. A ninguém, porém, semelhante idéia ocorreu. Quer dizer que o professor é imprescindível e insubstituível, porque o ensino não consiste num simples movimento de fora para dentro. É um processo muito complexo que a simples percepção ou conhecimento de sensações externas não explica. É mais do que um ato de inteligência, a operação do espírito que resulta da coordenação das forças interiores, cujas fontes latentes no aluno o estímulo oportuno do professor amigo tem o poder de despertar.

O professor que assim não fizer, porque não quer ou por falta de capacidade de acordar no espírito do seu aluno o interesse pela disciplina prelecionada, não é professor, seja embora um sábio.

Acresce, sobretudo, no meio universitário, por motivos óbvios de ordem bio-psicológica, que, não só de ciência precisa o aluno cujo maior problema é a formação do próprio espírito. O ensino universitário tem, assim, um duplo objetivo: o de habilitar o profissional para o exercício de uma atividade útil, e o de forjar o homem para o cumprimento do seu destino social. Para realizá-lo se faz mistér a identificação do professor com o aluno que necessita, mais do que conhecimentos de verdades precárias da ciência, sugestões morais para o amanho do espírito que deve frutificar, pela compreensão de umas e de outras, em atos de inteligência, no exercício profissional e de conduta, na esfera moral.

Cabe aqui uma interrogação que importa num problema ainda insolúvel, como prova a preocupação muito significativa dos dignos jovens estudantes do Diretório Acadêmico Nilo Cairo, ventilando o momentoso assunto das relações, es entre professores e alunos.

Qual o meio de se obter a identificação do professor com os alunos? É um fato psicológico muito comum, a faculdade que os homens possuem, em grande desenvolvimento variável, de se colocarem na situação dos seus semelhantes e de compreendê-los.

"Toda a nossa vida, afirma Alfredo Adler, criador da psicologia individual, se acha em grande dependência da faculdade de identificação (ou endopatia). Se procurarmos a origem desta aptidão para proceder e sentir como se fossemos outra pessoa, encontra-lá-emos na existência de um inato senso de sociabilidade.

Este é, de fato, um sentimento universal, um reflexo da nossa conexão com o cosmo de um infalível característico do ser humano".

Como se vê a identificação do professor com os alunos é um caso puramente psicológico de endopatia, espécie de projeção sentimental ou compreensão simpática, que tem, na natureza humana, a força de um instinto para o mútuo entendimento entre os homens. Ora, os professores universitários devem ter completamente desenvolvidas as suas altas faculdades de espírito, o que facilita extraordinariamente a compreensão das dificuldades, amarguras ou simples vacilações dos seus alunos e daí, sem o mínimo esforço, apenas obedecendo à própria natureza na expansão do irrepremissível sentimento afetivo-social, ao professor nada custa, usando o seu alto prestígio e esclarecida visão das necessidades reais ou imaginárias do aluno, prestar-lhe a assistência moral como o próprio pai não o faria melhor, e orientá-lo, como mestre, na solução dos seus problemas educacionais e culturais.

Uma outra pergunta se impõe: Como aproximar o professor do aluno? O professor é um, dois ou três, se os seus assistentes quizerem auxiliá-lo nesta humana tarefa.

Os alunos são muitos e demasiado exíguo o tempo da convivência do professor com a turma toda, não havendo oportunidade de um contacto individual senão acidentalmente ou procurado pela parte interessada. O professor, por maior que seja o seu desenvolvimento endopático, dificilmente poderá procurar, na classe numerosa, o aluno que precisa da assistência benéfica, tanto mais que, justamente, os jovens mais necessita dos do professor, são os mais arredios. Outra solução não existe, fora do regime recomendável de tempo inte-

gral, senão a do aluno procurar o professor, por ocasião das aulas, nos corredores ou no próprio lar deste que, sem dúvida, o acolherá satisfeito, com benevolência e carinho.

Nenhum professor existe, pelo menos assim quero crer, capaz de negar atenção às aflições dos seus alunos. Orientá-los no único caminho do dever e da honra que se lhes oferece ao sucesso legítimo, é uma obrigação dos professores moralmente responsáveis pela formação espiritual e profissional do estudante universitário.

Procurando viver mais em contacto com os seus mestres, os alunos só se beneficiam como também colaboram, de maneira eficaz, para a consolidação do espírito universitário que depende do ativo intercambio de idéia e de sentimentos entre os professores, os alunos entre si, e entre alunos e professores.

ARTIGOS PUBLICADOS

FACCIOSISMO PROVIDENCIAL

Ainda estamos muito longe de atingir o grau de cultura política compatível com os nossos irresistíveis sentimentos democráticos liberais. Mas, o caso não é despertador, pelo contrário, no nosso substratum psíquico de animal político os bons sentimentos superam as más qualidades que o facciosismo e a politicagem exageram, nelas imprimindo a feição repugnante que, no fundo, não passa de um simples reflexo de incultura e de inconsciência cívica que nada tem de essencial e de perdurável. Nem sempre, porém, cabem diretamente a incultura ou a inconsciência cívica certos atos maus da politicagem, que se produzem como uma fatalidade a que não escapam os próprios homens bem intencionados, de incontestável valor os quais, em campos opostos, obstinados nos seus pontos de vista facciosos, mutuamente se anulam pelo personalismo das suas ações sem fim nem direção, cada um querendo justamente o contrário do que o outro quer, não porque tenham maneiras diferentes de encarar um determinado problema, mas porque é preciso dissentir e, por todos os meios lícitos e ilícitos, evitar que o adversário pratique qualquer coisa boa e útil que possa fazê-lo crescer na consideração pública.

Este mutuo derrotismo fatal as instituições e, sobretudo, ao povo que paga caro os caprichos da politicagem, representa o caso mais comum da nossa vida politico-partidária. Por isso, um gesto como o do professor João Cândido, saudando, no Rotary Club, o seu companheiro rotariano e adversário de candidatura, Sr. Manoel Ribas, repercutiu em vários pontos do país como um fato extraordinário, digno da admiração geral.

Se faço alusão ao caso não é por me haver também surpreendido com o ato de civilidade do emintente patricio, sobejamente conhecido no nosso meio para que um semelhante proceder pudesse causar tão grande sucesso entre os que já se habituaram com o seu espírito superior de cordura e de tolerância. Faço dele alusão simplesmente para focalizar um aspecto interessante do meio político paranaense, cujas agremiações partidárias, estanques para um entendimento comum no sentido do bem

geral da nossa terra e da nossa gente, não têm limites para as expansões afetivas com que se acolhem individualmente os seus adeptos separados apenas convencionalmente pela barreira de um facciosismo inexpressivo, sem um programa a realizar, nem princípios ideológicos a defender ou mesmo uma singela idéia administrativa a propor.

Talvez por isso mesmo, pela falta de idéias e de princípios que possam preocupar os nossos homens, a razão do desentendimento geral e a inutilidade dos esforços dispensados em questiunculas de caráter pessoal e sem o menor interesse para o bem da coletividade. Que é que preocupa no momento o espírito irrequieto dos nossos políticos? A criação de uma inutilidade aparatosa destinada a acomodar uns tantos cidadãos que se não conformam com o ostracismo. Nesse sentido as confabulações se sucedem e, mais do que nunca, é posto em prova o espírito de cordialidade extra-partidária que une, numa magnífica solidariedade afetiva, os membros das nossas diversas facções políticas que, felizmente, não se acertam para o assalto as posições rendosas que um senado inoportuno e sobretudo oneroso criaria para nelas se instalarem a inconsciência e o impatriotismo.

Ninguém pode penetrar as razões íntimas das coisas. Que o facciosismo inexplicável se feche hermeticamente aos cometimentos de ordem comum ainda se compreende - este deve ser o seu destino no estado atual da nossa incultura política. Mas, que o facciosismo abata as suas inexpugnáveis muralhas para um acordo geral contra os interesses coletivos, é um absurdo que nos levaria, se tal acontecesse, a descreer até da providência divina. E, enquanto não adquirimos uma sólida cultura política pela experiência quotidiana dos nosso próprios atos de cujos erros e acertos, aos poucos, iremos colhendo os materiais indispensáveis para a formação de uma consciência cívica capaz de orientar para o bem comum os bons sentimentos que nos dobram, rendamos graças ao desentendimento providencial das nossas facções políticas, porque se elas se pudessem entender a coisa seria muitíssimo pior.

ÁRVORE MISTERIOSA

Num belo livro "Barra Velha" recentemente publicado, o apreciado poeta conterrâneo Serafim França, colecionou várias lendas regionalistas confirmando a inteligência sutil do caboclo e a sua intuitiva sabedoria das coisas cujas relações ele aprende com a maior facilidade e com um discernimento surpeendente.

Dentre as lendas descritas por Serafim, a da Árvore Misteriosa merece ser conhecida e profundamente meditada pela sábia lição que a sua sugestiva moralidade encerra.

Os nossos caboclos da marinha acreditam ou pelo menos admitem a existência lendária de uma árvore misteriosa de cujo tronco o seu proprietário teria uma canoa com o dom miraculoso de encontrar a rica morada dos peixes, mas, é em vão procurá-la porque a árvore misteriosa que prodigaliza sombra boa aos homens de intenções puras, não se deixa apanhar pelos que a perseguem movido só pela cobiça do tronco mágico.

A sutileza da inteligência sentimental do nosso caboclo da marinha sintetiza na fronde ramalhuda da árvore da lenda desejos de fartura material e aspirações morais. A árvore encantada é o seu desejo honeto de dar com a rica morada dos peixes. É também a sua sabedoria milenar que objetiva no gozo da sombra protetora da árvore fugidia a recompensa devida aos homens de boas intenções. A árvore misteriosa é a esperança que dá alento para as agruras da vida, na eterna busca de uma miragem que às vezes surge na realidade de uma copa verdejante "aos que não levam maldade no íntimo e abre uma sombra que é um regalo de frescura para refazer canseiras e inspirar pensamentos benfeitores". Sombra boa e acolhedora aos homens bons e que se muda para bem longe e se esconde dos máus que, em lugar da árvore encantada, encontram para os seus ruins desejos os tormentos de um formigueiro.

A lenda é uma criação da alma popular e revela a inteligência, as virtudes e a sabedoria do povo de cujas aspirações brota espontânea e vigorosa. Significa a experiência longamente vivida e cristalizada em conquistas do espírito que enriquece o patrimônio moral da humanidade.

Regional, sem dúvida, adstrita à simplicidade dos meios de expressões do nosso caboclo do litoral, a lenda da árvore misteriosa reflete o senso de moralidade e a agudeza do espírito da nossa gente do mato de cujo poder de generalização é uma prova o sentido universal da sua concepção que ultrapassa as orações locais, condensando o seu motivo poético de rara beleza e profunda verdade, os móveis das ações humanas e as suas consequências.

Não sei de outra imagem que melhor possa exprimir o sonho de prosperidade e de paz que o da árvore misteriosa, cuja ilusão fagueira conduz o esforço do espírito humano na busca seja do seu tronco material ou seja da sombra ideal da sua copa ramalhuda e acolhedora.

Não sei de símbolo de maior beleza e expressão poética e que melhor possa representar, de maneira mais concreta, a promessa de íntimo prazer e felicidade para os que procedem bem e do castigo justo que devem sofrer os maus.

Não sei de melhor e mais edificante sugestão moral que o da busca dessa árvore encantada cuja sombra "é um regalo de frescura para refazer canseiras e inspirar pensamentos benfeitores".

A miragem da árvore misteriosa sempre viveu, vive e viverá na visão dos seres humanos, dependendo de cada um, por suas próprias ações, a perspectiva de um formigueiro ou a certeza de uma sombra boa, acolhedora e reconfortante.

GUATRACÁ

O Governo da República foi bem inspirado quando divulgou a carta de Vaz de Caminha para que fosse melhor conhecido o notável documento com o qual a nossa história teve início. E bem inspirados andarão todos quantos a propagarem salientando a beleza do seu estilo, a ingênua simplicidade das suas observações e sobretudo a veracidade do que Pero Vaz de Caminha testemunhou no dia mesmo do descobrimento do Brasil, conforme a sua própria afirmativa, sem necessidade de, para "aformosear nem afeiar", pôr mais que aquilo que viu e lhe pareceu.

Releio a preciosa carta levado por uma dessas insatisfações que um bem delicioso às vezes acorda em nossos sentidos, desejosos de mais ainda, ao tomar conhecimento, no Boletim do Instituto Histórico, Geográfico e Etnográfico Paranaense, dos trabalhos do nosso eminente historiador Romário Martins, referentes à lendária figura de Guairacá que no Brasil realizou os mesmos feitos heróicos de Cuauhtémoc no México, Atahualpa no Perú, Caupolican no Chile, na defesa da sua terra e do brio da sua gente.

Ao espírito indagador de Romário Martins devemos a revivescência desse tipo formidável de selvagem em cujo exemplo a nossa alma civilizada encontra incitamentos de nobreza e coragem cívica. E não é sem uma funda nostalgia de qualquer coisa já possuída que voltamos o pensamento para o Brasil primitivo, cheios de interesses pela vida dos selvagens brasileiros de cujos sentimentos bons, de hospitalidade e de préstimos servisais, Vaz Caminha faz menção em várias passagens da sua singela narrativa, não sem uma ponta de ironia na compreensão psicológica das intenções íntimas da barbárie e da civilização, como por exemplo, quando menciona o primeiro entendimento com os selvícolas: "Viu um deles umas contas de rosário brancas; acenou que Ihas dessem, e folgou muito com ela e lançou-as ao pescoço, e depois tirou-as e embrulhou-as no braço, e acenava para a terra e então para as contas e para o colar do Capitão como que dariam ouro por aquilo.

Isto tomavamos nós assim pelo desejarmos; mas se

ele queria dizer que levaria as contas mais o colar, isto não queríamos nós entender, porque não lho havíamos de dar; e depois tornou as contas a quem lhas deu". Ou quando nota a tranquilidade de atitudes dos selvagens em meio dos navegantes "em maneira que são muito mais nossos amigos que nós seus", ou ainda quando afirma "esta gente é boa e de boa simplicidade, e imprimir-se-á ligeiramente neles qualquer cunho que lhes quizerem dar; e logo lhes Nosso Senhor deu bons corpos e bons rostos, como a bons homens, e ele que nos por aqui trouxe, creio que não foi sem causa".

Já tive ocasião de dizer que os indígenas que tão bem acolheram os primeiros estranhos que pisaram as nossas terras, quando ofendidos pelos colonizadores na sua honra e na sua liberdade souberam reagir com indômita bravura às intenções malévolas dos opressores que jamais os conseguiram escravizar, no Brasil, em terras do nosso Paraná, teve em Guairacá a expressão do supremo valor e excelso heroísmo como diz Romário Martins neste trecho de ouro com que encerro esta crônica: "Os séculos passaram sobre os grandes dias dos grandes feitos. Mas para os que amam a Pátria e a querem livre, Guairacá deve ser, ainda agora e sempre, o nune e o símbolo das defesas heróicas, a flâmula condutora das grandes resistências, o clarim que conclama a grei solidária para as conquistas da Paz que sómente se fazem com esforços decididos, incansáveis e superiores como os dele".

ZAIRA

Zaira é o título do novo livro de contos sertanejos de autoria de O.Emboaba, jovem acadêmico de medicina que nos vagares do seu laborioso curso soube dedicar-se a um genero literário sob todos os títulos estimável no estereotipar em falgrantes vividos, os hábitos da nossa gente do mato.

É o terceiro que vem a lume no decurso dos seus dois primeiros anos de academia. Este fato por si, justificaria qualquer imperfeição técnica da sua obra incipiente de autor precoce que revela, entretanto, um espírito arguto de observador exato para o qual a psicologia do sertenejo não tem segredos.

O genero literário explorado por O. Emboaba é desses para cujo sucesso não é suficiente a cultura e nem basta a imaginação que uma e outra se percebem nos seus livros "Sucuruju" e "Mocambo", acentuando-se as suas qualidades de escritor de raça em "Zaira" sabe apreciar no seu justo valor, descrevendo os episódios caipiras sem preocupação de exaltar o caboclo, nem amesquinhá-lo, mas apresentá-lo no seu feitio próprio, segundo as circunstâncias em que ele age e de conformidade com os móveis íntimos da sua ação. Neste particular o jovem escritor procede com rigor científico de serena imparcialidade que mais ainda torna valioso o seu esforço de focalizar a alma sertaneja no ponto ótimo para o seu estudo.

A alma do sertão é como a Yara lendária de um dos mais expressivos contos de " Zaira ". Os seus encantos, poucos conseguem desvendar na sua realidade surpreendente. Emboaba é um desses raros eleitos para os quais a alma do sertão tem, como Yara, prazer em mostrar sua deslumbrante beleza.

" Talvez fosse ilusão... mas vi, juro que vi. Parecia uma estátua que boiava mansamente... Os cabelos longos, muito negros, muito diversos dos cabelos verdes como o limo, lhe recobriam a nudez negligente".

" Levantei a aba larga do chapéu para ver melhor... Si quizesse gritar talvez não o conseguisse;. Quem sabe - mas tive a impressão que minha vida estava

baloiçando nos lábios entreabertos de espanto".

"E ela boiava, com o rosto ligeiramente voltado para mim".

"A distância que nos separava era de apenas alguns metros e a lua espantosamente clara me permitia observar, sem perder um detalhe".

"Ela me contemplava com um sorriso. E as mãosinhas agitando a água produziam espumas que pareciam chuvas de raios".

"No meu espanto e temor, mal pude fazer um movimento: o de me defender dum possível ataque. Mas bastou".

"Ela - eu pude ver bem na minha comoção - mordeu os lábios rubros, num gesto de desgosto. E suas mãosinhas agitaram raivosamente a água"...

"Tive a sensação de que ela se zangara com meu jeito de desconfiança"...

"Naquele lugar as águas faziam um manso rodeio - Ela acompanhava a correnteza. Teve um momento que ela passou tão perto de mim que si eu quizesse, poderia tê-la alcançado dum salto. Mas eu estava fascinado... Ela - pareceu-me - tinha prazer em desvendar a mim os segredos que se acham envoltos - nas brumas das lendas"...

Intencionalmente ou não, os títulos dos seus três volumes de contos - sertanejos refletem a alma do sertão que O. Emboaba deslumbrado surpeendeu na nudez magnífica das suas atitudes mais características: de fereza bravia em "Sucuruju" e de amocência acolhedora em "Mocambo" e de amorosa e terna candura em "Zaira".

O NOSSO CABOCLO

Romário Martins, trabalhador infatigável no mister de expor à luz do dia os fatos paranaenses aquecidos pelo sentimento cívico da sua sadia brasilidade, vem observando, no litoral, alguns aspectos do nosso praiero, aliás, em tudo identico, como afirma o eminente historiador e sociólogo, aos demais da costa do sul do país. Não é temeridade avançar - em tudo igual aos de toda a extensa costa brasileira, porque o caboclo brasileiro é, no litoral e serra acima, sempre o mesmo tipo inconfundível ao qual as variações regionais muito pouco afetam nas suas características físicas e, em nada, a sua alma inculta, ao mesmo tempo candida e viril que é bem a nossa pátria na ingenuidade do seu proceder e na grandeza do seu altruismo.

Nosso caboclo é ainda um mistério. "Puro indio domesticado ou ser mestiço" como diz o brilhante escritor patricio, o caboclo, jogado na imensidão das florestas, em contacto muito superficial com a civilização da qual não recebe o mínimo influxo, nem qualquer favor, e antes, pelo contrário, civilizando-a com os produtos das suas indústrias primitivas e sevindo-a nos mistéres que exigem a resistência física e o estoicismo de que carecem os civilizados para vários fins progressistas, sobretudo para a conquista dos sertões, o caboclo é um ser altamente inteligente e possuidor de qualidades morais que revelam o homem na acepção mais ampla do termo significativo de ente racional e digno. Ao invés de uma raça de cuja existência principia, a nossa gente do mato dá a impressão de ser uma raça que já teve o seu apogeu que guarda intacta nos seus refoelhos anímicos as conquistas morais de milênios.

Romário Martins, numa das suas crônicas enviadas de Paranaguá, comenta a obra de arte produzida por um caboclo do Valadares. Mais do que a perfeição relativa do zepelim confeccionado pelo caboclo artista denota finissima inteligência, a filosofia profunda da fleugma do tabaréo na apreciação das críticas feitas ao meu trabalho.

A quem observe superficialmente o nosso cabo-

clo, poderá parecer que, afora a sua reconhecida hospitalidade, as suas ações obedecem a instintos animalizados em que não intervém raciocínio, nem consciência, tal a apatia que se desenha no seu todo e que o torna como que indiferente, desanimado e amesquinhado na grandiosidade do meio em que se agita, arrastando a vida costumeira sem interesse. Mas quem já conviveu com ele nos seus amplos domínios ou mesmo prestou um pouco de atenção na sua psicologia, não põe dúvida quanto ao seu valor revelado a cada passo nos sentimentos de desinteresse pessoal, de fidelidade a palavra, de abnegação, de coragem, de altruismo e sobretudo de brio em defesa do qual o caboclo não só dá a vida, mas a própria liberdade que é o seu maior bem. Ora, quem sabe prezar o próprio brio como o faz o nosso caboclo são fatos triviais na sua existência de lutas sem tréguas com os elementos naturais, não merece o qualificativo de vadio ou de inútil. O que falta ao caboclo é um pouco de estímulo para uma vida melhor.

Falta-lhe uma orientação na aplicação da sua atividade que usa só quando é forçado a usar.

Há alguns anos fiz uma excursão a Guaratuba. Nesse tempo a viagem se fazia pela estrada do Parati. Chegando neste porto, ao fundo da baía de Guaratuba, o chauffeur que me conduziu, entendeu de fazer o seu Ford atravessar a baía e o fez com auxílio eficiente de alguns canoeiros que improvisaram sobre duas canoas, uma balsa que levou o automóvel à praia da Vila. Assisti pasmado a perícia demonstrada pelos praieiros nas diferentes fases da execução do cometimento que, pensando bem, foi apenas uma temeridade. E lembro-me de ter dito na ocasião: "Esta gente parece que não faz outra coisa do que transportar automóveis em canoas". Alguns anos depois chegava no Brasil o primeiro Zeppelin alemão. Todos se lembram ainda do assombro que causou ao seu comandante, em Recife, a presteza da amarração da possante aeronave pela nossa gente brasileira que via pela primeira vez um Zepelin. O comandante teve na ocasião mais ou menos as mesmas expressões:

"Esta gente parece que não tem tido outro ofício na vida que o de amarrar Zeppelin". E note-se, aquele bravo comandante já havia assistido inúmeras amarrações do seu gigantesco Zeppelin em diferentes partes do mundo.

O nosso caboclo possui uma inteligência que confina com a intuição.

Ele tem a intuição das coisas e aprende com a maior facilidade as suas relações a age em tudo com um discernimento que destoa da sua proverbial incultura. Material excelente e imprescindível para a consolidação da nossa nacionalidade, deve ser aproveitado consoante à fórmula de Roquette Pinto citada pelo nosso eminente conterrâneo " O caboclo não deve ser substituído, mas educado".

O problema da incorporação do caboclo à nossa civilização é, porém, mais complexo do que a primeira vista parece.

A nossa gente do mato possui traços característicos que afirmam uma personalidade que não é facilmente moldável por qualquer gênero de educação.

Há muito caboclo instruído que conserva intactas as suas qualidades prejudiciais ao progresso da civilização, como há muitos que, ao simples contacto com gente adiantada, superam os mais expertos e sabidos civilizados na velhacaria. Daí o tato sutil que é preciso para o aproveitamento do homem do mato sem prejudicar as características recomendáveis do seu feitio moral.

Não faz muito tempo, tendo de apanhar o trem que saía ao amanhecer de Paranaguá, fui fazer a minha refeição matinal no mercado daquela cidade.

Ao pagar a pequena despesa deixei, conforme os nossos hábitos civilizados, o troco como gorjeta e ia-me afastando quando o caboclo que me servira me chamou: "Oi o troco moço". " É para o senhor, respondi-lhe". É preciso ter visto o gesto altivo do caboclo empurrando os niqueis com a larga mão espalmada sobre o balcão para compreender como o meu ato inocente ferira o melindre daquela alma rude e digna. " Pra que moço, leve -

isso". A recusa do caboclo não oferecia margem para qualquer insitência e eu mais do que depressa apanhei os meus míseros niqueis e fui andando, sem coragem de realizar o impulso que tive de afagar num amplexo de infinita simpatia aquele caboclo inculto que acabava de dar uma tão linda demonstração de dignidade humana.

Receber gorgeta e praticar suborno são hábitos que se aprendem pela educação, como reforçar aquela nobre compostura também é obra de educação.

Daí a complexidade do problema e a delicadeza do processo educacional a ser aplicado para a incorporação do nosso livre e altivo caboclo na civilização sem transviar o que ele tem de mais precioso na sua alma rude. Porque então, como diz o poeta Catulo da Paixão Cearense, num dos seus mais lindos poemas:

Indução! Prú piedade
Tu nasceu cá na cidade
Não vá mexê cum essa gente
Da terra do meu sertão.

ALMA DO PARANÁ

Alma do Paraná! Mas existe uma alma do Paraná? Sem dúvida que sim, pois, o Paraná, embora minúsculo trecho do Planeta, participa da natureza universal, filosoficamente concebida como um organismo vivo que tem uma razão e cuja alma, identica e total, no todo e nas suas partes não pode deixar de existir também na natureza do Paraná.

Esta alma, que a filosofia admite com o nome de alma do mundo que gera a natureza, para uns, recebe de Deus seu ser e seu sentido e para outros é a propria divindade em todos os seres, em todas as coisas.

Conciliando, de alguma forma, estas concepções teista e panteista, Giordano Bruno argumenta com uma comparação vulgar : "A alma está no corpo como o piloto num navio. Como passageiro movido com o navio, faz parte dele: quando, porém, o move e o dirige é olhado não como parte, mas como eficiente destinto". A simplicidade deste argumento se não me permitiu compreender as relações de Deus com a alma do mundo me fez, entretanto, supor haver entendido que existe uma alma do mundo e de cada uma das suas partes, como existe no homem uma alma que não é a mesma alma do mundo, se bem que o homem dela participa, e que não sendo Deus, como evidentemente não é, a alma do mundo, para ser aceita, pelo menos metaforicamente, pela razão, não precisa ser necessariamente o Ente Supremo que move sem ser movido, a Causa das Causas, Absoluta Perfeição, Suma Essência, Criador, Pai que o homem, no dizer de José Moro, "sente, ama e pensa, como homem vulgar, religioso e metafísico", ao qual dizer eu acrescento: e compreende como sábio e filósofo.

Aqui, porém, começa a minha dúvida, o primeiro embaraço sério que encontro na explanação de um assunto que ultrapassa as minhas pobres possibilidades. Se o piloto é movido com o navio e faz parte dele, da mesma forma que a alma do mundo move o universo, nem por isso pude compreender como se possa afirmar que em cada parte do navio exista um piloto diferente daquela que está todo em tudo e dirige o navio.

Assim, a alma do Paraná, sendo a mesma alma do mundo, una perfeita, indivisível, igual à todas as partes do universo, não deveria poder ser cogitada especificamente.

Pus-me a reler os meus filósofos mais simpáticos e pouco adiantei, mais por incapacidade de entendê-los do que pelo que eles me pudessem ensinar. Mas, não foi perdido o meu esforço porque com o trato dos filósofos reforcei em mim a coragem de dizer futilidades ou mesmo absurdos e isso por duas razões, além da necessidade de me desobrigar desta palestra cujo tema não escolhi: as verdades que possam sair do meu raciocínio já outros as disseram e ninguém poderá contestá-las: os erros valerão por originalidades a que aspiram, sobretudo, nas suas obras os próprios filósofos, os oradores, escritores, artistas e poetas e, nem por eu nada disso ser, aspiro menos a originalidade.

Para o filósofo Nolano, a alma do mundo é o princípio formal constitutivo do universo e de tudo o que nele se acha contido. Dirige em todas as partes a matéria e governa as coisas compostas, determinando a composição e a harmonia das partes. "E a forma de todas as coisas e segundo a diversidade das disposições da matéria e segundo as aptidões dos princípios materiais, ativos e passivos, produz diversas figuras e origina diferentes faculdades que manifestam, umas vezes, efeito de vida sem sentimento; outras vezes, efeitos de vida e de sentimento, sem inteligência; às vezes parece que todas as faculdades estão comprimidas e paralisadas por incapacidade ou por algum outro defeito da matéria." Assim, do que eu suponho ter o filósofo afirmado, compreendo que a alma do mundo, sempre idêntica a si mesma, variando de sítio ou de circunstâncias, variam as suas manifestações nas formas exteriores, mortais e corruptíveis, que se transformam e se destroem como acidentes e particularidades da substância material igualmente eterna ou, melhor, para não prejudicar o destino da matéria no tempo, num perene presente, como o princípio formal que a anima. E isto se explica pela desigual indistribuição dos elemen-

tos físicos essenciais à criação e manutenção da vida, à composição e à harmonia das partes dos seres naturais. Tais elementos, como o ar, a luz, o calor, sempre os mesmos em toda a parte, como idêntica a si mesma a substância material animada pelo mesmo, uno, indivisível princípio formal constitutivo do universo, a interferência desses elementos nos fenômenos naturais da criação, entretanto, não é a mesma em toda a parte e em todo o tempo. A luz do sol, por exemplo, não incide nas mesmas condições vitais por todo o planeta e em cada uma das suas partes ao mesmo tempo e na mesma intensidade. Daí a possibilidade da alma do mundo, inalterável na sua perfeição, perenemente unida ao princípio material que anima e governa, poder apresentar-se universal, no universo e especial, em cada uma das suas partes, com as características particulares que provêm das condições da natureza local.

O Paraná possui, pois, uma alma caracterizada pelos modos de ser da sua natureza regional de cujas condições participa a alma da sua gente.

Certa vez, residindo temporariamente em Santa Catarina, visitei a sua região Serrana, subindo a serra do Mar. Lá, no campo aberto do planalto catarinense, dei com uns poucos pinheiros solitários, enfezados, todos torcidos e desganhados, desoladamente tristes, surrados pelos ventos reinantes, num ambiente que, evidentemente, não era o seu. Eu compreendi a desolação daqueles pobres pinheiros exilados, porque eu também era um exilado e, como eles, sofria a falta de qualquer coisa, como eles, sentia a nostalgia de um bem que outro não poderia ser que a alma do Paraná!

O pinheiro é um ser vegetal, ou seja a substância material composta, organizada e animada sob uma forma que, embora destrutível, aspira, como ser vivo, a perfeição e a perpetuidade na espécie. A alma do mundo, igual em toda a parte, gera o nosso pinheiro em nossa terra, na exuberância das possibilidades locais que não são as mesmas noutras latitudes do planete. É um produto do meio físico paranaense, como é o nosso homem identi-

ficado com a humanidade nas características essenciais da espécie humana e de alguma forma diferente em certos característicos particulares da sua feição regional.

Outro dia, em palestra com um amigo de outro Estado, me confidenciou ele as suas impressões íntimas ao mudar-se para o Paraná. A princípio sentiu-se estranho, num meio estranho. Dois anos depois fez uma visita à sua terra. Não soube como exprimir a profunda emoção depois voltou aos seus pagos e teve a mesma indefinível sensação não porém quando lá chegara, mas quando de novo se viu tranpondo as fronteiras da terra dos seus filhos, na sua terra, já integrado na alma do Paraná. A suspeição em que eu o tive durante algum tempo, enquanto o inspirava alma diferente da nossa nas pretensões indevidas de dominação política, alias, único interesse capaz de me indispor com um patrício, de há muito desapareceu do meu espírito regionalista.

O que acontece com os nossos patrícios de outros Estados ou mesmo com imigrantes das mais estranhas terras, em contacto com a alma do Paraná, acontece com os filhos do Paraná em outras terras, sob a influência da alma da terra de adoção. Nem sempre o adventício se integra, com facilidade, no novo ambiente, dependente como é esta adaptação da maior ou menor integração da alma individual à alma da terra natal, de educação e dos recursos, psicológicos que ele pode empregar no cultivo, em terra estranha, da índole, sentimentos e aspirações da pátria de origem. É assim, que conhecemos inúmeros casos de paranaenses, que preferem no seu Estado situações medíocres, recusando, com pasmo geral, as mais belas situações econômicas, posições destaque social fora da sua terra, como conhecemos outros, não tantos e nem da mesma expressão moral, de paranaenses perfeitamente integrados em outras terras, nada mais tendo de comum com a alma do Paraná, como conhecemos ainda, conterrâneos eminentes integrados na alma da terra em que vivem, sem nada perder do espírito paranaense. Entre nós, na nossa terra, cooperando profícua e honestamente conosco são muitos os estranhos nestas condições, como

existem também indivíduos, de duas ou mais gerações aqui nascidas, que continuam estrangeiros, inadaptados, alheios às aspirações da alma da gente e insensíveis às inspirações da alma da terra em que nasceram e vivem.

O homem é um ser dotado de uma alma, como a do mundo, de origem divina, mas que tem a liberdade das próprias reações. O indivíduo integrado na alma da terra pensa e age de conformidade com essa alma. Como ser pensante, porém, a sua conduta mais a mercê de sua própria alma livre do que das influências do meio ou da natureza física do ambiente, as suas manifestações não podem ter a mesma regularidade dos fenômenos aos quais falta a liberdade de ser de outra maneira.

Não obstante a autonomia individual no modo de ser das suas reações existe também uma alma coletiva que é aquela que resume as manifestações mais comuns das almas individuais. O indivíduo que excede a mediania dessas reações, seja para mais ou para menos, perde o espírito regional para se integrar na alma da humanidade por um dos seus lados de malignidade ou de perfeição. As virtudes de Sócrates, por exemplo, por excederem as qualidades comuns da alma humana não autenticam a alma grega, como da maldade de uns tantos monstros da história da civilização ninguém poderá culpar a alma da coletividade em que nasceram e à qual puseram, pela sua influência nociva, em iminente perigo de dissolução.

Se não faltassem ao Brasil umas tantas coisas ruins que existem no resto do mundo: extensos desertos escaldantes e áridos, pântanos sem fim, gelos eternos, vulcões e terremotos, o Brasil poderia ser considerado uma miniatura do mundo. Mas, se o Brasil não é uma miniatura do mundo, o Paraná, melhor do que qualquer outro Estado, é uma miniatura do Brasil, por isso que tudo que existe no Brasil, existe no Paraná: a mesma terra fecunda e boa, os mesmos acidentes geográficos, o mesmo céu, as mesmas estrelas, a mesma duração das estações, a mesma variedade de climas e mais beleza,

mais luz, mais poesia nas feições inconfundíveis das suas paisagens características.

Se existe uma alma do Paraná, uma do Brasil, uma alma de cada uma das circunscrições geográficas do planeta, como existe uma alma de cada povo que habita cada uma destas partes, a alma do país ou região que reúna maior soma de condições comuns seria aquela que mais se assemelha à alma do mundo. Da mesma forma o povo que o habita seria o possuidor da alma mais próxima, por semelhança, da alma da humanidade. Digo seria, na impossibilidade de afirmar que assim é, pois não só da natureza física ambiente depende a formação do caráter que exprime o modo de sentir, de pensar e de reagir de cada indivíduo. A natureza de uma determinada região, sendo sempre a mesma, nem por isso o homem dessa região será sempre o mesmo. "Em todos os povos, diz Rousseau, os progressos do espírito se amoldam, precisamente, às necessidades naturais ou às que as circunstâncias sujeitam aos homens e, por consequência, às paixões que os impellem à satisfação destas necessidades".

Enquanto o homem procura satisfazer as necessidades naturais de razoável conforto e de vida digna, a sua alma tem a feição da alma da sua terra, mas quando ele busca nas suas ações o supérfluo, mais as necessidades são artificiais, mais desnaturado o espírito na ânsia do progresso material que cresce na razão inversa do progresso moral e, se nos excessos das paixões, se identifica com a humanidade pelo lado do egoísmo universal, distancia-se cada vez mais das influências da natureza regional e da alma do seu povo.

A influência perniciosa de tais indivíduos, pelo vulto dos seus cometimentos ou pela duração do seu predomínio econômico e, sobretudo, político, pode chegar a transformar completamente a alma de uma coletividade.

Se a alma humana é livre até de não cumprir o seu superior destino traçado por Deus, no plano da contemplação e pela alma da própria natureza que condiciona os meios de realizá-lo, no plano temporal da

ação terrena, a natureza também usa de recursos defensivos admiráveis pela sabedoria dos seus propósitos. A necessidade da apropriação dos meios, que a natureza lhe oferece em estado bruto, para a manutenção da vida e progresso da civilização é um desses recursos naturais que obriga o homem a aprimorar o espírito pelo exercício legítimo das faculdades da alma. O bairrismo, ou seja o amor pelo seu torrão natal, é outro desses sábios e salutareos recursos da natureza que o homem só contraria e vence mesmo, á custa de um deturpamento intencional da própria alma.

O indivíduo, que se divorcia da alma da sua terra natal ou da terra adotiva de cuja natureza se serve para viver e em cujas instituições tem a garantia da sua vida dos seus haveres e da sua liberdade, não pode ser um verdadeiro patrióta porque não poderá amar a pátria quem não sente a alma do seu torrão natal ou adotivo e procede em discordância com as aspirações da sua natureza. O que caracteriza o cidadão da humanidade é o prezar-se a si mesmo como homem, no resguardo e desenvolvimento na própria individualidade, dos atributos morais da pessoa humana, pois, querendo-se, é que o homem pode querer e prezar a humanidade.

* * *

O Paraná é um recanto privilegiado do mundo. Na sua natureza calma, suave e bela, as montanhas azuis, dispostas em degraus na orla dos planaltos, num sugestivo convite ao seu habitante, para a escalada aos páramos dos mais elevados ideais e nobres aspirações humanas, não são tão agrestes que impeçam, o livre acesso às extensas e pouco acidentadas campanhas semeadas de encantadores capões nos quais dominam majestosos pinheiros, como "taças erguidas para o céu, no dizer do poeta, para absorver toda a luz dos astros" e densas florestas ricas das mais variadas e apreciadas madeiras; ou seus rios, como as nervuras de uma folha, correndo do centro para a periferia, desaguardo nos grandes rios limítrofes e no oceano, irrigam de forma ideal os planaltos e a faixa costeira do mar; os maiores deles, não tão largos que não possam ser transpostos, nem tão caudalosos que não permitam a navegação, por vezes, no seu calmo curso, se despenham em cascatas que não só constituem um regálo para os olhos, como a certeza de poderosa força motriz por séculos sem fim; no seu clima benigno, o frio não é gelado, nem o calor abrasador que possa por em perigo, mesmo periodicamente, a vida que vive numa eterna primavera; nas suas terras cobertas de verdes pastagens e de exuberante vegetação na qual abundam variados produtos silvestres para as necessidades da vida animal de todos os seres e do homem, a semente que este lança no solo fértil multiplica-se de maneira assombrosa; nas suas duas grandes baías, bordadas de lindas praias que se estendem para além, numa delas, uma dezena de rios desemboca depois de haver fertilizado extensas zonas de terras onde tudo o que o homem queira plantar e até o que não planta, nasce com exuberância pouco comum; na outra, uma das maiores do mundo e das mais belas, três portos se abrigam acessíveis ao comércio do mundo inteiro.

Nada falta no Paraná, dentro dos limites do útil, do belo e do agradável, para a satisfação das necessidades da gente forte, sadia e boa que o habita.

Daí a alma paranaense, em correspondência e à afeição da alma da terra, desenvolver-se no sentido do equilíbrio psíquico que a caracteriza, sem choques de interesses subalternos, que as necessidades reais mal satisfeitas transformam em necessidades artificiais pelo açulamento das paixões exaltadas.

Dentro deste salutar equilíbrio do qual resultou o seu tipo psicológico, o paranaense, sem alarde, nem pensar que faz coisa do outro mundo, vem realizando, em todos os tempos, não só o possível, como também o quase impossível, nas bandeiras memoráveis dos valorosos curitibanos, no período heróico da sua expansão, sertão a dentro, não em busca de riquezas ou de dominação pessoal, nem de escravizar o índio indomável, mas no intuito de descobrir novas terras para a sua pátria, de conquistá-las do invasor audacioso, de desbravar, de povoar e de civilizar. Depois, criando quase anonimamente, uma civilização que atingiu, em pouco mais de um século de labor profícuo, generoso e pacífico, o grau atual do mais sáfaro do seu rico território, sem nada perder nas características da sua alma igual á da sua terra, conquistando o progresso material sem prejuízo do concomitante progresso moral. Poderão dizer que o paranaense teve auxílio de outros povos de mais iniciativa e mais experiências. Sim, teve-o precioso, mas identifiquem as nossas maiores conquistas materiais, morais e espirituais, nas indústrias, no comércio, nas artes, nas letras e verão, inconfundível, a marca paranaense em tudo o que verdadeiramente honra e enaltece a atividade de um povo.

Poderia o paranaense ter produzido, ao invés de obras quase anônimas, no improviso da ação coletiva subordinada á missão superior de ordem universal, obras mais pessoais, de interesses mais limitados, porém de efeitos mais retumbantes, por isso que mais sensíveis ao espírito vulgar da grande massa. Mas, se assim o fizesse, teria sido resultado de causas sociológicas e psíquicas muito diferentes da causa sociológica e psíquica à qual David Carneiro afirma possivelmente existir para explicar certas atitudes do paranaense que

a declaração simplista de mediocridade não define.

Na sua "História Psicológica do Paraná", David Carneiro, que tanto tem exaltado com paixão regionalista o valor do homem do Paraná diz : "Nós paranaenses não somos apenas retraídos, mas demasiadamente modestos; nem somos modestos, mas demasiadamente humildes, o que nos torna pouco aptos às grandes realizações dentro e fora do nosso torrão. E isso devendo ter uma causa sociológica e psíquica, não pode correr por conta de uma declaração simplista de mediocridade".

Este período de David, a meu ver, está muito certo. Apenas não está bem claro, pois ele admite a existencia de uma causa sociológica e psíquica por conta da qual deve correr a aparência de nossa mediocridade. Parecer não é ser, porisso onde está escrito "somos" deveria estar "parecemos".

Parecemos efetivamente pouco aptos às grandes realizações, mas nunca deixamos de realizar grandes obras na nossa evolução lenta, mas firme. Não só parecemos, somos efetivamente pouco aptos às realizações cujo móvel é o sentimento de inferioridade, de desejo de proeminencia, de ambição e de glórias pessoais que, em regra, estimula o homem aos cometimentos nos quais procura satisfazer a vaidade do poder e da riqueza, sentimento esse cuja ausencia na estrutura psicológica do paranaense se confunde com modéstia ou humildade, como se a renúncia de glórias pouco legítimas não fosse um imenso orgulho, como se o querer não parecer mais do que vale, não fosse equilibrado bom senso do indivíduo que se conhece a si mesmo e se preza.

David evoca o nosso Marumbí "Orgulhoso na sua fortaleza eterna de granito" como um símbolo do que havemos de ser, quando deixarmos de viver medrosos, receiosos de sermos taxados de cabotinos, quando nos vencermos a nós mesmos.

Perdoe-me o David muito querido eu dele discordar na interpretação das nossas supostas qualidades -

negativas que, por nada deste mundo, desejaria ver transmutadas nas qualidades positivas, que constituem a razão dos sucessos pouco legítimos.

Aqui mesmo, do círculo restrito dos meus ouvintes, eu poderia alinhar uns tantos episódios recentes que confirmam o admirável equilíbrio psicológico da alma paranaense, o bom senso de renúncias a posições cuja aceitação poderia "parecer" apenas "parecer" transigência de dignidade.

Por ventura não demonstra raro valor quem assim proceder? Não é uma virtude recomendável o medo de passar por cabotino? Não se venceu a si mesmo quem reconhece justo limite das suas possibilidades e dos seus semelhantes mais próximos? Não é um herói quem recusa, por se reconhecer incompetente, encargos rendosos ou altas posições, e os aceita quando exigem sacrifícios que outros não querem fazer?

Romário Martins também evoca o Marumbí, como símbolo das nossas aspirações de progresso e que ele traduz pela interrogação.

Por onde?

E continua: "Em face do gigante impávido, mo primitivo habitante das terras que haviam de ser o Paraná, fez uma interrogação que hoje paira, também no nosso espírito, ante as conquistas que estão no nosso destino de povo possuidor da mais linda e prometedora terra do Brasil".

Por onde?

Mas chegou a nossa vez de, olhando para as alturas dos nossos ideais e dos nossos desejos perguntar como o índio:

Por onde?

Pelo único caminho que a alma do Paraná desvenda à sua gente nas expressões inspiradoras dos seus símbolos eternos.

Pelo caminho que já vem seguindo desde o momento da interrogação lendária. Pela única via que a sua própria alma pode transitar para levá-la à meta das suas nobres aspirações, uma vez que não deixe de velar pela sua integridade, elevando-a a Deus, como a convida nas alturas, luminosamente, o sinal da Cruz; que não abra brecha na sua fortaleza que deve ser tão sólida e resistente como o gigante de pedra em eterna vigília no sopé do primeiro planalto; que não renuncie o superior destino de dispersar-se em motivos de bondade e beleza, nesse dar-se generosa e pacífica, despreocupada de si mesma no esforço das suas heróicas conquistas e do seu labor fecundo, como sugere o Iguaçu, no seu longo percurso, manso e tranquilo, despejando-se nas fronteiras de estranhas terras, em cataratas suntuosas, num perene dispersar-se, sem nada perder da sua grandeza e beleza; e, finalmente, desde que não perca a sua semelhança com o pinheiro altivo, que só tem espinho para cozinhar o próprio fruto que o peregrino aproveita sob a sua sombra acolhedora, protetora e boa, continuando a alma do paranaense como é psicologicamente estruturada, como Deus a fez igual à alma do Paraná.

NOSSAS BELEZAS

Deus nos deu o sentido da vida e espalhou por toda a parte pedras que nos aproximam eternamente reunidos com o que possa haver de feio e repugnante no mesmo pedregal. Deus nos deu o ouvido e entendeu o sentido da harmonia que nos amotocemos com a gratia das nossas vozes maldecientes, senão com o trinar das cordeas mortificadas. Deus nos deu o olfato e permitiu todos os lírios, mas não viveamos a fazer o que não presta nos outros. Deus nos deu uma alma cheia de sentimentos para que a vida seja um mundo infinito

Com exceção dos terremotos, dos vulções, dos gelos eternos, da miséria irremediável, do amor pela monstruosidade da guerra e mais algumas coisas ruins que no Brasil felizmente não existem, tudo o mais que existe no mundo o Brasil possui. O Brasil é assim um resumo do mundo. Tudo o que existe no Brasil o Paraná possui. O Paraná é assim uma miniatura do Brasil. E por isso não admira que um fino espirito e estéta como o do ilustre engenheiro Sr. W. Kosak proclame o nosso Paraná como o mais lindo recanto do mundo. E o que o Dr. Kosak viu no Paraná como nós comumente não o vemos, seja por comodidade de não nos esforçarmos em ver de perto as nossas preciosidades em todo o seu esplendor ou seja porque, não tendo nós visto nada menos lindo, nos habituamos a ver sem emoção tudo aquilo que para os estrangeiros de espirito é uma maravilha de grandiosidade e de beleza.

Ontem, no Orfeão da Escola Normal, quando assistia, comodamente refestelado, à exibição cinematográfica da série de fitas coloridas de algumas das nossas belezas naturais apanhadas com refinado gosto artistico pelo Dr. W. Kosak, ao admirar a infinita variedade de orquídeas, portentosas arvores e variegadas flores do mato nas quais a nossa exuberante natureza poz todos os recursos da fertilidade das nossas terras e toda a luz do nosso Céu, eu me puz a considerar como este mundo é bom como somos ingratos, nós os que dele nos queixamos. Como é maravilhosamente recompensada a nossa vida mais ou menos inutil neste mundo cheio de encantos.

Deus nos deu o sentido da vista e espalhou por toda a parte belezas que mal aproveitamos eternamente preocupados com o que possa haver de feio e repugnante em nosso próximo. Deus nos deu o ouvido e encheu o mundo de harmonias que nós amortecemos com a gritaria das nossas vozes maledicentes, senão com o troar dos canhões mortiferos. Deus nos deu o olfato e pefumou todas as flores, mas nós vivemos a farejar o que não presta nos outros. Deus nos deu uma alma cheia de sentimentos bons para a vida feliz num mundo infinito

de riquezas para o conforto do corpo e de belezas para o regalo do espirito e nós transformamos esses sentimentos bons em paixões ruins que deturpam o sentido divino das nossas riquezas e nos incapacitam para o gozo do belo e do grandioso que vivem em todas as coisas ao redor de nós.

Para o homem a vida dá mais do que ela exige para o bem do próprio homem. E, ainda, lhe dá o esforço alheio de uns poucos homens de espirito capazes de não só apreciar o belo, mas ainda penetrar no intimo das coisas e revelar as suas belezas a muitos que não as aproveitariam se Deus não as trouxesse, pelas mãos operosas desses poucos, aos olhos da multidão que contempla, sem nenhum esforço, com todo o conforto e segurança, os flagrantes divinos como esses colhidos pelo Dr. W.Kosak nas encostas de montanhas abrutadas, na profundidade de abismos, nas aguas encachoeiradas, nas margens de rios de difficil acesso, na vida efemera das flores do mato e daquelas que mãos zelosas alimentaram para o instante fugaz providencialmente fixado pelo bom gosto do grande artista que tão bem sentiu e compreendeu a natureza paranaense.

" Diário da Tarde "

20.11.1939.

O ESCRÚPULO DO NESTOR

Com Maria Pelanca se foi um dos últimos tipos populares que ainda conservam, na multidão uniformizada pelo progresso da civilização, uma personalidade que sobrenada na grande massa amorfa. Para nós que estamos do meio para o fim da vida o desaparecimento de cada um desses raros tipos de expressão individual é a morte de mais uma ilusão por que representa um elo de menos entre o passado engrandecido pela saudade e o presente com o qual dificilmente nos conformamos.

Eu bem sei que é um erro de apreciação esse desgosto do presente no qual vivemos eternamente deslocados pelas modificações demasiado rapidas do meio ambiente e as transformações demasiado vagarosas do nosso espirito. Daí essa saudade de um passado que, sem dúvida, foi pior, mas que se nos afigura sempre melhor. Daí esse descontentamento em que hoje vivem os que já viveram outras épocas no gozo de beneficios conquistados pelos antepassados, sem o esforço que requerem as aquisições novas do incessante progresso para o qual, mesmo sem querer, contribue o proprio saudoso. Daí esse encantamento do passado que nada nos custou e enriquece o acervo das nossas emoções em contradição com a realidade presente que exige prosaicamente o pagamento desta divida imensa contraída para com os vindouros.

Nesse edificar do futuro cada ser humano contribue com a sua pedrinha. Não foi inutil a vida operosa de Maria Bernardes. Nos limites da sua capacidade ela exerceu com zelo e asseio os misteres domesticos.

Viveu também para alegrar os parvos da Rua Quinze que a ofendiam no seu brio sem compreenderem a dignidade da sua reação. Foi uma sofredora que viveu utilmente e acabou utilmente retalhada num anfiteatro de Anatomia.

Eu tinha em vista nesta crônica um motivo humoristico e saiu uma oração funebre. Mas, porque fui eu remexer em coisas velhas? A troco de que a profanação de um tumulto que ainda se não fechou?

Por uma natural associação de idéias a figura singular de Maria Bernardes surgiu no meu espirito ao

evocar um outro tipo da rua que viveu há algumas dezenas de anos, o Nestor, desabuzado desordeiro que causava pavor à própria policia. Não existe valente que não tema um outro mais valente. Nestor tinha um medo mistico da sogra, a única criatura no mundo que ele respeitava. Uma noite, instigado pelos companheiros, Nestor resolveu dar-lhe uma sova. A medida que o grupo exaltado se aproximava da casa da velha, num recanto ermo da cidade, Nestor ia esfriando e encurtando os passos visivelmente preocupado. "Voce está com medo, Nestor?" "Medo, não. É o escandalo, o escandalo... Vocês não sabem como esta velha é desbocada".

Outubro de 1939

OFICIALIZAÇÃO DO VICIO

Destacados cidadãos da nossa melhor sociedade subscreveram conceitos favoráveis ao jogo oficializado. Estes cidadãos, por todos os títulos respeitáveis, baseiam a sua argumentação no fato positivo, palpável, evidentíssimo do benefício que algumas associações de caridade tem usufruído com o jogo oficial. Não só as associações de caridade, como também vários ramos de comércio tem visto as suas possibilidades aumentadas com o desenvolvimento do jogo ao seu redor.

Tudo isto é verdade e ninguém contesta as vantagens materiais que o jogo pode proporcionar ao Estado, às sociedades de caridade e ao comércio que encontram na oficialização do vício uma fonte inexgotável para a sua vitalidade econômica.

Não há indústria, nem comércio lícito que possa, mesmo, competir com uma banca de jogatina na capacidade de pagar impostos e fazer circular a riqueza.

A banca de jogo, amparada pelo Estado, é uma empresa vitoriosa que não sofre as consequências dos azares que perseguem, em regra, todo trabalho honesto e produtivo. É uma empresa de lucros certos. O azar é só para os imbecis que, espontaneamente, vão derramar sobre o pano verde as suas e alheias economias que dão para enriquecer os empresários do jogo, que dão para encher a ambição insaciável de muita gente e ainda sobra para a liberalidade dos donativos caridosos e para os pesados impostos com os quais o Estado pretende justificar a regulamentação de uma coisa ilícita por sua natureza.

Se o argumento é justo, se vale a pena aproveitar os resultados materiais que o vício e o crime podem proporcionar, não vejo razão para não explorar outras fontes semelhantes, como por exemplo, a instituição do conto do vigário, tão antiga no mundo como o jogo e como o jogo uma fatalidade social destinada a persistir enquanto houver gente amante de grandes lucros com pouco ou nenhum esforço. Nenhum vigarista deixaria de pagar o pesado tributo que o Estado legalizando-lhe a atividade, poderia impor a essa habilíssima e limpa

profissão que, como o jogo oficializado, daria vida a muita sociedade de caridade, poderia enriquecer a fazenda publica e permitiria a muita gente viver na fartura.

Se a regulamentação de um vicio como o jogo é defensavel pelos beneficios que os seus enormes lucros permitem aplicar em serviços publicos de bem geral, ainda mais defensavel é a oficialização do conto do vigário e das atividades similares que poderiam render ainda mais para as obras uteis a custa, aliás, no caso do conto, de refinados tratantes que assim teriam utilmente o castigo merecido e, no caso de abafamento de uma carteira, a custa de gente que, no minimo, possui uma carteira cheia.

No jogo o individuo não perde somente o dinheiro que, as vezes, nem é seu. Perde também a vergonha que representa um prejuizo muito maior porque se o dinheiro pode ser recuperado até com vantagem, o mesmo não acontece com a vergonha uma vez perdida. Quem foi roubado na sua carteira perdeu apenas uma cousa material que lhe poderia ter feito imensa falta. Mas, quem com esta cousa material perde a vergonha sofre um duplo prejuizo que afeta a propria coletividade humana.

O ideal seria o Estado não se meter com as cousas ilicitas. Uma vez que o Estado é impotente para evitar as fatalidades sociais é deixa-las à sua propria sorte porque se elas existem desde o principio do mundo, sem dúvida, subsistirão até o fim em obediencia a designios que escapam ao entendimento humano. Ao Estado, principalmente, não deve ser licito usufruir proveitos do crime pela fomentação do vício.

A oficialização do vício é, sob todos os pontos de vista, um desastre. No jogo ilicito, no jogo ilegal que não conta com a proteção da justiça, existem para garantir-lhe a subsistência certas regras de ética que amenizem de alguma forma a indumentária moral dos cidadãos viciados. Um jogador é, em regra, um cidadão que preza os seus compromissos de honra - uma divida de jogo é uma divida que nenhum jogador renega, satisfazendo-a

mesmo a custa de uma falcatrua.

Oficializado o jogo, então sob a proteção direta da policia, o regime do calote será uma consequencia logica no meio viciado e os jogadores terão perdido este simpático aspecto da sua psicologia, porque não precisarão mais da ética profissional que garantia as operações e imprimia as relações do jogo uma certa confiança para a estabilidade da instituição que, legalizada, à sombra do Estado poderoso prescindirá de regras morais para subsistir amparada pela justiça a qual competirá nos casos de desentendimento resolver da maneira mais conveniente aos interesses em litigio.

Para os interesses da coletividade e do próprio jogo, melhor seria o Estado não intervir neste assunto.

Neste e noutros também o Estado andaria acertadamente si limitasse as suas atribuições ao fisco, uma vez que também precisa viver. O povo pagaria o seu tributo ainda com maior satisfação se o Estado o deixasse, como no recente caso do leite, livremente cuidar dos seus interesses, cuidar da sua vida, da sua educação, da sua saúde, da sua economia.

Diário da Manhã - 06.06.1935.

O PROBLEMA DO ENSINO PELO ESTIMULO

DO TITULO ELEITORAL DIGNIFICADO.

Parecer da 2ª comissão de Teses gerais.

Concordo com a presente tese pois as sugestões apresentadas surtiriam um duplo efeito: aumentariam o cabedal intelectual dos que não se destinam às Escolas Superiores e melhorariam a representação por meio da qual se exerce a soberania popular.

Com a criação de um curso preliminar fornecendo diplomas necessários para o alistamento eleitoral, o desejo de estudar ficaria estimulado, o nível intelectual da massa popular subiria.

Não concordo com o voto secreto, quando diz o autor: "Reformada a mentalidade do eleitor, poder-se-ia cogitar então do voto secreto que nestas condições seria realmente eficaz", porque julgo haver coragem cívica onde haja um nível intelectual alevantado.

Não concordo com o autor da presente tese quando julga insuficiente o ensino secundário atual como base para a matrícula nos cursos superiores. O ensino pode ser mal feito porém os programas não são insuficientes.

Aprovo a presente tese, trabalho original, da qual deve ser lida uma síntese pelo seu autor em plenário. Curitiba, 23-XII-27 (Assig.) Hugo de Mattos Moura.

Sou pela aprovação da tese com as conclusões seguintes que dela se inferem:

1) O curso secundário ou de humanidades deve ser ampliado e dividido em duas etapas, a primeira das quais essencialmente prática destinada a fornecer aos indivíduos uma cultura geral que o auxilie na luta pela vida, em qualquer profissão; e a segunda, compreendendo a cultura propedéutica necessária para os estudos superiores.

2) Entre as exigências legais para a capacidade eleitoral deve ser incluída a apresentação do certificado de haver o cidadão completado a primeira fase do curso secundário, respeitados os direitos adquiridos.

23-XII-27

F.R. Azevedo Macedo

De acordo com o voto supra:

José de Sá Nunes

Francisco Benedette

Altamirano N. Pereira

A primeira das proposições foi aprovada pela primeira Conferencia Nacional de Educação e a ultima rejeitada por maioria de votos.

A TESE

A maior dificuldade para a solução dos problemas sociais está na maneira de os considerar. Considerados isoladamente, qualquer dos problemas que, atualmente, preocupam o pensamento brasileiro, avultando o da alfabetização e o do voto secreto e, como aspiração do povo que anseia por maiores surtos, a organização integral do ensino público e o voto feminino, qualquer um deles ficará insolúvel ou então, o que será ainda pior, mal solucionado.

Não é caso a precedência deste ou daquele problema. Se tanto fosse, nada mais seria preciso que ordenal-os na escala de maior urgência e, um por um, solucionando-os à medida das oportunidades. Efetivamente é assim que temos procedido e é assim que estão sendo encarados esses problemas. Mas este critério é falho porque os problemas sociais filiados à mesma ordem

de idéas ligam-se entre si muito intimamente e de tal forma, que mutuamente subordinados, entretanto, pairam num mesmo nível da seriação de urgência dependendo, as mais das vezes, de fatores remotos, aparentemente estranhos, e que, na evolução dos seus processos, intervêm à feição de força catalítica.

A tese que nos propomos defender refere-se à dignificação do título de eleitor. Parecerá esta tese materia estranha, descabida numa conferencia de educação, mas é preciso atender que ela abrange um grupo de problemas de instrução e de educação que lhe interessam muito de perto.

O seu assunto é complexo de mais para ser tratado neste ligeiro trabalho com minucias que exigem, além de tudo, competencia tecnica em variados ramos de conhecimentos; porisso limitamo-nos às idéas gerais, bem entendido que, submetendo-a à consideração desta douta conferencia, não temos outro intuito que o de fixar um problema que deve ser maduramente meditado pelos responsáveis das cousas publicas.

Em uma nação o que vale é a média da mentalidade do povo que a constitue. Os doutores e um ou outro genio, esporádico produto da natureza, por certo que servem, e extraordinariamente, para o levantamento moral e intelectual de uma coletividade, mas só com esses, e fiados nesses, não pode viver um pais.

Também pouco adiantaria o alfabetismo geral se fosse possível conceber-se de um dia para outro toda a população do nosso vasto Brasil sabendo ler e escrever.

As vantagens da instrução primária não ha negar. Mas o homem que apenas cursou uma escola primária e, em seguida, se desinteressou das letras é quase tão analfabeto como o que jamais lhe transpoz os humbrais.

Analfabetos e doutores eis as duas classes em que se divide a população do Brasil. Escapou de analfabeto é doutor. Ao individuo a quem o doutoramento é vedado se deixa ficar analfabeto.

E justamente essa média da mentalidade que constitue a força de uma nação, essa, temos em grau

lastimavelmente inferior em nosso país. Para a elevação dessa potência é que devem incidir todos os esforços de quem quer que tenha uma parcela de autoridade.

Como porém, atingir esse desideratum?

É claro que não será com a disseminação apenas de escolas, nem tampouco com reformas mais ou menos retumbantes do ensino público e muito menos com a criação de complicados aparelhamentos burocráticos.

O ensino secundário convenientemente estimulado, eis o problema.

O vexame de ser analfabeto constitue estímulo para a população recorrer ao ensino das primeiras letras; o doutoramento é o estímulo poderoso dos estudos superiores.

Para o curso secundário não ha estímulo e, além disso, tal como ele existe atualmente, é defeituoso pelo duplo motivo de ser excessivo para quem não se destina ao doutoramento, motivo pelo qual ninguém o faz com o fim de se educar para a vida prática e insuficiente, como base, para a matricula nos cursos superiores e dali, um novo problema tão sério como o do analfabetismo - o da incompetencia diplomada - ainda mais difficil de solucionar.

Se realmente o mal do curso secundário consiste nesse excesso e nessa falta, no conhecido principio de físico - química relativo ao deslocamento do equilibrio de um sistema, poderemos buscar um simile para demonstrar que, ampliando o ensino de humanidades e dividindo-o em duas etapas, ter-se-á, com a modificação de um dos fatores do sistema, um resultado diametralmente oposto, sanando o defeito apontado. Assim, o curso em questão precisaria ser dividido em duas partes. A primeira, por exemplo, de 3 anos, compreendendo as materias básicas, se destinaria a fornecer ao individuo uma cultura geral que o auxiliasse na luta pela vida em qualquer profissão a que as circunstâncias o impelissem. A ultima de mais 3 ou 4 anos, completaria a cultura fundamental preparatoria para os cursos superiores.

Na primeira parte ou etapa do curso secundário

que, para fixar idéas, chamaremos de curso preliminar, o ensino seria o mais prático possível, visando sobretudo a educação do carácter e a disciplina mental pelo desenvolvimento das faculdades de observação e de crítica e constaria, distribuídas segundo o critério pedagógico que melhor conviesse, das seguintes matérias, por exemplo: Língua Portuguesa, uma Língua viva estrangeira, das mais usadas, a escolha do aluno, atendendo-se às circunstâncias dos recursos didáticos, e que poderia até ser facultativa, Geografia Geral, Corografia e Noções de Cosmografia, Aritmética, Geografia Plana, Desenho, Noções de Física e Química, Noções de História Natural, História Universal e do Brasil.

Na Segunda parte seriam ministradas, com desenvolvimento, as matérias do curso preliminar, cujo aperfeiçoamento se fizesse necessário, como exemplo, o vernáculo: as matérias do curso atual, acrescidas das cadeiras de grego, lógica, filosofia, compreendidas psicologia e moral, e literatura completando assim a cultura propedéutica necessária para o prosseguimento proveitoso dos estudos superiores.

O curso completo seria ministrado em estabelecimentos que reunissem os requisitos necessários ao ensino eficiente e bastariam, por muito tempo, os atuais, no Distrito Federal, nas Capitais dos Estados e nos centros mais populosos.

Para o curso preliminar existiriam além dos estabelecimentos de cursos completo, estabelecimentos oficiais e equiparados, disseminados o quanto possível de forma a atender às necessidades das populações mais afastadas. Este curso daria direito a um diploma ou certificado que seria documento obrigatório para a matrícula no curso completo de humanidades e seria o documento essencial para o indivíduo se fazer eleitor.

E quem é que se daria ao trabalho de fazer um curso de 3 anos para se qualificar eleitor?

Vem a pelo aqui o ensinamento admirável daquela simples parábola do lavrador que, no leito de morte, recomendava aos seus filhos procurar no terreno que

lhes deixava o tesouro nele oculto.

Se o bom do velho lavrador, reunindo todo o alento de que dispôs em sua vida, naquele momento se tivesse proposto explicar aos seus filhos as vantagens do trabalho, insistindo no exemplo de infatigável labor que lhes legava, não atingiria ao magnífico resultado que obteve estimulando-os diretamente à cubiça da vida regalada que daria o encontro da almejada panela cheia de ouro. No caso desta parábola o lavrador nada mais fez, para assegurar o futuro e a felicidade dos seus filhos, do que aplicar, no momento oportuno, os conhecimentos intuitivos que tinha da psicologia humana, acenando-lhes com o descanso para leva-los ao trabalho recompensador.

A psicologia de um povo não se exalça muito além da psicologia do indivíduo. E como a do indivíduo é preciso conhece-la para tirar dela o melhor partido. Mesmo dos seus maiores defeitos é possível sempre colher alguma coisa de proveitoso.

Não ha povo no mundo mais inteligente e capaz do que o brasileiro. Não há também gente mais despreendida e mais conformada com a sua situação. Dai o seu voluntarismo afastamento na luta em que os interesses subalternos se chocam. A essa renuncia se podem dar quantas interpretações se queiram, mas atribui-la a falta de capacidade ou covardia, nunca.

Desinteressa-se da luta, porque ela é desigual e mais vale renuncia-la do que vencer em prejuizo da dignidade humana cuja noção lhe é tão instintiva como o altruismo do seu incomparável carácter moral.

Vivendo na abundância e a mingua de educação prática, o brasileiro de quase nada precisa, sendo proverbial o atrativo que para ele tem uma função pública qualquer. É esta, em regra, a sua maior sinão única ambição, como é este o seu maior sinão o único defeito, que urge aproveitar para despertar para a vida util este formidável cabedal de energias latentes.

A parábola a que acima nos referimos não é brasileira pois se o fosse, seria muito possível que o

expediente do velho lavrador não vingasse. Ao exórdio do parente moribundo dos filhos teriam provavelmente respondido com o seu definitivo e eloquente "não paga

a pena". O ouro nunca foi e jamais será estímulo para despertar a alma grande e valorosa do brasileiro que não sabe o que é canceira, sacrifício de haveres e da própria vida quando está em jogo a sua dignidade ou se trata de beneficiar a outrem.

Mas se o interesse material não constitue motivo suficiente para provocar no brasileiro um esforço para o seu bem estar na vida, uma razão moral pode dele esperar o impossível.

Faça-se do curso preliminar uma questao de honra, dando-se-lhe uma finalidade que possa ser compreendida pela massa inculta e ter-se-à o estímulo, como o do brilho do ouro da panela da parábola, para despertar as energias latentes da nossa valorosa gente na conquista espontanea do diploma de humanidades que não terá, por certo, para quem tome os incômodos do curso o objetivo de, com ele, ser melhor lavrador, melhor sapateiro ou melhor operário, negociante mais esclarecido ou industrial com outro alcance. Não. O objetivo do curso, aos olhos da massa seria muito outro, o da conquista de uma situação que lhe daria um certo número de prerrogativas vedadas aos que não o possuíssem, como exemplo: o ingresso no funcionalismo. Não seria considerado capaz o individuo que não fosse eleitor. Não ser eleitor importaria em não poder aspirar ao mais insignificante encargo publico. Não ser eleitor constituiria um vexame que nenhum pai analfabeto consentiria para o seu filho.

A disseminação dos estabelecimentos destinados a esse curso, a simplicidade nos processos de matricula, sem limitação de idade e isentos das complicações atuais, a baratesa sinão a sua gratuitidade, as aulas noturnas nos centros mais populosos, seriam condições favoraveis a facilitar a educação secundária em massa, extensivel a todas as classes sociais.

Resolvido assim o problema do estímulo cuja ausencia seria o entrave, e poderoso, para o resultado

objetivado, pois a criação e manutenção dos estabelecimentos para esse fim não importariam em tanto que escapasse das possibilidades do Estado e dos Municípios auxiliados pelo Governo Federal, vejamos os resultados práticos que seriam de esperar da aplicação dessa medida:

- a) levantamento do nível intelectual da média da população.
- b) formação do escól intelectual;
- c) interferência consciente do povo na política;
- d) disseminação larga do ensino em todas as suas modalidades.

O curso de humanidades, em sua primeira fase, deixando de ser apanagio dos que tem recursos e se destinam aos cursos superiores, ficaria ao alcance de todos e teria uma finalidade poderosa a obrigar maior número de cidadãos a beber-lhes os ensinamentos cuja difusão, além de tornar cada um, na esfera da sua atividade social, mais apto para a luta pela vida, elevaria o nível intelectual da grande massa, abrindo, além disso, uma oportunidade à revelação de talentos de escól que, por falta de recursos ou mesmo de estímulo na tentativa das primeiras letras, se estiolam em proveito das mediocridades vencedoras.

O ingresso nos cursos superiores, possível a maior número de indivíduos aptos a prosseguir-los, seria uma consequencia natural dessa oportunidade aberta para maiores surtos a tantas inteligencias perdidas nas camadas inferiores da sociedade, ao mesmo tempo que a maior dificuldade na escalada da 2ª etapa do curso de humanidades seria uma barreira oposta aos indivíduos de mentalidade insuficiente e que noutros mistéres poderiam ser elementos uteis a si e à pátria.

Dignificado assim o titulo do eleitor, o alistamento espontaneo substituiria a repulsa atual por esse ato a que concorre, mais ou menos inconscientemente, a multidão analfabeta dependente do oficialismo. Reformada a mentalidade do eleitor poder-se-ia então cogitar do voto secreto que, nessas condições,-

seria realmente eficaz, permitindo a interferencia do cidadão na politica, realizando o principio do governo do povo pelo povo, destinado de outra forma, a permanecer letra morta no regime politico que adotamos.

Para avaliar o número de tuberculosos existentes numa coletividade está convencionado multiplicar por 6 o número dos falecidos, durante o ano, desse terrivel mal. Esse coeficiente foi adaptado naturalmente após acurada observação e exprime mais ou menos a realidade dos fatos.

Para cada individuo surgido da massa inculta com o curso preliminar poder-se-ia avaliar um coeficiente que exprimisse a disseminação das primeiras letras nessa massa.

Na disseminação da tuberculose o flagelo tem, a opor-se ao seu desenvolvimento, a resistência defensiva do organismo e, não obstante, o coeficiente alcançado é desanimador para a humanidade.

Não seria o mesmo para a disseminação da instrução que no cerebro admirável da nossa gente encontraria o terreno propicio ao seu desenvolvimento franco e aquele coeficiente, aqui, poderia ser tão elevado que a extinção do analfabetismo de problema utópico de otimismo teórico se transmudaria numa realidade palpavel como uma consequência lógica do novo estado da mentalidade popular, por uma especie de "entrainement" de que os franceses usam para exprimir uma reação provocada pela repercussão de uma outra anteriormente realizada e de que nos servimos, apesar do nosso racionalismo, porque poderia não ser levado a serio o nosso expressivo "no arrastão".

Surge aqui um embaraço, mas sómente aparente, como procuraremos demonstrar, para a adoção da medida proposta que constituiria uma verdadeira revolução politico-social.

Qual a situação dominante que ousaria desmontar a sua preciosa maquina eleitoral numa aventura semelhante?

Respondemos. Qualquer uma, mesmo a mais indesejável à simpatia pública, porque a revolução que suge-

rimos com esta despretenciosa tese é uma revolução pacífica, sem a menor violência e sem o mínimo choque capaz de trazer qualquer perturbação na marcha dos negócios públicos, sem perigo para quem quer fosse, porque, obra do tempo, se realizaria paulatinamente sem o fervilhar das paixões que soem, em regra, macular a conquista liberal obtida em transição brusca.

A situação que o pusesse em prática poderia de antemão ter a certeza de que os efeitos do novo estado de coisas, por muito remotos, não lhe atingiriam. O espaço de tempo necessário para a reforma da mentalidade eleitoral, aliás insignificante na vida de um povo, seria muito mais largo do que a duração normal provável de uma situação que, a despeito de um ato de tamanho liberalismo, subsistiria à sombra da própria máquina sobre a qual patrioticamente desferira o golpe destinado a desmantela-la para felicidade e grandeza da nação.

Se uma situação que soube impor-se tem direito adquiridos que se não devem ofender, pela mesma razão se deve respeitar o direito dos cidadãos que vivendo no regime vigente e tendo perdido a oportunidade de se habilitar para o alistamento, nem por isso poderiam ser privados das regalias conquistadas pela sua maioria e a estes, então, seria facultado um prazo, mais ou menos longo, para salvaguardar os seus direitos, independentes da exigência do curso, imposta à nova geração para a reforma da mentalidade popular.

São estas as considerações que ousamos trazer perante o critério da nação representado por tantos tão eminentes valores neste Congresso, confiados de que a sinceridade que as ditou será levada em conta a favor do humilde congressista que, por viver com o povo, pensou, talvez mais com o coração, em benefício da multidão inculta da nossa terra, - qualquer coisa que não é propriamente seu proque é uma aspiração que, em múltiplas formas, vive e palpita na alma brasileira.

Curitiba, 10 de dezembro de 1927.

IMORTALIDADE DAS IDÉIAS

Não tentarei desculpar-me de estar nesta tribuna empanando com a minha palavra insôssa o brilho da solemnidade com que a nossa Faculdade de Medicina comemora a reabertura dos seus cursos.

A minha presença aqui, nesta posição de excepcional destaque, não obedece a criterio de competência ou de idade e nem sequer de simpatia. Estou aqui porque ... chegou a minha vez.

Ruy Barbosa, cujo nome aureolado nunca é demais pronunciar numa festa de inteligência, disse, num dos seus magistraes discursos, que todo o mofino tem o seu dia.

Hoje é o meu dia de receber as atenções de uma assembléia illustre. Atenções que significam muito mais aprovação aos meus atos bons na Sociedade em que mourejo com o firme propósito de ser útil do que recompensa pelo desempenho mediócre do encargo de que me investiram os meus colegas de congregação. Atenções com as quais a complacência de um auditorio de escól incita uma particula infima do agregado humano a prosseguir na luta em que se empenham todos os seres em obediência a designios que de todo escapam ao noso fraco entendimento?

Não tem outro intuito estas licções inauguraes em boa hora instituidas para a reabertura dos cursos superiores no princípio de cada ano letivo. Essas são um estímulo para os professores designados para proferi-las e são uma homenagem de não menos estímulo da assembléia distinta, em nosso Estado, a obra portentosa da iniciativa paranaense em que se salientaram, como expressão máxima do nosso idealismo, Nilo Cairo e Victor do Amaral.

Desta reunião, podeis crer, Senhores, qualquer coisa ficará de bom para o bem. A vossa atenção ainda que complacente, eu a sinto, qual fluido subtil e ultra potente a impregnar todo o meu ser, retemperando

visceras e nervos, numa expansão vital a que células e fibras respondem nessa vibração estranha de alma nova capaz de redobrado esforço.

E vós mesmos, Senhores, desse me tolerar indulgente ganhareis, senão para as vossas almas já bem formadas, o proveito que mal percebemos para a evolução do espírito humano, no recalcar ainda mais profundo, os sentimentos maus que todos nós, através dos tempos, trazemos como resíduo da animalidade remota, cada vez mais abafados pelo acervo de impulsos bons que o vosso ato presente ainda mais enriquece.

Por certo que não somos responsáveis pelo mundo de qualidades físicas e morais que recebemos, por delegação dos nossos antepassados, mas cumpre-nos, com toda a força da nossa consciência responsável, contribuir para melhorar esse patrimônio, procurando o desenvolvimento daquelas que melhor nos integrem como elemento útil a sociedade em que vivemos, de vez em quando dando tréguas aos outros homens, na luta feroz de interesses, aliás necessária também como fundamento em que assenta o progresso material do mundo.

É mistér, uma vez ou outra, esquecermo-nos de nós mesmos, para num impulso generoso, elevar o nosso semelhante em um instante qualquer da sua vida social, dando-lhe a sensação de valia, despertando-lhe as energias porventura amortecidas pelo desânimo, pela indiferença, tornando-o, momentaneamente embora, conscio da sua utilidade na vida coletiva, para, dessa predisposição otimista do indivíduo e da indulgência dos que o exaltam, juntar uma parcela de bem para o aperfeiçoamento moral da humanidade.

* * *

Nada se perde na natureza. Na série infinita de transformações pelas quais passa a matéria no universo, nenhuma partícula se anula. É a lei da conservação da massa, nas demonstrações matemáticas de Lavoisier e depois pelos resultados concordantes de experiências inúmeras, elevada à categoria de um axioma aliás ante visto no dogma religioso da imortalidade pessoal e da ressurreição da carne.

A observação do vulgo, muito antes da descoberta memorável de Lavoisier, para não falar na Phenix

lendaria do muito antigo, presentia o fato, interpretando-o embora grosseiramente, na crença de que o sesamoide metatarso-phalangeano interno do dedo grande do pé era indestrutível, isto é, não sofria como as demais peças do esqueleto a sua redução a pó e seria conservado na terra até o dia do Juízo, quando regeneraria o homem com todos os seus atritos, como de uma semente renasce a árvore.

Como a matéria, a energia dela indissociável ou antes, matéria e energia compreendidas numa aceção única, pois a matéria outra coisa não é que a própria energia potencializada enérgia também é indestrutível. Eu me dispenso de enumerar exemplos que provam à saciedade que a energia, nas suas variadas modalidades, se transformando de uma forma noutra, segundo uma relação numerica determinada, subsiste sempre, nas suas mutações, cada enegia aparentemente desaparecida correspondendo à mesma quantidade manifestada ou aparentemente criada.

Se nada se perde na natureza, se tudo o que existe já existiu e existirá, os nossos atos, os nossos pensamentos, as nossas ideias não poderão escapar à lei fundamental da indestrutibilidade do universo e, como tudo, são imortais.

Buchner afirma: "O homem como ser psico e inteligente é obra da natureza. Segue-se, por consequência, que não sómente todo o seu ser, mas também as suas ações, seu pensamento e seus sentimentos são fatalmente submetidos às leis que regem o universo".

Daí a grande responsabilidade do mundo consciente pelos seus atos voluntários capazes, na sua forma de energia cinetica, de imprimir-se em estado potencial no substratum humano e, porque não dizer-lo também, no substratum dos próprios irracionais que conosco convivem, marcando um grau de aperfeiçoamento psico ou moral ou despertando um estigma que deverá fazer calcado no abismo insondável da matéria organizada.

Nas ações humanas é preciso distinguir aquelas que obedecem a um certo determinismo, daqueles que

decorrem da liberdade de querer.

Eu me explico: se dependesse da minha vontade, se eu fosse livre de fazer o que entendesse e pudesse ser o que quizesse, eu vos afirmo, sinceramente, neste momento não estaria ocupando esta tribuna em que me sinto tão constrangido, sofrendo a tortura do divórcio patente entre ela e o meu temperamento. O meu ato que poderia parecer perfeitamente livre, não o é, pois - pelo que tenho dobrado direito a vossa indulgência - Varios fatores, circunstâncias e motivos dos quais não pude fugir e que condicionam a minha vida social me jungem, como uma fatalidade, a este posto.

Fossem outras as minhas condições sociais, não andasse eu, em obediência ao meu natural pendor pela elevação da vida, em vossa companhia e rastejasse na escória humana, fatores, circunstâncias e motivos, com a mesma força convincente me levariam, a contra gosto talvez, a praticar atos que poderiam mesmo repugnar à minha própria consciência, impotente para evita-los.

O homem é livre de querer e nisso consite o seu livre arbitrio. Mas, o ato dito voluntário, isto é, a decisão e consequente execução do querer não se completa sem o exame dos motivos, sem o "placet" da razão que, na complexidade dos fenomenos espirituais, constitue uma como que especialização psiquica, um centro de maior atividade capaz de dirigir e de modificar as correntes de ideias, pondo em vibração determinadas series de neuronas em associação dinâmica, como diz Ribot, acordando impressões preexistentes, associando-as, modificando-as até a conclusão ou formação do juízo exato.

A decisão de um ato não depende, pois, sómente da razão considerada como faculdade intelectual sistematizadora de conhecimentos e reguladora das nossas ações. "Muitas vezes a razão é fraca contra as paixões". A decisão de um ato é contingente e subordina-se à maior ou menor capacidade de funcionamento daquelas associações dinâmicas que no cérebro como que se enovelam um labirinto inexplicavel e a razão, a qualquer tentativa para desemaranha-las, é forçada a deci-

dir-se por uma das muitas pontas de fios do enovelamento correspondentes às múltiplas ideias.

São pontas de fio das ideias do bem, pontas de fio das ideias do mal, pontas de fio das ideias sabias, pontas de fio das idéias tolas, constituindo tantas veredas por onde a razão pode palmilhar, quantas as paixões que dominam o homem.

Escolhendo ora uma, ora outra, seguindo o fio preferido, encolhendo-o, estirando-o, largando-o e apanhando-o novamente, quantos nós, quantas intercepções, no emaranhamento das vias infinitas, a transviar a razão no seu arbitrio.

Compreender-se como possa ser contingente uma ação determinada pela razão e como possa esta última depender da via escolhida que, por sua vez, se impõe pela maior aptidão de vibrações, pelo exercício continuado, pelas excitações mais intensas, pelo hábito, pelo cultivo de uma determinada ordem de ideias.

Se o homem não é de todo livre de agir, pois que a ação decorre da maneira como se associam os diferentes centros psíquicos, ele é livre de cultivar as ideias, de exercitá-las e de associa-las para um fim determinado, e, do modo como ele desenvolve o seu pensamento, dentro das ideias habituais, tal a preponderância das associações do bem e do altruismo que as volições nesse sentido, assitidas pela consciência que as homologa, decorrem em verdade do querer ou seja do livre arbitrio.

O homem, pois, tem o livre arbitrio de fazer o seu meio interior. Ele pode, pelo exercício do pensamento, pela disciplina mental, condicionar os motivos determinantes de uma ação, que, em última análise, obedece à liberdade de querer; porém, a liberdade só no sentido da corrente das ideias habituais adquiridas ou inatas, cultivadas pelo exercício mental; porque, -

se no mesmo indivíduo que atingiu a perfeição moral de condicionar as determinantes de sua ação, uma idéia contrária, preexistente no seu sub-consciente, acordar imperativa, as associações habituais constituirão o freio capaz de lhe não permitir de se transformar em

ação. Um indivíduo que cultiva as idéias egoístas e as pratica habitualmente, terá uma vez ou outra impulsos generosos. Mas ele não é livre de transforma-los em ação. Se o mesmo indivíduo alimentar esses impulsos, destinados embora ao platonismo das boas intenções, não só poderá um dia conseguir pô-lo em execução como, independente disso, poderá transmiti-los aos seus descendentes que os terão como predisposições inatas, enriquecendo o seu patrimônio moral.

As nossas ações, os nossos pensamentos, as nossas idéias não constituem, pois, fatos mezinhos, sem importância, que se possam dispersar ao acaso, como coisa desprezíveis.

Destinadas à eternidade as nossas ações, os nossos pensamentos, as nossas ideias fixam-se em traços indeleveis nos caracteres psíquicos e morais da natureza humana e dali a responsabilidade que nos cabe pelo mal que praticamos e pelo mau uso que possamos fazer das nossas altas faculdades de espírito.

Há mais de século, já afirmava Lamarck diante da evolução zoológica que o seu espírito genial abrangeu na concepção admirável do transformismo: "Não é a forma, o corpo ou suas partes que dão lugar aos hábitos e à maneira de viver dos animais, mas ao contrário, são os hábitos, a maneira de viver e todas as outras circunstâncias influentes que tem, com o tempo, constituído a forma do corpo e das partes dos animais".

Por circunstâncias superiores às do meu apoucado mérito estou incumbido, nesta Faculdade, de guiar os alunos de Medicina no estudo da anatomia humana. Nesse tatear através do complexo organismo do homem o que se vê, em cada órgão da economia, em cada elemento, na mais insignificante minúcia, é o traço indelevel deixado pelas modificações sucessivas sofridas no curso do desenvolvimento filogenético, isto é, nas transformações sofridas por esses elementos, passando de uma espécie para outra na escala zoológica.

Certo elemento, aparentemente insignificante,

sem função que o justifique no organismo humano, à luz da anatomia comparada, cresce de valor pelo que ele representa como disposição ancestral, residuo de órgão que existiu plenamente desenvolvido e com funções bem determinadas noutra espécie animal da série que vai desde a monera até o homem.

O que se passa em toda a hierarquia, onde se pode seguir, passo a passo, a evolução lenta de um elemento anatômico desde que ele surge, desenvolve-se e regride, passa-se no individuo considerado isoladamente observando-se no desenvolvimento embrionário os diferentes estádios desses mesmos elementos desde a sua diferenciação até a sua completa evolução.

No homem adulto encontra-se, por exemplo, no mediastino anterior, isto é, adiante da bifurcação da traquéa, um pouco de tecido gorduroso, de função enigmática e que nada representaria se não se o estudasse nos seus estádios inferiores na série animal, onde se o encontra nos ruminantes com os caracteres fixos de um órgão limpoide perfeitamente desenvolvido. É o timo, glândula de secreção interna que no próprio homem se apresenta com os seus atributos de órgão, tal como nos ruminantes, porém somente na vida embrionária e fetal, passando a sofrer desde o nascimento a involução que o reduz, no adulto, a simples massa informe de gordura. Não é raro, entretanto, encontrar-se no próprio individuo adulto, um timo apresentando os caracteres do órgão embrionário.

Poderíamos citar uma infinidade de casos semelhantes nos diferentes sistemas do organismo humano, todos eles testemunhando disposições ancestrais, que se transmitem de geração em geração, aparecendo aqui, surgindo acolá, desaparecendo e tornando a surgir acidentalmente o homem, mas existindo normalmente num ou noutro animal.

No prefácio da sua monumental Anatomia Humana, diz, Testut, referindo-se à contribuição preciosa que, ao estudo da anatomia descritiva, traz a aplicação da ontogenia - história do desenvolvimento orgânico de cada individuo - e da filogenia - sucessão genética -

das espécies - : "O órgão é, com efeito, morfológicamente subordinado à sua função; transforma-se todas as vezes que ela se modifica. A função se aperfeiçoa? O órgão se aperfeiçoa por sua vez para se adaptar a ela. Ao contrário, sob qualquer influência vem a perder a sua importância ou mesmo desaparecer? O órgão, sempre subordinado, sempre docil, sofre uma transformação regressiva e acaba, por sua vez por desaparecer".

Esse desaparecimento, porém, é mais aparente do que real. Reduzidos a formações rudimentares, quando não tem no período embrionário um caracter mais ou menos fixo, surgem, ou como produções patológicas ou no estado de anomalias reversivas, sempre, em todos os casos, testemunhando a sua persistencia no substratum animal.

Diante desses fatos incontestáveis a teratologia deixou de ser o registro banal dos monstruosidades inexplicáveis, mistérios da criação ditos como insondáveis, para, com Camillo Dareste, coordenar-se numa ciência precisa, pelo estudo do desenvolvimento das malformações que não são mais do que disposições ancestrais fixas em qualquer ponto da série zoológica, pela força formidável da conservação pela hereditariedade em luta permanente com a força não menos formidável da evolução pela adaptação ao meio.

O lábio leporino, lábio partido, é uma malformação banalíssima pela sua frequência a ponto de não ser desconhecida de pessoa alguma. Essa deformidade, aliás de fácil correção na prática cirúrgica, longe de ser obra misteriosa do acaso, corresponde simplesmente à falta de soldadura de um ponto de ossificação do maxilar superior - o ponto incisivo, independe do osso no período embriológico até o terceiro mes da vida intra-uterina, quando, soldando-se aos pontos vizinhos para a constituição do maxilar superior, desaparece como osso isolado que tem existencia normal em muitos mamíferos, principalmente nos carnívoros e macacos inferiores. Não é raro encontrar-se no crânio adulto o vestígio da sutura do osso intermaxilar dos mamíferos.

Não tem outra significação a maior parte das malformações e monstruosidades que a luz da teratogenese esclarece de uma maneira frisante, elucidando pontos discutíveis da organização animal pela constituição e a evolução de uma série de fatos normais.

Duas ou tres vezes em cem, segundo uns e oito vezes em cem, segundo outros anatomistas, encontra-se no homem a parte superior do occipital destacada do resto do osso, constituindo uma formação independente que se chama osso epactal. Em um grande número de animais o osso epactal, com denominação de osso interparietal, existe normalmente em todos os períodos da vida.

No occipital mesmo, com muita frequencia, a crista interna que da protuberancia desce para o orificio occipital se abre num sulco, mais ou menos profundo, repetindo no crânio humano, como anomalia reversiva, uma disposição normal da maior parte dos mamíferos.

Seria ocioso continuar com citações semelhantes, demonstrativas dos vestígios da animalidade impressos indelevelmente no esqueleto humano, desde o crânio até o coccix, rudimento da cauda dos animais, persistente no homem no periodo embrionário; no tronco e nos membros até a ponta dos dedos, cujas malformações, perfeitamente explicaveis por falta, excesso ou desvio do processo embrionário tem todos seus equivalentes na série animal.

No simples ato da mastigação o homem trai uma disposição atavica. É assim que a articulação temporomaxilar apresenta uma conformação em que se acham reunidos vários tipos da série zoologica e, servindo-me de uma frase de Testut "conforme a natureza do alimento que o ato da apreensão leva à cavidade bucal, ele rói como os roedores, dilacera como os carniceiros e esmaga como os herbívoros". Em outras palavras o homem, essencialmente omnívoro, isto é usando todos os generos de alimentação na sua voracidade desmedida, tanto rói como o rato, tritura como o boi e dilacera tal o cão.

A superfície externa do cérebro humano apresenta uma série de saliências e depressões que se nos parecem à primeira vista extraordinariamente irregulares. E assim foram consideradas, por muito tempo, mas na realidade essas anfractuosidades obedecem a um plano fundamental na escala zoológica a partir dos mamíferos gyrencephalos, complicando-se à medida que se sobe na escala até o homem onde atingem o máximo de complexidade.

Não tivessem os anatomistas recorrido ao que ensina a observação dos cérebros de animais inferiores e, gradativamente, seguido na escala a evolução de cada minúcia e ainda o cérebro humano seria a irregularidade morfológica dos primeiros observadores.

No encéfalo são inúmeras as anomalias que traduzem estigmas da animalidade passada e para não citar sinão algumas das mais grosseiras e aparentes, lembramos a cissura perpendicular externa muito visível nos macacos e que no homem é interrompida por pregas de passagem consideradas como disposição morfológica especial do homem;. Este sulco perpendicular externo, também chamado fenda simiana, não é muito raro apresentar-se no homem com os caracteres próprios da fenda simiana, como nos macacos, e consequente ausência das pregas de passagem normais do cérebro humano.

Das três circunvoluções longitudinais do lóbo frontal, a primeira apresenta frequentemente um sulco longitudinal, sulco frontal medio que a desdobra em duas circunvoluções distintas, constituindo o que se chama o tipo quaternário, homólogo das 4 circunvoluções caracterizam o cérebro de alguns animais carniceiros. Muitos professores baseados em observações feitas em cérebros de criminosos nos quais constatarem a frequência dessa anomalia, consideram-na como caracter anatômico da perversidade, tendo Benedikt concluído mesmo que "em grande número de casos os criminosos não são assassinos sinão pela forma e a disposição das suas circunvoluções frontais".

Sob o ponto de vista morfológico são patentes os estigmas somáticos fixados indelevelmente no orga-

nismo humano, traduzindo a herança de milênios. O mesmo acontece com a herança mental que, tendo a mesma origem, pode ser evidenciada à luz da psicologia comparada.

Não resistimos ao desejo de ilustrar este nosso desataviado trabalho com a página que segue do genial psiquiatra argentino José Ingenieros, transcrita dos seus Princípios de Psicologia.

"Para toda a precedente evolução psilogênica das funções psíquicas podemos nos referir ao conhecido esquema publicado por Romanes em vários dos seus livros. O naturalista inglês procura representar comparativamente ao desenvolvimento mental do homem e dos animais, encontrando que os graus da ontogenia humana correspondem aos da psicogenia através das espécies. Tanto no desenvolvimento intelectual (memória, conhecimento, ideias, fantasias, razão, etc), como no afetivo (emoções, inclinações, sentimentos), é fácil de notar um certo paralelismo até ao decimo quinto mês do nascimento humano".

"Durante a fase ovular, o homem tem as mesmas funções psíquicas que correspondem aos seres protoplasmáticos unicelulares. No curso da vida embrionária, suas adaptações orgânicas e nervosas correspondem às que se observam no protozoários e celenterados. Ao nascer, ou pouco depois, suas funções psíquicas não são mais do que as observadas nos equinodermes, apresentando os primeiros sinais de memória e a possibilidade de uma consciência elementaríssima. As três semanas a criança manifesta tendências instintivas, surpresa, medo, como vemos nos anelados e nas larvas de insetos. Chegando à sétima semana a criança associa já as ideias por contiguidade, como os moluscos. Na decima semana, distingue as pessoas e manifesta prazer de ouvir a voz maternal, fenomenos que correspondem ao desenvolvimento mental dos insetos e dos aracnídeos.

As associações de ideias por semelhança, a colera, o instinto do brinquedo aparecem na decima segunda semana e tem seu correlativo do desenvolvimento mental dos peixes e dos batráquios. Duas semanas mais tarde se

observa já certa afetividade e raciocínios elementares, como admite Romanes nos crustaceos superiores. Na idade de quatro meses a criança é capaz de reconhecer as pessoas, como acontece com os reptis e cefalópodes. Um mês depois encontram-se manifestações de simpatia nas primeiras comunicações dos próprios estados representativos tal como se observa nos heminóteros. O reconhecimento das imagens, a compreensão de palavras, a função de sonhar, a emulação, o orgulho, o ressentimento, o gosto pelo adorno, o terror, se esboçam na criança aos 8 meses, paralelamente às funções psíquicas desenvolvidas nas aves. O desgosto, o ódio, a crueldade, a benevolência, mais ou menos consciente, assim como a aptidão para compreender certos mecanismos, os encontraria Romanes já manifestos em certos roedores, carnívoros e ruminantes, como na criança de dez meses. Quando atinge a um ano de idade, esta é capaz de usar certos utensílios ou instrumentos simples, sente a ira e exerce a vingança, como se observa em certos gatos, elefantes e monos. Por fim, os mamíferos mais inteligentes, o cão e alguns antropóides, podem revelar certos rudimentos de moralidade indefinida, o remorso, as paixões, o sentimento do ridículo, etc, implicando alguma aptidão imaginativa e de abstração, em uma proporção equivalente ao da criança de 15 meses. É evidente que esse paralelismo entre a evolução mental das espécies e do homem só é exato considerado em conjunto; os detalhes são mais ou menos aproximativos forçadamente, dada a relativa desigualdade entre os indivíduos de qualquer espécie".

"Depois do decimo quinto mes, a evolução mental do ser humano segue seu desenvolvimento, sobrepujando a de todas as outras espécies animais; a função da linguagem se complica extraordinariamente, estabelecendo amplas, diferenças quantitativas entre o homem e seus ascendentes filogênicos".

No desenvolvimento desta nossa palestra que se não julgue estarmos incorrendo no feio, defeito do zoomorfismo, em tudo vendo animalidade e sómente matéria. Não. O que vemos de assombroso no complexo orga-

nismo humano, o que nele vemos de extraordinário é justamente o que o escalpelo não atinge, e que escapa dos nossos sentidos acrescidos dos seus múltiplos meios de ampliação jamais suficientes para nos permitir percebê-lo materialmente, mas que presentimos nessa força maravilhosa que tão bem tudo ordenou.

O homem deve ser estudado como animal que é, mas não se lhe negue os atributos que o distinguem e que o colocam destacado no alto da série. Mas saibamos com isenção serena de ânimo desviar-nos do defeito contrário - do antropomortismo, pretendendo, numa vaidade desmedida, que a organização humana é o fim da natureza e que o universo existe para a sua alta recreação.

Já dissemos em outra ocasião, referindo-nos às funções psíquicas: "Quando contemplamos em um jardim formosas flores que balouçam docemente em suas delicadas hastes, vemos, no conjunto harmonioso da disposição de suas pétalas e no colorido admirável da sua pigmentação, a expressão completa da beleza estética. Mas, se fizermos abstração desse conjunto que fere agradavelmente a nossa retina, se revolvermos o humo do canteiro detritos orgânicos em decomposição - e, com os meios de que dispomos para ampliar os nossos sentidos de observação, percebemos o trabalho silencioso mas constante e ativo, da destruição orgânica - operação inicial do trabalho construtivo - levada a termo pelos infinitamente pequenos, seres irrisórios que não pertencem a reino algum da natureza, pois que não são nem vegetais, nem animais e muito menos minerais, tão ínfimos eles são, mas sem os quais, entretanto, o mundo vegetal se estiolaria não completando o trabalho de síntese orgânica imprescindível à vida animal, sem os quais, portanto, a vida não subsistiria no planeta, um gozo bem diferente se nos antolhará. Não será o prazer sensorial da forma, das cores, ou dos sons que nos dominará. Será um prazer muito outro que não saberemos definir, mas que sentiremos dentro de nós mesmos, prazer requintado advindo de um misto de sentimentos difíceis de precisar, pela

força, formidável, providente e sábia que tão bem há ordenado as coisas e com tanta presteza ha delineado as leis, segundo as quais, a natureza age num fim útil, sem predileções de qualquer ordem, inflexível e fatal, dispondo no mesmo nível, de igualdade, na obediência dessas leis, o mais infimo átomo e o mais complicado organismo vivo; iguais ainda no exercício das suas funções, que não há uma mais nobre do que outra, porque tanto vale, por certo, meus senhores, alimentar micróbios como ser alimentado por microbios".

Mas fiquemos aqui, para evitar decepção maior do nosso orgulho de reis da criação, porque se fossemos tirar a limpo essa questão de nobreza de funções, veríamos que justamente a esses seres infimos que o homem vacila incluir em qualquer dos tres reinos da natureza, cabe o papel mais importante nas operações vitais. Veríamos então o que, por certo, nos chocaria bastante, o micróbio representar na ordem vital papel semelhante ao que no meio social representa o fazendeiro que cria porcos e bois para o seu exclusivo proveito, pois veríamos que a função do micróbio é criar as plantas que engordam os animais cuja finalidade se reduz na decomposição sofrida por intervenção desses mesmos microbios, libertando os principios minerais aptos outra vez a recomençar o ciclo ininterrupto.

E fiquemos aqui, contentando-nos em permanecer nessa consoladora suposição de igualdade a que temos direito pela nossa maior esperteza no ajuizar das coisas.

A propriedade de que goza a materia organizada de receber e conservar impressões revela uma força especial de orientação - força vital - cuja ação tende a menor resistência, à custa da qual os elementos quimicos se alteram, dando-se as transformações que determinam as diferenciações dos órgãos adaptados à lei do menor esforço.

Theofilo Braga, em seu Sistema de Sociologia, diz: "Uma vez achada a menor resistencia, o movimento

orgânico conserva-se nesse álveo em uma persistência imutável, que se conhece pela forma de tipo da espécie e por uma orientação adquirida pela ação do tempo, a que se chama hereditariedade. O primeiro movimento até a fixação do tipo morfológico é a vida organica, que para Muller se revelava por uma inteligência das suas formas, mas que não é mais do que um impulso transmitido ao óvulo; o segundo movimento ou hereditariedade, é complexo, porque se compõe da coexistência de muitos movimentos adquiridos por onde se chega aos atos de inteectualidade e de consciência".

As faculdades espirituais não escapam às leis biológicas das transformações sucessivas da vida animal desde a monera até o homem.

Confirmam esta asserção as noções assentes na constituição anatômica da unidade nervosa, da irritabilidade da matéria viva, da sua instabilidade e da memoria dessa mesma matéria que demonstra, já no seu mais elementar grau de organização, pela faculdade de escolha dos materiais nutritivos, um certo discernimento na luta pela existência, discernimento adquirido pela experiência da adaptação ao meio segundo a lei do menor esforço.

Compreende-se que a gradação de desenvolvimento das propriedades fundamentais da materia viva, corresponde às diferenciações que ela sofre para fins preestabelecidos e que na celula nervosa atinge o grau máximo de complexidade.

Como é sabido a célula nervosa, também chamada neurona, é constituída de um corpo que apresenta em uma de suas extremidades uma série de prolongamentos protoplasmáticos em forma de arborização e noutra um único prolongamento formado pela reunião de fibrilas de protoplasma diferenciado. Aos prolongamentos em arborização cabe o encargo de receber e de transmitir o influxo nervoso para o corpo da célula, de onde este influxo, sofrendo uma modificação decorrente, talvez, segundo a hipótese de Delboeuf, citada por Delemagne, do novo arranjo ou agrupamento molecular do plasma, passa para o prolongamento da extremidade oposta, indo-

fazer vibrar outro neurona da mesma cadeia nervosa. Isto, falando de um modo geral, porque na realidade, particularizando-o, o fenômeno é muito complexo.

É possível que a passagem do influxo nervoso através da célula nervosa deixe um vestígio ou melhor, uma aptidão para se repetir idêntico arranjo que alguns psicólogos denominam - resíduo de excitação.

Ingenieros, em sua obra já citada, diz "A propriedade de conservar uma modificação estrutural como consequência de todo desequilíbrio energético precedente, constitui a "memória". A "experiência" é o conjunto das modificações do equilíbrio energético em um ser vivo, conservadas pela memória. Toda excitação relacionada com a experiência anterior é "sensação". As modificações funcionais e estruturais produzidas no curso da evolução das espécies, constituem a "experiência filogenética"; no curso da evolução dos grupos sociais, a "experiência sociogenética"; na evolução dos indivíduos, a "experiência ontogenética".

Obrigado a palmilhar, passo a passo, com os alunos de medicina, os meandros da anatomia humana, disciplina vastíssima, a mais árida do curso médico pela sua interminável nomenclatura, a mais material porque o seu objeto é o estudo dos fatos brutos, isolados, limitados nas suas pesquisas à pura observação de minúcias, à constatação e ao registro somente do que cai debaixo do seu único instrumento de indagação - o escalpelo - sinto o desânimo dos alunos, ao verificarem o esquecimento aparente do ponto bem estudado no dia anterior. Disciplina dependente quase que exclusivamente da memória, pela necessidade didática de reter as minúcias morfológicas do organismo, cuja nomenclatura variadíssima não obedece a uma sistematização lógica, e tão extensa que, segundo a observação de um aluno, até o que não tem denominação se chama inominado, o entusiasmo das primeiras aulas transmuda-se logo em desânimo.

Para evitar esse fato de que eu tenho experiência própria costumo avisar os alunos para que se não impressionem com o esquecimento aparente do ponto estudado

e prossigam nos pontos seguintes, com o mesmo ânimo, porque o ponto estudado, uma vez realmente estudado, entrou para o acervo dos conhecimentos adquiridos, isto é, para a experiência ontogênica e a noção fixada na trama inexplicável do cérebro brotará, como por encanto, nitida e perfeita quando com empenho solicitada, demonstrando cabalmente a utilidade do esforço.

É natural, dissemos nós, em um pequeno trabalho escrito para o Instituto Neo-Pitagorico, relativamente à imortalidade das ideias e que corre por ali assinado por Herofilo, nome simbólico que adotamos naquele Instituto, que as produções espirituais sejam tanto mais fecundas e proveitosas quanto mais exercitadas estas associações dinâmicas do bem, quanto mais intensas, duradouras e mais repetidas as excitações uteis. Dali o grande bem em pensar bem e o grande mal em pensar mal.

Muitas vezes pensamos mal simplesmente por nada, certíssimo que estamos da nossa incapacidade em praticar atos maus.

Na realidade, não os praticamos, porém, em pensá-los, criamos aptidão para se repetirem pensamentos semelhantes ou então reforçamos ideias que tanto poderão em nós ser neutralizadas por ideias contrárias, como poderão, um dia, obscurecer a razão de um nosso descendente.

Para longe a ilusão de que as associações do mal não existem em nós! Quem não as tem, sinão adquiridas em um meio aliás para isso propício, como este em que vivemos, pelo menos por delegação hereditária de gerações remotas? Porventura os exemplos de todos os dias não demonstram a existência em nós de faculdade que nos são completamente desconhecidas?

Julgando-nos a nós mesmos, certos dos sentimentos de bondade da nossa alma, sempre voltada aos nobres impulsos, quantas vezes não sofremos o amargor de uma ideia má que nos envergonha e abate!

Se as ideias não fossem imortais e não sofressem, como todas as qualidades do ser vivo, a dupla influência

das nossas idéias é tão considerável que, raramente, os nossos primeiros impulsos são transformados em ação. A filosofia popular, em sua alta sabedoria, aconselha mesmo - desconfiai dos primeiros impulsos.

As mais das vezes esses impulsos, em demasia generosos, são incompatíveis com as circunstâncias do momento e assim, desviados os impulsos nervosos, o movimento altruístico da nossa alma se nulifica pelo receio de cair no ridículo ou pelo temor da má interpretação que alguém possa dar ao nosso ato ou mesmo, pelo contrabalanço dos nossos interesses materiais.

Quando, em certa ocasião, pessoa de destaque na nossa sociedade, fez regular trajeto em plena Praça Tiradentes, carregando sobre os ombros um barril vazio, caído de uma carroça, cujo condutor, se me não falha a memória, se via em dificuldade para conter os animais, ele obedecia a um generoso impulso que as convenções, as circunstâncias do meio e das qualidades que o destacam em nossa sociedade, não foram suficientes para abafar. Ai se verifica a preponderância das associações do bem e do altruismo sobre as das convenções e dos preconceitos.

O fato que acabo de referir, e que na vida de quem o praticou, é um dos mais comuns, impressionou-me por dois motivos: porque eu me sentia capaz de ter impulsos da mesma ordem, e porque eu me sentia incapaz de transforma-los em ação.

Esta luta de uma corrente de ideias contra as influências do meio, evidencia peffeitamente o reçumar de impressões remotas; a insubordinação às tendências, aos preconceitos de uma época, traduz o seu dominio pleno. Nisto consiste a originalidade dos grandes espiritos, sempre tão insubmissos e sempre tão mal compreendidos.

Por maior erudição que um homem possa alcançar, por mais que ele tenha aprendido nos livros, o acervo da sabedoria adquirida nao poderá sobrepujar o fundo de reserva inesgotável herdado de seus ancestrais.

Já alguém o dissera, como afirmou em certa ocasião o saudoso Dr. Euzebio Motta - a falta de cul-

tura é condição essencial para ser verdadeiramente filósofo.

Sem a menor intenção de fazer a apologia da ignorância, encontro neste acerto uma confirmação da imortalidade das ideias.

O homem contém em si um mundo de sentimentos e paixões, de maldade, de afetos, de interesses, de inteligência; a preponderância de uma ou de várias paixões define o seu caráter, ao mesmo tempo que constitui a fonte de energias psicológicas para a sua diretriz moral.

As ideias adquiridas, de alguma forma, desviam a corrente inata e assim como os maiores criminosos são aqueles que, irredutíveis a qualquer educação moral, enveredam pelo fio das ideias do mal, o verdadeiro filósofo é aquele capaz de seguir, com a maior exclusão possível das demais vias do espírito, o fio das ideias boas e sábias. Esta razão superior ao mesmo tempo que revela maior originalidade de pensar, mais se aproxima da verdade, se é que alguma coisa possa estar mais perto do infinito, porque é lá que a verdade absoluta se encontra, lá onde a consciência humana, concretizada no gênio de Aristoteles, vislumbra-a, na causa primaria, no impulso inicial de todas as coisas, em Deus!

MÉDICOS E O IMPOSTO SOBRE A RENDA

UMA CLASSE CUJOS PROVENTOS NÃO SÃO PEQUENOS NA

PARTILHA DOS ENCARGOS

Uma alta autoridade do fisco entrevistada sobre a pretensão da classe médica de Ribeirão Preto de obter para os honorários médicos isenção do imposto de renda a julga "absurda e inaceitável visto que se trata de uma classe cujos proventos não são pequenos".

O juízo desse ilustre funcionário está de conformidade com idéia que todo o mundo faz da folga que vive o médico, recebendo muito por um trabalho de pouca monta. Aliás, não é só no setor econômico que o vulgo aprecia erradamente a atividade clínica. No médico comumente são supostos conhecimentos muito maiores do que comporta efetivamente o cérebro, em constante vigília, de um profissional estudioso de capacidade normal. Supondo o médico muitíssimo mais sabido do que ele o é, e dotado de recursos que a ciência está longe de lhe fornecer, o vulgo não imagina o esforço que ele dispende para acompanhar a ciência e a arte de curar no seu incessante desenvolvimento, como ignora a extensão do tempo que o médico rouba ao convívio familiar e ao descanso mais do que justo para não perder o pé das bases científicas necessárias para o exercício profissional. Como não avalia o dinheiro que custa esta permanente apredizagem, seja nas revistas e livros de preços exorbitantes, nas viagens de estudos aos centros mais adiantados, nos cursos de aperfeiçoamento etc., que tudo passa pelos olhos da clientela displicente como vantagens de uma situação invejável. Não falando no custo do material de trabalho, instrumentos, meios de condução, consultório e empregados que devoram a maior parte da renda minguada do único profissional no mundo que trabalha contra os seus próprios interesses, criando e propagando os meios para favorecer a saúde e evitar as doenças, que não pode compartilhar com outrem ou delegar os encargos profissionais, e de quem se exigem consideração humanitária pela situação econômica dos clientes e trabalho gratuito para os pobres, para as assistências de caridade e até para as funções de higiene e de justiça nos lugares onde o governo não possui funcionários para estes mistérios.

Outra incoerência na apreciação vulgar do exercício da medicina é a importância desmesurada que o cliente dá ao seu próprio caso e o diminuto valor que atribui ao trabalho do médico em tratá-lo. Não existe esse que já não tivesse sido abordado inúmeras vezes por indivíduos que pedem auxílio para o enterro de um parente, para comprar remédios, para mandar rezar missa, para adquirir gêneros de primeira necessidade, para todas as necessidades da vida, enfim. Duvido de alguém capaz de dizer que já tivesse sido abordado por um pedinte alegando necessidade de pagar o médico. É que não passa nem mesmo pela cabeça do mais descarado mordedor servir-se de semelhante argumento ao qual ninguém daria crédito por despropositado e absurdo. Ninguém jamais pediu a outrem dinheiro para pagar o médico e o médico é um dos únicos profissionais de cujos serviços alguém já pudesse ter prescindido inteiramente e sempre em condições de menor capacidade para satisfazer despesas inesperadas.

Ao instalar-se uma associação filantrópica, no cálculo do orçamento da despesa onde tudo figura com minúcia e exatidão, só não entra o valor dos serviços médicos antecipadamente previstos gratuitos. A instituição beneficiante apenas reserva-se o direito de preferência aos nomes que mais lustre lhe possam dar. E o médico, nem por servir de graça a estas instituições que chegam, algumas, a acumular fortuna, fica menos obrigado a atender a multidão dos que o procuram diretamente por não satisfazerem as condições de pobreza exigidas pela caridade pública, feita quase toda a custa dos serviços de uma classe cujos proventos não são pequenos... na partilha dos encargos, porém.

Aquele zeloso funcionário do fisco já esteve sem dúvida em algum ou vários consultórios médicos e, se em todos eles pagou o preço da consulta, pode se considerar caso raro de alguém que atravessou uma existência nada ficando a dever ao profissional de tantos proventos. Naturalmente terá tido, alguma vez, ocasião de circunvagando os olhos pelos 10 ou 12 padecentes que aguardam o

seu momento na sala de espera mentalmente terá feito o cálculo muito simples num consultório médio aparato :10 clientes a 20\$ = 200\$000. Isto apenas num horário, quando muitos já foram atendidos e outros virão ainda. O mesmo cálculo terá sido feito pelos demais clientes - todos assombrados pela facilidade com que o médico ganha dinheiro - amortecendo os escrúpulos de um único que não paga, de um apenas porque é amigo do médico e o médico só tem motivos de satisfação em o servir, de um que foi recomendado por amigo do médico, de um que é parente do médico, de um que é parente da família do médico, de um que também é médico, de um que é pai ou irmão de médico, de um que não gosta de pagar, de um que não pode pagar, de um que pretende pagar um dia, de um que uma vez pagou uma consulta e se julga com direito de importunar o médico pelo resto da existência com o seu interessante caso.

Não sou dos que aspiram para o médico o privilégio de não pagar o imposto de renda. O médico como profissional é igual a qualquer outro; como cidadão deve ter os mesmos direitos e os mesmos deveres perante a lei. Mas, é uma verdade que não pode sofrer contestação, que os honorários do médico não são propriamente renda, porque representam um penoso esforço pessoal e porque, excluídas as despesas com a própria manutenção e da sua família, se alguma coisa sobra é toda ela absorvida na aquisição incessante dos meios técnicos e intelectuais para melhor servir à profissão e aos clientes nas formas de um apostolado.

LIBERDADE DE FALAR

Folheando uma revista rotária Norte Americana encontrei dois artigos sob o mesmo titulo, na mesma página "Deve se restringir a liberdade da palavra? " Sim, afirma Swan Harding. Não, responde Frank E. Gannett, ambos jornalistas e publicistas cujos argumentos transmito aos leitores num ligeiro resumo.

SIM. "Teoricamente a liberdade de manifestar o pensamento é o maior dos bens que o homem desfruta. Os que em tal teoria crêem mencionam o que disse Voltaire: "Reprovo tudo quanto dizes, mas defenderei até a morte o direito que tens de dize-lo". Ao meu ver, continua Harding, a liberdade de publicar qualquer coisa demonstravelmente falso é reprovável sob o ponto de vista social. E não só é reprovável como também um tanto ridiculo no campo da teoria quando refletimos que na grande maioria dos homens não existe realmente o desejo de liberdade e independência. Liberdade da palavra? Não. Não, se com a expressão temos de nos referir ao direito vazio e ignominioso de que a mentira, a licença, a fatuidade e as dourtrinas que ameaçam o comum bem estar se perpetuem. São os necios os que convidam a derramar nosso sangue e a morrer para que homens sem consciência possam gozar o direito de dizer o que sabemos falso. A frase de Voltaire - se em verdade é sua - soa bem. porém não passa disso. Persuade e compraz nosso ouvido, mas não convence nosso sentido comum".

NÃO. "É verdade, diz Frank E. Gannett, que graças a liberdade da palavra é possível a difusão de idéias falsas. E como consequência alguém será prejudicado. Mas todo o viver é um constante transigir. Não aspiramos o bem perfeito porque sabemos que é utopico esperar alcança-lo. Entre o melhor e o pior escolhemos o primeiro. E o veridito ditado por inumeras gerações de homens

reza que é preferível contar com a liberdade da palavra ainda que disso resultem alguns mutilados e uns quantos feridos que deixar pesar sobre todo um novo as cadeias da escravidão. Por outro lado o falso é relativo e a verdade, por sua vez, pelos menos na forma sob a qual podemos percebe-la com a nossa humana capacidade, está muito longe de ser absoluta. Dir-se-á que existem verdades científicas tão firmemente estabelecidas que toda possível discussão seja desarrazoada. Os que condenaram Sócrates "sabiam" que Sócrates estava equivocado - e fizeram a cicuta acabar com a vida fecunda de um dos maiores filósofos que a humanidade já produziu. Os juizes de Jesus "sabiam" que as ideias do Nazareno não correspondiam a verdade... e o crucificaram. Os juizes de Galileu "sabiam" que era o Sol que girava ao redor da terra e o proibiram que desse publicidade às suas descobertas astronômicas. Ninguém conhece antecipadamente o lugar nem o dia do descobrimento de novos conhecimentos. Aonde quer que se restrinja a liberdade da palavra, põe-se em perigo o descobrimento da verdade e corre-se o risco de perpetuar a ignorância e a mentira. Qualquer mingua dela por excelso que seja o propósito em que se inspire constitue um retrocesso. É preciso, sim, que lutemos para defender o direito de dizer livremente até falsidades. Quem sabe se, sob uma luz maior, o que hoje consideramos falso não seja verdade amanhã? Já o disse Milton há tres séculos: "qualquer restrição que sofre a liberdade da palavra estorva e retarda a importação da mais preciosa das mercadorias - a verdade."

Fazendo-se um balanço entre as vantagens e os prejuizos da livre manifestação do pensamento resulta, sem dúvida, um saldo consideravel de benefícios, e tão grande que custa a compreender como, de boa fé, haja quem negue praticamente o que teoricamente - por todos é aceito como o maior dos bens.

A livre manifestação do pensamento tem os seus perigos, mas os que negam o uso de um direito que pode

iluminar a verdade e permitir aos homens corrigir os próprios erros pelo temor de que possa ser também veículo de falsidades, procederiam corretamente se condenassem o transito de onibus, de bondes ou a viagem em um transatlantico cujos perigos são tantos como incalculavel é o número de acidentes que ocasionam a cada instante.

Evidentemente que não é este perigo o motivo da sua condenação. É o interesse de poucos em não fazer luz sobre a sua verdade única e definitiva, e o interesse de muitos de não se dar ao incomodo de pensar de correr os riscos das suas afirmações o que fala eloquentemente a favor da restrição da liberdade de manifestar o pensamento. Haja vista o desassocego de muita gente nominalmente convidada a manifestar opinião num inquerito que corre por aí.

Diário da Tarde - 31 de julho de 1939

INVERNO DE LARANJEIRA

Do meu gabinete de trabalho eu diviso um fundo de quintal onde cresce, frondejante, uma vegetação de árvores frutíferas e de ornamentação, dentre as quais se destaca uma magnífica laranjeira, cujo verde escuro da copa ramalhuda, vivo e brilhante à luz do sol, se derrama em torno, emprestando vigor e vivacidade ao colorido da paisagem. Quando chega o inverno, quase todas aquelas árvores se despem da sua folhagem e, no meio da galharia seca que espêta o ar, numa atitude triste de desolação e de morte, a laranjeira soberba, ainda mais ramalhuda, ostenta-se no seu esplendor máximo de vida e de beleza, carregada de frutos maduros que pontilham dourando a fronde sempre verdejante.

A imagem desta velha laranjeira, sempre igual na sucessão das estações e que, no inverno, se cobre de frutos sem nada prejudicar a sua perene primaveril louçania, surge no meu espírito com uma persistência de obsessão a propósito do jubileu profissional do meu eminente mestre e grande amigo Prof. João Cândido Ferreira. E eu revejo, no meio da galharia seca, a bela laranjeira cheia de vida, entumecida de seiva na plenitude da sua capacidade dadivosa e acolhedora, associada à personalidade ímpar do Prof. João Cândido, como uma imagem fixada na minha mente, resumindo num símbolo concreto, sentimentos, recordações e experiências relativas ao nosso convívio de mais de um quarto de século e que exprime, independente de razões afetivas, o meu juízo real sobre o Dr. João Cândido Ferreira, representado no íntimo da minha consciência, por essa laranjeira vigorosa que transuda mocidade e energia, grande no seu porte, bela nas suas linhas, acolhedora em qualquer tempo, dadivosa por todos os elementos que a integram e caracterizam.

O jubileu profissional em qualquer uma das atividades úteis é um fato altamente significativo, pois, ninguém o realiza sem um grande esforço cujo sucesso representa a vitória de excelsos predicados de virtude.

Tratando-se de um médico, a sua significação ainda é maior porque o médico, na sua função de bondade, nesse constante velar pela criatura que padece, não vive e sofre apenas a sua própria vida. Se para as demais profissões é suficiente o preparo técnico para o médico que exerce a clínica exige-se mais o devotamento e as virtudes que possam situa-lo em qualquer emergência acima das humanas paixões, de modo a poder mergulhar no próprio amor e impregnar-se dos sentimentos que derivam do coração, cujo império sobrepuja o da própria lei porque a bondade é mais justa do que a própria justiça. E quando este médico é um João Cândido, cuja existência tem sido um ininterrupto apostolado, o jubileu atinge as proporções de uma glorificação.

Glorificação de um homem e glória do povo que o possui como um dos seus mais preciosos bens, personificações que é do labor profícuo, do saber profundo, da bondade consoladora, da mocidade perene, da energia moral, da vitória dos mais alevantados e nobres ideais humanos.

Em verdade, disse alguém, "graça imensa é a de enchermos o coração de alegria ante uma árvore carregada de frutos em vez do desejo de apedreja-la". - A graça imensa do povo do Paraná que enche o coração de alegria para uma glorificação que é a sua própria glória.

"O DIA" - 21 de dezembro de 1938.

O JUBILEU DA UNIVERSIDADE DO PARANÁ

Alocução do rotário Prof. José Pereira de Macedo por ocasião da inauguração do busto do rotariano Prof. Victor do Amaral na Praça da Universidade, em 19 de dezembro de 1937.

O culto dos hérois foi sempre uma das preocupações do povo de Curitiba. Aí estão as suas praças semeadas de monumentos em honra dos que se tornaram credores da sua admiração.

Desde o trabalhador humilde, héroi sofredor que fecunda a terra com o suor do seu rosto, semeador anonimo que realiza o milagre da multiplicação de pães para o sustento do corpo, até o divino Rui, expressão culminante da inteligência humana, perene semeador de idéias que iluminam o espirito para a edificação da alma, hérois de todos setores da atividade humana, a nossa gente cultua na simplicidade dos seus recursos materiais, com a sinceridade do seu elevado senso cívico.

As Faculdades de Ensino Superior plantam hoje mais um marco da Justiça do povo de Curitiba ao mérito, com a inauguração do busto em bronze do Professor Victor Ferreira do Amaral e Silva, bem em frente do portentoso feito que o sagrou benemerito da pátria - héroi ao qual devemos o culto consagrado aos grandes vultos da humanidade.

Victor do Amaral, é muito nosso, é um de nós mesmos, vive conosco na intimidade de uma vida simples e operosa e o epíteto de héroi poderá parecer aos menos refletidos um exagero de expressão. Héroi é de verdade o Professor Victor do Amaral, despido embo-

ra das exterioridades de largo efeito e do prestígio com que a distância, no tempo e no espaço, reveste comumente o verdadeiro e o falso héroi.

Varão ilustre e grande, cujas façanhas o fizeram digno de honra e memória, é como os lexicos definem héroi.

Camões caracteriza-o nos seus versos imortais:
O valor cantarei na adversa sorte
Pois só conheço héroi quem nela é forte.

Para Carlyle héroi é o que vê na esfera interior das cousas, o verdadeiro, o divino, o eterno que existem sempre, despercebido da maioria dos homens, sob o temporário e o trivial.

Victor do Amaral é um varão ilustre e grande cujas façanhas o fizeram digno de honra e memória.

Forte, ele foi na adversa sorte que lhe poz à prova o valor em trágicos momentos da sua obra periclitante.

Victor do Amaral não se distancia muito de héroi de Carlyle, porque ele viu sob a aparência superficial da bisonhice provinciana de Curitiba de há um quarto de século - o verdadeiro, na capacidade realizadora do seu povo que aguardava apenas um estímulo de quem nele puzesse crédito para uma manifestação de maior vulto; porque ele viu nos escassos recursos materiais e culturais de então - o divino que um pouco de fé fez crepitar no fogo sagrado de um ideal que iluminou o espirito de quantos puzeram na cooperação material e mental da obra, cujo jubileu festejamos hoje, mais do que um grande esforço o coração e a própria alma; porque ele viu sob o temporário e o trivial que revestem a superfície das coisas - o eterno das ações que visam o espirito imortal.

Victor do Amaral é um héroi como Nilo Cairo foi um profeta.

Nilo e Victor. Admirável par de homens impares. O profeta e o Crente. Do excelso de predestinados para a criação do monumento imperecível da capacidade realizadora da gente do Paraná, a cada um coube, na odisséia da construção da Universidade, o papel que o outro não poderia desempenhar.

O atrevido arrojo, audácia sublime dos primeiros atos, no período da organização, só Nilo Cairo poderia ter praticado na exaltação de profeta tocado por visões divinas.

As consequências dessa brava e temerária ação, sem a qual a Universidade não teria vingado, sómente Victor do Amaral poderia ter resistido, alheio aos próprios interesses e surdo à voz dos mais elementares instintos da própria conservação.

No momento mais crítico da vida da Universidade, na hora trágica do pânico, o profeta falhou na sua visão divinatória ao prever a derrocada fatal e o crente descreu. Descreu da obra? Não. Descreu da falsa visão do profeta. E Victor desatendeu Nilo que ao acordar do sonho delirante, mediu a extensão do perigo a que expusera o companheiro leal e, num impulso lúcido da sua alma nobre, o convidou a fugir ainda em tempo do edifício em eminência de ruir.

Com um estoicismo admirável e com um heroísmo que atingiu às raias da loucura, Victor do Amaral permaneceu dentro da construção abalada de morte nos seus alicerces. Não houve avisos, nem súplicas que o demovessem do propósito sublime de vencer ou de perecer nos escombros da sua obra, caso ela desabasse como parecia certo.

A Universidade era a razão da sua vida. Pela Universidade ele já havia empenhado os seus bens e alienado a própria liberdade.

Paixões políticas e regionais, convicções cívicas e doutrinárias, de tudo ele havia se despojado no interesse da obra para cuja sustentação parece ter sido um predestinado. A Universidade era a sua "divina comédia, o cantico da sua alma". Venceria com ela ou pereceria nos seus escombros à semelhança do velho e cego arquiteto português da abobada do mosteiro de Santa Maria da Victoria.

Venceu com a Universidade!

Temeridade semelhante não é rara na história, mas para o mal, por impulsos de paixões irresistíveis de interesses subalternos. Temeridade para o bem, por impulsos nobres de sã consciencia, poucas se igualam à de Victor do Amaral que teve, enfim, ainda a ventura de assistir a própria glorificação, na obra consolidada em um quarto de século de fecundos resultados.

O monumento da nossa admiração por Victor do Amaral ai fica ao lado de Nilo Cairo, o seu denotado companheiro de lutas pela mesma santa causa.

Ai ficam Victor e Nilo, em perene vigilia, quais sentinelas da Universidade que eles idearam, criaram e solidificaram. Ai ficam vigilantes sinaleiros da estrada larga que abriram, com bravura e abnegação, ao transito livre de uma multidão ao serviço de outra multidão!

Salve Victor do Amaral.

Salve excelso construtor do monumento imperecível da nossa capacidade e da nossa cultura, gloria eterna da gente do Paraná !"

LIBERDADE DE IMPRENSA

De todas as liberdades, a de imprensa é aquela que mais incomoda os governos, mesmo aqueles que, se limitando à esfera das suas atribuições legais, não tem, entretanto, a necessária serenidade para aceitar a crítica, nem sempre justa, é verdade, dos atos inspirados no bem geral. Não gostam da liberdade de imprensa estes que procedem bem, e muito menos com ela se podem conformar os governos que abusam do poder como coisa sua ou de grupos que o detem. Não gostam, e com muita razão, porque se a verdade, por si mesma, é dura de sofrer, o sensacionalismo de que a imprensa a reveste, torna-a ainda mais penosa. Daí o empenho insofrido dos que a querem coibir, seja propondo uma legislação especial de segurança contra os pretensos crimes de opinião, ou seja irrefletidamente, pondo mais lenha na fogueira do sensacionalismo, atentando pelos meios inconfessáveis de pressão e de suborno, contra a direito absoluto do jornalista na sua função de expressar, pela palavra escrita, a sua opinião sobre os atos publicos que o interessam diretamente e à sociedade em que vive, num regime de livre manifestação de pensamento.

Nada deve ser mais livre do que a imprensa, porque é da sua liberdade de ação que provem os incalculáveis benefícios morais para a educação do povo. Existem, por certo, países no mundo onde o pensamento é dirigido pela polícia, e nada mais desastroso do que a imprensa dirigida. Nós mesmos já a tivemos por todo o tempo do famigerado Estado Novo, bem sentindo os malefícios da ausencia da liberdade de imprensa que nem porisso minorou o sensacionalismo, mais ainda o exaltando na provocação de emoções de rebaixamento.

Já dissemos em outra ocasião, que a imprensa

deve ser a grande mestra do povo. Dela é que tem de vir os ensinamentos capazes de orientar o pensamento das massas e de congregar os espiritos para a defesa dos seus sagrados direitos de viver, como deve viver cada cidadão livre, em uma pátria livre. Dela, sobretudo, tem de emanar a educação que o povo precisa para a compreensão nitida dos seus deveres para com a pátria e para com os seus semelhantes e de modo a poder preservar a sociedade dos seus exploradores, inclusive a imprensa mercenaria e irresponsável.

A imprensa livre tem, sem dúvida, um pecado que ainda é maior na imprensa não livre pelo suborno e na imprensa dirigida pela pressão - o sensacionalismo que aliás, é um direito da imprensa, visto que nele se encontra a condição da própria existência. Sem o recurso do sensacionalismo a imprensa não poderia existir porque ninguém lê o jornal sem outro intuito que o de nele encontrar o inesperado, qualquer coisa de extraordinário para alimentar o sensacionalismo da imprensa independente?

Como bem afirma o grande pensador cubano E.M. de Hostos "A liberdade é o mais ativo elemento de civilização que se deixar de fazer. A moral o limita na esfera da razão; a ciência ser humano. Consiste simplesmente na faculdade de fazer ou conhecer. É o direito mais puro que a própria natureza deu ao constitucional o limita pelo mesmo direito, porém, nem a moral, nem a ciência da organização jurídica podem negá-lo. E quanto mais ciência seja a ciência e quanto mais se cimente a moral, com mais força o será afirmado, com mais evidência o será aplicado no seu fim privativo de coordenar direitos e poderes para obter a ordem".

A liberdade de imprensa tem, pois, como todas as liberdades, um limite na moral e na lei; mas, nem a moral, nem a lei podem negá-la. Daí, a existência, nas democracias, de um poder que, velando pelas garantias

constitucionais da liberdade e do direito, pune os que transgridem, no livre exercício da imprensa, a moral e a lei, uma vez verificado que o que se apresenta como calúnia, é efetivamente calúnia e não simples exposição sensacional de um fato verdadeiro; que a injúria, seja, em verdade injúria, e não o conceito público merecido pelos que atentam contra os interesses do povo e, sobretudo, contra as suas liberdades.

Este poder é o Poder Judiciário cuja importância, diz Hostos "é tão evidente, que não existe nenhum exercício de poder social cuja necessidade seja mais evidente. E para expressar a magestade dessa função, basta conhecer seu fim, que é o de fazer efetiva a consciencia da sociedade em todas as manifestações do direito escrito".

Aqui no Paraná, é com satisfação e orgulho que afirmo, o Poder Judiciário tem correspondido, com independencia e dignidade, à magestade da sua função de "Guardião da Constituição, das leis e do Direito", como o compreende o Partido Libertador que, no interesse das liberdades que defende, pugna pela auto organização do Poder Judiciário, porisso que não há razão que justifique depender do chefe do Poder Executivo a nomeação dos seus ilustres e respeitáveis membros, as suas transferências e promoções, em desacôrdo com a magnitude de uma função de razão e de consciencia, que ungindo em potestade a autoridade do Juiz, não deve outra dependencia que a do próprio poder.

O Libertador - 01 de agosto de 1949.

A GRANDE MESTRA DO POVO

Ninguém pode negar o valor da imprensa no movimento das ideias. Ninguém põe em dúvida o papel preponderante que a imprensa exerce na direção da opinião publica. Assim sendo, o jornal é uma espada de dois gumes e não é coisa de somenos, cuja diretriz não importa à população que o sustenta e dele sofre a influência que tanto pode ser extraordinariamente benéfica, quando a orientam somesinhos princípios de ética, como maligna se, desviado de propositos honestos, usa a sua força incontrastável para o mal, visando sómente objetivos mercantis.

A imprensa pode muito bem não ser o reflexo da mentalidade do povo em cujo meio exerce a sua atividade mas é, sem duvida, um ato importante no desenvolvimento da mentalidade coletiva que aprecia os fatos cotidianos como lhes são apresentados pelo jornal através do juizo crítico do jornalista cuja opinião é acatada como verdade irrefutável.

Daí, a responsabilidade moral de um órgão de tão surpreendentes efeitos na educação do character popular. Dai, o dever imperioso a que se devem impôr, todos quantos bem ou mal, servem-se da pena, dela só fazendo uso para o que é justo e honesto.

O individuo que vende uma dose de entorpecente para saciar a necessidade orgânica de um viciado é punido com rigor. Para esta classe de delitos e para outros de menor nocividade a lei é implacável. Que merece o jornal que propaga a ideia que envenena uma multidão? Longe de mim a ideia de propôr um freio para a imprensa. Pelo contrário, nada deve ser mais livre do que a imprensa, porque da sua liberdade de ação é que provem os incalculaveis beneficios morais para a educação do povo.

Da imprensa livre, mais do que de outro qualquer

poder, o Brasil tem a esperar o remédio heróico capaz de orientar o espírito cívico da Nação para a obra construtiva da sua unidade material e espiritual. É o que o Brasil precisa neste momento de confusão, de incerteza geral de desassossego com a efervescente ambição desmedida pela posse das posições de mando, pela aquisição de proveitos indivíduos, pelo assalto aos cofres exaustos da Nação, sem a mínima atenção às condições de penúria financeira e da precariedade das fontes produtivas do país, é de uma ação decidida da imprensa livre no sentido de pôr um pouco de ordem no espírito atribulado das massas, de abrir uma clareira no emaranhado dos interesses pessoais em que se debatem, egoisticamente, numa luta inglória, certos indivíduos sem alma e destituídos do mais elementar senso cívico.

Diz-se comumente que o mal do Brasil é a falta de educação. Mas, confunde-se educação com instrução e procura-se ministrar esta à revelia daquela e abrem-se escolas, academias e universidades sem pensar que o mal do Brasil não é provocado pela massa inculta que trabalha e produz, mas pelos espertos sabidos que vão deixando nas várias etapas dos cursos liberais, em cada média conquistada pela fraude ou pelo favor do brio já escasso trazido do lar.

O mal do Brasil é a proliferação da mediocridade que põe as suas ambições para além dos seus duvidosos méritos. O nosso mal é esta ância pelo imediatismo desenfreado, sem controle das forças morais relegadas para um plano inferior como velharias inadequadas ao plano da vida moderna.

A imprensa é a grande mestra do povo. Dela é que tem de vir os ensinamentos capazes de orientar o espírito das massas para a defesa dos seus sagrados direitos

de viver como deve viver cada cidadão livre de uma pátria livre. Dela, sobretudo tem de emanar a educação que o povo precisa para a compreensão nitida dos seus deveres para com a pátria e para com os seus semelhantes.

Sómente da imprensa, livre de censura policial e dos compromissos marcantes com as partes interessadas na ruína da Nação, mercê do seu formidável poder educacional, o país sem a esperança a formação de uma mentalidade capaz de neutralizar a ação maligna dos maus patriotas e péssimos cidadãos, cujas absurdas pretensões põem em permanente desassossego o espirito publico.

Diário da Manhã - 3 de maio de 1935

O SENSACIONALISMO DA IMPRENSA

Palestra realizada em 22-09-1938

Coube a mim, na partilha dos termos do programa do Rotary Clube de Curitiba organizada para o corrente ano - o Sensacionalismo da Imprensa.

Mas, que poderei eu dizer de novo que aproveite ao Rotary sobre um motivo tão velho quanto a imprensa e à imprensa indissoluvelmente ligada como uma condição da própria existência? Que poderá o Rotary fazer no sentido de coibir o excesso do Sensacionalismo? Se a resposta à primeira interrogativa está implícita nesta ligeira palestra que terminará sensaborona como começou, a segunda interrogativa continuará no ar, sem resposta, porque o sensacionalismo da imprensa, como tantos outros, é um problema destinado a permanecer insolúvel enquanto a humanidade for humanidade. E a prova é a sua existência no mundo inteiro, num crescente de abuso à medida do progresso da civilização. Não quero dizer com isto que o assunto não deva interessar ao Rotary. Pelo contrário, o sensacionalismo da imprensa é caso de estudo, digno de sérias cogitações e deve ser ventilado em todos os seus variados aspectos, sinão para Resolvê-lo, pelo menos para uma melhor compreensão dos que do sensacional se servem em proveito próprio produzindo todo o mal, quando dessa mesma força de alto valor persuasivo, sem prejuízo das vantagens lícitas de interesses comerciais, podem fazer todo o bem.

Ninguém pode negar o valor da imprensa no movimento das idéias. Ninguém põe em dúvida o papel preponderante que a imprensa exerce na direção da opinião pública. Assim sendo, o jornal é uma espada de dois gumes e não é coisa de somenos, cuja diretriz não importa à população que o sustenta e dele sofre a influência que tanto pode ser extraordinariamente benéfica, quando o orientam mezinhos princípios de ética como maligna se, desviado de propositos honestos, usa a sua incontrastavel força para o mal, visando somente objetivos mercantis.

A própria imprensa está percebendo os seus inconvenientes e ela mesma colhe os males que tem semeado, na concorrência desleal que sofrem os jornais que procuram manter uma certa linha de compostura, pelos que não poem limites à exploração do sensacionalismo.

Já alguém disse, ou antes, todo mundo diz que a imprensa é o reflexo da sociedade e Genolino Amado dando a forma precisa e elegante ao conceito consagrado escreve "o jornal retrata e espelha, cada dia, o conjunto da vida que se viveu". E o mesmo brilhante jornalista acrescenta, comentando este conceito para ele falso. "Não sei de engano mais espantoso. Ao contrario disso o jornal conta diariamente a vida que não se viveu, isto é, a vida que saiu da normalidade da vida, que está fora dos seus quadros, que foge ao seu sentido comum. Cada acontecimento que se noticia na imprensa é quase sempre um desmentido ao que aconteceu de um modo geral. Os reporteres vivem num mundo de inspiradoras irrealidades, como os poetas".

Se o jornal refletisse a fiel imagem da vida vivida, o que se passa aqui, impreterivelmente todas as quintas feiras, teria a repercussão que o esforço por um ideal de perfeição deve merecer da imprensa que, salvo honrosas exceções, só soube da existência da nossa agremiação de fins puramente morais, no momento em que a interpretação de um artigo da lei, duvidosamente contrária à vida da Instituição, a podia abalar nos seus fundamentos. E quase toda a imprensa do Brasil, comentou alvoroçadamente o fato, não inspirada na irrealidade como os poetas cuja missão é a de despertar emoções no coração dos homens, criando no mundo vago e incerto da fantasia as belezas imaginárias de hoje que serão as verdades substanciais de amanhã, mas, fria e calculadamente para ferir, para destruir, para negar o fato concreto da existencia de uma instituição que não tem outro objetivo que o de despertar, como os poetas, a atividade da especie em emoções de enobrecimento, como faz a boa imprensa e como fazem jornalistas poetas do calibre de Genolino Amado que no jornal vê e exalta a

poesia da vida.

O sensacionalismo da imprensa refletindo a vida no que ela tem de exceção da maneira dos poetas, nesse despertar de emoções da vida da espécie para as cogitações individuais, longe de ser um mal, é um precioso bem para a formação da mentalidade coletiva, pois, a imprensa pode muito bem não ser o reflexo da inteligência do povo em cujo meio exerce a sua atividade, mas, é, sem dúvida, um fator importante no desenvolvimento do espírito da multidão que aprecia os fatos quotidianos como lhe são apresentados pelo jornal, através do juízo crítico do jornalista cuja opinião é acatada como verdade irrefutável.

Daí a responsabilidade moral de um órgão de tão surpreendentes efeitos na educação do caráter popular. Daí o dever imperioso a que se devem impôr, todos quantos, bem ou mal, servem-se da pena, dela só devendo fazer uso para o que for justo e honesto.

Mas, ha sensacionalismo e sensacionalismo. O sensacional, que provoca emoções de enobrecimento é uma coisa, outra coisa, e muito diferente, é o sensacional que provoca emoções de rebaixamento, comumente usado pela imprensa que se não preza e muito menos preza o meio em que vive. Esta reflete a sociedade, também no que ela tem de exceção, porém, numa imagem desnaturada pela ampliação disforme do que ela tem de feio ou nocivo e cuja projeção em proporções desmesuradas sobre a própria sociedade, dá origem a mais erros e mais destino.

O individuo que vende uma dose de entorpecente para saciar a necessidade organica de um viciado, já perdido para a sociedade, é punido com rigor. Para esta classe de delitos e para outros de menor nocividade a lei é implacavel. Que merece o jornal que propaga a ideia que envenena uma multidão? Longe de mim o pensamento de propôr um freio para a imprensa. Pelo contrário, nada deve ser mais livre do que a imprensa, por que é da sua liberdade de ação que provem os incalculáveis beneficios morais para a educação do povo. Já existem no mundo paises onde o pensamento é dirigido

pela policia e nada mais desastroso do que a imprensa dirigida. Por tal preço, bendito seja, ainda, o mais escandaloso sensacionalismo da nossa pior imprensa.

Da imprensa livre, mais do que qualquer outro poder, tem-se a esperar o remédio heróico para a orientação do espirito cívico da Nação para a obra construtiva da unidade material e espiritual.

Diz-se comumente que o mal do Brasil é a falta de educação. Mas, confunde-se educação com instrução e procura-se intensificar esta à revelia daquela e abrem-se escolas, academias e universidades sem pensar que o mal não é provocado pela massa inculta que trabalha e produz, mas pelos espertos sabidos que vão deixando, nas várias etapas dos cursos acadêmicos, em cada média conquistada pela fraude ou pelo favor, o brio já escasso trazido do lar.

O grande, o quase insanavel mal é a proliferação da mediocridade que põe as suas ambições para muito além dos seus duvidosos méritos. O nosso mal é esta ânsia pelo imediatismo desenfreado, sem controle das forças morais relegadas para um plano inferior como velharias inadequadas ao plano da vida moderna que a imprensa mal orientada mais ainda agrava.

A imprensa deve ser a grande mestra do povo. Dela é que tem de vir os ensinamentos capazes de orientar o pensamento das massas e de congregar os espíritos para a defesa dos seus sagrados direitos de viver como deve viver cada cidadão livre. em uma pátria livre. Dela, sobretudo, tem de emanar a educação que o povo precisa para a compreensão nitida dos seus deveres para com a pátria e para com os seus semelhantes e de modo a poder preservar a sociedade dos seus exploradores, inclusive a imprensa mercenária e irresponsável.

Sómente da imprensa livre que saiba usar o sensacionalismo como meio de persuasão para a vida digna, livre de censura policial e dos compromissos mercantes com as partes interessadas na ruína da Nação, mercê do seu formidável poder educacional, o país tem a esperar a formação de uma mentalidade capaz de neutrali-

zar a ação maligna dos máus patriotas e péssimos cidadãos que na má imprensa encontram o meio suave para atingir às culminâncias e cujas absurdas pretensões põem em permanentes desassossego o espírito público.

O sensacionalismo é um direito da imprensa visto que nele se encontra a condição da própria existência. Sem este recurso poderoso a imprensa não poderia existir porque ninguém lê o jornal sem outro intuito que o de nele encontrar o inesperado, qualquer coisa de extraordinário e que seja diferente da regularidade prosaica do quotidiano viver.

E Genolino Amado que soube com rara penetração encontrar a poesia da vida no jornal, diz " Quando o homem deixa o escritório ou a oficina, a loja ou a repartição; quando deixa a vida prosaica da rua para voltar à vida prosaica de casa, o que ele faz ao comprar o jornal é levar consigo, para consolo do trabalho do dia e para a festa do descanso da noite, a soma das epopéas e dos lirismos que o mundo vai criando nas mesmas horas em que ele trabalha, descansa ou dorme".

"E de manhã cedo, antes de recomeçar a mesma vida, o jornal vem lhe dizer que a vida é diferente. E vem lhe dizer ainda mais que ele mesmo, num dia desses, poderá ser diferente também. Porque o jornal lhe mostra como a exceção reponta de surpresa na normalidade das existências e das figuras humanas".

"E, ao ver o caixeirinho que se matou por amor, ao encontrar o soldado obscuro que se transformou num herói da última batalha, ao ser apresentado ao amanuense que tirou a sorte grande, ao dar com o retrato do antigo pobre diabo que é agora ditador de uma pátria, o leitor comum se descobre, num plano de promessas e de imprevistos em que se perde a própria consciência do seu destino, sem esperanças".

Assim, o sensacionalismo não pode e não deve ser condenado.

A imprensa sem o sensacionalismo seria como uma árvore da qual tivesse sido sugada toda a seiva para não mais se cobrir de folhas, de flores e de frutos.

Seria como um rio sem a massa líquida que o caracteriza e que anima a vida da sua superfície em perpétuo movimento, que condiciona a vida fervilhante da sua profundidade, que se manifesta na exuberância da vida das suas margens e a reflete dilatada por toda a extensão do vale fértil.

A imprensa sem o sensacionalismo teria perdido o seu imenso prestígio e a sua formidável eficiência como fator educativo, aliás o único capaz, ainda, de realizar o milagre da solução do problema do próprio sensacionalismo, tão fatal à sociedade quando provoca emoções de rebaixamento, como benéfico e sempre oportuno, como pretexto para fazer jorrar a fonte inspiradora de nobres e elevados ideais de consolo e de estímulo sadio para a vida!

LIBERDADE E DEMOCRACIA

Palestra realizada na "Semana Universitária" em Londrina, a 16-11-1949.

Designado pelo Colendo Conselho Universitário, para colaborar no seu programa de difusão cultural no interior do Estado, coube a mim a satisfação e grande honra de falar ao brioso povo de Londrina.

É natural que eu tivesse pensado em desenvolver um dos inúmeros temas de minha cátedra de Anatomia Humana, cada um mais interessante, mais cheio de ensinamentos e de sugestões edificantes, cada um deles refletindo, nos processos naturais do desenvolvimento do homem, da sua organização somática e psíquica, a sabedoria infinita de Deus que tudo há ordenado admiravelmente para a conservação das espécies e para a perfeição da personalidade humana. O meu espírito andou esvoaçando por muitos desses assuntos e, por fim, fixou para esta palestra, o tema eterno da liberdade. Sem dúvida que não é um tema do domínio da anatomia, mas pertence ao estudo do homem, porque a liberdade, expressão que é da natureza moral e faculdade essencial do homem, o caracteriza e o separa do resto da animalidade. Outorga divina para o proceder humano que se limita pelos seus deveres, a liberdade é a condição da vida em sociedade e, assim, não pode ser estranha ao estudo do ser humano sob qualquer dos seus aspectos. Daí haver eu escolhido este assunto, porque, como estudante da anatomia humana, me impressionou a notável analogia existente entre a constituição anatômica de um ser vivo superior e a organização da sociedade que nasceu natural e espontânea pelo agrupamento de indivíduos, em família; famílias, em município; municípios, em províncias; províncias, em um todo que é a Nação. Da mesma forma se processou o desenvolvimento do organismo do homem - órgão fundamental da sociedade e a primeira das instituições do Estado. - Constituído de células agrupadas em tecido; tecidos, em órgãos; órgãos, em aparelho ou sistema; aparelhos ou

sistemas, em um todo que é o organismo vivo. Não é preciso nenhum artifício, nem trabalho de imaginação, para identificar na mesma ordem de disposição dos órgãos do ser vivo e dos órgãos da sociedade, o mesmo processo na natureza na criação de um e de outra. Como no organismo vivo, onde os elementos celulares, tecidos, órgãos e aparelhos tem a sua própria função presidida pelo sistema nervoso que influi na interdependência e na correlação desses órgãos e funções, cada um trabalhando para si e para todo o organismo, na sociedade, os seus órgãos e funções, exercendo o próprio governo, cada um para si e para o todo, são relacionados, articulados e coordenados por um conjunto de meios orgânicos que constitui o Estado, destinado, sobretudo, a assegurar a autonomia e os direitos de cada um dos órgãos sociais e de toda a sociedade nacional.

Mas, não é isto a democracia? Sem dúvida que sim, e tanto; que os órgãos da sociedade são também instituições do Estado democrático, cujos poderes legislativo, executivo e judiciário, têm o seu equivalente nas grandes faculdades do espírito para a prática dos atos individuais que se manifestam como o resultado de operações psíquicas, nas quais a inteligência é a capacidade de deliberar; a vontade, o poder de execução; a consciência, o tribunal de julgamento; e o sentimento, faculdade de sentir e de captar as impressões exteriores, mercê do conteúdo psíquico dos afetos e paixões fundamentais, interpretando-as, imprime no ato humano a maneira de ser do caráter do homem que, no governo de si mesmo, se rege pelos seus direitos naturais e absolutos e pelas suas liberdades também naturais e absolutas.

Como os órgãos da sociedade, a democracia nasceu natural, espontânea e necessariamente, como consequência lógica da formação da sociedade que, para subsistir, nas condições da sua criação, e realizar a vida social, tem nas instituições democráticas o meio natural de exercer a sua soberania, no estabelecimento das leis, na vigilância da sua execução e na desig-

nação dos funcionários do Estado, cujo modo positivo da sua função de governo, segundo Hostos é "assegurar, dentro e fora dos limites geográficos, o direito individual e nacional, a personalidade individual e coletiva, dos direitos do trabalho em todas as suas manifestações, a propriedade em todos os seus caracteres, a igualdade em seu aspecto jurídico, a justiça em seus atributos legais. A sociedade vive física, moral, intelectual, afetivamente e o modo negativo de funcionar o governo é não pôr obstáculos em sua vida e auxiliá-la em seu desenvolvimento cada vez que ela não possa se desenvolver por si mesma".

A sociedade humana está passando, presentemente, pela maior e mais decisiva das suas crises político-sociais, e nunca, como agora, se tornou mais necessário ao povo compreender que a paz do mundo depende do exercício das liberdades individuais e públicas. Nunca, como agora, o povo tem sido mais enganado pelos inimigos da liberdade e por uma multidão de inconcientes que, não sendo propriamente contrários à liberdade, no intuito apenas de conquistar votos, a pretexto de reivindicações sociais, com promessas que não pretendem cumprir, adulam as massas populares, jogando-as contra os que lhes podem trazer alguns benefícios de ordem material e moral, fazendo o jogo dos liberticidas, com estes colaborando à sombra do prestígio universal da liberdade, para sufocá-la definitivamente, pela subversão da ordem moral e jurídica, com evidente propósito de despersonalizar o homem transformando-o numa coisa do Estado. Nunca, como agora, foi mais necessário ao povo compreender que não pode existir justiça social fora da democracia, na ausência da liberdade e da ordem moral e jurídica.

As doutrinas estatais que prometem essa justiça, com restrições das liberdades individuais e públicas, sejam lá quais forem os seus nomes, não tem outro intuito que o de escravizar o homem ao Estado, despojando-o da sua maior riqueza e do seu supremo bem.

Eis porque escolhi a liberdade para o tema desta descolorida palestra, que não passa de um convite aos

homens de boa fé para refletirem um pouco sobre o conceito da liberdade, pois, como afirma o grande Ruy, "a liberdade é a condição da prática, é a consciência, é o homem; é o princípio divino do nosso existir, é o único bem, cujo sacrifício a pátria não nos pode reclamar senão deliberada ao suicídio com que o amor da pátria não nos permitiria condescender".

Assim, falando para o ativo e operoso povo de Londrina, cujo surpreendente progresso é um milagre naturalíssimo da atividade individual, não é sem propósito focalizar o elemento de ordem desse sucesso que está na relativa liberdade do povo digno que tem sabido vivê-la e praticá-la nos seus pequenos e grandes atos da vida particular e coletiva, segundo as leis naturais da sociedade democrática.

Para um povo empreendedor e que tantas provas tem dado de compreensão humana e que sabe que o seu bem estar depende exclusivamente do seu próprio esforço, a liberdade, como diz Ruy Barbosa, "fonte igual de luz e prosperidade para o bem, é a maior das necessidades, o primeiro bem, a mais segura das garantias".

Eu envelheci, sem necessidade de fazer o serviço militar. Várias gerações anteriores à minha tiveram também esta felicidade. Isto significa que, durante um longo período da história da humanidade, houve relativa paz no mundo. Não digo ausência de guerra. Eu mesmo assisti, já fora de tempo de ser convocado, a duas monstruosas guerras mundiais com os mesmos repugnantes propósitos de domínio universal, da barbárie civilizada contra a liberdade de povos pacíficos. Assisti, como assistiram gerações anteriores à minha, nesse período feliz de progresso civilizador, de exaltação das condições morais do homem, de otimismo e de confiança nos destinos humanos, a algumas guerras, mas guerras de alguma forma legítimas, para sacudir o jugo de um domínio, uma ou outra guerra pela posse de territórios em litígios, guerra por malentendidos de fronteiras, todas sem repercussão nos países vizinhos e às quais as outras nações puderam assistir neutras, sem dúvida pesarosas do

incidente destinado a ser resolvido pelos contendores sem maiores perigos à paz do mundo.

O mais elementar bom senso indica que devemos refletir sobre este fato. Não é que sejam necessárias reflexões profundas para atinar com as causas misteriosas de um fenômeno surpreendente. Nada disso, pois que ninguém ignora que, se passamos muito tempo em relativa paz no mundo, foi porque no mundo, por longo tempo, imperou o menos dominador dos regimes políticos - o regime democrático. Mas, por que vacilo em completar o verdadeiro enunciado do regime que nos proporcionou tamanha felicidade? Por que não disse logo, democrático liberal, porisso que inspirado no liberalismo dos ideais da Revolução Francesa? Eu me pergunto a razão desse hiato no expressar um pensamento que se formou inteiro na minha mente e encontrou restrições no instrumento da sua manifestação. E eu mesmo respondo. É que os termos liberal, liberalismo, liberdade, desde há muito tempo, principalmente de 1918 para cá, até o desfecho da última guerra, passaram a significar causas dos males fatais de toda as épocas, de todos os climas, de todas as latitudes, de todos os regimes, inclusive o mais de acôrdo com as nobres aspirações de dignidade humana - o próprio regime democrático liberal. Primeiro, certos intelectuais, por esnobismo, para dizer coisas diferentes dos outros, se puzeram a incriminá-los. Depois, em diferentes partes do mundo, alguns indivíduos que viam na consciência livre do povo um impecilho muito sério à satisfação dos seus megalomaniâcos ideais de domínio, redobram, à frente de um exército de assalariado, o ataque àqueles inofensivos termos e, por fim, toda a gente, os mais convictos liberais se puzeram, a todo propósito e sem nenhum propósito, a xingar a liberdade por imitação servil.

Foi então que no pensamento se formava a palavra liberdade, essencial à manifestação dos nossos mais elevados pensamentos políticos ou sociais e saía, quando muito por uma questão de consonância, por força de rima, uma chocha e recalcada verdade!

O interessante é que em pleno regime liberal, por isso sem o menor perigo para quem quer que fosse, lá vinha verdade em lugar de liberdade. Mais interessante ainda é a substituição desses vocábulos, quando o que amedronta os negadores da liberdade, em si inócua, não é a liberdade e sim a verdade que é uma luz fatal aos propósitos inconfessáveis de muita gente, mas luz refletida da liberdade e que não ilumina na escuridão da ausência da liberdade.

Mas, que vem a ser verdade? Verdade é o conhecimento temporal ou eterno de uma maneira de ser da natureza universal, no tempo e no espaço. É ciência de uma qualidade, coisa muito diferente de liberdade que é a faculdade que o homem possui de fazer ou deixar de fazer qualquer coisa - prerrogativa da natureza moral que o homem usufrui ou deixa de usufruir. Embora a liberdade também seja conhecimento da atividade do ser moral e, portanto, uma verdade, a recíproca não é verdadeira por isso que a verdade não é faculdade. Rima com liberdade, porém, não a substitui no significado de condição para a existência da pessoa humana. Melhor seria dizer logo realidade., termo ainda mais ao gosto dos tiranos e dos aspirantes do poder que o empregam na significação de força de circunstâncias justificantes dos chamados realismos totalitários de todas as cores e furta cores. Aqui, ainda, os inimigos da liberdade incorrem num erro, confundindo, no domínio da moral, realidade com força bruta. Real é o que é, o que existe. A força não passa de uma ilusão dos que pretendem subsistir à sua custa ou dos que desejam viver sob o seu domínio, pois, a força bruta, precária nas suas manifestações acidentais, é nada diante da potência infinita da liberdade moral que Deus outorgou à natureza humana separando, com um traço divino, dos fenômenos naturais necessários e fatais, obediêntes às leis da casualidade, os fatos morais dependentes da vontade que torna o homem livre de conduzir-se e de escolher o seu próprio destino e até mesmo livre de não cumprir o seu superior destino espiritual.

A liberdade moral é, assim, uma faculdade que o homem pode exercer ou deixar de exercer. E de tal forma Deus a dispôs que ele próprio nela não intervém fora das sugestões do bem e da tendência por ele concedida ao homem para a própria perfeição. Daí, a possibilidade do homem alienar-se dela se lhe apraz trocar a sua condição moral e livre pela de uma coisa sem fim, nem expressão, equiparada aos agentes naturais cuja ação, entretanto, tem um fim útil na ordem universal.

A força bruta é insuficiente para coagir o homem a alienar-se da sua liberdade moral e quando ele o faz, escolhe o pior, por uma razão suficiente com relações de finalidade, voluntariamente, como aliás todos os atos humanos. Daí por diante, porém, como coisa contingente a que ficou reduzido pela perda da personalidade, as suas ações, sem uma causa na própria razão, são efeitos de causas situadas fora de si, num outro ser, ou melhor noutra coisa que a fez à sua semelhança. As barbaridades de um agente policial de uma ditadura, por exemplo, são praticadas, necessariamente, sem vontade, nem liberdade deste agente de proceder de outro modo, porque a causa do ato maldoso não reside na sua razão, mas fora dela, na razão criminosa do dono da sua consciência, que pode ser o eventual ditador ou qualquer outra coisa possivelmente vivendo atrás da coisa que é o presumido ditador, infeliz insano, digno de piedade, como o povo que ele se esforça por despersonalizar.

Se a tirania de um Estado ilegal usasse apenas da força bruta pra a satisfação dos seus propósitos de opressão, nem tudo estaria perdido, pois um povo não perde a sua dignidade por submeter-se à força contra o seu querer. Ninguém fica diminuído por ser vítima do arbítrio de uma autoridade desarrazoada. É culpado sim, e possível de impiedosa e certa sanção da ordem universal, o indivíduo ou o povo que renúncia voluntariamente à sua condição humana.

Os tiranos, desprovidos, sem dúvida, de moral,

mas inteligentes e perspicazes, não ignoram isso, recorrendo de preferência, ao invés da força bruta, à coação psicológica pra obter a inversão da natureza humana em coisa adaptada aos seus propósitos de domínio. Um dos mais práticos e eficientes recursos da coação psicológica é o espantinho do qual se faz mister defender os bens mais caros ao coração humano - Deus, pátria, família, religião, tradições, instituições, a própria liberdade, a democracia, o bem estar do povo, a felicidade dos trabalhadores, tudo o que há de mais sagrado aos sentimentos da alma serve ao eventual salvador para arrogar-se o direito de interpretar as ações individuais e coletivas e de distribuir a justiça, segundo o seu critério facioso de julgar o bom e o mau para os interesses da nação já ferida com o esbulho das liberdades públicas.

O povo, menos feliz do que os passarinhos que tem nas asas livres e no domínio do espaço os recursos para fugir do espantinho que o lavrador planta no canteiro da sua lavoura, não podendo fugir da tirania, finge acreditar no espantinho inventado pela tirania e este primeiro passo da coação psicológica é o primeiro abalo que sofre na sua estrutura a natureza moral do homem que aos poucos se reduz a um automato possível e dócil à vontade do amo. E isto acontece porque o homem não é só espírito. É também natureza física subordinada às leis de causalidade e do determinismo. O próprio pensamento não foge a estas contingências do ser humano; por isso, é natural que faltem à imensa maioria dos homens os requisitos morais para defender a sua liberdade com o sublime desassombro dos não poucos que, na história da civilização, tem demonstrado a precariedade da força bruta e como pode o espírito vencer a matéria, como pode um homem ser livre, desde que o queira, mesmo nas grades de uma prisão, pregada numa cruz, pendurado numa fôrca, diante de um pelotão de fusilamento ou num tétrico campo de concentração.

Se, porém, a liberdade moral está ao abrigo de estranhos poderes e pode ser exercida pelo homem na plenitude da extraordinária energia potencial de que

dispõe a alma humana, o mesmo não acontece com a liberdade física que qualquer autoridade arbitrária pode cercear pela força a pretexto de ordem social, à sombra de sentimentos profundos como o de pátria ou por meios os mais abjetos como o suborno que amolece a própria liberdade moral, ou mesmo sem qualquer pretexto, simplesmente porque pode.

Agora eu pergunto: Pode haver alguém de sã consciência que negue a necessidade do exercício da liberdade para o progresso da civilização e perfeição da humanidade? De boa fé haverá quem possa não ter a liberdade como um privilégio incomparável? Errou Jesus quando pregou a doutrina cristã opondo-se ao paganismo? Andaram certos os juízes que condenaram Sócrates? Mereceram os grandes filósofos e pensadores de toda as épocas, o cárcere, o desterro, o martírio que sofreram no seu tempo? Não! responderão, sinceramente, os próprios interessados na ausência da liberdade. Logo, a liberdade é um bem que dignifica a espécie humana; o seu cerceamento indevido, um ato arbitrário que merece a repulsa da consciência universal.

A maior dignidade que um homem pode atingir é a de ser livre. E Deus, cujas leis eternas, que assombram pela sua equidade, devemos ter sempre presentes no espírito, não destinou preferentemente a um ou vários homens de poder ou de riqueza. Cada homem normal a possui em igualdade de condições ou em iguais possibilidades de alcançá-la.

O sábio, o rico, e o poderoso, neste particular, não levam vantagem sobre o ignorante, o pobre e o humilde que, nada tendo a perder, reúnem, na sua alma simples, condições de desinteresse material que favorecem o exercício perfeito das suas liberdades.

A liberdade é um dom divino e, por isso, o homem pode exercê-la, com perfeição interior em todos os tempos, em todas as situações e em todas as circunstâncias da vida. Não é dominação. É limite que o ser moral põe nos próprios atos.

Não é licença que o indivíduo usa para fazer o que quer. É faculdade de só fazer o que deve. E tão

ligada está ao sentimento de brio que ninguém a conquistou por meios escusos. Um indivíduo pode ser rico, empobrecendo outros e nada o impede de gozar feliz a sua fartura. Pode ser venturoso à custa da desgraça alheia e viver satisfeito nessa beatífica inconsciência. Pode ser sábio, amar a sabedoria e da ignorância tirar o máximo proveito. Mas, ninguém pode amar a liberdade e ser verdugo; ser dono de escravos e ao mesmo tempo homem livre.

Quem aceita voto de obediência incondicional, mesmo na boa intenção de uma causa justa, não sabe o que é liberdade e não está na altura dessa causa porque não existe causa justa compatível com servilismo que, às vezes dá impressão de ordem e de disciplina, mas é sempre uma ignomínia.

De um homem livre, que compreende a sua condição de pessoa humana, não há como esperar malefícios, e dele a pátria e a coletividade podem ter a certeza de nobres ações e até de sacrifícios e heroísmos nos momentos adversos. O mesmo se diz de uma nação que cultiva o espírito de liberdade do seu povo. Dela nada há que temer, porque dela não poderá vir mal algum. nenhuma injustiça, nenhuma violência, nenhuma traição.

Eis, porque nesse longo período da história da qual a minha geração assistiu o fim, quando predominou no mundo o liberalismo tão malsinado pelos próprios que lhe gozaram os benefícios, houve relativa paz entre as nações e se houve, como de fato aconteceu, guerras infaustas, foi sempre agressão de governos ditatoriais. O nosso Brasil liberal duas vezes teve ajuste de contas com governos semelhantes, com a ditadura Rosas, da Argentina e com a ditadura Lopes, do Paraguai.

Guerras que o Brasil foi compelido a fazer não contra nações irmãs e amigas, mas contra governos e sistemas políticos que faziam a desgraça dos seus próprios povos e punham em perigo as nações vizinhas. Guerras que terminaram com a vitória da democracia, sem deixar resíduos de odiosidades e que só nos podem

exaltar o justo orgulho de povo livre e amante da liberdade, como é motivo de orgulho nacional a ostensiva imparticipação do povo, noutra guerra, esta realmente ingrata para nós, no primeiro império - a luta pela manutenção da antiga província Cisplatina, hoje grande República do Uruguai de cuja incorporação momentânea ao nosso país nunca o povo brasileiro poudo compreender a razão, jamais negando a sua simpatia pela causa adversa, ajudando assim a vitória do povo irmão, também nossa vitória, vitória do nosso sentimento liberal.

Se existe uma humanidade é porque o homem é um ser à parte na criação e porque, de alguma forma, tem exercido o dom divino da liberdade. Se a história humana registra episódios de heroísmo e de glória que enaltecem a humanidade, a liberdade neles esteve presente como causa e como efeito. Nenhuma conquista de ordem moral, científica, literária ou filosófica já foi obtida à revelia da liberdade. Nenhuma obra de arte, nenhum poema, nenhuma sinfonia jamais se criou sem a liberdade de inspiração. Nenhuma invenção ou descoberta é possível sem liberdade. É impossível a revelação de uma verdade sem a liberdade, como impossível um ato digno, um gesto de nobreza, a prática do bem, em suma, prescindir da liberdade.

O problema da liberdade é, pois, o máximo problema, aquele do qual decorrem as condições para a solução dos demais relacionados com a perfeição e felicidade humanas, com o progresso da civilização e paz entre as nações.

Eu estou afirmando uma coisa que ninguém ignora, porque além de intuitiva, os grandes pensadores, em todo o mundo e em todos os tempos, vivendo a própria lição, de sobejo a tem ensinado. Não bastassem a própria intuição e as lições dos sábios e mártires, aí está, na monstruosidade da recente guerra, consequência fatal de um eclipse da liberdade, a lição vivida com sacrifícios, suor e sangue para avivar nas consciências uma velha noção, tão simples e tão sabida.

Se o homem comum não ignora o valor da liberda-

de, por que os homens se deixam espoliar desse seu maior bem? É porque no homem, também natureza física e animal, a tara de milênios de servidão tem muita força. É também porque, quase em regra, o poder do Estado (refiro-me ao Estado legalmente constituído) criado pelo homem em função do bem geral, frequentemente trói os intuitos do seu confiante criador, cerceando-lhe a liberdade, mas por pavor da verdade. Medo do qual nasce o arbítrio que gera a servidão por sua vez animadora da tirania, continuando o círculo vicioso do medo produzir o medo, tirania e servidão num constante superar-se até um ponto em que o equilíbrio instável rompe-se catastroficamente numa revolução ou numa guerra.

O problema da liberdade moral é de ordem filosófica e religiosa e a cada indivíduo compete resolvê-lo à sua maneira. Não é propriamente um problema à espera de solução da qual decorra a conduta individual, por isso que os elementos para o conveniente exercício do livre arbítrio cada um possui em igualdade de condições na sua natureza moral, ao abrigo de qualquer coerção, desde que o homem queira, bem entendido, usar das suas prerrogativas de pessoa racional e livre.

Não é o mesmo o problema das liberdades públicas que decorrem, sem dúvida, do bom uso individual das faculdades do espírito, mas dependem diretamente do poder do Estado - única força capaz de cerceá-las e, por isso mesmo, a única autoridade para franqueá-las.

Mas, que é Estado? "Geralmente, afirma E.M. de Hostos, os que sabem e os que não sabem Direito Constitucional confundem a Sociedade com o Estado e Estado com a Sociedade. Há necessidade imprescindível de diferenciá-los: nem a Sociedade é o Estado, nem o Estado é a Sociedade".

Que é sociedade? Todo o mundo sabe que é um agregado de indivíduos, seres humanos dotados de vida, de razão, de consciência e de responsabilidade e, portanto, com direitos naturais, liberdades e autoridades

que afirmam a sua autonomia.

Sendo a sociedade um agregado de seres vivos, por sua vez, é um ser coletivo vivo que participa da natureza biológica e moral do seu elemento fundamental - o indivíduo que se realiza na família, no município, na província e na nação. Daí, Hostos definir a sociedade humana "um agregado natural, espontâneo e necessário de indivíduos, famílias, municípios, regiões (ou províncias) e nações. Se aludimos os termos intermediários necessários do primeiro e do último, podemos dizer: Sociedade, agregada de indivíduos. E , considerando que cada um dos integrantes da sociedade é por si mesmo um organismo, podemos definir: sociedade, organismo de organismo".

Organismo de organismo, como define Hostos, a sociedade humana é uma entidade viva, um todo vivo, sujeito às leis biológicas da manutenção da vida, da conservação do ser e da evolução natural. Os órgãos ou os organismos da sociedade, como os órgãos de um ser vivo, cuja reunião constitui o indivíduo, não poderiam ter vida comum se não estivessem funcionalmente em relação uns com os outros de modo a funcionar, cada um para si e para o todo, dependente esta correlação dos órgãos e funções sociais de um conjunto de meios orgânicos que constituem o Estado, destinado a por em relação e articular entre si os órgãos da sociedade e assegurar os direitos de cada um e de toda a sociedade.

O Estado é, pois, um grupo de instituições fundadas no Direito para garantir a autonomia dos órgãos sociais, articulando-os para facilitar as suas atividades e o seu pleno e harmónico desenvolvimento. Representa o Estado, no organismo da sociedade nacional, o mesmo que o sistema nervoso na interdependência e na correlação dos elementos celulares, órgãos e aparelhos do organismo individual, por sua vez, sendo o sistema nervoso dependente do regular funcionamento de todo o organismo.

Se o Estado se limitasse às atribuições; se exercesse o poder que não é seu, mas da sociedade

soberana, para tornar efetiva esta soberania destribuída por todos os órgãos sociais; se reconhecesse e respeitasse o indivíduo como órgão fundamental que é da sociedade e a primeira das instituições do Estado, a paz do mundo seria a maior das realidades porque, como diz Hostos "Quando o Estado se constitui de modo a secundar essas autonomias, sendo ele um mero refletor de todas elas, as instituições que asseguram o governo de cada um dos órgãos sociais por si mesmas são meios tão condizentes a seu fim, que a ordem nasce como efeito necessário de uma causa natural. Então, entregue o indivíduo à onímoda liberdade que seus direitos garantem; consagrado exclusivamente a seu próprio governo o município; entregue a província à província à sua exclusiva direção, e funcionando sem obstáculos as instituições que lhes correspondem, toda a sociedade nacional reencontra sua vasta atividade em seu próprio desenvolvimento, e o papel do Estado, funcionário da vontade soberana, se eleva à altura da sua função magestosa, faz-se efetivamente, o representante jurídico da sociedade, resguarda no seio dela seus direitos, resguarda seu respeito nas relações internacionais e sendo um fator de ordem no interior, é um integrante de harmonia na vida comum nas nações".

"Quando, ao contrário, o Estado é Cesar ou Carlos Magno, Hildebrando ou Carlos V, Henrique VIII ou Luiz XIV, ou o Conselho de Veneza, ou uma oligarquia, ou um governo centralista, todos os órgãos sociais estão suspensos de uma vontade usurpadora, todas as instituições estão suplantadas pelas instituições que as tem absorvido, não existe mais que o Estado, não há outra sociedade que o Estado, não há autonomia que a do Estado, não há vida que a do Estado, e a ordem gerada no ser da sociedade é ordem de força, e o contingente que o Estado presta à vida internacional é de guerra, de usurpação ou de injustiça".

Quando o notável constitucionalista e grande pensador cubano emitiu este lúcido e admirável conceito, cristalino e verdadeiro, de Estado e das suas relações com a sociedade, o mundo vivia em relativa paz, no gozo

das franquias liberais conquistadas pela Revolução Francesa. Teve Hostos a felicidade de não assistir ao despertar dos instintos primários de milênios de servidão com Hitler, Mussolini e que tais, por força desta subversão da ordem natural, do Estado atribuir-se a soberania da sociedade, como acontece ainda em vários países desgraçadamente dominados por déspotas da mesma espécie.

Infelizmente, porém, o pior não são as ditaduras sobreviventes. O pior é o erro intencional de que o Estado é a própria sociedade, ou que a sociedade existe, como os indivíduos e grupos sociais, para o Estado que se não satisfaz em usurpar o poder ou soberania da sociedade que tem um limite, tornando-se ainda um poder ilimitado contra a própria sociedade.

É que a tendência do poder do Estado, instituído em função do bem geral, é a de trair o seu destino de ordem, de faltar ao cumprimento do seu fim precípua de garantir a personalidade humana, os seus direitos e a sua liberdade, não tanto, como atrás dissemos, por aversão dos seus dirigentes à liberdade, mas, por paixão autoritária e, sobretudo, por pavor da verdade, como acontece em muitas democracias representativas com o estabelecimento de leis de arrocho, alimentando a descrença no espírito popular e avigorando as ideias extremistas nessa atmosfera anti-democrática criada pelo medo que gera a servidão e anima a tirania.

Daí, o perigo do Estado, mesmo do Estado democrático, única forma de governo compatível com as liberdades públicas e privadas, única forma de governo capaz de reconhecer a soberania da sociedade da qual dimana o seu poder limitado pelo próprio fim da sociedade que é de existir para o indivíduo.

Daí, a necessidade do povo intervir efetivamente, como ensina Assis Brasil, no estabelecimento das leis e na designação dos funcionários que tem de executá-las e de administrar a coisa pública. Daí, não poder o governo democrático prescindir do exercício da opinião pública que o obrigue a manter-se na esfera das suas

atribuições legais.

Maior é ainda a necessidade da cooparticipação do povo no seu governo, criando uma opinião e fazendo-a valer pelo efeito exercício, consciente e livre de sua soberania, principalmente porque o Estado, além da natural paixão autoritária dos seus personificadores, possui infinitos meios que facilitam a sua tendencia de sobrepor-se à sociedade, de absorver as funções naturais dos órgãos sociais e de transformar a força do Direito no direito da força, invertendo a função secundária de mero representante, na função principal do representado.

Num Estado ilegal, nos chamados Estados totalitários, esta inversão de poderes é coisa estabelecida. O povo já sabe que, sob semelhante regime, deve obediência total à vontade soberana do Estado, e que o único recurso que lhe assiste para manifestar a sua repulsa é o extremo de uma revolução, aliás um direito natural que o povo exerce, em casos excepcionais, contra os excessos da tirania. S.Thomaz d'Aquino já reconhecia esse direito do povo oprimido, mas o grande filósofo do Cristianismo via também, como o vê o bom senso popular, e como ensina a história, o perigo de um tirano pior substituir o antecedente. Por isso o povo esgota sabiamente o cálice da paciência antes de abalançar-se ao recurso extremo. Enquanto isso, vai colaborando na sua própria desgraça, reconhecendo e aceitando pacificamente o poder ilimitado de que se arroga o Estado anti-democrático, na sua ação perturbadora no meio interno e grandemente nociva nas relações internacionais, causando o maior dos males da humanidade - a guerra.

Bichat define a vida: "Conjunto de funções que resistem à morte". Parafraseando o genial criador da anatomia sistemática, eu digo que, em regra, em todos os tempos a sociedade humana tem sido o conjunto de funções que resistem ao Estado. Se a vida do indivíduo é, afinal, vencida pela morte, a vida da espécie perdura, não cessando a evolução dos órgãos e funções que, efetivamente, resistem e vencem a morte, perpetuando-se

no tempo e no espaço. Como a espécie, a sociedade é perene, como perene a luta do indivíduo contra as paixões na estruturação da sua personalidade consciente e livre, como perene é a luta da coletividade contra tudo o que possa perturbar-lhe o bem estar relativo e a tranquilidade de viver dignamente.

Para os totalitários e simpatizantes dos governos fortes, a soberania do povo, nos regimes democráticos, é fictícia, e, como se dizem realistas, preferem a dura realidade da opressão às ilusões da liberdade, clamando pelo governo de um só, porque, nos regimes legais, quem governa é uma minoria! Que o seja, mas é uma minoria responsável que, ao contrário dos governos de força ou ditaduras, atinge o poder de modo pacífico e legal, com obrigações de prestar contas à nação dos seus atos devidamente controlados, vigiados e criticados pela opinião pública. Fosse a delegação popular que governa numa democracia, uma minoria que não representa mais do que a vontade de uma parte do povo, ainda assim, nas democracias verdadeiras, o povo não deixa de exercer a sua soberania pelo livre exercício da opinião pública que se manifesta a cada instante, pacificamente, sem restrições nem reservas, pela voz do homem da rua, e nos parlamentos, na tribuna e na imprensa, porque, de fato, o Estado liberal é mantido por duas minorias exercendo funções imprescindíveis e inalienáveis - a minoria que governa e a minoria que faz oposição; ambas prestigiadas pela grande massa - força viva da nação, que trabalha e produz.

Um organismo vivo não tem a simples finalidade de existir num dado espaço de tempo. Qualquer que seja o destino deste ser, na vida e depois da morte, sofre, durante a sua existência precária, o influxo de duas forças igualmente consideráveis - hereditariedade e evolução que, se contrariando, imprimem nele, para a perpetuação da espécie, as condições que garantem o desenvolvimento normal dos seus descendentes no tempo e no espaço. Uma sociedade é um organismo vivo que se não furta a influências semelhantes. Da luta, sem tréguas,

das forças conservadoras e evolucionistas às quais não podem escapar os fatos sociais, resultam as condições da vitalidade para a evolução natural, seja do ser vivo ou seja do organismo social, sem prejuízo das suas características essenciais.

Como processo natural, a evolução de uma sociedade não comporta saltos bruscos. A garantia da sua estabilidade reside num certo sazonalismo das conquistas novas que as forças conservadoras, que lhe eram contrárias, acabam por fixar no organismo em evolução. Na ordem social democrática, o governo é a força conservadora e as oposições a evolução. Contrariando-se perpetuamente, as inovações pregadas pelas oposições, contrariadas pelo governo, iluminadas pela discussão livre, admitidas pela opinião pública, em um dado momento, em condições de amadurecimento, o poder conservador as incorpora definitivamente ao organismo social. A existência destas duas forças vitais - governo e oposição, na vida de um Estado democrático é essencial, porque é animando espiritualmente a função de uma e dando o apoio material à persistência da outra, acatando a autoridade legítima e cumprindo as suas decisões legais, que o povo ou sociedade exerce a sua incontrastável soberania e realiza as suas justas e naturais aspirações de liberdade.

A sociedade, como entidade viva, porque é composta de seres vivos racionais, tem, como cada indivíduo que a integra, uma consciência, um pensamento; , idêntica necessidade de viver, uma psicologia e direitos naturais que precisam ser respeitados, consoante o estado evolutivo que atingiu no perene esforço de perfeição.

Como organismo vivo dotado de razão, a sociedade em cada um dos seus agrupamentos, nacional, provincial e municipal, forma uma opinião própria sobre o que convém aos seus interesses de progresso, de paz e de felicidade que, no fundo, são os mesmos interesses de cada indivíduo, para o bem do qual existe a sociedade dependente mais das atitudes e das atividades privadas do indivíduo que este da sociedade. Esta opinião é a

opinião pública que, se dominasse, como devia dominar, o mundo seria muito diferente.

Mas, porque a opinião pública, só muito raramente domina e ainda de modo precário? Simplesmente, porque a isto se opõem os governos por um dos seus poderes - o poder executivo que abusa da força da sua autoridade para fazer valer nos atos administrativos a opinião pessoal ou do grupo dos que o detém, o que ainda não seria de todo mau se obedecesse a uma razão de consciência ao invés de obedecer, como via de regra acontece, a razões de interesses subalternos. E também, principalmente, porque cada indivíduo, cuja opinião não se afasta muito, por óbvias razões psicológicas, da opinião pública, em sua grande maioria, só tem coragem de manifestá-la no anonimato irresponsável da coletividade. Assim, ao ser cada um chamado, nos comícios eleitorais, para manifestar a sua opinião o faz individualmente, por forma diametralmente oposta àquela, livre e consciente da opinião coletiva, de modo que a maioria dominante poucas vezes expressa a opinião pública na escolha do seu governo. E por que assim o faz? Por medo, por interesse, por displicência, ignorando o mal que a si mesmo está fazendo. E depois, esta maioria, ao verificar o resultado das urnas se desola, reforçando a íntima convicção de que o mundo não endireita mesmo e que tudo está irremediavelmente perdido. E parece mesmo que o mundo está irremediavelmente perdido. Parece, mas não está. Evidentemente não se trata de encontrar uma nova fórmula de vida, mas de persistir na reconquista das nossas liberdades públicas, pela resolução do problema político-social que a mal compreensão dos legítimos e naturais interesses humanos transformou num eterno conflito entre governantes e governados, dispondo em posições antagônicas os seus elementos fundamentais - liberdade e autoridade, sem cuja harmonia, como sequências naturais do direito, não é possível direito, nem liberdade, nem autoridade.

Liberdade sem autoridade é licença; autoridade sem liberdade, despotismo. De tal forma liberdade e

autoridade se confundem que se não pode admitir uma sem a outra, pois no princípio da autoridade residem as condições essenciais ao exercício da liberdade, por sua vez faculdade essencial ao exercício da autoridade, podendo-se quase afirmar - um mesmo exercício da razão.

Neste instante eu estou exercendo a autoridade que o Conselho Universitário me outorgou de me fazer ouvir e de ocupar a atenção do auditório. Eu sou o detentor desta tribuna, tenho o direito de ficar nela durante um pouco de tempo, dentro dos limites que o bom senso indica, o meu poder é reconhecido e aceito. Para exercer, porém, a minha momentânea autoridade eu preciso de liberdade não só de pensar e de transmitir o meu pensamento, como preciso, para controlar o meu proceder na esfera das minhas atribuições, de um certo exercício de razão, ausente no indivíduo sem liberdade. Eu sei, e isto já é alguma coisa de bom, que toda esta minha arenga é um abuso de autoridade. Mas, onde já se viu autoridade sem abuso de autoridade?

. Liberdade e autoridade não são, pois, proposições contraditórias. A contradição está apenas na sua definição vocabular e no aspecto sob o qual o fenômeno autoridade se apresenta ao espírito comum que a identifica pelo seu abuso. Como muito bem disse Tristão de Athayde "A autoridade não é oposto e sim o complemento necessário da liberdade".

Esta verdade tão simples e clara dificilmente pode ser compreendida e aceita pela imensa maioria de funcionários do Estado que oficializou o abuso de autoridade quebrando assim, a seqüência natural de uma mesma faculdade cujos termos, direito - condição da liberdade, liberdade - ordem do direito, autoridade - complemento da liberdade, afirmam a autonomia individual e as dos demais órgãos da sociedade. Transmutada a autoridade, dignidade do ser livre, num poder arbitrário de impôr obediência, tácitamente deixam de existir autoridade, direito, liberdade, autonomia.

Certa vez fui encarregado, na qualidade de funcionário da Saúde Pública de meu Estado, de um

ligeiro curso elementar de anatomia e fisiologia para um grupo de guardas sanitários. Aproveitei a oportunidade para dar a êsses funcionários algumas noções de civilidade convenientes às suas relações com o público, fazendo-lhes compreender que um cidadão, quando vai a uma repartição, não vai por gosto, mas obrigado, para dar satisfações das suas atividades ou para pagar impostos, satisfazer exigências regulamentares, pôr-se de acôrdo, enfim, com os interêsses públicos para poder trabalhar e produzir. Não é um intruso, mas, pelo contrário, colaborador necessário do desenvolvimento dos serviços públicos e ainda contribuinte para as despesas dêsses serviços. Assim, ao funcionário cumpre atender a parte com o devido respeito, facilitando-lhe a solução dos seus casos criados pelo Estado e complicados pela burocracia, etc.. Terminado o curso, o exame consistiu nas respostas breves de um certo número de testes, entre os quais formulei o seguinte : "Como deve proceder um guarda sanitário, no exercício das suas funções, perante a parte"? Todos responderam de conformidade com as minhas ingênuas pregações, sendo que um dêles respondeu : "O guarda sanitário deve tratar as partes com urbanidade e delicadeza, porque as arbitrariedades competem aos nossos superiores". Respondeu com a mentalidade do público educado que conhece o seu direito de ser bem tratado, mas admite e se conforma com as arbitrariedades dos superiores!

* * *

"O homem verdadeiramente livre é aquele que sabe subordinar o exercício dos seus direitos ao exercício dos seus deveres", afirma Fournié. Tôda a liberdade é, pois, condicional. O conhecimento dos seus limites constitui requisito essencial do ser livre que não é aquele que entende fazer o que quer, mas o que sabe regular as suas ações e sobretudo respeitar a liberdade alheia dentro dos limites traçados pela moral.

O homem, nestas condições, não se opõe absolutamente à autoridade do Estado que êle sabe muito bem necessária ao exercício regular das suas próprias liberdades e dêsse, o Estado nada há que temer, uma vez que o Estado existente em função do bem geral e cujos interesses do povo, não exorbite das suas funções legais. E não se diga que numa nação civilizada poucos são os homens nestas condições e por isso a autoridade do Estado precisa exceder os justos limites para a manutenção da ordem; como não procede a alegação de que o povo precisa ser educado num regime de fôrça para o exercício das liberdades públicas, pois, não é compreensível como possa semelhante regime ensinar o que combate, o que nega, o que não prática.

O sentimento de liberdade é como o de religião, um predicado essencial da alma que não falta no homem inculto que pode não conhecer os princípios de razão da liberdade, mas a sente e compreende os seus benefícios da mesma forma que os homens intruídos, e, até mais facilmente, pelo desconhecimento dos seus direitos, aceita e respeita a autoridade do Estado.

"A nossa liberdade, diz Franck, assim como a nossa vida, e como tudo o que existe, tem necessariamente um alvo, um fim, que não podemos deixar de conhecer, e que é indefectivelmente o mesmo para todos os sêres da natureza. Obrar sempre de harmonia com êsse fim, é obedecer a uma regra ou lei, é admitir que há deveres, isto é, ações que nos são absolutamente impostas e ações que nos são absolutamente proibidas pela razão, independentemente de tôda a coação externa, de tôda a pena e de tôda a recompensa".

O respeito à autoridade do Estado é imposto ao cidadão por dois poderes : o da própria razão - regras de moral - e pela lei.

Um Estado que reconheça os direitos e as liberdades da pessoa humana à vida política, nada pode temer do povo que é o maior interessado na existência do poder ao qual delegou a coordenação das suas atividades, a guarda dos seus haveres, a garantia da sua vida e da sua liberdade, da vida, da liberdade e da soberania da

nação. Logo, para a solução do problema das liberdades públicas, que é um problema porque assim o quer o Estado, a questão está apenas no Estado querer harmonizar a sua autoridade com os interesses do povo, pondo um limite no próprio poder de usar a sua força de coerção pública, submetendo o exercício das suas, majestosas e nobres funções às regras da moral, admitindo, como o faz o simples cidadão, que "há deveres, isto é, ações que lhe são absolutamente impostas, e ações que lhe são absolutamente proibidas, independentemente de toda a coação externa, de toda a pena e de toda a recompensa".

Afinal, no que consistem as liberdades que os homens moralmente livres exigem do Estado? Apenas as que lhes permitam viver segundo a sua natureza humana, sem constrangimentos no exercício das suas faculdades ou dos seus direitos senão nos casos determinados pela lei que deve ser obra da vontade livre dos cidadãos e nunca violar a Justiça. É pouco, mas o suficiente para a humanidade prosseguir o seu destino de progresso e de civilização. Ao Estado não pode convir coisa diferente. O resultado das experiências totalitárias, em todos os tempos e em todo o mundo, têm sido fatais e trágicas aos regimes de força para que ainda haja alguém de boa fé que pretenda torcer a vocação democrática da sociedade humana, aspirando para a sua pátria um governo de força.

* * *

Sem dúvida que são os dirigentes do Estado os maiores responsáveis pela deturpação do regime democrático, mas não o é menos culpado o indivíduo cujos direitos absolutos sobre as suas liberdades naturais são limitados por uns tantos deveres também naturais absolutos. Entre estes deveres, o dever político é aquele de cujo consciente exercício depende a autonomia individual. É verdade que é este o único dever do

cidadão pelo qual os governos se desinteressam, pois, não me consta que, em nosso país ou em qualquer outra parte do mundo, o Estado, sempre tão cioso pelo exato cumprimento dos deveres individuais, tenha jamais interferido na educação do eleitor para o seu exercício político. É assim que, para compelir o indivíduo ao dever de contribuição, eesmerou-se na perfeição da instituição do fisco ao qual ninguém pode fugir; para o cumprimento do dever militar, realiza verdadeiros milagres na formação do espírito cívico do povo que, na guerra, mata e morre pela pátria sem indagar da justiça da causa pela qual está morrendo e matando; para o dever que tem cada cidadão da própria educação, não poupa o Estado despesas com a pedagogia oficial pela qual consegue o respeito e a submissão das massas populares pelo princípio de autoridade que o espírito comum autentica pelo seu abuso, não formando outro conceito do fenômeno autoridade, que o da obediência a uma fatalidade necessária e inelutável.

Para a falta de cumprimento do dever político a benevolência do Estado é extrema. É assim que o eleitor, em regra, ignora que o título eleitoral que a nação lhe confia é uma arma pacífica tão sagrada para a defesa da ordem e da paz interna, como a arma militar para a defesa da pátria contra as injúrias externas. Daí, a necessidade do povo educar-se por si mesmo para o exercício político, começando por compreender que o soberano não é o Estado, mas o povo que deve exercer a sua soberania pela manifestação da opinião nos comícios eleitorais, organizando o seu governo, vigilando-lhe e criticando-lhe os atos, renovando, periodicamente, os seus representantes pelo exercício do dever político de cada indivíduo. O indivíduo que não cumpre este dever, formando uma opinião e tomando uma atitude em face das correntes ideológicas político-sociais; que renuncia a obrigação de exercer atividade política no partido que melhor satisfaça aos sentimentos cívicos e legítimas aspirações do bem comum; que abdica da própria autonomia na entrosagem das instituições do Estado, cuja organização e cujo funcionamento não lhe interessam, este indivíduo é também culpado na deturpação do regime

democrático, deixando de praticar um ato de liberdade, para praticar um de licenciosidade, nocivo a si próprio e à coletividade.

À ausência de educação política é um grande mal para uma democracia. Logo, o primeiro e mais urgente problema de uma democracia que pretende subsistir como governo do povo pelo povo é o da educação política, pois, no ativo exercício político - direito e grande dever dos cidadãos - a opinião se coordena e se aprimora, e, quanto mais esclarecida e coordenada, melhor para o governo que, numa democracia verdadeira, é a própria opinião pública em ação.

* * *

De tudo o que acabamos de expôr, com a paixão de um crente no superior destino da humanidade, conclue-se :

que a democracia não é uma doutrina inventada pelos homens, mas o próprio processo natural e espontâneo da organização da sociedade; que é um imperativo político-social, o da democracia para a realização da paz universal pela ordem legal das nações; que a liberdade, ordem do direito, condição da autoridade, afirmação da autonomia, é causa, efeito, saúde, vitalidade, luz, força, princípio, meio, fim da democracia.

ASSISTENCIA MORAL AOS DETENIDOS

Antes de mais nada eu peço aos meus bons amigos que suspendam o juízo que já fizeram ou estão fazendo quanto a extensão desta página a que me obrigou a Comissão de Programas. Serei muito breve, o mais breve que me for possível no desenvolvimento do tema que eu não escolheria para mim - Assistência moral aos detentos - não tanto por vós que podeis vos defender alheando-vos da minha leitura, mas por mim mesmo que, diante de umas tiras em branco, pressinto no lápis pontiagudo que empunho um instrumento perigoso que é necessário refrear na explanação de um assunto sobre o qual a minha consciência acompanha a pequena minoria dos que se não conformam com o conceito dominante do crime e dos meios universalmente usados para reprimi-lo. Sou dos que negam ao homem o direito de julgar os seus semelhantes. Os homens são iguais na virtude que o maior criminoso possui em estado latente nos refolhos da alma e no lastro de maldade sedimentada no íntimo do mais puro, cuja santidade não significa a ausência de sentimentos maus, mas o seu adormecimento apenas. Os atributos essenciais da alma humana, num e noutro, são idênticos na sua natureza. O que varia é o grau de aperfeiçoamento moral para cujo progresso jamais contribuiu o castigo de qualquer espécie. Variam também as circunstâncias do meio e as condições psicológicas de um dado momento que tanto podem levar, à cadeia como ao altar, no julgamento dos homens uma alma compassiva e boa, um ser egoísta e perverso. É uma questão de mais ou menos consciência o que distingue um santo de um criminoso. Para quem não possui os requisitos morais para compreender a malignidade dos próprios atos, o castigo só serve para mais ainda embrutece-lo. Para quem possui um resquício de consciência o castigo é inútil porque, sómente a voz interior é a luz que permite ao indivíduo encontra-se no labirinto das próprias paixões.

A repressão que não tenha o objetivo de fazer falar a consciência do criminoso no sentido do bem, não fortalece para o mal apenas este criminoso, mas todos os que se comprazem com a vindita coletiva caracterizada pela justiça penal. Não me alongarei, pois, com argumentos para demonstrar a inutilidade do cárcere e dos demais castigos que a justiça dos homens, a revelia da equidade humana, aplica comumente aos que deixam transparecer as suas faltas, mesmo porque se eu atingisse ao meu objetivo não resultaria a prova de uma inutilidade, mas a prova da nocividade do cárcere como ambiente favorável a verificação da maldade e escola de alta cultura para o crime.

Jamais alguém tirou vantagens morais de um castigo. São inumeros os exemplos de virtude surgidas da compreensão psicológica de um ato delinquente e da benevolência por faltas aparentemente irremediáveis. Qual o ser humano que não esconde no acervo das suas ações qualquer coisa capaz de lhe tirar o próprio desejo de viver se ela viesse a lume para o julgamento público? Quem já não colheu de uma falta sem castigo a lição proveitosa para a conduta que o eleva e dignifica na Sociedade?

O castigo só tem um efeito: é o de satisfazer a maldade do castigante. Nem sempre chega a ser maldade o inocente mal estar de espirito que aproveita o resvalo do próximo como pretexto providencial para o desencadeamento de uma ira de causa remota refreada a custo até o momento em que pode explodir livremente. Até aqui ainda se compreende o castigo como ato de defesa psicológica para remediar um erro oculto de conduta por parte de quem o aplica. Mas, como justifica-lo, aplicado por quem não o move uma paixão irreprensível? Deixo de pé esta interrogação, interrompendo, já não fora de tempo este introito que não pude impedir, com a observação muito seria e sensata a proposito de inutilidade do cárcere, de um dos maiores humoristas do mundo - Bernardo Shaw "O efeito da vingança ou represália na consciência dos malfeitores é como o da destruição rápida. Se na rua

damos uma pizadela num transeunte, desfazemo-nos em desculpas ante o seu gesto ou sua exclamação de dor; porém, se ele se volve contra nós agressivamente, tratamos de fazer-lhe no nariz ou no queixo o que, sem intenção, lhe fizemos nos pés. Os castigos extremos não conduzem ao arrependimento. Enquanto seus efeitos duram, a vítima está possuída de um tal furor que quizera pôr fogo na prisão e assar vivos os juizes e carcereiros".

A sociedade não pode prescindir de um meio de defesa contra a atividade anti-social dos seus membros nocivos. Ela já resolveu racional e humanamente, o problema dos seus membros atacados de doenças mentais que os tornam, muitos, ainda mais nocivos do que os maiores criminosos. A sociedade defende-se dos seus loucos sem ultrajes nem violência, pacificamente, por intermédio de instituições privadas. A reclusão no hospício não tem o caracter de castigo e nem prazo fixo, esgotado o qual ao elemento nocivo é dado quitação para recommençar os seus desatinos.

Para a repressão do crime haverá, sem dúvida, um meio humano que afaste da defesa social o caracter odioso de uma vingança coletiva por agravos singulares. Em nosso Estado e creio que, em quase todo o Brasil, o problema relativo aos menores delinquentes está sendo resolvido por um daqueles meios naturais e humanos que seria de desejar fosse aplicado aos adultos criminosos, com discreção e brandura, sem a encenação espetaculosa que precede ao trancafiamento do desgraçado num meio onde encontra a oportunidade para apurar os sentimentos ruins ou, na melhor das hipóteses, da justiça nunca errar, a liberdade do inocente que, nem por ter sido restituído a sociedade, deixa de levar no substrato da sua alma, a magua do vexame sofrido nas várias e inter-

mináveis etapas do processo judiciário.

Se a justiça não fosse tão justa, tão inflexível e fatal no seu veredictum decorrente do exame frio e imparcial das circunstâncias aparentes do crime; se ao invés de rigor na interpretação das peças do inquerito, com os olhos vendados, para não ver sinão o que se contem no processo, perquirindo de olhos abertos, as razões psicológicas do ato criminoso; se ao invés do castigo ultrajante do carcere, proporcionasse as condições morais para a reintegração na sociedade do indivíduo anti-social; se ao invés da pena a prazo fixo com oprobrio perene, providenciasse uma troca de ambiente onde o culpado encontrasse o estímulo para ser útil, outros por certos seriam os resultados da repressão cuja necessidade eu não nego. Repressão, como defesa, não enxovalhamento por castigo. Higiene mental do transviado que se não encontra no emaranhado das próprias paixões, no aviltamento público do infeliz que chafurda no lodo. Correção, não punição.

De tudo o que eu disse linhas acima conclue-se que a assistência moral aos detentos é mais do que útil. É uma dívida que a Sociedade tem para com os infelizes enterrados vivos pela condenação social. Mas, eu vejo, fora de uma transformação radical do conceito do crime e dos meios de reprimi-lo, a maneira hábil de ser praticada essa assistência de caracter leigo, sem maior opróbio para o encarcerado e sem fazer-lhe sentir ainda mais o abismo que o separa do resto do mundo. É possível e, por toda a parte praticada com resultados animadores, a assistência religiosa que pode prometer no Céu a justiça de Deus como lenitivo as penas da justiça dos homens na terra. É um consôlo, sem dúvida, um grande consôlo, de resultados morais benéficos que, entretanto,

não apaga o estigma degradante que afasta definitivamente o culpado do meio social, qualquer que sejam as suas disposições morais, porque se a lei ao expirar o prazo da pena lhe dá quitação, a sociedade nega-lhe o clima favorável à vida digna.

O conforto de um tratamento melhor, por parte dos que estão encarregados de vigia-los não deixa de ser uma forma louvável de assistência moral, porém, precaria pela dependência em que está da boa vontade de funcionários restritos à rigidez das disciplinas regulamentares e, de alguma forma, contraproducente quando transformada numa assistência econômica capaz de despertar nos detentos destituídos de senso moral de dignidade, o prazer de uma existência fácil que na vida livre não podem encontrar.

Que poderá o Rotary fazer neste sentido? Uma resposta a esta interrogação não me ocorre. Limito-me, pois, a reafirmar o erro da represália coletiva por agravos pessoais e a existência na alma do criminoso de virtudes que é preciso não anular com a punição ultrajante, mas avivar por meios mais humanos, de higiene mental, em estabelecimentos apropriados, como por exemplo, asilos educacionais, colônias agrícolas etc onde o culpado encontre um ambiente favorável ao reconhecimento do próprio erro, para a sansão natural da própria consciência, aliás o único castigo que induz ao arrependimento.

"Nas artes industriais, afirmou Sócrates, as ações acertadas são frutos do conhecimento. Assim também a ciência da conduta humana" o crime é um equívoco, um erro de conduta cuja medida, como entidade abstrata encarada somente pelos seus efeitos, é outro erro. Uma bomba lançada criminosamente de um avião sobre uma cidade pode não estourar. Uma fagulha saída da chaminé de um lar pacífico pode incendiar a mesma cidade. Que faz a justiça, tal como ela interpreta o crime? Mete na cadeia a fagulha que o sopro do castigo reascende e deixa livre a bomba em via de explodir.

Vou terminar esta ligeira palestra na qual eu puz mais do que pretendia, com um episódio muito ilustrativo da vida de D. Bosco. D. Bosco é o santo que, na vida terrena, bateu o recorde no desvio para o céu, de almas condenadas ao inferno. Jamais D. Bosco aplicou um castigo para por alguém no bom caminho. D. Bosco para a realização dos seus milagres educacionais e regenerativos usava de meios humanos, desde a prestidigitação que praticava com invulgar perícia, até a cooparticipação aparente no vício, nas espeluncas onde ia buscar os transviados para restituir a Sociedade.

Por uma e outra das suas artes, muitas vezes foi chamado a presença das autoridades eclesiásticas que viam a intervenção do diabo nas suas inocentes escamoteações e uma depravação de conduta na sua frequência, as horas mortas da noite, aos botequins dos quais, no momento oportuno conseguia arredar os mais renitentes, conduzindo-os aos lares ou à sua própria habitação aqueles que não possuíam.

Um dia D. Bosco lembrou-se de levar a um passeio numa floresta distante légua e meia da cidade, os detentos de uma prisão de Turim, na qual ele exercia o seu apostolado. Falou nesse sentido ao Diretor da prisão "Que está dizendo D. Bosco? O Senhor fala sério? Acaso o regulamento proíbe? O regulamento não podia prever que a D. Bosco ocorresse semelhante idéia".

Impossível, cem vezes impossível, foi a resposta do Diretor. D. Bosco foi ao Prefeito de Polícia que se não deu ao trabalho de discutir a proposta. Mas D. Bosco não era homem que desistisse de uma ação que se lhe afigurasse boa. Foi ao Ministro do Interior que, mais tolerante, consentiu dizendo que ia providenciar um piquete de guardas para acompanhar os presos.

"Excelência - respondeu D. Bosco - agradeço a sua boa vontade; mas prefiro renunciar ao meu projeto se os carabineiros têm de me escoltar"

"O Senhor e eu, Senhor Abade, vamos praticar

uma loucura e meia. O Senhor arriscar a liberdade, e eu c ministério. Vamos! Faça o passeio. Quero ver o que resulta"

A gente do povoado de Stupinige, diz Hugo Wast de cuja obra "D. Bosco e o seu tempo" extraiu este episódio, viu passar aquele original batalhão de 300 presos em liberdade, sem mais guarda que um pobre sacerdote. A hora do almoço, enviaram-lhes presentes de vinho e pão excelente e outros manjares que introduziram como novidade no severo regime da prisão.

Milagre de um Santo, poderão dizer. Fato surpreendente, sim, porém natural e humano, possível de ser repetido desde que a técnica de D. Bosco seja bem executada.

Qual era o método pedagógico de D. Bosco?

"O meu método é o preventivo. Em que consiste? No amor. E explicava: Em todos os tempos existiram dois métodos opostos: o repressivo e o preventivo. O método repressivo consiste em ensinar a lei ou o regulamento e vigiar a sua execução e então castigar qualquer infração".

"O meu sistema - escreve D. Bosco - apoia-se inteiramente na razão, na religião e na bondade; exclue qualquer castigo violento e até os castigos mais leves".

"O sistema repressivo pode impedir uma desordem, mas rara vez tornará melhores os delinquentes; os rapazes não esquecem nunca o castigo; conservam ressentimentos e desejo de se verem livres e até de vingança".

Eu não sei em que Estado do Brasil, um governador teve uma inspiração dessas que alimentavam a perene atividade de D. Bosco e experimentou a regeneração de 5 condenados que escolheu na Penitenciária e levou-os a trabalhar numa granja do Estado, sem grades, sem

correntes, sem polícia, em plena liberdade. O Diretor da granja ainda fez mais. Necessitando expedir um recado à Penitenciária a propósito da nova situação dos detentos, chamou um deles, deu-lhe um cavalo ensilhado para a viagem um tanto longa e mandou-o. O preso foi e voltou. Nenhum fugiu. Se este fato não é um milagre nas proporções do de D. Bosco, é, na devida proporção, igualmente inverossímil e prodigioso, porque o aludido governador não era santo, não dispunha do céu para oferecer em penhor e porque para praticar semelhante ato foi preciso idêntica ousadia e humanidade.

Este caso me foi contado há tempos. Não sei dele mais nada, mas sou capaz de jurar que aquele governador não se arrependeu.

Se estes dois edificantes episódios não serviram para justificar o ponto de vista que procurei defender, da inutilidade do castigo, servirão ao menos, como infrações do senso comum, para atenuar estas minhas ingenuas considerações, dislates talvez, do domínio de uma paixão sobre a razão.

5 de novembro de 1936.

A TURMA PETIT CARNEIRO

Milton Carneiro

"A Turma Petit Carneiro, teve como patronos o mais ilustre casal de professores existente no Brasil - José Pereira de Macedo e Maria Falce de Macedo."

Tem razão meu amigo Dr. Moyses Lerner quando afirma que a última turma que meu pai lecionou, foi a dele, a que se formou em 1944 e aprendeu Histologia em 1939.

Foi a última que ele ensinou, mas já desanimado, por causa da gravidade do seu estado de doença (não de saúde, como é costume dizer).

A última que ele ensinou, animado, entusiasmado mesmo, foi a que estudou Histologia em 1938 e terminou o curso em 1943.

No final do livro "Léo Cobbe", afirmei : tenho 60 anos e não posso ser modesto.

A turma de 1943 se chamou Petit Carneiro, porque eu em março de 1940, um mês depois da morte do meu pai, na aula inaugural do curso de Parasitologia, contei a todos os presentes a discussão que tivemos em casa. Eu sustentava a opinião de que, em todas as turmas, há dúzia de ases, meia grossa de alunos de tipo médio e uma dúzia constituída pelo que eu dominava o rebotelho, meu pai era de opinião de que, na turma de 1938, quase todos eram ases.

Em 1940, no fim do ano, a turma toda saiu tão bem, que eu, com franqueza, entreguei os pontos e dei razão a meu pai. Acredito, pois que a minha franqueza foi uma sugestão àquele nome.

A turma Petit Carneiro , que teve como patronos o mais ilustre casal de professores existente no Brasil - José Pereira de Macedo e Maria Falce de Macedo, se compõe dos seguintes médicos :

Agostinho Saldanha de Loyola - Alceu Santos de Almeida - Alcir Cornelsen - Antônio de Paula Eduardo Filho - Antônio Ramos Júnior - Ayssor Jamur - Bartolomeu F. Bartolomei - Daví Xavier da Silva - Eduardo Corrêa Lima - Egon Armando Krueger - Eleonora Gôdo Rocha -

Elias Avais Netto - Eloy Pimentel - Farid Karam - Gilda G. D'Annunzio Ghignone - Heraldo de Oliveira Mello - Hilda Frischmann - Homero de Quadros Gasparelo - Isolda Winter - João Fleury Rocha Júnior - José Mário Hauari - Jovino Lima Júnior - Lauro Grein Filho - Loth Garcez do Nascimento - Luciano Botelho de Souza - Marcos Iankilewich - Mário Groeger - Milton E. Staudohar - Nalmir Moreira - Nelson Roseira Gomes - Orlando T. Freitas - Reinaldo Virmond Lima - Wilde Pugliese.

NOSSO CURSO MÉDICO

(1938 - 1943)

Os médicos que formariam em 1943 a Turma "Petit Carneiro" ingressaram na Faculdade de Medicina do Paraná no ano de 1938 após de um vestibular suave, generoso e humano.

Éramos 53 candidatos para 100 vagas e não havia o menor interesse em impedir o ingresso de alunos, que viriam contribuir para a melhor receita da Instituição.

Aconteceu, entretanto, uma reprovação. Única e inusitada reprovação, a recair, surpreendentemente, sobre a candidata Catarina Loeffler Weiner, médica formada na Alemanha. A Dra. Catarina foi eliminada pelos professores, Petit Carneiro, Coriolano Silveira da Mota e Francisco Basseti, integrantes da Banca de Física.

Briosa candidata, Catarina repetiu, no ano seguinte, quando conseguiu aprovação e, após curso normal, formou-se em 1944, médica brasileira.

Iniciamos, pois, com 52, entre paranaenses, paulistas, catarinenses, pernambucanos, etc. 48 rapazes e 4 moças, quase todos já conhecidos do ginásio ou do pré.

Grupo economicamente homogêneo, nivelado e balizado nos limites da classe média, com meia dúzia de mais abonados e sete mercedores de matrículas gratuitas.

Era Diretor o Prof. Victor Ferreira do Amaral, Secretário o Prof. Milton Munhoz, Sub-secretário o Sr. Ernesto Lemberg, Tesoureiro o Sr. Walfrido Leal e amanuenses os Srs. Antonio Domingues dos Santos, Juvelino Cunha Túlio e Julio Lemberg.

Passado o vestibular, com seu cortejo de emoções e regozijos, logrados os privilégios de acadêmicos e o direito adquirido do distintivo na lapela, eis a turma neófita e disciplinada, a se envolver nos estudos da primeira série.

Turma, desde o início, notavelmente estudiosa, levando quase todos a uma árdua competição em torno das notas e do saber.

As cadeiras eram, apenas, duas, anatomia e histologia, com maiores dedicações para esta última, sabidamente a mais reprovadora.

Esse, aliás, o modelo, distorcidamente, a prevalecer durante todo o desenrolar do curso: a concentração de esforços em torno de matérias, cujos titulares, tornavam-nas mais "difíceis" em termos de aprovação.

Face a tal critério eram consideradas tradicionais barreiras, a reclamarem maiores empenhos e atenções, histologia no primeiro ano, física e fisiologia no segundo, parasito no terceiro, anatomia patológica e técnica operatória no quarto e, nenhuma, no quinto ou no sexto.

Havia, durante o ano, provas parciais, em maio, agosto e novembro, e o alcance da nota sete ou um total de vinte pontos nas três, concedia a aprovação por média, independente de qualquer outra avaliação.

Não obtida a soma referida, o aluno podia realizar o exame final de dezembro ou o de segunda época, em fevereiro do ano seguinte.

E, em última instância, o acesso à nova série, sob dependência de matérias anteriores.

Sobravam, pois, opções e oportunidades.

O primeiro ano universitário nos proporcionou, de imediato, a grata satisfação de termos apenas uma aula por dia, bem melhor que a pesada carga horária do pré-médico, das 13 às 18 horas, diária e ininterruptamente, com sociologia, filosofia, matemática e tudo.

Anatomia, era, das 8 às 9 em dias alternados, no subsolo da Escola, com frente para a Presidente Faria, onde se situava o anfiteatro, com suas mesas de

mármore, seus esqueletos, suas preparações, suas peças e seus tanques de formol, empilhados de cadáveres.

Cadáveres de todas as raças e sexos, espécies e procedências, adiposos ou emaciados, mas sempre, esqueléticos, retalhados, dissecados, amputados, evicerados, jogados e manuseados por nós, pelos estudantes de técnica operatória, pelos bedéis, pelo Trancoso ou pelo Lukaszewics.

Cadáveres desumanizados que, após nos imporem o uso de luvas, ao escrúpulo das primeiras dissecações, logo nos liberavam, para o contato direto das mãos nuas, que o hábito e a convivência encorajavam.

Eram dois os catedráticos da Anatomia: José Pereira de Macedo e Carlos Estrela Moreira, cada um com sua turma.

O primeiro, além de médico, era, também, político, literato e intelectual, de nobre estirpe paranaense.

O segundo, com notáveis títulos acadêmicos, mantinha uma grande clínica de otorrino, nos altos da Farmácia Avenida, na Coronel Luiz Xavier, ao lado do Cine Odeon.

Bons professores, sem dúvida, dignos pontuais, competentes. Mas Anatomia é matéria vasta. Vasta demais para ser resumida apenas em um ano. Durante o primeiro período, até as férias de junho, não se passava da osteologia, 208 ossos, com os temporais e o esfenoide, a ocuparem grandes espaços, para o conhecimento de suas reentrâncias, saliências e detalhes.

Seguia-se a miologia, 501 músculos, trapézio, romboide, bíceps, tríceps, quadríceps, inserções, relações, flexões, estensores, abdutores, adutores, em preparações que demandavam tempo, busca e cuidados.

Em meio a tais empenhos, chegava-se rápido ao fim do ano, sem mais tempo para vasos, nervos e vísceras, aparelhos e sistemas que ficavam, para sempre, relegados e ignorados.

Histologia tinha como titular o Prof. Abdon Petit Guimarães Carneiro, figura importante, desde os primórdios de nossa Universidade.

Cordial, risonho e amável, simpático aos alunos, com os quais se permitia em diálogos e condescendências amistosas, o incrível do velho era, contudo, um duro e impiedoso reprovador, espalhando terror entre a moçada.

De nossa turma foi admirador incansável, proclamando-a a melhor que lecionou, em 23 anos de magistério. Esse conceito, orgulhosamente, registramos e lembramos curso afora, até a colação de grau, quando nos denominamos "Turma Petit Carneiro".

Ao nosso tempo, entretanto, Petit se limitava as aulas práticas, cabendo, as teóricas, ao Prof. Joaquim de Mattos Barreto, docente livre em exercício. Mas a correção e as notas eram do catedrático.

Ao final, após 82 aulas de anatomia, 80 de histologia, e seis provas parciais, verificou-se um total de 28 aprovações por média, na primeira e 25 na segunda. E, após os exames finais, um saldo de 16 reprovações em ambas. Terminamos, assim, o primeiro ano, com a intranquila convicção de sabermos um pouco de anatomia e outro tanto de histologia.

Entrementes, a primeira série nos proporcionou uma idéia do que seria o desenrolar do Curso. Nem difícil, nem fácil.

Sem estudo, sem dedicação, era certo que não se passava. Havia critério, severidade na concessão das notas, tornando o alcance dos 20 pontos uma conquista deveras laboriosa.

Havia, também, tensão, nervosismo e dolorosas expectativas, em torno dos resultados. Mas não se exigia o impossível. Com as alternativas dos exames de dezembro e segunda época, levando o aluno a um período mais prolongado de estudos, as aprovações acabavam por acontecer. E, de nossa turma, somente três perderam o ano, formando-se mais tarde, em 1944.

A segunda série foi inaugurada em 04 de março de 1939, com a conferência do Prof. Mário Braga de Abreu, sobre "A formação do Médico".

E as aulas logo começaram, Química, Física e Fisiologia, com Maria Falce de Macedo, Coriolano Sil-

veira da Mota e Antenor Pamphilo dos Santos.

Coriolano era um professor enérgico e austero, guardando, dos alunos, uma invencível distância. Inspirava-nos muito receio, parecendo estar sempre irritado ou de mau humor. Suas aulas, extremamente silenciosas, eram claras e concisas, jamais ultrapassando a vinte minutos.

Nossa turma foi a última que o teve como mestre. Vítima de pertinaz enfermidade, faleceu nos princípios do ano seguinte, em 10 de janeiro de 1940.

Consagramos sua memória, inaugurando placa de bronze na sala de Física, em cerimônia que contou com as palavras do Prof. José Pereira de Macedo e do aluno Heraldo de Oliveira Mello.

Uma homenagem justa e sincera. Sobravam-nos razões para reverenciar aquele bravo homem, doente e sofrido, a vencer, penosamente, as escadarias do segundo andar, em busca de seus alunos e seus deveres, missão estoicamente cumprida até o fim.

Antenor Pamphilo dos Santos, médico, farmacêutico, químico, sanitarista e Diretor da Saúde Pública, era o lente de Fisiologia. Tinha fama de grande cultura e uma palavra fluente e espontânea, o que redundava em preleções ornadas de belas expressões vernáculas.

Nas demonstrações práticas pontificava o jovem e futuro Prof. Azor de Oliveira e Cruz, recém-formado e já investido nos tratos do ensino, a lidar conosco, com as preparações e com os batráquios.

Maria Falce Pereira de Macedo, médica, clínica, laboratorista e única catedrática de nosso ensino superior, era responsável pela cadeira de química, no último piso do edifício.

Dava suas aulas em voz baixa e ofegante, causando a impressão de permanente cansaço. De aspecto maternal e bondoso, em consonância com a carinhosa afetividade que a todos dispensava, Maria Falce não costumava reprovar nem criar dificuldades ao próximo.

Elegemo-la nossa paraninfa, ao lado de seu esposo o Prof. José Pereira de Macedo, escolha que diz

bem do apreço que lhe devotávamos.

E finalizou o segundo ano, com 19 aprovações por média em Física e Fisiologia e 22 em Química. Após os exames finais e de segunda época, nove reprovações em Física, 5 em Fisiologia e quatro em Química.

A aula inaugural de 1940, em 05 de março, foi do Prof. Paula Soares, sobre: "O estado atual da endocrinologia".

Ano agradável o terceiro, incrustado no meio do curso, com quatro cadeiras que não nos atormentavam: farmaco, pato, parasito e microbiologia.

A primeira, com Eurípedes Garcez do Nascimento, além de Professor, político, Secretário de Estado e detentor de uma grande clínica de crianças, ao lado da Farmácia Stelfeld. Cidadão de largo prestígio, múltiplas responsabilidades e inúmeras solicitações, parecia não dispor de muito tempo para o magistério, onde contava com a colaboração dos assistentes, Archimedes de Oliveira Cruz e Lauro Portugal Tavares, em aulas de notável expressão didática.

Em Patologia, o velho mestre Rozala Garzuze, nosso conhecido desde os bancos ginasiais, onde lecionava Física, Química e História da Civilização.

Homem de primorosa erudição, filósofo, conferencista e Diretor do Instituto Néo-Pitagórico, pessoalmente educado e cortês, Rozala Garzuze acrescentava, no exercício da patologia, uma obrigação a mais na sua ativa agenda diária.

Microbiologia nos proporcionou o ensejo de conhecer e admirar Alfredo de Assis Gonçalves, baiano radicado no Paraná, fundador e Diretor de nossa Universidade. Uma figura respeitável a nos sugerir integridade e honradez sob todos os aspectos. Dava, indistintamente, as aulas teóricas e práticas, numa atmosfera de respeito e atenção inquebrantáveis.

Milton Carneiro, nome lendário da inteligência, do jornalismo e da boemia curitibana, era o Professor de parasitologia, matéria que não se coadunava com o espírito e a amplitude do seu talento. Parecendo mais

moço que os demais, Milton se identificava com os alunos em franca e jovial camaradagem, estendendo-se em assuntos os mais variados. A saída das aulas, lá pelas seis da tarde, era habitual reuni-los em conversas pela rua 15, até o Café Belas Artes, onde permanecia para outros "papos", outros assuntos, outros amigos.

Cumpria fielmente o programa, dando o essencial da matéria, invadida de pulex, triatomas, glossinas, trypanosomas, ascaris, necátors e outros infestantes.

Usurário das notas, tornava parasito um dos obstáculos do curso médico e o único da terceira série.

Reprovou 11 alunos, contra 4 em pato, micro e farmaco.

No dia 10 de março de 1941, o Prof. Dante Romanó iniciava o novo ano com a palestra: "Introdução à cirurgia experimental".

E, com a quarta série, desvendava-se uma nova e diversa etapa da jornada.

Ao invés das aulas teóricas, nas salas da Praça Santos Andrade, passava-se para a Santa Casa e o contato com os doentes, na faina dos ambulatórios, enfermarias e centros cirúrgicos.

A quadra mais difícil e importante do currículo, com um elenco de matérias que não deviam nem podiam ser descuidadas: anatomia e fisiologia patológicas, técnica operatória e cirurgia experimental, clínica propedêutica médica, clínica dermatológica e sífiligráfica, clínica cirúrgica e clínica otorrinolaringológica.

Anatomia patológica era, entre todas, a que mais exigia, dada a grande incidência de finais, segundas épocas, dependências e reprovações.

Por isso mesmo e pela confiança que não nos dava, o Prof. Augusto Colle gozava da geral antipatia da classe. Antipatia acadêmica, a se diluir até o final do ano, quando o reconhecíamos um correto professor, cujo rigor nas notas era procedência de uma personalidade

crateriosa e justa.

De nossa turma, de 50, cerca de quinze foram reprovados, constituindo a maior porcentagem ocorrida durante o curso.

As aulas de Técnica Operatória, no anfiteatro de anatomia, se revestiam de invulgar solenidade.

O cirurgião Dante Romanó nos aguardava, devidamente uniformizado, com as preparações já feitas e seus três assistentes, Doutores Brasília Vicente de Castro, Hamilton de Azevedo e Rodolfo Paciornick, perfilados e à postos, para as lições constantes do dia.

Elegante e formal, Romanó dava ênfase à sua cátedra, assumindo posturas e impondo atitudes de consagrado mestre.

Iniciamos clínica propedêutica com o Prof. Atlântido Borba Côrtes nos ensinando, com eficiência e competência invulgares.

Ao demonstrar as técnicas da percussão, palpação e ausculta, junto aos doentes, Atlântido foi, para com a nossa turma, de uma dedicação ímpar.

Seu exercício, entretanto, durou pouco, pois, já no segundo semestre, assumia a cátedra o Prof. Heleno Azevedo da Silveira, em virtude de concurso realizado de 21 a 24 de maio de 1941, em confronto com Murilo Ferreira.

Mário Braga de Abreu já, a esse tempo, uma das maiores expressões da medicina paranaense, imperava na Santa Casa, onde, com inextinguível poder, amedrontava assistentes, irmãs, auxiliares, acadêmicos, etc. E, nas pressas de um trabalho constante, intercalava suas aulas de clínica cirúrgica, às vezes representada por um ato operatório ou um aparelho de gesso que aplicava e explicava.

Dava a impressão de que o magistério era um penoso compromisso, a interromper o acelerado ritmo de sua intensa atividade hospitalar.

Clínica Dermatológica e Sifiligráfica tinha, em Carlos Cunha, o tipo do Professor camarada.

Boa gente, o Prof. Carlos mantinha, com os alunos, um generoso e fraterno convívio. Sua cadeira,

com caráter de especialidade, não reprovava nem preocupava.

E, com o atestado de frequência em Clínica otorrinolaringológica, datado e assinado pelo lapeano Celso Ferreira, nos despedíamos do quarto ano, famigerado pesadelo do curso.

Em 7 de março de 1942, teve lugar a preleção inaugural de Carlos Moreira, a iniciar o ano letivo, com o tema "A importância da anatomia na formação do médico e suas relações com as outras ciências".

A nível de quinta série nosso ânimo era outro. Tínhamos a certeza de que as maiores dificuldades haviam sido superadas e nada mais nos tolheria ao término do curso.

A turma, reduzida a 35, em consequência de reprovações, transferências, desistências, etc., seria a mesma a colar grau em 43.

Eram sete as disciplinas, três das quais de aprovação por estágio e frequência: Higiene com Milton Munhoz, Medicina legal com João de Moura Brito e Clínica médica com Aramis Athayde. De resto, quatro: Clínica de doenças tropicais e infecciosas, Clínica urológica, Clínica cirúrgica e Clínica terapêutica.

Francisco de Paula Soares, médico militar, político, secretário de Estado, deputado, desportista e Presidente do Britânia S. Clube era o catedrático de Tropicais, com aulas três vezes por semana, às 8 da manhã, em um dos pavilhões da Santa Casa. Homem inteligente, culto e de múltiplas atividades, incluía o magistério no rol de seus deveres igualmente importantes.

Em Clínica urológica os ensinamentos vinham de Erasto Gaertner, também político, deputado, prefeito de Curitiba e diretor do Instituto de Medicina e Cirurgia do Paraná. O aprumo do porte e a seriedade da fisionomia conferiam-lhe uma auréola de ostensiva superioridade. Suas aulas aconteciam no Centro Acadêmico Nilo Cairo, à Rua Monsenhor Celso, no horário da manhã.

Notável e abalisado cirurgião, Erasto dividia

suas vocações entre a clínica, a política e a Faculdade, com bom desempenho em todas as áreas.

As lições de Terapêutica encontravam, na cativante personalidade de Aluisio França, um professor objetivo e esmerado. Aluisio, além de consagrado pediatra, se distinguia como escritor, poeta, historiador, nome indelévelmente ligado a todos os movimentos culturais da terra.

João Vieira de Alencar tinha, a seu cargo, a cirurgia do 5º ano. Detentor de uma das grandes clínicas da Capital, Vieira de Alencar era um professor distinto e polido, nas maneiras e no trato, com os alunos.

Enfim o sexto ano, com a aula inaugural de Augusto Colle em 13 de março de 1943, sobre "Alguns aspectos do câncer".

Na qualidade de doutorandos começamos, desde logo, a usufruir das regalias que o título proporcionava.

Na Secretaria, na Santa Casa, na Maternidade, Irmãs, funcionários, enfermeiras, etc., passaram a nos tratar de outro modo, todos mais amáveis, atenciosos e educados.

Mesmo os professores revelavam-se mais suaves, mais amigos, mais iguais. Afinal, pouco nos faltava e nada mais nos impedia à conquista do diploma e do anel de grau.

Das oito matérias, cinco aprovavam por estágio e frequência: Clínica Cirúrgica infantil e ortopédica, com Joaquim Pinto Rebelo, Oftalmologia com Leônidas Ferreira, Ginecologia com Miguel Isaacson, Neurologia com Otavio da Silveira e Psiquiatria com Alô Guimarães.

Em realidade, apenas três: Clínica médica, Clínica obstétrica e Clínica pediátrica.

A primeira, com João Cândido Ferreira, o Miguel Couto do Paraná, nos propiciava os magníficos ensinamentos do mestre, junto aos pacientes de sua Enfermaria. Magistrais aulas em que aprendíamos com a palavra e com o exemplo.

Obstetrícia, era na Maternidade, com o Prof. Victor do Amaral, fundador da nossa Universidade. Já na casa dos oitenta, o Diretor ministrava somente as aulas teóricas, deixando as práticas à cargo de seu filho, Victor Ferreira do Amaral, dos mais categorizados obstetras da cidade.

Irineu Antunes foi o nosso Professor de Pediatria, ensinando e mostrando o trato com os bebês nos berçários da Maternidade.

Evidenciava um acentuado pendor pela especialidade, na qual muito se distinguiu e notabilizou.

Obviamente, o sexto ano não apresentou reprovações e, desde setembro, estávamos muito mais envolvidos com os assuntos da colação de grau, paraninfo, convites, quadro, missa, baile, orquestra, etc.

E a solenidade aconteceu à 16 de dezembro, no Clube Concórdia, paraninfada pelo casal Pereira de Macedo e presidida pelo Diretor Victor Ferreira do Amaral.

Éramos médicos.

Somar o montante dos conhecimentos adquiridos e dizer da sua equivalência com o diploma recebido, eis uma questão difícil de ser analisada, face o influxo e predomínio de fatores próprios e individuais.

Os professores, que tivemos e nos ensinaram, representavam a elite da cultura médica da época e, atentos a seus deveres, procuraram emprestar ao curso uma seriedade compatível e adequada. Tinham, nos alunos, juízes severos e não queriam descurar da melhor imagem perante seus pares do magistério ou os colegas de amanhã.

Nos moldes de uma disciplina rígida, peculiar a um período autoritário, jamais tivemos conturbação da ordem, movimentos reivindicatórios, greves ou interrupção de aulas em qualquer tempo.

Tudo decorreu normalmente, nas regras de um jogo de mútuas responsabilidades, a colocar professores e alunos nos seus devidos lugares, sem dissensões, sem conflitos e sem problemas.

Assim, se formaram os médicos da Turma "Petit Carneiro", em 16 de dezembro de 1943.

ORAÇÃO DE PARANINHO

Proferida na formatura da turma "Petit Car-
neiro" em 16 de dezembro de 1943.

Ao concentrar o meu pensamento para compor esta oração que devo proferir na qualidade de paraninfos que somos, minha esposa professora Maria Falce de Macedo e eu, dos jovens médicos que acabam de confirmar as suas inabaláveis intenções de humanidade, proferido o juramento Hipocrático cheios de menção e de fé, me acode ao espírito uma máxima de Baltazar Gracian "valer e mostrar o seu valor é valer duas vezes".

Como verdade, esta assertiva, antes de Gracian, outros naturalmente a fizeram e depois muitos a repetiram porque as grandes verdades não são privilégio de um determinado filósofo ou pensador cuja originalidade está apenas na maneira de expô-las e delas tirar conclusões universais. Não a tivesse Gracian formulado há mais de 300 anos, e ninguém ainda a houvesse afirmado, de certo também não o faria eu, mas te-la-ia pressentido ao fixar a atenção no valor por nós testemunhado em vários passos do curso acadêmico da turma que se nos apresenta agora revestida de um duplo merecimento: o de valer e o de mostrar o seu valor.

Eu sou obrigado a fazer este discurso, e compreendo a responsabilidade de um paraninfo de quem todos esperam qualquer coisa de excepcional e de grande elevação como professor julgado entre os bons o melhor por uma pléiade de jovens que o elege para acompanhá-la ao pórtico de uma nova vida que as nobres aspirações e justos desejos de sucessos povoam de fagueiras ilusões. Eu compreendo esta responsabilidade, e que bom se não a compreendesse, porque assim não teria que medir a extensão das minhas deficiências e não perceberia que na eleição dentre os bons não quisestes escolher os melho-

res, mas os que mais precisam deste estímulo de falsa valia para não esmorecer no exercício de um mister superior as suas capacidades e aos falhos elementos de que dispõem para a alta missão de professores e, sobretudo, para esta eventual de paraninfos de uma turma invulgar.

E ainda Gracian quem diz: "Antes amado apreciativamente que afetuosamente". Nós somos, por vós, meus jovens e queridos amigos, amados afetuosamente. Preferiríamos ser amados apreciativamente. O amor apreciativo significa valor da pessoa ou da coisa amada. Apreciativamente podemos amar até a um inimigo cujos méritos, mesmo a contra gosto, somos obrigados a reconhecer e apreciar, invejando-o muitas vezes e desejando sempre para nós as suas preciosas qualidades o que vem a ser o mesmo que prezar este nosso inimigo pelo seu real valor. Para isto não precisa alma, nem coração. Bastam os sentidos que nos permitam perceber o valimento de um determinado bem. Para amar afetuosamente a uma pessoa, vulgar, como para amar uma coisa inanimada ou objeto insignificante para as demais, os sentidos de nada servem, pois, o precioso que possa conter a coisa amada vale sómente para o que a ama e só pode ser percebido por este, mercê da afeição como reflexo da superioridade e do carinho da própria alma amante.

Não é nossa, é vossa a glória desta posição de destaque em que nos colocou a vossa generosidade, meus jovens amigos. Não é nosso o valor de sermos por vós queridos. É vossa a nobreza de fazer recair sobre as nossas apagadas figuras a luz das vossas almas bem formadas e o calor da ingênua bondade dos vossos corações juvenis.

Aqui um parêntese ainda em tempo: quando dissemos que preferiríamos ser amados apreciativamente deixamos-nos levar por um momentâneo dissabor da íntima sensação de insuficiência; porém, considerando melhor percebemos que por nunhum valimento trocaríamos a ventura de sermos, por vós, meus amigos, amados afetivamente.

Podemos ter a vaidade de dizer que já nos habituamos a estas demonstrações afetivas da juventude da nossa gloriosa Faculdade de Medicina. Mais de uma vez, além das provas frequentes de estima e acatamento por parte dos nossos alunos, temos sido guindados a esta posição de paraninfos que ultrapassa e muito, o pouco merecimento de tê-los como filhos, sofrendo os seus insucessos escolares e exultando com as suas vitórias. Mais de uma vez temos tido oportunidade de aquilatar a responsabilidade desta investidura cuja significação é dupla. No paraninfo, a turma que termina o ciclo escolar reafirma o seu apreço aos professores que a guiaram nessa conquista do próprio esforço e demonstra a sua gratidão ao Instituto pelo qual obteve uma nova dignidade. Por outro lado, o paraninfo é o representante do corpo docente encarregado de assistí-la na hora solene de receber o justo prêmio. Dai, o discurso de paraninfo consistir, em regra, numa esplanção erudita de uma tese científica na altura da idoneidade moral e intelectual do Corpo Docente, numa última lição substanciosa, profunda e memorável, quando não no esclarecimento de um fato controverso de ciência à luz de um ponto de vista próprio e de experiências originais. Ou então na exaltação da dignidade profissional, orientando os novos batalhadores e exortando-os a não se afastar no exercício das novas atividades, do caminho reto indicado pela ética respectiva.

Eu vos confesso que, ao compôr este discurso, tenho pensado nas diferentes formas de encaminhá-lo sem desmerecer muito o renome da nossa Faculdade e do seu ou Corpo Docente e de não abusar demasiado da atenção da seleta assistência obrigada a me ouvir. E, neste ponto, resolvo definitivamente quebrar a praxe estabelecida procurando assim empanar, o mínimo possível o esplendor desta alegre festa de tão alta e significativa espiritualidade, excluindo desta oração alusões sobre o modo como deveis praticar a medicina porque não carece de um código de ética quem já nasceu com ele na alma e no coração; excluindo a lição substanciosa que eu vos não poderia dar mesmo que o quizesse, limitando-me a ligei-

ras considerações sobre o que de mais precioso podem possuir, em igualdade de condições todos os homens para a paz e felicidade deste mundo e que em vós explende na plenitude do seu valor e dignidade, a liberdade moral; enfim, excluimos também a realidade crua e material da ciência que tem, sem dúvida, encantos e belezas, os quais mesmo que eu pudesse apresentar revestidos de poesia, não valeriam a emoção que em todos e em tudo existe nesta solenidade de formatura de uma turma de escol que vale por valer e por demonstrar o seu valor.

Nem sempre, mas não é raro, que a função do paraninfo seja também o de projetar sobre os novos profissionais as fulgurações do seu nome aureolado e do prestígio que exerce nos meios políticos ou sociais, iluminando-os como um sol o um astro de primeira grandeza.

Não é o vosso caso, nem o nosso.

Não precisais de luz exterior, de pouca ou nenhuma significação para os que, como vós, a possuis do proprio espirito no qual inteligência e sentimento se compensam harmoniosamente. Por isso, no arranjo das solenidades da vossa formatura, não fostes buscar soés que vos iluminassem. Para patrono da turma de 1943, elegestes um inolvidável e querido morto, mas de quem nada mais podereis esperar além daquilo que a todos nós já pertence como legado precioso - o exemplo perenemente novo em nossos corações de uma vida de nobres ensinamentos, o qual de nós, apenas de nós mesmos, depende utilmente aproveitar. Não deixa de ser uma luz, e mais do que luz - fagulha divina, esta que provém do grande espirito do mais reto, do mais pontual, do mais estoico e maior amigo que já tivemos nós os discípulos de Petit Carneiro; mas luz que não ilumina por fora, indistintamente a todos as coisas, como qualquer foco luminoso, porque o seu efeito é específico no alimentar a chama interior das almas, como as vossas, capazes de serem por ela tocadas.

Assim, de outro inesquecível morto - o professor Coriolano Mota de quem já usufruimos, independente

das nossas manifestações exteriores, o patrimônio moral que ele nos deixou. E, por uma coincidência que parece predeterminada, os vossos paraninfos não passam de sombras do que não chegaram a ser. Não fosse o vosso quadro iluminado pelas personalidades marcantes e extraordinariamente simpáticas dos professores vossos homenageados, poderia parecer que vos rodeastes de sombras para melhor sobressair o clarão das vossas grandes almas compassivas e boas.

Viestes, meus jovens e queridos amigos, do fim de uma era de liberdade e relativa paz, que mal alcançastes ao abrir os olhos para a vida, quando a vida para vós se resumia no suave e doce afago materno. Desenvolvestes a vossa personalidade e formastes o vosso caráter numa época de negação de todos os valores morais, num período da existência do mundo no qual a humanidade, como que cansada de 20 séculos de Cristianismo, tivesse a nostalgia de milênios de servidão, substituindo, por demasiado brando ou aparentemente inóquo, o domínio de Deus pelo de aventureiros audazes, escravos eles mesmos das próprias paixões. E caminhaes, a passos de gigantes, para uma nova era que é ainda uma interrogação, mas que será o que os jovens da vossa geração, em todo o mundo, quizerem que ela seja, pois, não lhes falta a experiência adquirida até com sacrifícios de vida, de suor e de sangue nos campos de cruentas batalhas.

Depois da tempestade vem a bonança, diz a sabedoria popular. É uma tempestade esta desencadeada sobre o mundo, após 20 anos de exaltação dos instintos primários da humanidade que está se entredevorando, por toda a parte matando e destruindo com uma furia jamais imaginada.

O pior é que povos pacíficos, no meio do seu labor, são arrastados pela tormenta, obrigados a uma guerra, na qual estamos nós também participando, conscientemente, no nosso interesse de paz, de justiça e de liberdade, alias o mesmo grande interesse de todos os povos do mundo.

A vitória, muito em breve, da liberdade sobre a opressão, nos dá direito de esperar uma paz duradoura condigna das nossas condições de seres racionais e livres, mas, precisamos pensar que se é certa a bonança após a tormenta, é duvidoso o resultado desse período que transcorre entre dois temporais.

Não se poderá compreender uma bonança eterna, nem uma tempestade perpétua no mundo físico cujos, elementos naturais, obedientes a leis irrevogáveis e neessarias, reagem consequentemente no sentido único da produção de determinados fenômenos para a manutenção da ordem universal. Mas a guerra pode muito bem ser um processo, natural desta mesma ordem, dir-se-á, até baseado em raciocínios lógicos de grandes pensadores. Poderia se o homem, que participa do mundo físico, obedecendo-lhe as leis inflexíveis, não estivesse subordinado a uma natureza moral que lhe faculta dirigir os seus atos para o bem que é paz e solidariedade humana, ou para o mal cuja maior expressão é a monstruosidade da guerra. Porque, então, ele se dirige para o mal podendo igualmente fazê-lo para o bem? E que o homem, livre de fazer o seu meio interior, condiciona a própria vontade a ordem de idéias que ao seu meio interior coube convenicionar. E do modo como ele desenvolve o seu pensamento, dentro das ideias habituais, tal a preponderância das associações do bem ou do mal, que as valições num ou noutro sentido decorrem, em verdade, do querer ou seja do livre arbítrio. É como se nos encontrássemos numa encruzilhada e para prosseguir a viagem tivéssemos de escolher um dos ramos da bifurcação da estrada: Na escolha seríamos, de alguma forma, determinados por uma qualquer coisa que, não sendo experiência poderá ser intenção do bem para decidir pelo melhor, porém, que, avançando no caminho escolhido já não somos assim tão livres, pois que somos determinados a apreciar não outra paisagem, mas aquela que os acidentes do terreno nos fornece; somos obrigados a nos servir dos recursos que se encontram no trajeto desta estrada e não da outra; a nossa conduta, em suma, subordina-se as circunstâncias

da trilha palmilhada. Se tomarmos o caminho certo, homologado pela razão, não teremos mais do que prosseguir, pois, não obstante sermos livres de abandoná-lo, não haveria vantagem de empregar o nosso livre arbítrio num ato desarrazoado. Se tomarmos o caminho errado, seremos livres de voltar, sem duvida, mas se nele persistirmos por cálculo, por medo ou por teimosia, teremos de nos conformar com o que ele nos oferece. E quanto maior a distância percorrida mais se separam as duas estradas do bem e do mal e para passar de uma para outra, mais abismos e montanhas intransponíveis, mais longe a encruzilhada a atingir de retorno para tomarmos novo caminho.

Este passo do meu discurso é um desses incidentes que surgem inesperados em nosso caminho.

Eu sou determinado a me referir ao livre arbítrio para a compreensão do assunto a que a corrente das minhas idéias me levou a tratar nesta oração. Eu acredito na liberdade que tive, seguindo esta corrente de idéias ao invés de outra, como estou convencido de que uma vez ela escolhida não poderia mesmo que quizesse, dizer coisas diferentes destas que estou afirmando, certas ou erradas, dependentes que são da maior ou menor claridade do meu espírito. Ao elemento liberdade, um outro vem sobrepôr-se com a mesma força - o da necessidade de conciliar o meu juízo assertivo sobre um fenômeno psicológico a um princípio filosófico que divide os grandes pensadores em dois campos diametralmente apostos o do determinismo puro e o do indeterminismo do livre arbítrio. E como se um enorme e pesado tronco de uma grande árvore caísse atravessado em nossa estrada. E na impossibilidade de arredá-lo ou transpô-lo, tivéssemos de ladeá-lo com os recursos de ocasião. E o que faço, aceitando o livre arbítrio como uma realidade evidente por si mesma, mas de essência misteriosa na interpretação da qual os maiores filósofos de todos os tempos podem dissentir a vontade, no domínio da metafísica, evidenciando a extraordinária potência e mobilidade do espírito humano que com iguais claras razões e o mesmo grande poder lógico a aceita e a nega no uso de uma

liberdade que, por complacência para com a opinião alheia, podemos não chamar de livre arbítrio.

Se ao homem, pois, foi outorgado pelo criador a liberdade de fazer ou deixar de fazer o que quer, a guerra, podendo ser feita ou não pelo homem, a guerra não é um fenómeno natural e necessário.

Seria um absurdo pensar na possibilidade de um fenómeno natural e necessário, dependente da vontade dos seus agentes.

Se alguma coisa existe pela qual se possa identificar a guerra a um processo natural é a sua subordinação à causas anteriores decorrentes da alienação da liberdade pelo homem e tácita renúncia da dignidade humana que o reduz a um agente cego, sem vontade, a mercê da lei da casualidade a que obedecem os agentes naturais sem consciência, nem liberdade.

Assim, a guerra deflagra, como um incêndio ou desencadeia como uma tempestade, porque não podia deixar de acontecer, anomalia que é da organização social só explicável pelo insólito despertar dos instintos primitivo que povôam o sub-conciente da humanidade e que se não deve confundir com a luta pela existência que não pode excluir a vida alheia e, antes, a exige como complemento do próprio bem estar. Isto é o que a natureza indica na distribuição desigual de aptidões nos indivíduos, na desigualdade de climas e nas diversidades regionais.

Sem dúvida que existe uma ordem universal cujos elementos essenciais foram criados em tal abundância e em tais condições que escapam do domínio de qualquer poder monopolizados. Assim o ar, a luz, a água que sómente em circunstâncias especialíssimas, independentes de necessidade real, podem ser objetos de disputa.

Também no homem, tudo que lhe é imprescindível à natureza moral se encontra em igualdade de condições e nas mesmas proporções de infinita abundância ao alcance de todos. Os homens são diferentes nos acidentes, ou seja naquilo que sendo, por certo, uma grande vantagem

como a inteligência, a imaginação, o vigor, a beleza, a sabedoria, suas variações ou mesmo ausência de nada lhes podem desmerecer a dignidade pessoal, porque não depende do homem ser menos ou mais inteligente, ter muita ou pouca imaginação, como não lhe cabe a culpa de ser feio ou fraco fisicamente. Destes acidentes podemos nos envaidecer quando por eles somos favorecidos, mas não ha do que nos envergonharmos da sua pouquidade ou mesmo carência. Se não somos iguais a muitos dos nossos semelhantes nos acidentes, devemos e por isso podemos ser tão bons como os melhores e mais perfeitos no essencial - no brio, na honra, na dignidade, em suma na revelação da nossa personalidade no pleno exercício da sua liberdade moral.

O exercício da nossa liberdade civil qualquer autoridade arbitrária despõe de forças para cercear. sobre a nossa liberdade moral sómente num poder existe - o da nossa própria estupidez. Deus que a resguardou de poderes extranhos, nem ele mesmo se permite nela intervir fora das sugestões do bem e da tendência por ele concedida ao homem para a propria perfeição. Mas o homem, no mundo físico os elementos essenciais à ordem mineral tem um destino que nenhuma força é capaz de impedir que se cumpra. Tais elementos carecem de vontade própria ou de liberdade de agir diferentemente.

O homem é um ser à parte na criação. Constituido de uma natureza física e intelectual subordinadas as leis naturais, possui uma alma de natureza divina que o torna livre de conduzir-se e de escolher o próprio destino, ou melhor, livre até de não cumprir o seu superior destino espiritual. E como assim deve ser, as faculdades morais da natureza humana foram dispostas da mesma forma que os elementos essenciais à ordem universal ao abrigo de estranhos poderes.

Livre determinação, pode aliená-la, perdendo então as suas características de homem, transmutando-se numa coisa sem expressão, em significação. Quando os homens assim procedem, nos intervalos de paz, preparam paulatinamente as circunstâncias para uma nova guerra cujas proporções de maldade e de ferocidade

tendem a crescer e a generalizar-se com os progressos da ciência e surtos civilizadores desnaturados dos seus justos e naturais objetivos humanos.

Não era preciso que um grego, citado por Kaut, tivesse dito que "guerra é má porque faz mais homens máus do que mata" para que soubessemos que as consequências de uma guerra são piores do que a própria guerra. A guerra destrói bens materiais e tira a vida de uma multidão de seres válidos, que é o menos, e aleija o espírito de outra multidão que lhe sobrevive que é o mais, criando condições negativas a marcha natural do destino da humanidade.

É na bonança que se operam as modificações atmosféricas cujo desequilíbrio desencadeia a tempestade após a qual o equilíbrio é restabelecido e a atmosfera purificada. Após uma guerra, maximé de uma guerra das proporções desta que assistimos horrorizados, não é de esperar uma atmosfera purificada para o reajustamento da paz que tanto almejamos, pois o egoísmo humano, que já não é pequeno em períodos normais, crescerá desmesuradamente em ódios vivificados e ambições insatisfeitas, para maior desinteligência internacional.

Em um dos seus magistrais sermões o Padre Vieira, tratando da criação do mundo, diz: "No primeiro e segundo dia da criação criou Deus o Céu, a terra e os elementos, e é certo em boa filosofia que não ficou nenhum vácuo no mundo, tudo estava cheio.

Com isto ser assim, e parece que não havia já lugar para caber mais nada, ao terceiro dia vieram as ervas, as plantas e as árvores, e com serem tantas em número, e tão grandes, couberam todas.

Ao quarto dia veio o Sol, e sendo aquele imenso planeta cento e sessenta e seis vezes maior que a terra, coube também o Sol: Vieram no mesmo dia as estrelas tantas mil e cada uma de tantas mil leguas, e couberam as estrelas. Ao quinto dia vieram as aves ao ar, e couberam as aves; Vieram os peixes ao mar, e como ;haver nele tantos monstros de disforme grandeza, couberam os peixes. No Sexto dia vieram os animais, tantos e tão grandes à

terra, e couberam os animais:

finalmente veio o homem, e foi o homem o primeiro que começou a não caber..."

Noutra passagem, no mesmo grandiloquo estilo, Padre Vieira exclama "Não é o homem um mundo pequeno, que está dentro do mundo grande, mas é um mundo e são muitos mundos grandes que estão dentro do pequeno. Basta por prova o coração humano, que sendo uma pequena parte do homem, excede na capacidade a todas a grandeza e redondeza do mundo".

Estas duas admiráveis imagens do grande pregador não são simples fraseados de arte de que poderia o Padre Vieira dispôr, abusando da sua assombrosa imaginação para efeitos oratórios. Elas tanto têm de poesia e beleza, como de verdade e lógico significado. Efetivamente, profundas e verdadeiras, correspondem à atividade de sentimentos humanos apóstos nos seus propósitos e diversos nos seus resultados. O altruismo e o egoismo. O primeiro, criando espaços, nesse dar-se de si para outrém e para o mundo, dilatando o coração humano para que nele caibam todos os seres, o próprio homem, o universo todo, Deus inclusive. O último, ocupando espaço, nesse querer-se a si mesmo, nesse tirar dos outros para si, num repletar-se insaciavel, enchendo o mundo de si mesmo, tornando o homem, como descreve Padre Vieira "Monstro ou quimera de todos os elementos, em nenhum lugar para, com nenhuma fortuna se contenta, nenhuma ambição nem apetite o falta: tudo perturba, tudo perverte, tudo excede, tudo confunde e como é maior que o mundo, não cabe nele".

Não o disse o Padre Vieira, mas ousou eu dizer: e perecerá se persistir em não caber no mundo, como ensina a paleontologia que, segundo M. B. é uma ciência feita de exemplos de desaparecimentos rápidos de seres vítimas do seu gigantismo ou espeialização exagerada em uma dada direção, como aconteceu a vários especimens de peixes do período secundário, aos formidáveis mastodontes do período terciário e aos ferozes felinos desaparecidos da face da terra vitimas da sua própria grandeza e poderes porque não couberam no mundo.

Von Hering, na sua substanciosa obra "Evolução do Direito" tratando do egoísmo sobre o qual "a natureza, o Estado e o individuo asseguram o seu império, pela identificação de fins e de interesses opostos" o compara, com muita propriedade, as formações arenosas dos infusórios "um ser imperceptível a olho nú eleva uma montanha". O infusório é o egoísmo; ele não conhece que a si mesmo, não quer sinão para si e edifica o mundo". Von Hering foi buscar na natureza um exemplo do egoísmo ao qual ele atribui, com muita razão, uma função construtora, do egoísmo que confina com o altruísmo e constitui mesmo a base dos nossos mais admiráveis atos construtivos, do egoísmo que leva o homem a prezar a sua dignidade pessoal, a conhecer-se a si mesmo, a querer para si em função de utilidade para si mesmo e para os outros, do egoísmo que edifica o mundo, cabendo nele. Não é o mesmo o egoísmo paixão por si mesmo, com exclusão de outrém e do mundo, o egoísmo cujo crescimento ocupa o espaço alheio, como na natureza, parafraseando Von Hering, encontramos um simile atual, nas formações madreporicas constituídas de espécies zoológicas rudimentares de polipos, cuja aglomeração reunida aos produtos das próprias secreções emergem do fundo dos oceanos em recifes ilhas e partes de continentes. Estes seres, que também não conhecem mais que a si mesmos que só vivem para si, crescem tanto que não cabem no único lugar onde podem viver: - no fundo do oceano, vindo se extinguir quando ultrapassam o nível dos mares.

Em outra festividade como esta, de saudade e de esperança, de emoção e expansões afetivas, quando o espétro da guerra se desenhava nos horizontes políticos qual uma nuvem negra a crescer tétrica e ameaçadora para desabar sobre o mundo, a nossa paraninfa, professora Maria Falce de Macedo, quase profética, porisso que a nuvem a que ela aludia já deixa entrever uma nesga do Céu azul da próxima paz com a vitória da liberdade, dirigindo-se aos farmacolandos de 1938, assim falou:

"Estamos, sem dúvida, passando por momentos angustiosos na esfera da moral e da justiça. Mas o que assistimos não difere de nossa ânsia pela vitória material e das atrocidades coletivas de fatos que a história da civilização registra em eras mais ou menos distanciadas.

É engano, pois, aceitar os males atuais como fatalidade sem remédio".

"É um erro pensar que só existe o presente e, no afan de aproveitá-lo, por a solta as paixões que rebaixam a natureza humana, supondo que Deus desinteressou-se da sorte do mundo e deixou de assistir as suas criaturas. Dos que assim procedem, indivíduos e nações, uns são desavisados que pecam por falta de fé e julgando o mundo irremediavelmente perdido, se deixam vencer pelo desalento; outros, os ressabiados, vêm no confusionismo presente a oportunidade ideal para a satisfação de paixões egoístas exploradas em nome de sentimentos profundamente arraigados na alma humana; outros ainda, a maior parte, em boa fé, por erro de julgamento, procedem como o hipotético indivíduo que jamais tendo tido a experiência de uma tarde de temporal, ao ver, as nuvens negras avolumarem-se no Céu sempre azul, ao ver o sol apagar-se e o Céu escurecer, tomando o fenômeno passageiro por um estado permanente da natureza, se puzesse a praticar medidas efetivas, como se o sol se tivesse apagado para sempre. Para ele, na perspectiva de uma noite eterna, que importava tudo o que lhe servia para enfeitar a vida? Outro não é o procedimento dos que nas trevas atuais procuram garantir o máximo de bens materiais que dão conforto e bem estar ao corpo. Uma vez que a alma sofre a ausência de Deus, que importa tudo que serve para embelezar a vida e que enobrece e engrandece o espírito?"

"Por certo que as apreensões do nosso homem eram infundadas e em pura perda toda a sua ação acauteladora, porque o sol na sua imensidade nem um só momento deixará de espargir os seus raios vivificantes sobre toda a natureza e sobre a própria nuvenzinha cheia de coriscos e de raios que tanto pavor lhe causara, mas que muito

logo se diluira na atmosfera purificada".

"O que vai pelo mundo atualmente nada mais é do que essa nuvenzinha de existência fugaz. E se ela nos afigura um medonho espétro é porque tão longe está de Deus, quanto próxima está de nós e só apaga o criador aos olhos de desavizados como aquele capaz de pensar que a nuvem apaga o sol".

É engano, pois, aceitar os males atuais como fatalidade inevitável. Está no homem, exclusivamente no homem, pelo exercício das suas nobres faculdades de espírito, condicionar a paz para viver neste mundo em pleno gozo dos benefícios que a vida nos proporciona com infinitas vantagens, os quais, em verdade, nada ou pouco fazemos por merecer mas, argumentará alguém, eu desejo a paz, tudo faço pela felicidade geral, e que adianta o meu esforço se o mundo continua no mesmo? Em parte este alguém tem razão, mas se ele mesmo prescrutar os íntimos motivos das suas ações e puder perceber as suas remotas consequências, verá que não é assim tão inocente e como toda a gente tem contribuído com a sua parcela de culpa para a criação do presente estado de coisas.

A guerra não explode porque o homem queira fazer a guerra. Não a querem nem mesmo os que dela fazem a apologia trepados grotescamente em canhões. O que alguns homens querem, impelidos por baixas paixões, com a aquiescência do peso morto de uma multidão escravizada, ou indiferente e conformada, é o poder, o despotismo, a pilhagem dos bens alheios, o direito sobre a consciência de seres transformados em automatos e se a guerra deflagra, acontece o que tinha de ser necessariamente, resultante da lei da causalidade, por livre violação, por parte do homem, do princípio de finalidade a que se submetem os atos humanos.

Aqui eu me sirvo de um argumento usado para explicar fenómeno apostro por Kant e para quem "o livre arbítrio seria uma violação do princípio de casualidade e do determinismo na natureza, porque, por definição, um ato livre não resulta segundo a lei necessária de

casualidade e de fenômenos anteriores".

Para glória do Criador e maior dignidade da natureza moral do homem, a guerra nem sequer é um ato humano. É um acontecimento, segundo a lei de causalidade, como o caso do operário que se despenca de um terceiro andar por haver pisado em falso no andaime que ele, voluntariamente ou por inadvertência, construiu sem segurança.

Da mesma maneira que do operário não depende cair ou deixar de cair ao assentar o peso do corpo na tábua mal pregada do andaime, mas dele depende a construção de um andaime seguro, do homem depende, dele exclusivamente, criar ou não criar as circunstâncias que determinam a deflagração da guerra, queira ou não queira o homem, como uma defesa da ordem universal, exercendo sanção à violação de leis divinas.

A guerra é, assim, um resultado fatal e necessário da materialização do homem por livre renúncia da sua condição moral, reduzido a condição de um agente natural submetido não mais à lei da finalidade, mas à lei da casualidade.

Pode o homem evitar a guerra? Sim. Se ele por livre determinação quizer ser, ao invés de instrumento inconciente do destino, um agente conciente do destino.

Assim, meus jovens e queridos amigos, a vós que pertenceis a uma geração que vive a infância e a adolescência num período critico entre as duas maiores guerras que o mundo já presenciou; e que constituem um grupo harmonioso de almas bem formadas, no qual não faltam para mais embelezá-lo, lídimas representantes do sexo frágil a que nós do sexo forte nos submetemos com tanta docilidade, a vós que formastes o vosso caráter integro, incólume do contágio malsão do egoísmo de uma época de exaltação dos instintos primários da humanidade a vós, que ides frutificar a floração promissora do presente no novo ciclo da história humana, uma alta missão, de tanta magnitude como a de curar, de aliviar e de consolar os aflitos de males físicos, está reservada a de exteriorizar a vossa perfeição interior, não vos permitindo

ficar indiferentes, sem opinião, em face dos grandes problemas do destino do homem, formando vós mesmos o plano da vossa vida e criando vós mesmos a vossa opinião que, para ser boa, basta que a formeis à luz da razão no exercício das livres faculdades do espirito e para que seja válida basta que saibais defendê-la com os recursos da vossa liberdade moral.

Sereis, meus jovens amigos e colegas, por força das vossa atribuições na sociedade, homens de projeção cujos atos uma multidão assistirá, analisando o seu significado e deles colhendo ensinamentos e exemplos para a própria conduta. Valendo por valer e por demonstrar o vosso valor, que é o mesmo que valer duas vezes, tereis cumprido o dever de agentes conscientes do destino e criado espaço para o homem caber no mundo.

BIBLIOGRAFIA

1. ANAFILAXIA (tese de doutoramento apresentada à Faculdade de Medicina do Paraná) 121 páginas. Tipografia César Schulz, 1919, Curitiba-PR).
2. CONFERÊNCIAS (em colaboração) sob o pseudônimo de Herophilo. Publicação do Instituto Néo-Pitagórico. 1ª Edição, 152 páginas, 1921, Curitiba-PR. 2ª Edição, 160 páginas, 1944, Curitiba-PR.
3. ASSISTÊNCIA MORAL AOS DETENTOS (palestra Rotary Clube) 15 páginas, 05-11-36, Curitiba-PR.
4. DISCURSOS DE RECEPÇÃO DE MEMBRO DA ACADEMIA PARANAENSE DE LETRAS (com a oração também de Dicésar Plaisant) 18 páginas. Empresa Gráfica Paranaense, 1940, Curitiba-PR.
5. DISCURSOS PRONUNCIADOS NO BANQUETE DE HOMENAGEM AO PROFESSOR ERASTO GAERTNER, 11 páginas. Empresa Gráfica Paranaense, 1944, Curitiba-PR.
6. ENSINAR FOI O SEU DESTINO (discurso pronunciado em homenagem à memória do Professor Francisco Ribeiro de Azeveso Macedo), 24 páginas. Papeleria Requião, 1956, Curitiba-PR.
7. LIBERDADE E DEMOCRACIA (palestra rrealizada na "Semana Universitária", em Londrina) 21 páginas. Tipografia João Haupt & Cia, 1950, Curitiba-PR.
8. MÃE, PRIMEIRA MESTRA (conferência) 26 páginas. 12-10-1928, Curitiba-PR.
9. O MÉDICO NAS ESCOLAS (tese apresentada por solicitação do Sindicato Médico, ao 2º Congresso Médico Sindicalista realizado em Porto Alegre) 16 páginas. Empresa Gráfica Paranaense, 07-07-1933, Curitiba-PR.
10. A PSICOLOGIA CENÉTICA NA EDUCAÇÃO (palestra realizada na Associação Médica do Paraná) 24 páginas. Empresa Gráfica Paranaense, 03-03-1934, Curitiba-PR.

11. GENERAL CARLOS CAVALCANTI DE ALBUQUERQUE (homenagem das Faculdades de Direito, Medicina e Engenharia do Paraná, à memória do seu grande benfeitor) 28 páginas. Tipografia João Haupt & Cia, 1944, Curitiba-PR.
12. SOCIEDADE DE SOCORRO AOS NECESSITADOS (histórico e relatório) 64 páginas. Empresa Gráfica Paranaense, 1926, Curitiba-PR.
13. O PROBLEMA DO ENSINO PELO ESTÍMULO DO TÍTULO ELEITORAL DIGNIFICADO (tese apresentada à Primeira Conferência Nacional de Educação) 16 páginas. Edições Plácio e Silva & Cia, 1927, Curitiba-PR.
14. REPRESSÃO DA MENDICIDADE E SOCORRO AOS NECESSITADOS (histórico e relatório da Sociedade "Socorro aos Necessitados") 140 páginas. Livraria Mundial, 1927, Curitiba-PR.
15. O SENSACIONALISMO DA IMPRENSA (palestra realizada no Rotary Clube de Curitiba) 10 páginas. Empresa Gráfica Paranaense, 1926, Curitiba-PR.
16. VELHICE FELIZ, INFELIZ VELHICE (palestra realizada no Rotary Clube de Curitiba) 17 páginas, Curitiba-PR.
17. ORAÇÃO DE PARANINFO (formatura dos médicos de 1943 da Faculdade de Medicina do Paraná) 1943, Curitiba-PR.
18. RELAÇÃO ENTRE EMPREGADOS E EMPREGADORES (tese oficial da Distrito 120, para ser discutida na Conferência de Jacarezinho) 19 páginas. Tipografia João Haupt & Cia, 1951, Curitiba-PR.
19. ROTARY CLUBE DE CURITIBA (alguns dados subsidiários para a sua história) 56 páginas. Impressora Paranaense, 1955, Curitiba-PR.
20. MALEFÍCIOS DO MATERIALISMO (conferência sob os auspícios do Centro Esotérico em 12-12-1929, Curitiba-PR.

21. FAZ BEM QUEM FAZ, SOMENTE QUEM NÃO FAZ, FAZ MAL (boletim Rotary Clube, 10 de julho de 1947).

22. COMPREENSÃO DA NATUREZA HUMANA (conferência Rotary Clube, 18-12-64).

PUBLICAÇÕES

O DIA

- 1935 (01 fev.) Uma velha aspiração
 1945 (17 jan.) "Terra e gente do Paraná", de Romário Martins
 1946 (29 mar.) Universidade
 1947 (09 mar.) Um artífice de caracteres
 1955 (04 mai.) Homenagem memória Maria José Correia Ripoli

GAZETA DO POVO

- 1928 (25 SET.) "Saudade", de ISA
 1930 (06-07 e 09 fev) Força do Pensamento (palestra)
 1939 (28 ago.) "História de Macambira"

DIÁRIO DA TARDE

- 1953 (05 out.) Meu canto do cisne
 1954 (03 mai.) Apelo ao povo do Paraná
 1939 (09 out.) Escrúpulo de Nestor Gonçalves

REVISTA DA ACADEMIA PARANAENSE DE LETRAS

- 1946 (jan.) D. Alberto (conferência)
 1946 (19 jan.) Emiliano (discurso no túmulo do poeta)

ESTADO DO PARANÁ

- 1958 (16 fev.) Cel. Joaquim Pereira de Macedo -
 Bandeirante do Século XIX

A VERMINOSE NO MEIO ESCOLAR

Cançar a atenção da criança com recomendações de práticas cujo alcance escape ao entendimento infantil, não é só perder tempo, mas agravar o seu martírio na escola.

Assim pensando procuramos a pretexto da profilaxia da verminose nas escolas, criar um caso concreto de higiene capaz de provocar o interesse do aluno, primário, para certas práticas elementares de higiene individual que resumem, em suma, a defesa contra a maioria das doenças.

Sem dúvida que a verminose é uma das principais causas da deficiência orgânica e da incapacidade de trabalho dos alunos e só por isso, não falando nas demais perturbações que a presença dos vermes intestinais pode produzir no organismo infantil, a sua profilaxia no meio escolar é naturalmente indicada, porém a Inspeção Médica não faz da cura do aluno propriamente o seu objetivo principal. O que a Inspeção tem visto nesta profilaxia é a criação da consciência sanitária a partir do meio escolar e sobre bases convincentes ao alcance do entendimento da criança, atraída pelo interesse que é possível, com um pouco de habilidade, provocar com os fatos relativos a biologia dos parasitas, modo de penetração no organismo humano, sua disseminação, etc.

No princípio era nossa intenção realizar os exames de fezes de todas as crianças do 1º ano escolar simultaneamente em vários grupos escolares, porém logo vimos a impraticabilidade de um serviço de semelhante extensão, não obstante contarmos com vários acadêmicos de medicina devidamente instruídos para isso, pois aos médicos escolares faltava o tempo material para atender em cada classe a distribuição dos boletins positivos a realizar perante os alunos examinados a necessária palestra ilustrativa. Os numerosos exames efetuados nos grupos Tiradentes e Xavier da Silva se não foram de todo

perdidos, não corresponderam, entretanto aos objetivos da Inspeção.

Imprimindo nova orientação neste Serviço o praticamos nos grupos Anexos e 19 de Dezembro, sistematicamente em todos os alunos a começar dos anos inferiores, classe por classe, de maneira a obtermos resultados satisfatórios que nos incitam continuar a mesma prática no próximo ano, com plena certeza de estarmos fazendo obra meritória e de grande alcance para a defesa individual e coletiva não só contra as verminoses, mas a pretexto delas, contra os maiores flagelos da humanidade.

Em cada uma das 35 classes que constituem os referidos grupos com um total de 1073 alunos presentes, a Inspeção ao entregar os boletins positivos, fez ligeira palestra explicando os motivos do exame e chamando a atenção dos alunos para o número elevado dos casos de verminose na classe, o que deveriam fazer os portadores de parasitas para deles se desembaraçarem e como proceder para evitar a reinfeção. Descrevendo sumariamente as espécies constatadas entre os escolares o médico insiste nas particularidades mais interessantes da biologia de cada um, concluindo pela demonstração de como o conhecimento dos fatos explicados por si só permite a quem o possui evitar a verminose e com ela inúmeras enfermidades cuja profilaxia decorre das mesmas elementares práticas de higiene individual.

Os alunos primários não só prestaram as explicações médicas a devida atenção, como demonstraram um interesse real, alguns dando apartes confirmando com o seu caso pessoal ou de seu conhecimento as asserções médicas e outros pedindo esclarecimentos ou opondo objeções sempre atendidas com a maior solícitude.

Desse contato amistoso e franco com a inteligência infantil a Inspeção Médica tem o direito de esperar um milagre.

A criança não é o peso morto que quase toda a gente supõe. A criança é uma atividade exuberante capaz de exercer na ordem social um papel de alta valia

construtiva, uma vez envolvida num interesse que não contrarie a expansão natural da sua energia.

Ao educador compete não desperdiçar essa fonte perene de energias obediente as incitações para um fim útil, desde que lhe não faltem com a consideração e com o carinho que são as condições essenciais para o desenvolvimento da estima de si mesmo, da honra e da liberdade, em suma da confiança nos próprios esforços.

Assim praticando a Inspeção Médica do Paraná vai, na medida do possível, classe por classe, em todos os nossos estabelecimentos de ensino primário aliciando a legião infantil para a grande campanha sanitária de cuja vitória depende, indiscutivelmente a própria vida da nação.

* * *

Durante o ano foram efetuados no modesto Laboratório da Inspeção Médica Escolar, 1224 exames de fezes, sendo 976 positivos e 248 negativos, demonstrando um índice de 78% de verminóticos na população escolar do centro da cidade, isto é, do escol social curitibano.

Nos 976 casos positivos constatamos a existência de :

Ascaris lumbricoides em	520 alunos
Ascaris e richocephalus dispar em	318 alunos
Ascaris e anguillula stercoralis em	8 alunos
Ascaris, trichocephalus e tenia em	1 aluno
Tenia e ankilostomum duodenalis em	1 aluno
Trichocephalus dispar em	92 alunos
Trichocephalus e anguillula em	16 alunos
Trichocephalus e oxyurus vermicularis em	6 alunos
Anguillula stercoralis em	10 alunos
Ankilostomum duodenalis em	4 alunos

Soma	976 alunos
------	------------

A PSICOLOGIA GENÉTICA NA EDUCAÇÃO

Palestra realizada na Associação Médica do Paraná, em 27 de fevereiro de 1934.

A Associação Médica do Paraná sabe, melhor do que eu mesmo, que de mim não seria de esperar um trabalho que pudesse contribuir para a elevação da cultura médica paranaense. Fiado nisso foi que não puz dúvida em aceitar o convite gentil para a realização desta palestra à qual se não pode deixar de atribuir o mérito de um esforço de boa vontade. Um esforço que vale por si mesmo e para o qual eu tenho a veleidade de desejar um destino útil na vulgarização de conhecimentos que sobram na nossa classe mas faltam sensivelmente na grande massa que eu pretendo atingir pela projeção que às minhas palavras emprestam o prestígio desta tribuna e o conceito em que é tida a classe médica em nossa terra.

Aproveitando-me destas circunstâncias para tratar de um assunto momentoso como o da psicologia genética eu pretendo praticar conhecimentos de psicologia coletiva. As minhas palavras que aliás são minhas sómente na forma e no modo de expressão porque não contribuo com qualquer pesquisa original, partidas de mim, simplesmente, se perderiam no próprio âmbito da sua resonância e não produziriam o eco necessário para a divulgação e aproveitamento de fatos científicos que interessam diretamente a saúde e a educação popular.

Fala-se agora muito em psicologia. É que se está melhor compreendendo o que representa a psicologia nas relações sociais e a necessidade de que tem cada indivíduo de não só se conhecer intimamente para compreender as suas próprias ações, mas também conhecer aos outros de modo a interpretá-los devidamente para um melhor entendimento entre os homens.

Buscava-se antigamente na filosofia os princípios norteadores, da própria felicidade cada vez mais distante pelo abismo que a filosofia cavava entre o filósofo e o resto do mundo.

Procurando conhecer-se, desse conhecimento resultava o isolamento do indivíduo o que aliás ainda hoje é a aspiração que cada um afaga carinhosamente como uma esperança longínqua e jamais atingida porque cada vez mais os laços sociais nos aguilhoam à coletividade da qual somos parcela indestacável.

Buscava-se na filosofia as normas para abrandar os próprios impetos de maldade, mas sinão inutilmente, com resultados contraproducentes em meio de feras soltas.

Sócrates na luta a que ele mesmo alude da sua razão esclarecida contra os próprios instintos, soube vencer-se. Se atingiu à meta aspirada de felicidade ninguém pode afirmar. Sabe-se que o precursor da psicologia, dando por base à filosofia o "nosce te ipsum", foi condenado à morte, acusado de inovador e corruptor da mocidade. Reduzindo ao mínimo as suas necessidades materiais para ter a liberdade de não precisar de outrem; andando descalço só para irritar a classe dos sapateiros; deixando os mestres para intruir-se com os operários porque estes conheciam o ofício enquanto aqueles ignoravam o seu, Sócrates, em permanente contradição com o meio não poderia mesmo realizar a aspiração de felicidade segundo o conceito posterior de Aristóteles - bastar-se a si próprio. Nesta proposição de Aristóteles, talvez resida ainda o nosso grande erro atual na prática de viver. Cada um procura armar-se para a vida com a preocupação constante de se bastar a si mesmo, não como os filósofos da antiguidade pela renúncia de bens materiais, mas, ainda pior, aquisição desses bens. Bastar-se a si próprio é uma coisa impossível, ilusão falaz que se esboroa a cada etapa vencida nesse sentido. O homem é um ser essencialmente sociável por instinto e por motivos que derivam dos seus atributos racionais. O homem isolado não tem significação e daí a impossibilidade absoluta de poder bastar-se a si mesmo

e a razão de sofrer, quaisquer que sejam as suas condições de riqueza material e moral, as contingências das falhas e dos erros dos outros homens. "Nas artes industriais, afirmou Sócrates, as ações acertadas são frutos do conhecimento, os equívocos da ignorância. Assim também na ciência da conduta humana. Os homens são injustos porque não sabem o que é a justiça. A maldade e a ignorância são a mesma coisa". Estas sentenças admiráveis do grande filósofo são hoje demonstradas nitidamente pela psicologia na qual se procura em domínio restrito à natureza humana, o que a filosofia na sua amplitude universal não poudé conseguir. Não se trata mais de traçar normas segundo as quais a vida social se torne de alguma forma tolerável. Trata-se agora de aceitar os fatos como eles são e de buscar nas razões íntimas dos fenômenos humanos a explicação desses fatos à luz da psicologia genética que vai devassando o mistério assombroso do cérebro do homem, patenteando os motivos ocultos e quase fatais da nossa conduta. E urge conhecê-los, interpretando-os devidamente, para ladeá-los ou remediá-los, no sentido de uma melhor compreensão da vida coletiva.

Numa noite destas estive presente a um baile carnavalesco. Trajado à rigor, solenemente encasacado, eu me senti, num dado momento, um exemplo concreto da situação do filósofo antigo em face da humanidade. Naquela festa estuante de vida e de legítima alegria eu era bem o filósofo em contradição com o meio. Macambúzio a vagar incerto pelos cantos aos empurrões dos foliões irreverentes, naquela balburdia eu era o único perdido, porque estava fora do sentimento coletivo. O natural e humano seria virar a casaca pelo avesso e obedecer às razões psicológicas do momento.

"A psicologia não é mais a ciência que pretende explicar o que todos já sabem numa linguagem que ninguém entende, diz Plínio Olinto, no seu tratado de publicação recente, proseguindo: A sua definição etimológica - estudo da alma não tem mais razão de ser. Para os que assim ainda creem o Laboratório de psicologia seria um

depósito de almas. E mais de um receiou lá entrar, julgando perder o corpo e transformar-se em alma, o que ainda não estamos convencidos seja tão agradável quanto se apregoa".

"O que atualmente preocupa a psicologia são as reações do indivíduo, onde a alma toma o aspecto de um princípio vital".

"O seu domínio de estudo é, portanto, a conduta humana em todas as suas manifestações no meio social. Daí a importância que ela tem adquirido nestes últimos tempos passando da cela do pensador para a oficina do obreiro".

"Deixou de ser estudo privativo dos filósofos para tornar-se a orientadora de todos os trabalhos. É o mais interessante e absorvente dos conhecimentos humanos, tem relações com todos os ramos da atividade científica, artística e industrial".

A citação destes conceitos que eu adoto e melhor exprimem a minha compreensão dos fenômenos psíquicos, me obriga a um esclarecimento de ordem íntima, para que me não acusem de materialista na divulgação de fatos em que, só aparentemente, a ciência está em desacôrdo com a fé religiosa.

O que pertence à matéria e o que pertence ao espírito, não obstante a união da alma com o corpo, de tal forma se separam que não pode haver confusão possível. Isto não passou desapercibido de Descartes que à luz do seu espírito genial, ao mesmo tempo que pela matéria agrupava na mesma ordem de fatos a sensibilidade e a atividade psíquica, estabelecendo a base concreta para a inteligência de fenômenos tão complexos e misteriosos como o da associação de idéias, opunha; a alma à matéria, a substância do pensamento à substância de extensão.

No fundo não era outra a concepção de Aristóteles segundo o qual a alma não é um corpo por si mesma, mas a essência e a forma do corpo e, como o corpo, divisível. Mas, ao lado desta alma inferior que não é outra, segundo Fournier que o princípio vital dos modernos, Aristóteles põe a alma divina e imortal e no infinito

vislumbra a verdade absoluta, na causa primária, no impulso inicial de todas as coisas, em Deus de quem Descartes não pode prescindir para a construção da sua filosofia racionalista que tão grande influência exerceu no mundo.

Como fisiologista, observando as manifestações vitais do próprio ser, Descartes conclui a realidade da própria existência, mas foi preciso sair dele mesmo, subir à soberana perfeição e suprema bondade de Deus para o conhecimento da realidade exterior.

Profundamente espiritualistas, Aristóteles na antiguidade e Descartes no fim da idade média, presentiram; mercê da luz fulgurante do seu próprio entendimento, os conhecimentos que só nos nossos dias as conquistas experimentais tem posto a lume.

É natural que a antevisão de fenômenos que somente o aparelhamento científico de um futuro remoto poderia confirmar, levasse-os a fornecer os argumentos de que o materialismo se serve para impôr a sua filosofia, provocando pela unilateralidade de vistas o dissídio aparente entre a fé e a ciência. Digo dissídio aparente porque não pode haver incompatibilidade entre a ciência e a fé.

O domínio da ciência é o domínio da razão pura. O objeto da ciência é a pesquisa da verdade pelo raciocínio e pela observação e a verdade assim adquirida é precária. Uma verdade relativa passível de ser substituída pelo aperfeiçoamento do instrumental técnico e pela eclosão de novas idéias. Nestes limites não cabe a filosofia materialista que é preciso não confundir com a ciência e que está fora da razão, sem, entretanto, revestir-se do caráter da fé.

A fé é o conhecimento da verdade pela revelação e o seu domínio está para além da inteligência humana. A verdade assim adquirida é imutável no tempo e no espaço. Para J.B. Dumas, "a fisiologia nada sabe de natureza e da origem desta vida que se transmite misteriosamente de geração a gerações, desde que apareceu sobre a terra. Onde ela vem, a ciência ignora; para onde vai a vida, a ciência não sabe, e, quando se afirma

o contrário em seu nome, empresta-se-lhe uma linguagem que a ciência tem o dever de impugnar".

O conflito que possa existir não é, pois, entre a ciência e os que conhecendo a ciência, confundem-na com a religião e desdenham da fé. O conflito vive do sectarismo estreito e da ignorância.

Quando a ciência admite a concepção do princípio vital, divisível como o corpo o sectarismo brada horrorizada - heresia. Mas, quem afirmou que o princípio vital dos vitalista é a alma divina e imortal que Aristóteles já havia separado da alma subalterna, vegetativa e irracional encarregada de dirigir a vida? Da mesma sorte - se mercê de artifícios materiais convenientes a célula nervosa é destacada e esmiuçada nas suas propriedades para a concepção admirável do neurono e a ciência conclui a existencia de um influxo dominando todas as manifestações do espirito, pela passagem através de celulas e fibras unidas por contiguidades pelos seus prolongamentos e adaptadas às incitações motrizes ou à percepção das impressões exteriores ou ainda adaptadas à análise, elaboração e transformações destas impressões o mesmo protesto - materialismo! Mas, quem está negando a alma como um princípio imaterial, à parte?

Grasset, espiritualista convicto e, se não me engano, em vida católico praticante, indiscutível luminar da ciência, assim se exprime nos "Limites da Biologia": "Não desejo senão uma coisa: mostrar que para além do domínio dos estudos biológicos existe um outro domínio pertencente aos estudos teológicos e religiosos, como existe um outro dominio entregue aos estudos psicológicos e um outro entregue aos estudos metafísicos".

Esta minha preocupação em esclarecer um ponto de fé na apreciação de postulados da psicologia obedece a uma razão psicológica que não devemos deixar passar sem reparo, já que estamos tratando de psicologia. É a mesma razão que levou os filosofos e autores acima citados a procurar harmonizar a realidade presente das observações e experiências concretas com as suas convicções subjeti-

vas de ordem metafísica, anteriormente instaladas no espírito ao qual repugna qualquer inovação que afete ao acervo de idéias sedimentadas na mente, qualquer que seja o comportamento que essas ideias ocupem no consciente, no sub-consciente ou mesmo no fundo do inconsciente que Freud encheu de um conteúdo psíquico cuja intervenção na conduta humana, ninguém de boa fé pode mais negar.

Este pequeno incidente no correr desta exposição tem pois uma significação que a análise psicológica explica pela auto defesa anímica que veio assim de uma maneira quase insólita interferir para apasiguar o espírito desassocegado pela intromissão de idéias novas em aparente contradição com respeitáveis sentimentos de ordem afetiva.

Eu posso agora tranquilamente reafirmar a opinião moderna dos psicólogos: "O que atualmente preocupa a psicologia é o individuo, onde a alma toma o aspecto de um princípio vital".

A compreensão da conduta humana depende do conhecimento daquelas reações e, assim, a psicologia descendo das abstrações puramente filosóficas para o domínio da ciência experimental, revestiu-se de um caráter de verdade científica que a ninguém é dado recusar enquanto não dispuser de elementos capazes de provar o contrário do que afirmam os seus postulados lógicos. Verdades precárias, por certo, mas que subsistirão enquanto bem servirem, até quando forem substituídas por outras que melhor satisfaçam a razão.

A propósito me ocorre um episódio que serve para mostrar, de um modo concreto, como pode ser falível a ciência humana, uma vez que os fenômenos do seu domínio se retringem a compreensão e a lógica do momento em que são observados. Há cerca de um ano, estando no Rio de Janeiro, fiz com o meu filhinho de 5 anos de idade um passeio a Niteroi. Na ida o mar estava calmo. Na volta sobreveio um vento forte e o mar estava bem agitado. Perguntei ao meu pequeno qual seria o motivo da agitação do mar. O pequeno respondeu prontamente e com convicção "É porque os peixes estão virando cambotes debaixo

da água". Era minha intenção dar-lhe a explicação do fenômeno. Mas, a sua resposta foi de lógica tão notável para o seu fraco entendimento, resistente à observação e à própria experimentação que achei prudente calar-me. E de fato, se não soubessemos ainda o porque da agitação dos grandes volumes de água e um cientista autorizado admitisse a hipótese do meu filhinho, dificilmente alguém poderia contradizê-lo porque o cientista no seu laboratório, diante dos contraditores, tomaria um balde cheio de água e nele mergulhando um peixe e fazendo-o virar cambotes, provaria brilhante e elegantemente a maior verdade desde mundo!

Aceitando como verdadeira a afirmativa do meu filhinho eu procedi muito acertadamente sob o ponto de vista educacional, com intuição da psicologia infantil que eu conhecia ainda menos do que agora, como desconhecia o principio de Bacon "Ninguém possui realmente e no fundo sinão os conhecimentos que ele tem, por assim dizer, criado por si mesmo": também a opinião de Adolfo Ferrière de que a criança cresce como uma planta, segundo as leis que lhe são próprias e sómente possui verdadeiramente o que assimilou por um trabalho pessoal de digestão; e, assim, esta passagem de "O Emilio" de Jean Jaques Rousseau: "Nós nunca sabemos nos colocar em lugar das crianças; não penetramos nas suas idéias, emprestamos-lhes as nossas e seguindo sempre nossos próprios raciocínios como encadeamento de verdades só atuamos estravagâncias e erros na sua cabeça". "Se a criança se engana, deixai fazer, não corriji seus erros, esperai em silêncio que ela esteja em condições de ver e de corrigir-se por si mesma. Se ela não errasse não aprenderia tão bem. Não se trata de lhe ensinar as ciências mas de lhe dar o gosto para apreciá-las e métodos para aprende-las quando este prazer estiver desenvolvido". E mais esta do mesmo autor, um dos mais notáveis precursores da escola ativa "A maior, a mais importante, a mais útil regra de toda a educação, não é ganhar tempo, é perder".

Neste caso, a meu ver muito instrutivo, eu soube

perder tempo, visto como a noção real do fenômeno em questão pouco importava no momento, ao passo que a intervenção da lógica adulta para retificar uma conclusão plausível da lógica infantil, só serviria para estabelecer no espírito da criança a dúvida das suas próprias forças mentais, para desencorajá-la do uso do próprio juízo, para acordar no seu íntimo o sentimento de fraqueza e para fixar na sua mente em evolução a noção errada e fatal da inutilidade de qualquer outra atitude em face do mundo fora da passividade e da obediência devidas aos que tomaram o encargo de dirigi-la na vida, como a uma coisa sem vontade, sem idéia, sem personalidade, mero automato destinado a se mover ao sabor do critério adulto.

A humanidade ainda é uma criança em fase de misterio assombroso que envolve as manifestações do espírito humano. Se ela não errasse não aprenderia tão bem.

Poderá parecer pueril o episódio acima referido, mas foi o exemplo concreto que me ocorreu para uma melhor compreensão das verdades conquistadas pela psicologia genética e que devem ser atendidas para uma orientação mais segura da vida coletiva.

Aos médicos e aos educadores cabe, indiscutivelmente, papel saliente na pesquisa, aplicação e divulgação dos postulados psicológicos capazes de conduzir o homem pela trilha senão da felicidade, pelo menos de uma melhor adaptação ao meio do qual não há como fugir. Aos médicos e aos educadores cumpre pois, não desprezar as pequenas banalidades da existência que encerram tão bem como os grandes fatos do espírito uma significação valiosa para a compreensão da alma humana.

Conhecemo as diferentes etapas pelas quais a humanidade tem passado na sua evolução. O homem desde que nasce até atingir a idade adulta passa por fases diversas que tem qualquer coisa de semelhante a este longo caminhar da humanidade que ninguém pode afirmar haver atingido a idade de completo amadurecimento

espiritual para a visão perfeita e exata dos fatos que a ela se relacionam.

As verdades científicas de uma época nem sempre são as de uma outra e nem porisso, no seu tempo, deixaram de influir beneficemente para o progresso e o bem estar do homem que as conquistou com a lógica do seu tempo e para o seu tempo. O homem tem pois a sua lógica, a lógica compatível com o estado evolutivo da visão humana. A criança também tem a sua lógica, a lógica que a humanidade já teve nos primeiros estadios da sua evolução. Assim como o selvagem obedece às ações ativas e reativas da sua própria psicologia, a conduta do homem civilizado não pode fugir às mesmas leis psicológicas das suas necessidades presentes, determinada por uma mentalidade bem diversa, flutuando sobre o lastro obscuro dos impulsos ancestrais.

Submeter o selvagem à lógica do civilizado é um contrasenso tão grande como o de impôr à criança a lógica do adulto. É preciso, pois, compreender a criança para dar-lhe as condições requeridas pela sua psicologia de modo a não opôr embaraços ao seu desenvolvimento normal que é a garantia da integridade física e psíquica do homem futuro.

A criança não é um adulto em miniatura como se supunha até há bem pouco tempo. É classica a imagem de Lander que consiste na comparação do esqueleto de um adulto com o de um recém nascido e pela qual se verifica que a criança tem em proporção a cabeça maior, bem como o tronco e as pernas mais curtas. Aliás já Rousseau havia dito, com aquela admirável intuição pedagógica com que produziu as páginas imortais de "O Emilio", que a criança não é um pequeno adulto, mas um ser distinto que tem necessidades próprias e uma mentalidade adaptada a estas necessidaades.

Para Ferrière a criança é um ser involuido, "equivalente ao selvagem com todo um mundo de virtualidades ainda escondidas no fundo do seu organismo físico e psíquico. As suas necessidades correspondem à atividade dos primitivos que viviam no concreto e nutriam-se de experiências ainda mal assimiladas,

empíricas e daí a necessidade de fazer viver a criança em contacto com as coisas e fazê-la reagir sobre objetos visíveis e palpáveis para o acordar lento das sanções naturais, únicas formadoras do espírito e geradoras do progresso".

A opinião de que a evolução da criança é recapitulação da evolução racial é partilhada por inúmeros observadores que na psicologia experimental encontram uma série considerável de documentos para robustecer esta conclusão da ciência genética pela lógica atual da humanidade tão válida para o adulto como aquela da agitação do mar pelo peixe virando cambote debaixo da água na lógica de uma criança de cinco anos. Quero dizer com isso que se às conclusões ou postulados da psicologia moderna não podemos opôr fatos experimentais que os destruam, nada nos impede de aceitá-los como verdadeiros; e revelam bom senso todos aqueles que, sem espírito preconcebido por considerações de ordem afetiva ou religiosa, encaram o fatos da psicologia sob o ponto de vista estritamente científico e deles procuram tirar o proveito que é possível para a compreensão do espírito humano através das suas ações atuais, condicionadas ao meio e ao acervo de tendências inatas que imprimem a feição própria característica da conduta de cada um, em relação a si mesmo e aos seus semelhantes, nas várias etapas da evolução ontogênica.

Para Rudolf Allers nada revela melhor a essência de um homem, o seu caráter e as suas intenções que a sua conduta na vida. Nossa compreensão seria maior se soubessemos entender a linguagem das suas ações que podem ser produzidas como expressão de um estado emocional ou afetivo ou com a intenção de manifestar não só essas emoções como também emoções não sentidas.

A psicologia é a ciência mercê da qual é possível compreender a linguagem de uma ação o que equivale a conhecer o indivíduo que a pratica, porque, como diz Osvaldo Schwarz, a ação é expressão da totalidade do indivíduo.

Compreende-se desde logo a vantagem da interpretação dos nossos mais insignificantes atos, das nossas atitudes, da nossa maneira de ser no meio social do qual dependemos e ao qual estamos intimamente ligados como personalidade que existe em função da sociedade que a criou, como afirma Rudolf Allers no seu "Conceito de Interpretação". "O homem só existe uma vez e por isso tem direito de ser estimado pelo seu valor próprio mas, não obstante, não é mais do que um homem entre a multidão dos seus semelhantes dos quais depende e aos quais está ligado em grau maior do que possa parecer à primeira vista, pois se chegou a ser homem conquistou a personalidade por se achar dentro da sociedade".

Vários são os métodos de interpretação dos atos humanos. Diversas são as teorias psicológicas instituídas para explicar o modo de ser de cada um. Aparentemente contraditórias todas elas apresentam, entretanto, pontos de contacto que identificam a psicologia como ciência estimável e necessária para o progresso moral da humanidade. Aliás a psicologia não é ciência nova. Nem mesmo a psicologia moderna deixou de ser antevista pela intuição admirável de muitos filósofos da antiguidade, como por exemplo a psica-análise por Sócrates, quando dizia "Fala para que eu te veja".

A psicologia sempre existiu de conformidade com a lógica de cada momento e em todos os tempos tem sido aplicada intuitivamente pelo vulgo com mais ou menos resultados práticos segundo a maior ou menor penetração psicológica de cada um, muito embora sem intenção de fazer psicologia, até há bem pouco ciência abstrata, pura especulação metafísica, incompreensível para os próprios que com ela se entretinham. O negociante que pede dez por um objeto que pode vender por seis, para alcançar oito, que é que faz sinão a psicologia do freguez? O politico que promete tudo para nada conceder, que é que faz sinão a psicologia do eleitor? O freguez que não regateia e o eleitor que acredita nas promessas do político, que fazem, sinão cometer um erro crasso de psicologia?

Não é raro que nos surpreendamos com o sucesso nos vários ramos de atividade, de indivíduos nos quais não reconhecemos méritos que justifiquem a sua vitória. É que não atendemos ao poder de penetração psicológica daquele indivíduo de pouca ou nenhuma cultura, mas que sabe compreender melhor do que qualquer outro o meio em que opera.

O Dr. Harold Rugg, referindo-se aos Psicólogos de 1929, na conferência de Elsinore (Dinamarca) narra um pequeno incidente que com ele se passara em New York. Impressionado com a precisão com que o inspetor de veículos dirigia o transito numa das ruas mais movimentadas da grande cidade, abordou o inspetor para perguntar-lhe como conseguia ele tal precisão. O guarda respondeu-lhe sorrindo: "Filho meu, é a psicologia do assunto".

Os que triunfam na vida são os conhecedores da psicologia da sua profissão, o que quer dizer interpretores intuitivos da psicologia dos seres dos quais dependem os seus negócios ou seus interesses. Aquele inspetor de veículos conhecia mais do que ninguém a psicologia do condutor de veículos que tem a sua psicologia, como o advogado, o médico, o estudante, o negociante, o hoteleiro, o viajante, etc. E daí a precisão e o sucesso no desempenho das suas atribuições.

Há tempos atrás, minha esposa entendeu de me dar um presente. Entrou em uma casa no nosso comércio para comprar uma bengala. O caixeiro fazendo, naturalmente, a psicologia da compradora, trouxe as mais vistosas e caras bengalas em exposição. Estava minha esposa visivelmente embaraçada na escolha quando o dono da casa, um desses exemplos de sucesso que a todos causa pasmo, interveio. "Para quem é a bengala, minha senhora" "É para o meu marido". "Então é esta, atalhou o negociante tirando do mostrador uma bengala das mais baratas e simples que existia na loja. "Leve esta que vai agradar-" e ante o ar interrogativo de minha esposa, o negociante acrescentou: "Eu conheço o seu marido, é homem de hábitos simples".

" Efetivamente eu não teria escolhido outra bengala. Aquele homem de pouca cultura conhecia o seu negócio e, ainda melhor, a psicologia dos seus freguêses e a razão do seu sucesso está bem esclarecida.

Muitos dos que me ouvem aqui, terão assistido o "Deus lhe Pague" de Joraci Camargo, interpretado pelo admirável Procópio. Aquele mendigo na porta de uma igreja instruindo o companheiro na psicologia dos transeuntes é uma prova de que a psicologia é a ciência mais aplicável e necessária para a vida em sociedade. E de fato, a sociedade sendo um agregado de indivíduos singulares, cada um com o seu valor próprio e diverso do outro indivíduo e, ainda mais, diferente de si mesmo, nas várias etapas da existência, e nos vários acidentes da vida, como passageiro de um veículo e como condutor do mesmo veículo, como dono de hotel e como hospede de hotel numa outra cidade, como médico em seu consultório e como enfermo no consultório de outro colega, só uma compreensão intuitiva de adaptação explica o meio termo da situação, de alguma forma tolerável, da acomodação na vida, como aquela manada de porcos espinhos do apólogo de Schopenhauer, a qual apanhada por frio intenso, procura serrar o grupo no intuito de mutuo aquecimento de forma a dispersar o mínimo do calor irradiado de cada um e, encostando-se uns nos outros, as picadas dos próprios espinhos fazem-nos afastarem-se e, assim, aproximando-se e recuando entre os dois sofrimentos, do frio e das picadas, encontram por fim a distância média de uma situação suportável. Esta situação suportável é o resultado da aplicação intuitiva da ciência psicológica que pode fornecer elementos seguros para uma compreensão melhor da vida, quando os seus postulados forem bastante conhecidos e praticados sobretudo por aqueles que exercem mistéres educacionais ou exercem qualquer parcela de poder sobre grupos mais ou menos amplos de indivíduos.

A primeira vista poderá parecer que o conhecimento do próximo pelas suas ações às quais o instinto

de defesa tem dado uma significação aparente bem diversa do que elas de fato indicam, contraria uma disposição sabia da natureza que deu ao homem a palavra para ocultar os seus pensamentos. O pensamento tem o seu instrumento de expressão na linguagem e depende de cada um ocultá-lo como lhe apraz, mas os sentimentos "se adivinham no rosto" como disse Marco Aurelio e se a natureza fornece os meios para que se adivinhe um sentimento é que à Natureza convêm a sua expressão significativa.

A simulação dos sentimentos é uma arte que muitos conseguem realizar com mais ou menos perfeição, porém nunca de uma maneira completa que resista a uma análise psicológica bem orientada na interpretação das expressões corporais e anímicas que traem a ausência de identificação do sentimento com o expressado, conforme observação de Rudolf Allers. O próprio pensamento revelado pela linguagem desenvolve-se consoante duas maneiras diversas subordinadas à necessidade de adaptação ao meio e à satisfação orgânica e que Freud chama de pensamento social e de pensamento autístico. O pensamento social, pensamento lógico de vários psicólogos, é aquele que revela a intenção em objetivar um fato, em regra de conformidade com a lógica adulta e obediente às considerações da moral estabelecida para a vida em sociedade. O pensamento autístico, subordinado às tendências instintivas, é íntimo e incomunicável. Segundo Jean Piaget, Freud e seus discípulos mostraram precisamente que, pelo fato do seu "autismo" esta segunda maneira de pensar fica confusa, não dirigida, estranha ao cuidado da verdade, rica em esquemas imaginados e simbólicos e sobretudo, inconsciente dela mesma e das direções afetivas que agrupam as suas representações. O mesmo autor, baseado em uma série brilhante de experiências sobre a psicologia infantil, demonstra que o pensamento da criança é egocêntrico, isto é, que a criança pensa por si mesma, sem cuidar de se fazer compreender, nem de se colocar no ponto de vista de outrem. A criança pensa de uma maneira intermediária entre a maneira autística e a maneira socializada, seus

interesses não visam somente à satisfação orgânica ou lúdica, como o autismo puro, mas à adaptação intelectual, como o pensamento do selvagem e por isso o psicólogo americano Stanley Hall, afirmou "Para ser um bom civilizado é preciso ter sido, como criança, um bom selvagem".

A lógica infantil que é, pois, egocêntrica equivale à lógica do selvagem ao qual tendo-se perguntado como é que ele compreendia o bom e o mau, respondeu: "bom é eu roubar a mulher do outro; mau é o outro roubar a minha mulher". Se a um civilizado se fizesse tal pergunta ele usaria o pensamento social: "mau é o outro roubar a minha mulher e bom é ninguém apossar-se da mulher do outro". Isto ele responderia mesmo se a pergunta coincidissem com o desejo de se apossar da mulher do próximo ou com o fato já consumado. Responderia assim usando o pensamento lógico em obediência ao princípio da realidade do qual Freud opõe o princípio do prazer. Se o nosso civilizado é um indivíduo de bons costumes e tem interesse em adaptar-se ao meio social, ele não só usa o pensamento lógico para externar a sua opinião no caso presente como ainda faz mais: recalca o impulso do princípio do prazer no intuito de afastá-lo da consciência a qual repugna aquele pensamento em desarmonia com os interesses da vida coletiva. Recalca-o até as profundezas do inconsciente, onde se vai alojar como uma energia em estado latente que tanto pode vir ao limiar da consciência para estabelecer conflitos sérios com a censura, como se pode sublimar, isto é, sofrer uma transformação do estado latente em potencial derivado para outras ordens de idéias compatíveis com a moral do meio em que vive.

Oswaldo Schwarz diz no seu "O Problema do Organismo" que a "posição básica de Freud consiste em admitir a existência de uma construção típica, geralmente válida, da personalidade humana a qual se acha representada - pelo menos segundo a concepção originária do sistema - pelo antagonismo do princípio do prazer e da realidade. A nota individual de cada homem em sua

totalidade e em cada uma das suas manifestações, é a expressão da resultante eventual deste paralelogramo de forças; cada uma dessas manifestações deve "compreender-se" segundo a importância que a corresponde dentro desta situação dissociada. Esta luta não se verifica à clara luz do dia, e por assim dizer, com a viseira erguida, mas se desenvolve nas profundidades do inconsciente e com ajuda de todos os ardis e rodeios imagináveis".

Quando eu, no introito desta palestra, me desmanchei em humanidade, dizendo-me incompetente para ocupar esta tribuna, eu usei de um processo muito em voga que agora no correr deste trabalho, eu compreendo bem. Para a minha pretensa modéstia, em desacôrdo possível com a minha atitude presumida, justamente por ser este lugar superior aos meus méritos, eu não desejo por parte da assistência a compreensão lógica que seria aquela das minhas alegações ao pé da letra. Para as minhas alegações de incompetência, no fundo, eu desejo uma compreensão psicológica que me conteste porque, em última análise, tudo isso não foi mais do que um ardil do meu inconsciente do fundo da qual brotou o princípio do prazer representado no desejo de preeminência para melhor me realçar embora ajustando a emoção expressada o valor real do conteúdo psicológico. Mesmo assim, aquela intenção obscura, desconhecida de mim mesmo, se nos apresenta com uma significação psicológica muito diferente da expressada.

* * *

A psicanálise tem por fim evidenciar o sentido oculto das nossas ações que têm uma base genética em situações anteriores dos instintos reprimidos em forma de energia latente que intervém nos nossos atos conscientes com mais frequência do que poderíamos supor, de maneira que atrás de um fenômeno psíquico existe outro que o determina, relacionado a um passado que desconhe-

ceiros mas que persiste na nossa estrutura psicológica, imprimindo em nossa personalidade a característica individual. A maior ou menor intensidade das manifestações instintivas, isto é, a extensão dos conflitos entre os princípios do prazer e o da realidade é o que identifica a normalidade ou a anormalidade dos fenômenos psíquicos cujas manifestações compreendemos como fatos psicológicos ou fatos psico-neuróticos.

O inconsciente deixou de ser apenas o funcionamento fisiológico orgânico do sistema vegetativo, para se nos apresentar, na teoria psicológica de Freud, cheio de um conteúdo, psíquico que é formado segundo a teoria em questão "por todas as experiências da vida anterior, por todas as recordações, todos os traços dos acontecimentos vencidos, dos sentimentos experimentados em seguida ou na ocasião desses acontecimentos, por todos os desejos são eliminados da vida consciente, seja porque tendo preenchido seu papel na vida do indivíduo, têm perdido toda necessidade ou utilidade, seja porque incompatíveis com as convenções sociais eles exporiam o indivíduo que os realizasse as penas e castigos que a sociedade reserva aqueles que não se conformam com as suas prescrições e exigências. Recalcados, mas não suprimidos, estes sentimentos e desejos adquirem em certos casos todos os caracteres de germes mórbidos e criam os estados patológicos conhecidos sob o nome de nevroses (S. Jankélévitch).

O fim da psicanálise é por em evidência as origens inconscientes ou instintivas de uma determinada atitude, cujo conhecimento permite ao indivíduo corrigi-la quando contrária aos interesses próprios ou da coletividade e realiza o seu verdadeiro destino o homem que se tornou capaz de dirigir voluntariamente as suas tendências primitivas no sentido de aproveitar a energia dos seus instintos para fins sociais. Para tanto basta estar de sobre aviso contra as manifestações insólitas do lastro obscuro do seu inconsciente para orientá-las convenientemente, tendo presente a sentença de Sócrates " Como nas artes industriais, na ciência da conduta

humana também as ações acertadas são frutos do conhecimento, os equívocos, da ignorância".

* * *

A força instintiva que imprime a maneira de ser do indivíduo procede dos primeiros anos infântis e daí a importância do conhecimento da psicologia da criança para os fins educacionais. Neste terreno, ainda mal desbravado, os médicos e educadores têm um campo amplo de pesquisas para o estabelecimento de regras psicológicas que permitam um conhecimento maior da criança, da sua mentalidade e das suas necessidades no sentido de fazer derivar para um fim conveniente as energias psíquicas que um processo inadequado de repressão desvia da sua finalidade útil, tornando-se ainda mais um perigo em eminência de manifestar-se patologicamente em qualquer momento da existência.

Não obstante o pouco valimento da introspecção no estudo da psicologia infantil, os elementos subjetivos adquiridos por este método não são de desprezar. A criança é capaz de usar a introspecção para atingir as origens profundas dos próprios atos. O meu filhinho, com a idade de 6 anos, um dia acercando-se da minha mesa de trabalhos folheou um tratado de anatomia e, curioso como toda a criança da sua idade, quis saber o que representava uma gravura exposta do cérebro humano. Procurei explicar-lhe da melhor forma possível o que era o cérebro e ele, com muito atento, no correr da minha exposição me interrompe pondo o dedinho indicador na fronte "já sei, pai, é o pensamento". Surpreendeu-me o seu conhecimento, muito embora tenha comigo que as crianças sabem mais do que possam supôr as nossas mais otimistas previsões. Surpeendeu-me, principalmente porque eu não havia ainda empregado na minha explicação a palavra pensamento e mais ainda quando ele prosseguiu "Pai, porque é que o cérebro as vezes é bom e outras

vezes é ruim?" Eu, por exemplo, me lembro de tudo mas esqueço sempre de pagar o que devo".

Esta tirada do meu pequeno é uma prova de que ele já havia notado aquela falha da sua estrutura psíquica que faz esquecer, contra a sua vontade consciente, o cumprimento de uma obrigação de honra. A sua auto observação não só forneceu-me um elemento subjetivo de alto valor educacional para a sua direção na vida, como também teve o efeito de desmascarar nele mesmo o ardil dos instintos subordinados ao princípio do prazer, pondo o seu livre arbítrio de atalaia contra as manifestações psíquicas contrárias aos interesses da moral estabelecida para a vida em comum. Freud explica perfeitamente com a sua teoria da interferência do inconsciente nos nossos atos, este e outros fatos relativos a erros, lapsos, esquecimentos que as vezes nos surpreendem porque estão em risante desacordo com a nossa vontade consciente. São inúmeros os exemplos cotidianos da interferência de uma idéia inconsciente na execução de um ato voluntário.

"Característico notável do inconsciente, diz o professor Ernesto Jones, é a extensão com que a energia dos seus impulsos se desloca, consoante o fio da associação. O resultado é que uma idéia vem incluir a significação de outra associada. A função da primeira ou, melhor, o impulso que representa pode assim ser descarregada pela segunda. Se houver uma corrente complicada de associações que funcione dessa maneira, por desvio, ou outro mecanismo, o seu desenleio produz sobre o consciente impressão viva de estranho e artificial. Essa impressão, muitas vezes imputada ao fracasso psíco-analítico mais se ajusta e se atribui a natureza do funcionamento inconsciente que, como foi assinalada, difere neste, como em muitos outros pontos do consciente. Outro mecanismo conexo pode também ser mencionado - o da condensação. Quer isto dizer que os fenômenos inconscientes procuram fundir-se, reforçar-se mutuamente, ao menor pretexto. O inconsciente só se interessa pelas semelhanças. É surpreendente como ignora dis-

tinções, e não discrimina como o consciente. A consequência é que toda manifestação do inconsciente, quase sempre, é super determinada, a saber, o resultado de muitos fatores determinantes.

Na minha meninice aconteceu-me um ato para o qual em vão procurei a explicação que agora a doutrina freudiana me fornece satisfatoriamente. Por ocasião do nascimento de uma das minhas irmãs, o nome a lhe ser dado foi objeto de sérias cogitações por parte da nossa família. Eu tinha um nome lindo a propor, um nome que eu afirmava a todos, seria aceito sem dúvida. Mas, por maiores esforços que fizesse tal nome lindo tinha fugido da minha memória de um modo insólito e inexplicável. Resolvido o caso da minha irmãzinha, o nome que queria pra ela me ocorreu inesperadamente - Francisca. E eu tive uma decepção porque Francisca é o nome da minha irmã mais velha e só por isso seria contra indicado e além do mais nunca achei aquele nome assim tão lindo como se me afigurava na imaginação. O que eu achava lindo era uma menina do meu conhecimento com igual nome. Que este caso me preocupou bastante prova-o a lembrança nítida que eu tenho dele.

Entretanto, eu não poderei dizer, entre as respeitáveis matronas atuais, minhas antigas colegas de nome Francisca, qual delas foi a protagonista deste incidente. É que os meus sentimentos em relação aquela menina Francisca não passavam de mera simpatia de natureza estética muito depressa olvidados, mas que no inconsciente deitaram raízes profundas no acervo instintivo do princípio prazer-dor e surgiu então, por semelhança, como imperativo do princípio do prazer, a idéia do nome associado as impressões da menina bonita aureolado pela simpatia do objeto admirado. A semelhante idéia, porém, interferiu, como a lógica da realidade, o princípio oposto, inibindo-a ou fazendo-a estacar no limiar da consciencia como inoportuna e fora de propósito.

Não tem outra explicação ou, pelo menos, esta satisfaz a razão, o caso aludido em tudo idêntico a série enorme de pequenos erros, lapsos, atos falhados,

etc., que demonstram a existência de uma força psíquica estranha aos nossos mais firmes propósitos conscientes.

Acontece muitas vezes esquecermo-nos de uma reunião a qual fazíamos empenho de comparecer. Deixamos por esquecimento, por exemplo, de vir a sessão da nossa sociedade. Todavia, na hora aprazada estivemos deassocegados; chegamos mesmo a sair de casa ao léu, sem destino. Se ao lembrarmo-nos já fora de tempo, do nosso compromisso social, sómente lastimamos o fato para depressa olvidá-lo, continuaremos sujeitos a outro possível esquecimento. Mas, se nos dermos ao cuidado de perquirir as razões íntimas daquela falha é bem possível que a nossa razão repila o resultado psíco-analítico, tais as futilidades aparentes das nossas conclusões, como um ou mais colegas que não apreciamos, o nome do orador inscrito, a matéria a ser tratada etc., mas o fato mesmo da introspecção estabelece uma nova via de associação que, em situação semelhante, permite a nossa vontade livre sufocar no nascedouro a manha do nosso inconsciente.

Já tive ocasião de dizer que se o homem não é de todo livre de agir, porque as suas ações subordinam-se a determinada ordem de idéias e porque decorrem da maneira como se associam os diferentes centros psíquicos ou empregando a linguagem psíco-analítica, as nossas ações dependem do conteúdo psíquico do inconsciente capaz de extravasar não obstante a vigilância da censura, ele é livre de cultivar as idéias, de exercitá-las e de associá-las para um fim determinado. E, do modo como ele desenvolve o seu pensamento, dentro das idéias habituais, tal a preponderância das associações do bem e do altruismo que as volições nesse sentido, assistidas pela razão que as homologa, decorrem, em verdade, do querer ou seja do livre arbítrio.

O conhecimento da teoria psicológica de Freud ao contrário do que a primeira vista possa parecer pelo conflito que ela provoca com os nossos sentimentos na interpretação de fatos aos quais nos repugna dar a

significação psíca-analítica, certa ou errada, só pode trazer benefícios para o exercício do nosso livre arbitrio.

Para Freud a nossa barca, do exemplo atrás citado, balança porque no fundo escuro do mar os peixes viram combotes e se desse conhecimento ou hipótese lógica pudermos tirar proveito para agir de modo a amenizar o balanço da viagem, o princípio de casualidade da notável doutrina é tão procedente como o princípio da finalidade sobre a qual se baseia o ponto de vista oposto da psicologia individual de Alfredo Adler, para a qual o mar se agita para balançar a barca. A nós o que interessa é o balanço da barca e no momento pouco nos deve importar que seja por causa ou para um fim, se de ambos os pontos de vistas doutrinários pudermos colher elementos capazes de nos fornecer os meios de uma travessia mais comoda.

* * *

Para Alfredo Adler os fenômenos psicológicos ou os seus exageros patológicos não obedecem a uma fatalidade constitucional, isto é, não têm uma base biológica instintiva, mas são o resultado de um arranjo que obedece a ação voluntária, para um determinado fim. Freud procura para um ato, a sua causa oculta. Adler procura no mesmo ato, o motivo pelo qual o individuo realiza.

A personalidade é representada na psicologia individual por uma linha diretriz segundo a qual é possível compreender as mais insignificantes expressões anímicas ou mesmo corporais que tem a significação de um arranjo no sentido de harmonizar o antagonismo das duas tendencias básicas : a vontade de preeminência e o sentimento de comunidade, aliás o princípio do prazer e o princípio da realidade de Freud, ou em outros termos os impulsos das conveniências pessoais e os interesses da coletividade em atrito, pelo limite que estes opõem àqueles.

O homem é acomodado entre os seus semelhantes pelo sentimento de comunidade. Nem sempre, porém, ele se conforma com a sua situação e a sua conduta reflete a intensidade daquele conflito entre o querer poder e a inexecutabilidade das suas aspirações por falta do valor necessário. "Mas, diz, Rudolf Allers, se o indivíduo se sente ligado com todas as fibras da sua alma aqueles afins, não se sentirá capaz de confessar-se demasiado pequeno ou demasiado débil para alcançá-los, pois aspirar a força e o poder e não ser capaz de conquistá-los é uma contradição interna. A consequência são os rodeios. Estes, podem ser de duas classes : em primeiro lugar, pode-se evitar todas as situações em que o indivíduo deveria demonstrar seu valor; o homem assegura-se contra a possibilidade de revelar a sua incapacidade, diante de si mesmo. Em segundo lugar a posição de preeminência inalcançável por via direta é perseguida por procedimentos indiretos, recorrendo a astúcia e a simulação, atacando, de certo modo, pelas costas em lugar de perseguir um poder real aspiraria só fins fictícios, faz como se tivesse força e poder".

"Um menino que se considera menos que os demais por causa do seu sentimento de inferioridade cometerá um duplo erro : Em primeiro lugar exagerará suas pretensões de poder para o futuro, afim de hipercompensar a sua inferioridade atual. Em segundo lugar não encontrará o caminho para a sociedade porque teme não encontrar-se com iguais, senão com indivíduos mais valiosos, cuja superioridade, emperradamente se nega reconhecer".

Ainda aqui a concepção moderna do arranjo de atitude procedente do sentimento de inferioridade, reedita a afirmativa sócrática de que assim como nas artes industriais, também na conduta humana o erro é fruto da ignorância. Porque ignoramos os motivos íntimos de uma ação procedente daquele sentimento, persistimos nela ao mesmo tempo que, em outrem condenamo-la intransigentemente. Conhecêssemos as razões ocultas que motivaram aquele ato e a nossa conduta em relação ao mesmo seria bem diferente, como seria diversa a

ação do indivíduo que o praticou se ele tivesse se reportado até as suas mais obscuras origens, pois esse conhecimento evitaria o erro de uma ação inadequada.

Segundo Paul Schilder "pode-se dizer que o efeito psíquico de uma vivência não depende unicamente do presente psíquico, mas também do pretérito". O mesmo autor prossegue : "É sabido que a colera que temos sufocado irradia para cousas inanimadas ou também contra seres inocentes. Conheço uma paciente que depois de haver sofrido uma decepção amorosa pensou em assassinar o amante. Este pensamento foi afastado. Não obstante matou o seu cão favorito sob o pretexto de que pensava abandonar a vida e não queria deixar só o querido animal. É evidente que neste caso a energia dirigida contra o amante se deslocou para o cão. O valor eficiente de uma vivência depende, pois, da energia psíquica existente e das enérgias psíquicas transferidas a vivência por outras enlaçadas a mesma por continuidade ou por semelhança.

* * *

Por tudo o que acima foi dito a psicologia infantil merece um cuidado todo especial e é tempo do nosso centro médico olhar o assunto com interesse, procurando principalmente os colegas pediatras congregar-se em associação de estudos para as pesquisas psicológicas com a colaboração dos nossos professores primários de cujo contato permanente com a criança das nossas escolas pode-se esperar um acervo precioso de observações inteligentes que precisam ser colhidas e devidamente coordenadas para definir psicologicamente a nossa criança de modo a imprimir uma orientação pedagógica mais segura, de acôrdo com as necessidades da natureza infantil.

A eminente educadora Sra. Maria Montessori insiste na necessidade que têm os pais e os professores de não intervir no desenvolvimento da criança, -

deixando que esse desenvolvimento se processe segundo as leis naturais, espontâneo e com liberdade. Para a Sra. Montessori a criança realiza uma função interior, uma obra essencialmente individual, pois nada se pode desenvolver senão por si mesmo. A criança não pode, como acontece ao adulto, delegar o seu trabalho e tampouco desenvolver mais forças além daquelas que lhe são próprias. A intervenção do adulto só serve para opor embaraços a sua atividade espontânea porquanto os adultos na imposição dos seus desejos não atendem senão os seus próprios interesses a despeito das boas intenções no propósito de formar a alma do futuro homem, instruído e útil. Acresce ainda que a criança é o pretexto frequente para a descarga da tensão nervosa dos adultos que refreiam nas suas relações sociais os pequenos contratempos, as decepções, os aborrecimentos de toda a ordem de que se não podem desafogar senão sobre o ser inocente que está sob a sua autoridade e da parte de quem não há de temer a reação devida.

A uma insubordinação infantil é frequente o adulto reagir de modo insólito em desproporção frizante com o ato que tem provocado a reação brutal, incompreensível para os que não atendem as suas origens ocultas. Toda a ação humana é de alguma forma o resultado de vivências psíquicas reprimidas que, num dado momento, manifesta-se com um efeito que a causa aparente não justifica. É que o valor eficiente de uma vivência depende da energia psíquica transferida por outras vivências enlaçadas a mesma por continuidade e por semelhança como no caso citado por Schilder.

A nossa atitude para com os nossos filhos em face de um ato de insubordinação depende das condições momentaneas do nosso humor. Uma travessura que em um dado momento achamos imensa graça, em outros castigamos com violência que a nós mesmo causa pasmo. Um meu amigo, disse-me a este propósito e com muita razão, que nós homens, nos inteiramos dos fatos domésticos nas ocasiões menos propícias para um julgamento justo, quando chegamos ao lar para as refeições ou para o descanso de um dia afanoso na luta pela vida, com os nervos tensos pelas contrariedades acumuladas durante o dia. As

crianças não têm culpa do nosso mau humor, não deram causa para que ele se instalasse, porém, para elas irradia a nossa cólera que estala a qualquer fútil pretexto deslocando as energias psíquicas sufocadas longo tempo no trato social, para um motivo inocente que mascara a razão oculta do nosso proceder.

A psicanálise nos permitindo atingir as origens remotas da nossa atitude atual contribui muito para abrandar os nossos impetos que a razão esclarecida pode refrear sem os rodeios de que se serve o inconsciente para os mesmos fins.

Tornando conscientes os ardis do nosso inconsciente, ficamos a cavaleiro das nossas forças instintivas para o domínio de nós mesmos. Compreendendo o motivo íntimo das nossas próprias ações, interpretaremos melhor as atitudes análogas dos nossos semelhantes, cujos desatinos, como os nossos, tem por base um erro que Adler situa nos extratos profundos da personalidade. A ignorância deste erro da nossa estrutura psicológica agrava as suas consequências.

Se a criança sofresse passivamente os erros da conduta adulta os males deles decorrentes não seriam tão lastimáveis. Mas a criança defende-se do erro adulto criando na sua personalidade em evolução os chamados caracteres psicológicos de defesa a que se refere a Sra Montessori, a timidez, a preguiça, a mentira etc.

É muito comum os casos de franca insubordinação resistente a todos os meios corretivos imaginados pelos pais que se não apercebem do erro em que incorrem contrariando a expansão natural dos filhos que justamente por possuírem uma personalidade apreciável se revoltam contra a incompreensão paterna. Um meu amigo, homem de cultura superior, recentemente pôs-me ao corrente de um caso que reputo muito instrutivo. Não podendo conter um seu filho menor de 12 anos, internou-o no Seminário. A situação agravara-se de tal forma que este pai aflito procurou um educador entregando-lhe o pequeno com autorização de castigá-lo corporalmente quantas vezes

fosse necessário. O professor, esgotado os meios usuais de repressão, assim fez obrigado pela atitude rebelde do menino que resistira desassombradamente aos castigos, como fora sempre insensível aos agrados. Por fim o pequeno tendo fugido do colégio, o pai, sem saber mais o que fazer profundamente desgostoso chamou o filho e disse brandamente : "Meu filho esta situação entre nós não pode continuar. Um de nós é demais nesta casa. Você pense sobre o caso e decida". Logo depois voltou o menino dizendo-lhe que havia resolvido voltar para o colégio e comportar-se bem. Dito e feito. Passado algum tempo o meu amigo confirmou o procedimento correto do seu filho a partir deste incidente e perguntou-me como se poderia explicar este caso. Muito simplesmente. Ferrière presentindo uma relação entre os tipos de crianças e de adultos atuais e entre os tipos que têm predominado nas diferentes épocas da história distribuiu entre um determinado número de crianças temas para composições nas quais deviam resolver um conflito entre tendências egocentricas e sociais. Estudando estas composições constatou a existência de quatro tipos que ele classificou de sensorial, imitativo, intuitivo e racional, representado na Europa Central na razão de 25 a 28% sensorial, 55,60% imitativos, 10 a 12% intuitivos e 3% racionais. Estes tipos correspondem, cada um, a uma fase da evolução infantil que resume a evolução da espécie humana. Das pesquisas, Ferrière concluiu que cada ser humano tem um tipo que lhe é próprio e atributos dos 4 tipos, correspondentes as diversas fases da evolução infantil que, em seus melhores momentos ultrapassa a etapa da sua idade e nos seus piores momentos recai nos estados inferiores.

O processo educativo deve variar segundo a fase da evolução infantil e segundo o tipo a que pertence o aluno. Ao do tipo sensorial Ferrière recomenda ensino empírico, concreto e manual. Ao do tipo imitativo ou na idade em que predomina o espírito de imitação, tarefas claramente fixadas, utilização da memória. Ao do tipo intuitivo ou da idade que caracteriza a fase individua-

lista, deixar uma grande parte a iniciativa individual e a imaginação. "Enfim, reservar o estudo racional e lógico, ao tipo e a idade a que convém esta modalidade de ensino da qual se abusa demasiado hoje em dia". E prossegue Ferrière : "E como encarar as sanções afim de que elas alcancem suas finalidades sem violentar a natureza íntima? As recompensas e os castigos (prazer ou dor) são eficazes somente para os tipos sensoriais; aos convencionais, convém mais um apelo a honra, o "quadro de honra", as "condecorações"; com o intuitivo é preciso apelar para o coração e confiar-lhe responsabilidades; enfim, os racionais, quando tem compreendido o motivo lógico de uma ação, pode-se deixá-los livre a si mesmo.

O pequeno de 12 anos, do nosso caso, é um racional, ou pelo menos, se encontra num dos seus melhores momentos na escalada de uma fase evolutiva superior.

Aquele pai se desesperou em vão porque não atendeu a psicologia da idade do seu filho ou da fase em que ele se encontra, quando a rebelião contra toda a autoridade é um imperativo do modo de ser infantil para o desenvolvimento normal da individualidade e salvaguarda das suas próprias energias. Ao invés de afligir-se aquele pai só tem motivo para se orgulhar de um filho que possui personalidade e sabe defendê-la e cujo equilíbrio de espírito ficou bem patente na atenção que dera ao apelo da própria razão com a atitude que culminou o incidente provocado pela mal compreensão adulta.

* * *

As duas grandes correntes representadas pelas teorias da psicanálise de Freud e da psicologia individual de Adler, são concordes com a psicologia genética, na importância que tem os primeiros anos infantis para a formação do homem adulto cuja integridade psíquica e

física depende, em grande parte das condições favoráveis ao desenvolvimento infantil no que respeita as suas tendências primitivas, as suas necessidades e aos seus interesses subordinados ao tipo psicológico e a fase de evolução.

Segundo a psicologia individual comentada por Schwarz, "no homem normal, com um sentimento sã da vida verifica-se um equilíbrio entre o sentimento da personalidade, fruto da valorização da sua capacidade de rendimento e o sentimento de inferioridade. Este plano da vida, traçado na primeira infância e mantido durante a existência com extraordinária tenacidade - é um produto secundário que resulta de uma reação de oposição contra os influxos do meio. Se estes são favoráveis e facilmente conciliáveis com o amor próprio natural, desenvolve-se um sentimento de comunidade, expressão do fato elementar de que o homem depende de seus semelhantes e que só pode alcançar uma existência plena em comunidade com os demais".

Fazer sentir a criança a sua situação de fraqueza, impor-lhe o critério adulto sem atenção as condições bem diversas da natureza infantil é favorecer o desenvolvimento do sentimento de inferioridade que obriga ao indivíduo recorrer a rodeios e ardís nem sempre adequados a manutenção do equilíbrio anímico e afastá-lo do seu destino social.

O orador não se julga um indivíduo perfeitamente normal, assim é que não teve o necessário controle para limitar ao razoável esta palestra. Mas, não acredita nele um predomínio de inferioridade, por isso que não recusou, como poderia ter feito, a incumbência de ocupar hoje esta tribuna, entretanto, é digno de nota, pela sua significação psicológica, o fato dele vir tratar na Associação Médica de um assunto estranho a sua atividade profissional e a cadeira que professa. Foi apenas uma precaução inocente de auto defesa anímica o eximir-se de uma prova de competência nas matérias que tem maior obrigação de conhecer.

AS DEFESAS NATURAIS NA LUTA CONTRA A TUBERCULOSE

Todos os que ouviram, nesta semana da tuberculose, as instrutivas preleções dos médicos da Saúde Pública ficaram, por certo, vivamente impressionados com a malignidade da mais mortífera das doenças - a peste branca que se alastra por todo o mundo, num perene desafio à argúcia humana, ameaçando a própria vida da espécie. E terão ficado assombrados com a extensão do mal em nossa linda cidade de Curitiba que, não obstante a benignidade do seu clima e a resistência física dos seus habitantes, contribui com um coeficiente notável de casos fatais para alongar a coluna representativa das vítimas da tuberculose cuja cifra ainda é uma presunção otimista muito aquém da realidade que os dados estatísticos não permitem precisar com o devido rigor. E terão perguntado a si mesmos, como é que, sendo assim como afirma a ciência, em 150 mil habitantes sómente cerca de 1.500 indivíduos são os afetados?

Numa cidade sadia como Curitiba, 1.500 doentes representam, sem duvida, um número impressionante, mas, considerando-se o poder de disseminação do bacilo da tuberculose esse número, comparado com o dos que não são tuberculosos, ao invés de assustador é confortador porque indica que a tuberculose não é uma fatalidade inelutável, um mal sem remédio, pois que existe qualquer coisa capaz de entrar-lhe a expansão, capaz de velar pela espécie que não deve e não pode perecer. Essa qualquer coisa que se opõe, de alguma forma, ao desenvolvimento da tuberculose e das demais doenças da mesma natureza infecciosa é igualmente conhecida dos que estudam a ciência e deve ser difundida por todas as camadas populares no intuito de restringir ainda mais aquele número que não é utopia afirmar poder descer a zero numa aglomeração em que cada indivíduo se disponha a cooperar com a Saúde Pública na prática de elementares preceitos de higiene que garantindo a sua própria

integridade física repercute beneficemente sobre a coletividade.

A providência divina não podia ter criado os seres para a mutua destruição. Criou-os por desígnios que escapam ao nosso entendimento e que não podem ter sido para o mal, para castigo ou simplesmente para aumentar as aflições deste mundo. Seria uma profanação assim julgar os desígnios do Criador que dotou todos os seres de meios de defesa naturais, tornando-os igualmente invencíveis como espécies que tem um destino a cumprir e devem subsistir no mesmo mundo. Os fatos demonstram que o bacilo da tuberculose e o homem podem coexistir, pois se o frágil bacilo, de íntima natureza e rudimentar organização, possui assombrosos poderes de multiplicação e de difusão que condicionam a sua perpetuidade no tempo e no espaço, o homem, além dos meios de defesa naturais que agem instintivamente para impedir maior devastação das doenças, possui uma alma conciente de cujas superiores faculdades aquelas forças da própria conservação podem e devem receber o estímulo precioso para, como complemento da moral, realizar ainda maior prodígio na defesa da saúde.

A higiene individual é uma variante raciocinada do instinto de conservação, disse George Schreiber, no seu magnífico tratado de Medicina Preventiva. O mesmo autor afirma que a higiene não é especial à espécie humana. Os animais também a praticam quando evitam e recusam alimentos que lhes possam ser nocivos. Também as plantas, fugindo da obscuridade ou da luz, da humanidade ou da secura observam regras de higiene.

As forças instintivas que velam pela conservação do equilíbrio orgânico, no qual se resume o estado de saúde, já são, no combate às doenças, de notável eficiência que o homem, dotado de razão, pelo uso das suas faculdades de espírito, pode aumentar ainda mais, fugindo de tudo o que possa prejudicar as suas defesas, como pode, pelo mau uso dessas mesmas faculdades, enfraquecê-las e tornar-se voluntariamente vulnerável não só às doenças, como também aos vícios e a todas as paixões maldosas que o rebaixem ao ponto de ser para si

próprio e para o seu semelhante ainda pior que o bacilo da tuberculose que não adianta combater como inimigo externo si descurarmos de nós mesmos que representamos o papel principal na sua disseminação. É no homem, sobretudo, que está o grande perigo. Ao homem cumpre, pois, defender-se, combatendo em si mesmo tudo o que contraria a moral universal cuja desobediência anula as defesas naturais do organismo e prepara o terreno para nele se instalar o mal.

No superior atributo que distingue o homem dos demais seres, nesse atributo que lhe é próprio e que difere, na sua atividade funcional, um homem e outro homem, que o torna livre de responder desta ou daquela maneira às necessidades do próprio organismo e às condições do meio em que vive, está todo o seu bem e todo o seu mal.

Um animal irracional sente a necessidade da fome e come exclusivamente o que convem para a sua manutenção. Sente o mau estar da sede e bebe água pura. Satisfeitas as exigências do organismo não tem vontade, nem liberdade de continuar a comer e a beber. Por isso o animal raramente fica doente. As suas enfermidades provem as mais das vezes do contacto do homem. É que o animal, guiado pelo instinto que é o resultado de experiências ancestrais limita-se ao meio termo justo para a manutenção e a multiplicação do seu ser.

O homem tem fome e come, mas como é dotado do livre arbítrio, faz de uma necessidade uma paixão e continua a comer sem fome, a despeito dos protestos do organismo que, vencido, acaba, exigindo mais comida. Tem sede e bebe, mas como é inteligente e goza da liberdade de abusar, desnatura a bebida que o seu organismo requer e bebe desmesuradamente a droga falsificada porque a sua necessidade transformada em paixão assim o exige imperiosamente. E o homem se torna, por seu próprio querer, escravo docil das suas paixões e escancara as portas de entrada sem defesa para a invasão microbiana.

O número de bacilos de Koch que um tuberculoso elimina pelos escarros, pelas dejeções intestinais, pelo pús da ulcerações e outros produtos mórbidos e espalha no meio exterior é simplesmente assombroso, fantástico, principalmente pelos escarros e por ocasião da tosse, mas não se pode afirmar que o bacilo da tuberculose seja obrigatoriamente presente em toda a parte. A imensidade do número é compensada pela fragilidade do germem que, ao contrário de muitos outros, não se multiplica no meio exterior e a sua resistência à ação do ar e da luz é muito limitada. Daí uma primeira brecha no seu poder e que o homem pode aproveitar praticando comezinhos preceitos de higiene doméstica, abrindo portas e janelas ao ar e à luz de modo que estes elementos de saúde e de vida vasculhem todos os recantos do seu ambiente íntimo, completando a obra de saneamento da água que nada custa e do sabão que custa pouco e tudo ao alcance de todos as bolsas e de todas as inteligências.

Recentemente eu ouvi, numa das suas magistrais lições o nosso consagrado mestre Dr. João Cândido Ferreira citar a opinião de professor autorizado que afirma ser menos perigoso viver com um tuberculoso no mesmo quarto e com ele dormir na mesma cama, num ambiente asseado, cheio de ar e de luz, do que viver só, num compartimento sem higiene, sem ar e sem luz, porque no primeiro caso as defesas naturais se encontram em condições de não permitir a invasão dos germens, no último, os próprios germens que rondam as portas de entrada tem a oportunidade esperada para o seu dominio trágico.

A contaminação do homem pelo bacilo da tuberculose, embora muito frequente, também não é estritamente obrigatória, apesar de ser difícil encontrar quem, em idade adulta já não tenha absorvido alguns bacilos como provam a reação à tuberculina, positiva, em elevada porcentagem a partir da idade infantil e a vacina B.C.G. aplicada exclusivamente em crianças de tenra idade porque provocam sempre, em indivíduos de idade mais avançada, fenômenos de intolerância assim confirmando

os dados da reação à tuberculina que acusa a presença de bacilos de Koch em estado latente em cerca de 98% dos adultos.

Vê-se, pois, que a contaminação não basta para tornar o indivíduo, um doente. Não fosse assim, a humanidade já teria sucumbido. Para sobrevir a doença é necessário que o germe penetre no organismo e aí encontre as condições favoráveis ao seu desenvolvimento, após ter transposto uma por uma barreiras de defesa e a todas vencido.

Quando o germe chega às portas de entrada do organismo, em regra, já vem enfraquecido pela ação dos agentes atmosféricos, pelo ar, pela luz etc., por isso não é com facilidade que ele vence a primeira barreira constituída pelo revestimento cutâneo e pelas mucosas das cavidades abertas, tubo digestivo, vias respiratórias e vias genitais. A pele intacta não o deixa passar, além disso a pele é um emuntório em atividade permanente de excreção dos restos das combustões orgânicas que derramados na superfície do corpo varrem os micróbios e exercem sobre estes um certo poder bactericida.

O asseio corporal auxilia poderosamente esta ação excretora e protetora da pele, desobstruindo os orifícios de que é crivada toda a sua superfície e pelos quais se escoam os elementos tóxicos do meio interno, ativando estas funções de defesa e produzindo um bem estar que repercute em toda a economia. Só não sentiu a satisfação que o asseio corporal produz quem jamais o experimentou. É um bem ao alcance de todos e do conhecimento de todos.

As mucosas, principalmente do tubo digestivo e das vias respiratórias que são as preferidas pelo bacilo da tuberculose, são menos resistentes do que a pele, mas desde a boca e as fossas nazais, ao papel passivo da mucosa junta-se a ação mais ou menos ativa de numerosos agentes de defesa: as vibrissas ou pelos das narinas que

retem os corpúsculos estranhos que tamisam o ar, os movimentos, muito ativos, dos cílios do epitélio respiratório que varrem para o exterior o pó e os germens impedindo-os de progredir nas vias respiratórias profundas, o muco nasal, sinão bactericida pelo menos de ação notável na fixação e imobilização dos micróbios, a saliva, como de resto as mucosidades das primeiras porções do tubo digestivo por suas propriedades aglutinantes, bactericidas e sempre atenuadoras da virulência dos germens.

No estômago além da integridade funcional da mucosa, a acidez do meio prejudica a ação invasora dos germens e assim em todo o longo trajeto do tubo intestinal onde os micróbios patogenos encontram princípios mais ou menos nocivos às suas atividades malignas, principalmente na concorrência vital dos germens soprofitas da flóra normal que aí prolifera beneficemente.

Se os germens não são, desde logo, retidos nas fossas nasais ou na boca, encontram ao atingir o rinofaringe uma brava resistência nas amígdalas palatina e demais formações linfoides, amígdalas faríngea, tubária e lingual, onde a luta se trava renhida, evidenciada pelas reações precoces destes órgãos nas infecções.

Estas são as linhas de defesa dispostas nas portas de entrada. Não são as únicas. Numerosas outras situadas mais profundamente entram em ação a medida que a invasão microbiana progride na corrente sanguínea e na profundidade das vísceras segundo a técnica da agressão e o fim em vista pelas defesas naturais.

Em fim, diz o professor Chassin "o organismo possui toda uma série de defesas físicas, mecânicas, anatômicas, toda uma categoria de defesas químicas, tóxicas, todo um grupo de defesas psíquicas; possui defesas exteriores, defesas interiores, defesas colocadas ao nível das portas de entrada, defesas situadas mais profundamente; possui defesas fixas, tais como os epitélios, defesas variáveis, móveis, tais como as plasmas, as células migratórias plasmas ou células que o sistema nervoso, pela ação vaso motora, conduz ao

ponto invadido pelos parasitas para sustar, na região atacada, a sua proliferação".

Da vitalidade destas defesas depende a saúde. O seu poder contra as infecções é enorme, mas ainda seria maior se o homem atendesse o que o sentimento moral lhe recomenda para a saúde da alma e não descurasse do que o instinto de conservação lhe ensina para a saúde do corpo.

DISSERTAÇÃO SOBRE O TRATAMENTO DA TUBERCULOSE

PELOS PREPARADOS HEMATICOOS

Ultimamente tem-se usado frequentemente, e com resultados bastante apreciáveis, a organo-terapia no tratamento da tuberculose. Entre os preparados usados figuram os extratos esplênico e hepático e os preparados de sangue.

Destes preparados orgânicos destacam-se, ao meu ver, os hemáticos empregados com o fim de tonificar o organismo em geral e torna-lo mais resistente na luta contra as infecções.

Após longas experiências com preparados de hemoglobina, aplicados no tratamento de numerosos casos de tuberculose, resolvi ensaiar também o Haematogen Dr. Hommel, para verificar o seu poder estimulante sobre o organismo tuberculoso.

Trata-se de um preparado antigo, já há 40 anos afamado pelas suas virtudes anti-chloróticas e preparado com sangue bovino, fresco e desfibrinado.

Estas minhas experiências referem-se a 60 casos de tuberculose pulmonar ativa e passo adiantar que os resultados, depois de alguns meses de tratamento, foram satisfatórios.

Os sintomas gerais de intoxicação desapareceram em prazo relativamente curto, podendo-se notar ainda considerável aumento de peso e do apetite, desaparecimento dos suores noturnos, diminuição das elevações térmicas subfebris, etc.

Deste modo cheguei a empregar frequentemente o Haematogen Dr. Hommel, assim como outros preparados orgânicos, a título de valiosos auxiliares na terapêutica geral da tuberculose.

A influência supra-citada do preparado sobre a estimulação geral do organismo tuberculoso aliás confirmada por repetidos exames de sangue, assim como a sua ação dinamogena que se revela no aumento da resistência dos órgãos afetados, conferem ao Haematogen Dr. Hommel

um lugar de destaque entre os preparados orgânicos e eficazes no tratamento da tuberculose.

Nos casos de tuberculose em estado inicial, considero o emprego do Haematogen Dr. Hommel suficiente para debelar o mal, pois a ação polivalente deste preparado orgânico, evidenciado nas melhoras imediatas do estado toxi-infeccioso, o torna apropriado para despertar e estimular as reações benéficas das forças defensivas, aniquiladas pelo vírus, assim como resulta do depauperamento do organismo.

Estas conclusões do eminente especialista Dr. F. Mattausch, relativas a ação do Haematogen Dr. Hommel, são confirmadas pelo emprego do produto em larga escala nos Sanatórios de Leysin e Davos, da Suíça.

(Wiener Medizinische Wochenschrift)

CANTINAS ESCOLARES

A pedagogia nova baseia o ensino no interesse espontâneo da criança que na escola deve encontrar, nesta fase fisiológica em que o ser humano se expande na sua maior atividade motora e psíquica, o meio adequado para a continuidade da sua existência.

Assim compreendida a escola vai deixando de ser uma lacuna no viver infantil e o lar, as lições e o recreio tendem a se prolongar numa serie de atrações que se sucedem naturalmente, envolvendo a criança no interesse que a própria vida proporciona pela atividade produtiva.

É verdade que ainda estamos muito longe de atingir a este grau de adiantamento pedagogico, nós que mal esboçamos numa fugaz aspiração o desejo de realizar a escola consoante se processa a própria vida, dentro e na obediência da harmonia universal. Entretanto podemos nos aproveitar do que temos, da boa vontade dos nossos professores que se não poupam no exercício da sua melindrosa missão e se não nos é dado, desde o momento, fazer das horas de aula o recreio que seria de desejar, façamos do recreio a aula fecunda em ensinamentos mobilizando a criança nos grupos escolares onde isso seja possível, para a campanha sanitária e econômica de cuja vitória dependem, muito mais do que do problema do alfabetismo que lhe é correlato, a integridade e a grandeza do nosso país.

A escola jamais será o paraíso que alguns sonhadores aspiram. Amenizada extraordinariamente pela prática inteligente da nova pedagogia, atraente, mercê do prestígio moral de professores excepcionais, a

escola será sempre a escola a exigir da criança o cumprimento de deveres de que estão desobrigados no lar ou no recreio.

Para nós que somos do tempo da palmatória, quando a escola era o suplício hoje quase inacreditável, a escola atual seria um paraíso de fato, mas a ninguém é dado repetir a infância para o gozo da escola nova pela experiência própria da escola velha.

Abordando judiciosas considerações a este respeito o Dr. Giovanni Zibordi diz na secção de higiene escolar das paginas médicas, de S. Paulo. " Seriam beneméritos da escola os nossos mestres que a transformassem de lugar de castigos, em morada de serenidade e de luz; de antro em templo, como disse Tommazeo, pois todos concordamos que a meninice não deve ser atormentada e oprimida, porém, é um excesso e um erro conceber a escola como um lugar cheio de delicias, para onde os meninos corressem como a um divertimento; cujo professor fosse de açúcar e pão de ló, o ensino fácil, muito agradável, doce como o melhor melado. Nem tanto assim! A escola é um lugar de trabalho, com as dificuldades, as fadigas e os obstáculos próprios do trabalho; com as alegrias e as satisfações que são o prêmio do esforço. Quem, tem conhecimento da escola, sabe o prazer que os alunos experimentam após ter vencido uma dificuldade, superado um obstáculo, esclarecido uma verdade confusa a princípio.

"A escola, pedagogicamente verdadeira é, de certo modo, o espelho da vida, não pode ser uma florescência de rosas sem espinhos.

A escola pedagogicamente justa e praticamente verdadeira poderá ser o espelho da vida nos países em que a vida obedece a uma certa lógica econômica e cívica, de bem estar e de higiene. No nosso meio a

escola terá que começar por ser a própria vida, porque do refleti-la sómente, como de fato reflete, tal como ela existe em nosso país, outro proveito não colheremos que o de reforçar hábitos que ainda mais nos amesquinham.

Fazer da escola a própria vida ao invéz de preparação da vida, constitue um problema demasiadamente complexo que não depende simplesmente de métodos. A escola ativa poderá resolve-lo um dia, mas quando, em nosso país? Enquanto isso limitemo-nos ao possível. Que a escola continue como preparação para a vida na execução dos programas de ensino, dentro da aula, na instrução em suma, mas que seja ao menos no recreio a própria vida no evoluir físico e moral do futuro homem desde já integrado no meio social pela coordenação racional da sua exuberante atividade na expansão da sua alegria para a felicidade humana que é afinal o máximo objetivo da educação.

Quando a criança enche o espírito de noções científicas e disciplina a mente pelo exercício da memória prepara-se para a vida, pelo menos é essa a intenção do ensino na administração de conhecimentos em fórmulas áridas de regras e definições mais ou menos abstratas sem interesse imediato. Quando, porém, no recreio a criança se põe em contacto com os seus condiscípulos, nos folguedos, nos jogos, nos exercícios coletivos, vive a vida presente e a escola aí é a própria vida, com os seus atrativos, com as suas dificuldades, com as suas alegrias e os seus dissabores e todos os atos da criança correspondem a um interesse imediato que se reflete no plasmar da individualidade quer quanto ao desenvolvimento físico, evolução mental, como da formação do caráter.

Nesse breve intervalo nos trabalhos escolares é que a criança vive. É esse breve intervalo que reflete as desigualdades sociais na maneira de se comportarem os alunos, nas suas atitudes, nos seus hábitos domésticos de higiene, de asseio e modo de alimentação. E o quadro que os nossos escolares apresentam não é dos mais satisfatórios. Urge aproveitar esse instante precioso

para imprimir na personalidade em formação normas racionais de conduta nascidas espontaneamente a consciência infantil pela força persuasiva da satisfação que a prática de atos sadios soem proporcionar.

Num país como o nosso em que o povo sofre as consequências da unilateralidade do seu civismo. Ignorante dos mais mezinhos princípios econômicos, perdulário por natureza, mal alimentado, sem conforto, desinteressado da vida, a escola não pode continuar a espelhar o quadro desolador da nossa incúria. A escola tem que intervir, sacudida pela força que for, venha ela donde vier, do governo, das autoridades de ensino, do próprio professor, de instituições ou mesmo de simples particulares e procurar viver a vida cuja projeção no meio doméstico condicione um rumo novo tendente ao aproveitamento do considerável potencial de energia moral e física da nossa gente.

Quem tenha assistido a merenda dos nossos escolares na hora do recreio, terá forçosamente notado a falta de lógica que preside a esta refeição em tudo desordenada, desde a completa falta de higiene até o absurdo das iguarias em desacordo com as exigências fisiológicas das crianças, não falando na deficiência quantitativa de semelhante refeição entre as de classes trabalhadoras e sem recursos, porquanto a deficiência alimentar é patente na própria abundância da rica merenda dos abastados, por defeituosa e insuficiente dos princípios plasmáticos de que necessita a criança para se desenvolver.

O que se assiste, em nossas escolas nas horas de recreio é bem o reflexo do hábito doméstico e constitui um índice seguro pelo qual a Inspeção Médica-Escolar pode avaliar dos excessos e das faltas, do abuso e da privação alimentar que sofre o escolar numa fase da vida

em que o organismo mais carece de materiais adequados ao processo construtivo e mais despesas caloríficas e mecânicas tem que prover.

Alguém já disse que a nutrição é a vida e pô-la em plano secundário é um erro que precisa ser corrigido. Destinada a compensar os gastos, construir e reparar o organismo e fornecer a energia necessária para a produção de calor e movimento, compreende-se que da nutrição dependa já não digo a saúde, o vigor físico, o desenvolvimento normal do aluno, mas o próprio rendimento escolar que sempre foi o objetivo imediato da enorme despesa que o Estado faz com o ensino público.

A merenda escolar fornecida nas Cantinas, preparada sob as vistas da inspeção médica que cuidaria da dosagem nela dos princípios convenientes às necessidades fisiológicas do organismo em crescimento, por si só, isto é considerada simplesmente pela oportunidade accidental do aluno receber uma refeição de acôrdo com o seu evolver físico, não justificaria, talvez, o trabalho da resolução de semelhante problema.

Por certo, que se não pode dar à merenda escolar que é um acidente na vida nutritiva da criança a importância que tem as refeições principais, mas ao lado do bem que adveria para a saúde da criança uma refeição ao menos, feita de acordo com as suas necessidades fisiológicas, avultaria o reflexo que esse simples ato produziria no meio doméstico pela aquisição de hábitos de asseio e o conhecimento do valor nutritivo dos alimentos fornecidos pelas cantinas escolares, a razão da sua preferência etc., sem descurar o lado econômico que a criança iria aprendendo associar às condições intrínsecas do alimento quanto ao seu valor plástico e energético, potencial em caloria, riquezas em vitaminas e a ação destes princípios na nutrição, para a escolha racional da alimentação substancial, sadia, barata e útil para a manutenção do organismo em condições de produzir o que dele as necessidades da vida exigem.

No Distrito Federal, em Niteroi e provavelmente em mais algumas cidades do nosso país a instituição do

copo de leite floresce em benefícios que a ninguém é dado negar.

Aqui em Curitiba nada se fez ainda nesse sentido, porém é urgente a cogitação desse assunto de importância imediata para a saúde infantil e de proveito próximo na aquisição de hábitos que por força modificariam extraordinariamente o meio doméstico.

A instituição do copo de leite, sómente como de leite que a caridade dos ricos fornece aos pobres não é o nosso propósito nestas ligeiras considerações.

A nosso ver as cantinas escolares organizadas com objetivos comerciais de modo a interessar qualquer padeiro ou confeitiro visando os lucros que a freqüesia certa e considerável lhes daria, melhor do que o copo de leite da caridade resolveria o problema da assistência escolar, pois interessaria a totalidade dos alunos que igualmente, pobres e ricos, seriam beneficiados.

Ao lado desta parte comercial de interesse para o concessionário da cantina na venda de leite e de bolos e outras iguarias fabricados segundo fórmulas previamente estudadas atendendo ao valor nutritivo em vitaminas e calorias, por preço de antemão estipulado e que poderá sair mais em conta do que a despesa feita pelos pais com a merenda, em virtude de isenção de impostos e outros pequenos favores do governo, caberia a ação de uma instituição criada, no próprio meio escolar, para fornecer aos menos dotados de fortuna a refeição igual a de todos que revigoria o organismo em formação daqueles em cujos braços mais tarde repousará a economia pública o que quer dizer o bem estar dos próprios que lhes emprestariam com larga compensação o meio de melhor e mais produzir.

Uma cantina organizada com o esmero higiênico que requer semelhante instituição, onde o copo de leite ou a xícara de mate puro ou com leite e as iguarias que o acompanhassem fossem servidos em vasilhame apropriado, rigorosamente limpo, sem contato dos lábios pelo uso sistemático de tubos vegetais, ensinaria a criança a razão desses cuidados necessários em toda a parte e

principalmente no lar. Daria à criança a noção da ordem pela satisfação imediata dessa mesma ordem e lhe faria cogitar na parte econômica que deverá presidir a confecção dos alimentos e sobretudo despertaria desde cedo o instinto da solidariedade humana pela compreensão da necessidade de fazer os seus condiscípulos menos dotados de fortuna, compartilhar dos benefícios daquela merenda e quiçá contribuindo com o próprio esforço em qualquer trabalho produtivo para a resolução do problema da assistência escolar pela solidariedade em vez de o ser pela caridade.

Não é novidade em nosso meio a instituição das caixas escolares destinadas a prestar auxílios aos alunos desprovidos de recursos.

Atualmente não contamos com uma verdadeiramente eficiente. Estas caixas não tem passado de tentativas filantrópicas fenecidas no nascedouro por falta de continuidade de ação por si suficiente para gerar o estímulo da sua existência. Não resta a menor dúvida que a instituição florescerá no momento em que o fato realize um objetivo bem definido.

A nossa gente sempre prodiga em se tratando de beneficência nada recusará quando solicitada para a assistência escolar, tanto mais que não trata, no caso em questão, de minorar uma fatalidade como de resto é o objetivo de grande número de associações de caridade, mas de semear visando promissora e farta colheita para a saúde e a vida da pátria.

Resolvido o problema da assistência aos que não podem pagar a sua merenda na cantina escolar, o problema da instalação desta fica virtualmente resolvido porque a freguesia certa e numerosa oferecerá margem lucrativa ao seu concessionário. Resta apenas ao Governo fazer

construir no pátio escolar dos grupos mais concorridos o modesto pavilhão dotado de alguns requisitos necessários e consentir que o interessado idôneo faça o seu comércio livre do fisco porém rigorosamente fiscalizado pela inspeção médica.

A primeira vista poderia parecer muito lógico que a cantina escolar fosse explorada pela própria assistência que tiraria dos próprios lucros os meios para a sua finalidade. Infelizmente não é assim. É necessário separar a ação comercial da ação filantrópica. Deixar àquela as vantagens de bem servir para não perder a concessão e a esta o resultado moral da sua prática altruística sem preocupações de lucros materiais que soem as vezes desvirtuar as mais belas intenções.

O CURSO DE EDUCAÇÃO SANITÁRIA DA INSPEÇÃO

MÉDICA ESCOLAR DO PARANÁ.

O problema educativo, dentro do qual estão incluídas as questões de higiene escolar, exige presentemente do professor conhecimentos de tal forma amplos em vários domínios da inteligência que a sua formação tem, fatalmente, de obedecer a uma orientação nova compatível com as necessidades atuais do ensino.

No nosso programa de serviços fizemos incluir a realização de um curso de educação sanitária destinado a ministrar aos alunos do último ano da Escola Normal conhecimentos necessários, se bem que elementares, de higiene e medicina preventiva, breves noções sobre as moléstias transmissíveis, de modo a tornar o futuros professores, colaboradores eficientes na formação da consciência sanitária.

O nosso curso de educação sanitária não pretende resolver o problema da formação mental do professor para a sua elevada missão educativa, nem substituir a cadeira de higiene do curso normal.

É um simples ensaio que foi bem recebido pelas jovens normalistas e que tem em vista fornecer-lhes as bases concretas para a compreensão do programa de higiene de modo a integrar o nosso professor nos problemas referentes às práticas sadias no meio escolar e consequente repercussão destas nos lares.

A Inspeção Médica Escolar jamais poderá possuir, para a sua missão, recursos capazes de dispensar a colaboração inteligentemente desenvolvida no meio escolar pelo professor. Sem esta colaboração assídua e permanente, todo e qualquer esforço do médico escolar será grandemente prejudicado.

Assim considerando instituímos o nosso curso obedecendo a uma seriação de conhecimentos básicos, relacionados entre si e de modo a dar ao normalista

noções práticas relativas aos microorganismos patogenos, sua classificação, forma, estrutura e biologia geral; meios de destruição destes germens no meio exterior pelos vários agentes de infecção e a sua especialidade; meios de reconhece-los e combate-los; as defesas do organismo humano e a necessidade de te-las em condições favoráveis de resistência; biologia dos vermes intestinais; papel patogênico dos transmissores de doenças etc., como se vê do programa que segue:

Programa do curso de educação sanitária da Inspeção Médica Escolar do Paraná para o 5º ano da Escola Normal. - Um semestre.

1º - Micróbios: forma e estrutura. Protozoários. Cogumelos. Bacterias.

2º - Biologia geral dos microorganismos patogenos.

3º - Desinfecção. Agentes de desinfecção.

4º - Infecção. Seus agentes e especificidade.

5º - Imunidade e imunização.

6º - Toxinas e anti-toxinas.

7º - Difteria.

8º - Coqueluche.

9º - Febre tifoide.

10º - Tuberculose.

11º - Lepra.

12º - Estomatites e conjuntivites.

13º - Vitaminas - Avitaminoses.

- 14º - Virus filtraveis. Raiva.
- 15º - Sarampo.
- 16º - Escarlatina.
- 17º - Variola, Alastrim. Varicela
- 18º - Vacinas e soro-vacinas.
- 19º - Biologia geral e papel patogeno dos parasitas animais: tripanozomas. Spiroquetas. Hematozoários.
- 20º - Doença de Chagas.
- 21º - Sífilis.
- 22º - Malária.
- 23º - Amebas. Schistozomas.
- 24º - Disenterias.
- 25º - Tênia. Ascaris. Oxyurus. Ancilostomus. Tricocefalos.
- 26º - Verminoses
- 27º - Sarcoptes Scabiei. Pediculideos.
- 28º - Sarna e phthiriose.
- 29º - Papel patogeno dos ditteros: Pulez irritans. Sarcopsyla penetrans.
- 30º - Papel patogeno dos ditteros. Moscas. Mosquitos transmissores de doenças: anofelis, Stegomya.

Este programa destinado a ser ministrado num semestre do 5º ano do curso de Escola Normal, foi executado em grande parte com regularidade e notável concorrência no ano passado, não obstante a liberdade da sua frequência, sem compromisso de provas de aproveitamento.

Sem ocasionar sobrecarga de esforços por parte dos normalistas cujos deveres morais ao assisti-lo se resumem num pouco de atenção aos ensinamentos que lhes fornecem as preleções e demonstrações práticas dos médicos escolares, este curso espurgado de minúcias fastidiosas bem como, o quanto possível, de terminologia técnica, ao alcance de qualquer inteligência, abrirá novos horizontes à mentalidade dos futuros professores para o julgamento das nossas realidades sanitárias e muito contribuirá para o aproveitamento de uma colaboração valiosa, perfeitamente integrada das suas responsabilidades na educação popular, para a transformação dos nossos hábitos de higiene.

CINQUENTA ANOS DEPOIS

Lauro Grein Filho

A Turma Petit Carneiro, médicos de 1943 da Faculdade de Medicina do Paraná, reanima-se regosija-se nas celebrações do seu 50º aniversário.

Éramos 52 aprovados no vestibular de 1938, passamos a 33 na cerimônia de colação de grau em 1943, e finalmente 16, sobrados no tempo e no espaço, ainda por aqui em ritmo de comemorações por cinco décadas de trabalhos, lidas e existência.

Formar-se em medicina era, naqueles idos de 40, honra máxima, prêmio inexcedível, conquista certa e infalível para o sucesso, a glória e a fama.

Ao acontecimento importante de nossa formatura, não faltou pois a pompa, o fausto e o brilho dos grandes eventos, moldes e padrões de uma Curitiba suave, acolhedora e bela, cidade sorriso no orgulho e vaidade dos seus cem mil habitantes.

E nos salões do Clube Concórdia, repletos e engalanados naquela noite longínqua de 16 de dezembro, em solenidade presidida pelo prof. Victor do Amaral e paraninfada pelo casal Pereira de Macedo, recebemos nossos diplomas, "penhor de estudos, provas e dedicações" em seis anos de curso.

Éramos uma das menores turmas da época, apenas trinta e três no quadro rico e entalhado, hoje peça de museu, preservado e entronizado na Fundação Santos Lima, acervo da memória médica do Paraná. Diante desse quadro ao enlevo de cismas e saudades me absorvo e me transporto na contemplação daquelas fisionomias jovens, na casa dos vinte e poucos anos, graves e compenetrados nas suas becas doutorais a olharem para o indevassável de um futuro que jamais poderiam imaginar. Moços de outros modos e outras idéias a iniciarem sob a mesma profissão e o mesmo ânimo os diferentes rumos que o destino caprichosamente reservara a cada um.

E daquele marco partiram para os embates da vida se espraiando e se dispondo pelos caminhos em busca dos objetivos e dos propósitos, dos louros, das oportunidades e do lugar ao sol.

E após 50 anos, cá estamos ao embalo de festi-

vidades a tentar no convívio e nas recordações as mesmas alegrias de outrora, esquecidos por instantes que o tempo já passou e impiedosamente vai nos faltando pela frente.

Mas, o que mais me sensibilizou e intensamente me comoveu neste reencontro com o passado foi a oração de paraninfo do Prof. José Pereira de Macedo.

Além de médico, escritor, sociólogo, conferencista e historiador, José Pereira de Macedo proferiu um discurso de notável conteúdo humanístico, analisando e ponderando as realidades de um mundo cruelmente tumultuado pelas atrocidades da grande guerra que então se travava.

E ao verberar e lamentar as deploráveis perversões dos povos em conflito, não deixou de esperar empós a borrasca daqueles dias, a certeza de um período de paz, concórdia e harmonia entre os homens. Em seguida dirigindo-se especificamente à turma prognosticou-nos uma vitoriosa carreira profissional, fruto de nossas dedicações, caráter e corações bem formados.

Enfatizou o realce que aquele título nos outorgava e as responsabilidades assumidas perante a sociedade no sentido de orienta-la e educa-la pelo exemplo, o trabalho e a dignidade. E através das ações e das virtudes de cada um de nós, cultuadas no seio da família e da pátria firmava em seu espírito a convicção de um porvir melhor, mais digno e mais honroso :- "Sereis meus jovens amigos e colegas, por força das vossas atribuições na sociedade, homens de projeção cujos atos uma multidão assitirá, analisando o seu significado e deles colhendo ensinamentos e exemplos para a própria conduta. Valendo por valer e por demonstrar o vosso valor, que é mesmo que valer duas vezes tereis cumprido o dever de agentes conscientes do destino e criando espaços para um mundo melhor e mais humano."

A imagem embora habitual às circunstâncias, ganhava novas e singulares tonalidades na força e na expressão do orador ilustre a nos atribuir deveres e missões jamais considerados.

Na avalanche de reflexões colhidas ao longo de um pronunciamento de meio século atrás, endereçado a uma turma de doutorandos, sinto a clareza de que o futuro tem seus direitos e seus desígnios são indevassáveis.

Após o término da conflagração, em 8 de maio de 1945, o mundo assistiu em 6 e 9 de agosto as destruições de Irosshima e Nagasaki e ininterruptamente, além da cronicidade da guerra fria, num crescendo impressionante, inúmeros e brutais conflitos insistentes e presentes até os dias atuais nas lutas da Somália, da Iugoslávia e do Haiti, além dos desacertos na União Soviética.

E a nossa turma, a turma Petit Carneiro, tão efusivamente realçada na palavra e nos vaticínios do nobre pensador.

Em consonância com o destaque alcançando no currículo acadêmico, os médicos de 1943, bem evoluíram profissional, cultural e socialmente, honrando e dignificando a classe, logrando e se excelendo em distintas posições na clínica, na função pública, no magistério, cumprindo e correspondendo em suas metas, encargos e exercícios. Sem exceções e sem dúvidas.

Mas no bojo de um mundo totalmente diverso em padrões, conceitos e costumes, jamais nos foi concedido, sequer esboçado o ensejo de influir, pelo exemplo e ensinamentos, na conduta e nos critérios de alguém em prol de um mundo melhor, como pensava e dizia nosso querido paraninfo.

Ao contrário. No âmbito da medicina em contraste com a prodigiosa evolução das últimas décadas, ampliando e aprimorando os recursos diagnósticos e terapêuticos, alcançando e superando insidiosas enfermidades, caiu sensivelmente a imagem do médico, muito aquém dos parametros outrora merecidos.

Essa evidência tão distinta e diversa dos sonhos e afirmações de Pereira de Macedo, calorosamente aplaudidos na noite de 16 de dezembro de 1943, não deixa de nos anuviar a alma e o coração com um toque de invencível frustração e melancolia.

Dos jovens que no quadro de formatura, envaidecidos em suas becas doutorais e contemplavam com olhares absortos o impenetrável do futuro que os aguardava, 17 já encerraram suas jornadas, enlutando nosso grupo, diminuindo e arrefecendo o entusiasmo de nossas comemorações.

Permanecemos 16, teimando na vida e nos deveres, despedidos e distantes de novas ambições, certos e convictos de missões já cumpridas. Missões que se não alcançaram os páramos almejados por nosso insigne mestre, também não nos deslustraram nem nos desmereceram.

"Tudo passa sobre a terra" soluça Alencar encerrando Iracema.

Gazeta do Povo - outubro de 1993.

INDICE REMISSIVO

1. Apresentação

- . O Homem - Lauro Grein Filho 2
- . O Intelectual - Lauro Grein Filho 5

2. Traços Biográficos 9

3. Memórias dos Contemporâneos

- . Primeira aula de anatomia 14
 - Ayrton Ricardo dos Santos
- . O estimado professor 17
 - Ruy Noronha Miranda
- . O sonhador 20
 - Alir Ratacheski
- . Um exemplo a ser seguido 25
 - Manoel de Oliveira Franco Sobrinho
- . José Pereira de Macedo, fatos que ficaram 29
 - Pio Taborda Veiga
- . José Pereira de Macedo 33
 - Maria Estela de Macedo
- . Respeito a dignidade humana 36
 - Milton Carneiro
- . José Pereira de Macedo e a Peste Bubônica
em Paranaguá 40
 - Iseu Affonso da Costa

4. Discursos Proferidos

- . Discurso do Prof. Pereira de Macedo ao
assumir a presidência da Associação Médica
do Paraná 46
- . Meu Canto do Cisne 48
- . O Prof. Macedo fala aos seus ex-discípulos
(1954) 58

5. Artigos Publicados

- . Facciosismo Providencial 65

. Guairacá	71
. Zaira	74
. O nosso caboclo	77
. Alma do Paraná	82
. Nossas belezas	95
. Escrúpulo do Nestor	98
. Oficialização do vício	101
. O problema do ensino pelo estímulo do título eleitoral dignificado	105
. Imortalidade das idéias	116
. Médicos e o imposto sobre a renda, uma classe cujos proventos não são pequenos ... na partilha dos encargos	137
. Liberdade de falar	141
. Inverno de Laranjeira	145
. O jubileu da Universidade do Paraná	148
. Liberdade de Imprensa	153
. A grande mestra do povo	157
 6. Palestras	
. O sensacionalismo da imprensa	162
. Liberdade e democracia	169
. Assistencia moral aos detentos	195
 7. A turma Petit Carneiro	204
- Milton Carneiro	
Nosso curso médico (1938 - 1943)	207
 8. Oração de Paraninfo	220
 9. Bibliografia	237
 10. Publicações Científicas	
. Verminose no meio escolar	243
. A psicologia genética na educação	246
. As defesas naturais na luta contra a tuberculose	276
. Cantinas escolares	285
. O curso de educação sanitária da inspeção médica escolar do Paraná	293

11. Cinquenta anos depois	297
- Lauro Grein Filho	
12. Indice Remissivo	302

FUNDAÇÃO SANTOS LIMA

Instituidores:

- Diretoria: Eduardo Corrêa Lima

José Maurício Holtz

Murillo Gonçalves Coimbra

Manoel Pedro Pereira Lima

Rachel Pereira Lima

- Conselho Fiscal:

Edson Fischer da Silva

Antonio Carlos Santos Lima

Ayssor Jamur

José Antonio Santos Rosa

Di Marco Pozzo

- Lourdes Maria Santos Lima

Zeny dos Santos Carrano Almeida

VOLUMES PUBLICADOS

1985 - Volume I

Lysandro Santos Lima
"Uma vida dedicada à Medicina"

1986 - Volume II

Mário Braga de Abreu
"Cirurgião Emérito, Médico-Sacerdote"

1987 - Volume III

* Antenor da Silva Pupo
"Uma Consciência Ecológica"

1987 - Volume IV

* Raul da Costa Carneiro
"O Amigo Carinhoso das Crianças"

1988 - Volume V

* Dirceu Pacheco de Lacerda
"Cronista, Poeta, Médico-Sacerdote"

1988 - Volume VI

Salustiano Santos Ribeiro
"Professor e Sanitarista"

1988 - Volume VII

Milton de Macedo Munhoz
"Uma vida para ser imitada e imortalizada"

1988 - Volume VIII

Miguel Isaacson

"Um Homem compromissado com o juramento de
Estender a Vida"

1988 - Volume IX

João Cândido Ferreira

"Uma existência glorificada na prática e no
ensino da Medicina"

1989 - Volume X

* Szymon Kossobudzki

"Patrono do Ensino da Cirurgia do Paraná"

1990 - Volume XI

Herley Mehl

"O Homem e o Médico"

1991 - Volume XII

Erasto Gaertner

"Um lutador incansável por nobres causas"

1992 - Volume XIII

João Xavier Vianna

"Sua vida, Sua obra"

1992 - Volume XIV

Homero de Mello Braga

"Emérito Vulto da Medicina Paranaense"

1993 - Volume XV

Heinz Rucker

"Um compromisso com a verdade"

* Edição esgotada